

**FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

CARLOS AUGUSTO PINHEIRO SOUTO

**O PROJETO TRILHOS SONOROS E A *MISSIO DEI*:  
O IMPACTO DO ESPÍRITO DIVINO NA CRIAÇÃO DE UM PROJETO  
SÓCIO-CRISTÃO NA PERIFERIA – PESQUISA-AÇÃO**

São Leopoldo  
2017



**CARLOS AUGUSTO PINHEIRO SOUTO**

**O PROJETO TRILHOS SONOROS E A *MISSIO DEI*:  
O IMPACTO DO ESPÍRITO DIVINO NA CRIAÇÃO DE UM PROJETO  
SÓCIO-CRISTÃO NA PERIFERIA – PESQUISA-AÇÃO**

Tese apresentada como requisito  
para a obtenção do título de Doutor  
em Teologia do Programa de Pós-  
Graduação em Teologia da  
Faculdades EST. Área de  
concentração: Teologia Prática

Orientador: Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo  
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S728p Souto, Carlos Augusto Pinheiro

O projeto trilhos sonoros e a missio dei: o impacto do espírito divino na criação de um projeto sócio-cristão na periferia – pesquisa-ação. / Carlos Augusto Pinheiro Souto; orientador : Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.

350 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Projeto Trilhos Sonoros. 2. Música – Aspectos sociais. 3. Trabalho da igreja junto aos pobres. 4. Obras da Igreja junto às famílias. 5. Missão. 6. Paul Tillich. 7. Bosch, David J., 1929-1992 . I. Adam, Júlio César, 1972-. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CARLOS AUGUSTO PINHEIRO SOUTO

**PROJETO TRILHOS SONOROS E A MISSÃO DEI: O IMPACTO DO ESPÍRITO  
DIVINO NA CRIAÇÃO DE UM PROJETO SÓCIO CRISTÃO NA PERIFERIA -  
PESQUISA-AÇÃO**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 02 de agosto de 2017

Prof. Dr. Julio César Adam (Presidente)

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Roberto Ervino Zwetsch (EST)

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST)

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandao Calvani (UFS)

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Lucas Graeff (UNILASALLE)

  
\_\_\_\_\_



## **DEDICATÓRIA**

À minha esposa Ana Cleide, minha filha Letícia Rossini e meu filho André Felipe que sempre me acompanharam e se envolveram integralmente na execução de projetos na periferia.



## AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho quero agradecer, inicialmente, ao Deus criador da vida e das oportunidades que me trouxe do norte do Brasil para viver uma experiência de vida tão significativa, emblemática e transformadora na Querência amada. Sem Ele, esta tese não teria sentido; sem Ele as dificuldades, decorrentes de uma pesquisa, não seriam superadas; sem Ele não haveria vida, movimento, início e fim. “Porque d’Ele e por meio d’Ele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a Glória eternamente. Amém!” (Rm 11.36).

Quero agradecer à minha esposa Ana Cleide Souto que durante 24 anos tem me acompanhado e sido minha apoiadora e incentivadora nos projetos desenvolvidos em periferias do norte e sul do Brasil. Agradeço pela convicção em me seguir nessa jornada e deixar tudo para me acompanhar. Sou grato pela paciência, dedicação, compreensão, oração e envolvimento com esta tese.

Agradeço, também, aos meus amados filhos Letícia Rossini e André Felipe que compreenderam o momento, me apoiaram e assumiram, junto comigo e com a mãe, a missão proposta por Deus na cidade de Canoas.

Sou grato aos meus pais, Raimundo Soares Souto e Maria Margarida Souto (*in memoriam*), que me presentearam com meu primeiro instrumento musical. Muito obrigado por todo o ensinamento, carinho e dedicação demonstrados ao longo dos anos. Muito obrigado por me apresentarem o Evangelho de Cristo e colocarem, assim, minha vida a serviço de Deus.

Agradeço, também, aos meus irmãos Mauro, Marcia, Cléia, Roberta, Karime e Lucas Souto pelos anos de convivência, amizade e aprendizado. Nossas histórias de vida na periferia perpassam por toda esta tese.

Sou grato ao meu sogro Ananias, minha sogra Mariceli e à minha cunhada Ana Cleise e cunhado Adalberto Duarte pelo apoio em mais esta etapa da vida acadêmica. Sem o apoio de vocês teria sido muito difícil concluir este estudo.

Agradeço ao professor Júlio Adam por me aceitar como orientando e, no decorrer das aulas e orientações, me ouvir atentamente e me estimular no desenvolvimento da pesquisa. Obrigado, professor Júlio, pela amizade, pelos ensinamentos compartilhados e orientação competente e afetuosa.

Quero agradecer a todos/as os professores do PPG/EST, em especial aos professores Rodolfo Gaede e Roberto Zwetsch pela indicação bibliográfica e aulas

que foram muito relevantes para esta pesquisa. De igual forma, agradeço às professoras Laude Brandenburg e Gisela Streck pelo compartilhamento de conhecimentos fundamentais para uma prática teológica comprometida com as pessoas. Estendo o meu agradecimento a todos/as os funcionários da biblioteca em especial à Leonice Hartmann pelo apoio e orientações durante os 04 anos de estudo.

O meu muito obrigado à Faculdades EST pela acolhida e por toda sua estrutura e serviços que oportunizaram as melhores condições para os estudos e desenvolvimento efetivo da pesquisa. Meu agradecimento, também, a CAPES pela concessão da bolsa que tornou possível esta pesquisa.

Quero agradecer aos/às colegas do curso por tantas vezes que tivemos a oportunidade de refletir sobre a teologia. Obrigado pela amizade e apoio durante toda essa jornada.

Agradeço, também, a todas as famílias da vila Araçá e de outros bairros de Canoas que integram o Projeto Trilhos Sonoros. Não conseguirei lembrar de todos/as, mas quero destacar a Tia Cleusa e o seu Nildo; o Ricardo e a Angelita; o irmão Adilson e a Gisele; o Lourival e a Fernanda; o Celso e a Irene; a dona Sílvia; o Fernando Garcia e Rafael Garcia. Essas pessoas foram extremamente importantes para esta pesquisa e para o projeto Trilhos Sonoros.

Quero agradecer à Dona Magda Crixel que, na minha primeira visita à comunidade, apoiou a realização do projeto para as crianças e não mediu esforços para que as aulas fossem realizadas cedendo, em vários momentos, a própria casa para que as aulas ocorressem.

Agradeço, também, à todos/as os/as cooperadores/as do projeto Trilhos Sonoros, em especial, às irmãs Marlene Rex, Neuza Luerzen, Vicente e Clemilda, Jean Silva, Felipe Bruno, Max Cardoso, Diogo Linhares, André Souza, Ari Abling, OASE Canoas e Pastor Carlos Eberle pelo envolvimento com o projeto e com a pesquisa. Meus sinceros agradecimentos a todas as crianças e adolescentes do projeto Trilhos Sonoros por toda a caminhada e por me possibilitarem a realização da pesquisa. Muito obrigado.

Por fim, quero agradecer a todos/as os gaúchos e gaúchas que tão bem acolheram a mim e à minha família. Agradeço pelo tempo de convivência e aprendizado. As experiências vividas aqui repercutirão por um longo tempo em minha vida e na vida de outras pessoas. Muito obrigado.

## EPIÍGRAFE

Como ser testemunhas de Cristo?

Cristo, em sua vida aqui na terra, andou de vila em vila estendendo sua mão aos que estavam à beira do caminho e da vida. Não como fizeram os políticos durante suas campanhas. Cristo procurou os marginalizados, os à beira do caminho, para lhes dar esperança de vida digna, sem promessas vazias. Também nós somos convidados a olhar o que acontece ao nosso redor. Ler os jornais e assistir os noticiários com olhos críticos. Para sermos, de fato, testemunhas da vontade de Deus – Cristo o foi – precisamos descobrir a realidade, tirar a cortina que encobre o palco da nossa realidade. Ser testemunha de Jesus Cristo nos coloca bem dentro da realidade em que vivemos. Tira-nos a possibilidade de sonharmos com um futuro melhor apenas na vida eterna. Somos chamados a agir como agentes de transformação na atual realidade e colocar sinais visíveis e claros de “um novo céu e uma nova terra”. Somos chamados a nos engajar em favor de um mundo com amor, paz e justiça para todos.

Isso acontecerá se tivermos fé e confiança no Deus que se encarnou e manifestou na fraqueza, vencendo a morte com a vida. Acontecerá quando tivermos olhos abertos e ouvidos atentos para os pisados, marginalizados e esquecidos. Quem são eles? São os sem-terra, que buscam terra para sua sobrevivência. São os desempregados, taxados de preguiçosos. São os menores abandonados, sem casa e sem lar. São os engraxates, que andam até altas horas, procurando ganhar algum dinheiro para sobreviver, e não tem acesso ao estudo. São as mulheres exploradas e que sofrem todo o tipo de violência. São os discriminados racialmente.

Ser testemunha de Jesus Cristo, nos dias atuais, significa engajamento em favor da convivência e relacionamento entre pessoas e povos. Se confessarmos que cremos em Deus é preciso trabalhar em nosso dia a dia em prol da justiça e igualdade de vida para todos. Só assim seremos suas testemunhas e agentes de transformação. Reconhecendo nossas limitações podemos concluir: Senhor, ajuda-nos a sermos tuas testemunhas!

Henrique Seick



## RESUMO

Esta pesquisa investiga o Projeto Trilhos Sonoros enquanto projeto sóciocristão a serviço da *missio Dei* na periferia. O Projeto Trilhos Sonoros é uma ação desenvolvida na periferia de Canoas com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social. Iniciou no ano de 2011 com a musicalização infantil a partir da flauta doce e a criação de pequenos grupos para apresentações artísticas na comunidade. O referido Projeto ganhou uma nova dimensão a partir dos estudos sobre a Teologia Prática que tem como um de seus empreendimentos a ação direcionada às famílias, organizações sem fins lucrativos e movimentos de justiça social e, além disso, busca coerência entre o discurso e uma prática reflexiva e transformadora. Nessa perspectiva, a pesquisa traz a tona um discurso sobre transformação a partir de referenciais teóricos que dialogam sobre a justiça e a atualização do amor de Deus pelos pobres, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma ação prática, a partir das reflexões, que oportunize uma efetiva transformação no contexto onde o Projeto Trilhos Sonoros está inserido. Assim, a pesquisa apresenta, no primeiro capítulo, o campo empírico onde o estudo foi realizado procurando dialogar com autores/as que tratam sobre a violência, pobreza e o estigma de morar na periferia, ao mesmo tempo que revela pistas da ação da *missio Dei* a despeito da ausência de uma ação mais efetiva da igreja local. No segundo capítulo é apresentado o percurso metodológico da pesquisa tomando como base os pressupostos da pesquisa-ação enquanto método de pesquisa que além de levantar dados propõe ações transformadoras. O terceiro capítulo apresenta o Projeto Trilhos Sonoros enquanto ação de educação musical desenvolvida com crianças e adolescentes da periferia. O quarto capítulo fundamenta-se no conceito de Comunidade Espiritual proposto por Paul Tillich e num novo paradigma para a Teologia da missão apresentado por David Bosch. O quinto capítulo discute a educação musical na periferia procurando apontar para uma ação mais humanizadora a partir da música. O sexto capítulo analisa e interpreta os dados da pesquisa. Por fim, o sétimo capítulo apresenta uma proposta de continuidade do Projeto Trilhos Sonoros a partir da pesquisa-ação.

**Palavras-chave:** Periferia, Comunidade Espiritual. *Missio Dei*. Educação Musical, Projeto Social. Transformação Social.



## ABSTRACT

This research investigates the Projeto Trilhos Sonoros (Sonorous Tracks Project) as a social-Christian Project at the service of the *missio Dei* in the periphery. The Projeto Trilhos Sonoros is an action developed in the periphery of Canoas with children and adolescents in permanent situations of social vulnerability. It began in the year 2011 with children's musicalization beginning with the recorder and the creation of small groups for artistic presentations in the community. The Project gained a new dimension based on studies about Practical Theology which has as one of its endeavors action directed toward families, non-profit organizations and social justice movements, and besides this, seeks coherence between discourse and a reflective and transforming practice. In this perspective, the research brings to light a discourse about transformation based on theoretical referentials which dialog about justice and making current God's love for the poor, but, at the same time, it presents a practical action based on reflections which makes possible an effective transformation in the context where the Projeto Trilhos Sonoros is inserted. Thus, the research presents, in the first chapter, the empirical field where the study was carried out seeking to dialog with the authors who talk about violence, poverty and the stigma of living in the periphery, while at the same time revealing indicators of the action of the *missio Dei* despite the absence of a more effective action of the local church. In the second chapter, the methodological trajectory of the research is presented taking as a base the presuppositions of the action-research as a research method which, besides raising data, proposes transforming actions. The third chapter presents the Projeto Trilhos Sonoros as an action of musical education developed with children and adolescents of the periphery. The fourth chapter is founded on the concept of Spiritual Community as proposed by Paul Tillich and on a new paradigm for Mission Theology presented by David Bosch. The fifth chapter discusses musical education in the periphery seeking to point to a more humanizing action based on music. The sixth chapter analyzes and interprets the data of the research. Finally, the seventh chapter presents a proposal of continuity for the Projeto Trilhos Sonoros based on the action-research

**Keywords:** Periphery, Spiritual Community, *Missio Dei*. Musical Education, Social Project, Social Transformation



## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 01</b> – Vila Araçá no entorno dos trilhos do Mato Grande .....	39
<b>Foto 02</b> – Construção irregular no entorno da Vila Araçá/2016.....	45
<b>Foto 03</b> – Lixo na entrada da Vila Araçá.....	49
<b>Foto 04</b> – Comunidade tia Cleusa .....	59
<b>Foto 05</b> – Imagens que motivaram a pesquisa .....	97
<b>Foto 06</b> – Uma história contada em fotos .....	100
<b>Foto 07</b> – Vila Araçá .....	112
<b>Foto 08</b> – Recital de trompete para a comunidade .....	114
<b>Foto 09</b> – Sopão/Momento de comunhão.....	115
<b>Foto 10</b> – Primeira aula com as crianças.....	116
<b>Foto 11</b> – Primeiro recital na comunidade .....	118
<b>Foto 12</b> – Placa indicativa do projeto Trilhos Sonoros.....	119
<b>Foto 13</b> – Primeira apresentação fora da comunidade .....	120
<b>Foto 14</b> – Aulas de flauta .....	123
<b>Foto 15</b> – Aulas de violino .....	123
<b>Foto 16</b> – Aula de violino na EMEF Rio Grande do Sul .....	124
<b>Foto 17</b> – Aquisição de novos instrumentos .....	125
<b>Foto 18</b> – Entrega dos novos instrumentos .....	126
<b>Foto 19</b> – Sala de aula na casa do coordenador .....	128
<b>Foto 20</b> – Ensaio na área externa da casa .....	128
<b>Foto 21</b> – Núcleo de Cooperação na casa da tia Cleusa.....	132
<b>Foto 22</b> – Sala de Música na casa da tia Cleusa.....	132
<b>Foto 23</b> – Apresentação no Núcleo de Cooperação Minha Terra I.....	133
<b>Foto 24</b> – Cadastro de novas crianças para o projeto .....	134
<b>Foto 25</b> – Núcleo de Cooperação na comunidade Minha Terra I .....	135
<b>Foto 26</b> – Apresentação do Grupo de flautas em instituição parceira .....	137
<b>Foto 27</b> – Momento do Lanche .....	139
<b>Foto 28</b> – Momento de reflexão bíblica na liturgia do ensaio.....	149
<b>Foto 29</b> – Momento de reflexão na Liturgia dos Recitais .....	152



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Diferenças entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação.....	78
--	----



## LISTA DE SIGLAS

<b>UEPA</b> – Universidade do Estado do Pará .....	30
<b>AME</b> – Alunos de Música Empreendedores .....	31
<b>AMAI</b> – Associação Missionária de Apoio Infantil .....	31
<b>CEP</b> – Comitê de Ética em Pesquisa .....	33
<b>CONAB</b> – Companhia Nacional de Abastecimento .....	41
<b>IAPI</b> – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários .....	41
<b>FEE</b> – Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul .....	42
<b>CEASA</b> – Centro Estadual de Abastecimento s/a .....	63
<b>CEB's</b> – Comunidades Eclesiais de Base .....	87
<b>EMEF</b> – Escola Municipal de Ensino Fundamental .....	124
<b>PIC</b> – Programa de Incentivo à Cultura .....	125
<b>CTG</b> – Centro de Tradições Gaúchas .....	130
<b>NUCOS</b> – Núcleos de Cooperação .....	130
<b>CTM</b> – <i>Child Theology Movement</i> .....	268
<b>GAP</b> – Grupo de Avaliação e Planejamento .....	287
<b>CRAS</b> – Centro de Referência da Assistência Social .....	289
<b>CREAS</b> – Centro de Referência Especializado de Assistência Social .....	289



## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 01</b> – Cartaz do II Seminário de Música e Inclusão .....	141
--	-----



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>1 – O CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA: UMA COMUNIDADE QUE SE ERGUE NO LIXO E ÀS MARGENS DA DIGNIDADE</b> .....	<b>39</b>
<b>1.1 – O espaço geográfico e o contexto sociocultural: breve histórico do adensamento do bairro Mato Grande</b> .....	<b>40</b>
<b>1.2 – O perfil da comunidade atendida pelo projeto: as marcas da exclusão e o estigma de morar na periferia</b> .....	<b>49</b>
<b>1.3 – Cidadania e outras formas de solidariedade na vila Araçá: nem só das instituições viverá a periferia</b> .....	<b>59</b>
<b>1.4 – O papel das igrejas locais na transformação daquele contexto: discursos <i>versus</i> práticas</b> .....	<b>64</b>
<b>1.5 – Síntese</b> .....	<b>72</b>
<b>2 – CONSTRUINDO A TRAMA TEÓRICO – METODOLÓGICA: OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA-AÇÃO NA PERIFERIA</b> .....	<b>75</b>
<b>2.1 – Os Pressupostos Teóricos: sobre a pesquisa-ação</b> .....	<b>76</b>
<b>2.2 – A pesquisa-ação como <i>práxis</i> transformadora da Teologia Prática</b> ...	<b>82</b>
<b>2.3 – A problemática da pesquisa</b> .....	<b>88</b>
<b>2.4 – As hipóteses da pesquisa</b> .....	<b>92</b>
<b>2.5 – A coleta de dados</b> .....	<b>94</b>
<b>2.5.1 – A coleta de dados no início do projeto: imagens que motivaram a pesquisa</b> .....	<b>97</b>
<b>2.5.1.1 – O percurso histórico do projeto: uma história contada em fotos</b> .....	<b>100</b>
<b>2.5.2 – As entrevistas</b> .....	<b>100</b>
<b>2.5.3 – As conversas informais</b> .....	<b>105</b>
<b>2.5.4 – Grupo Focal</b> .....	<b>106</b>
<b>2.6 – Síntese</b> .....	<b>108</b>
<b>3 – O PROJETO TRILHOS SONOROS: A TRAJETÓRIA DE UM PROJETO SÓCIOCRISTÃO NA PERIFERIA</b> .....	<b>111</b>

<b>3.1 – Conhecendo a Vila: Os primeiros vínculos com a comunidade a partir da música</b> .....	112
<b>3.2 – A estrutura e organização do Projeto Trilhos Sonoros: desafios e conquistas</b> .....	121
<b>3.2.1 – A importância da casa no Projeto Trilhos Sonoros: a formação dos núcleos de cooperação</b> .....	129
<b>3.2.2 – O Projeto Trilhos Sonoros e as parcerias: construindo uma rede de solidariedade</b> .....	136
<b>3.3 – A liturgia dos ensaios e apresentações: proclamando o Evangelho e desenvolvendo os dons</b> .....	141
<b>3.3.1 – Liturgia das aulas e ensaios</b> .....	145
<b>3.3.2 – A Liturgia dos Recitais</b> .....	149
<b>3.4 – Síntese</b> .....	152

#### **4 – A COMUNIDADE ESPIRITUAL E A *MISSIO DEI*: SUBSÍDIOS TEOLÓGICOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO DE DEUS NA PERIFERIA** .....

<b>4.1 – O reconhecimento de Jesus como Cristo: a base da Comunidade Espiritual</b> .....	156
<b>4.2 – Características da Comunidade Espiritual: uma Comunidade impulsionada pelo Espírito</b> .....	158
<b>4.2.1 – O caráter extático da criação da Comunidade Espiritual</b> .....	159
<b>4.2.2 – Uma fé fortalecida</b> .....	162
<b>4.2.3 – Um amor expresso em serviço mútuo</b> .....	164
<b>4.2.4 – A criação de unidade</b> .....	167
<b>4.2.5 – A criação de universalidade</b> .....	170
<b>4.3 – A Comunidade Espiritual em sua forma latente e manifesta</b> .....	172
<b>4.4 – Perspectivas conceituais para a missão: reflexões sobre a missão de Deus</b> .....	174
<b>4.5 – A crise e a oportunidade de ressignificação teológica da missão</b> ...	180
<b>4.6 – A multidimensionalidade da missão a partir de Cristo: o paradigma para a missão contemporânea</b> .....	185
<b>4.7 – A missão na periferia: uma hermenêutica do risco</b> .....	196
<b>4.7.1 – A periferia não é o lugar de treinamento para a piedade cristã</b> 204	

4.7.2 – O ide de Jesus não é de implantar igreja na periferia e sim de anunciar o Evangelho .....	207
4.7.3 – A missão na periferia só é plena quando alcança todas as dimensões do ser humano .....	210
4.8 – É na periferia que estão os pobres: opção de Deus .....	213
4.9 – Síntese .....	219
<b>5 – A MÚSICA E A <i>MISSIO DEI</i> NA PERIFERIA: A EDUCAÇÃO MUSICAL EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS A SERVIÇO DA <i>MISSIO DEI</i>.....</b>	<b>221</b>
5.1 – Breve reflexão sobre a função antropológica e religiosa da música: a força social da música.....	222
5.2 – A educação musical na periferia: o impacto da música na vida de crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social ...	229
5.3 – O educador musical em missão na periferia: a educação musical a serviço da <i>missio Dei</i> .....	238
5.3.1 – A educação musical em missão: uma educação para a vida e não apenas para a aquisição técnica .....	242
5.3.2 – A educação musical a partir do Amor de Deus.....	251
5.3.3 – A educação musical como instrumento da <i>missio Dei</i> a serviço do próximo .....	255
5.4 – Síntese .....	258
<b>6 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: PISTAS REVELADAS NA PESQUISA – AÇÃO .....</b>	<b>261</b>
6.1 – Análise dos dados: o que as crianças e adolescentes dizem sobre o Projeto Trilhos Sonoros?.....	262
6.2 – E os responsáveis pelas crianças: o que pensam sobre o projeto? ....	270
6.3 – Sobre os líderes cristãos: onde está a Igreja naquele contexto? .....	271
6.4 – Sobre os/as colaboradores/as: por que contribuem com o projeto?.....	274
6.5 – Sobre a situação atual do Projeto Trilhos Sonoros .....	276
6.6 – O Projeto Trilhos Sonoros como ação cristã na periferia .....	280
6.7 – Síntese .....	282

<b>7 – PROPOSTA DE AÇÃO: CONTINUIDADES A PARTIR DA PESQUISA – AÇÃO</b>	<b>283</b>
.....	
<b>7.1 – Avaliação e planejamento: ações basilares para a continuidade do Projeto Trilhos Sonoros</b> .....	<b>283</b>
<b>7.1.1 – Criação de Grupo de Avaliação e Planejamento – GAP</b> .....	<b>286</b>
<b>7.1.1.1 – (Re) definição do público alvo do Projeto Trilhos Sonoros</b> .....	<b>287</b>
<b>7.1.1.2 – Formas de captação de recursos</b> .....	<b>287</b>
<b>7.1.1.3 – O estabelecimento de parcerias institucionais</b> .....	<b>288</b>
<b>7.1.2 – Criação de Grupo Multidisciplinar</b> .....	<b>288</b>
<b>7.1.3 – A continuidade da Pesquisa-ação em outras áreas</b> .....	<b>290</b>
<b>7.1.4 – Proposta para uma diaconia extra eclesial na periferia a partir da educação musical</b> .....	<b>292</b>
<b>7.1.4.1 – Inserção na periferia: conhecer e criar vínculos</b> .....	<b>293</b>
<b>7.1.4.2 – O processo de ensino-aprendizagem da música e os recitais programados na comunidade: Proposta metodológica</b> ....	<b>295</b>
<b>7.1.4.3 – Criação de uma rede solidária de apoio: somar forças</b> ..	<b>302</b>
<b>7.2 – Síntese</b> .....	<b>303</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>305</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>313</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>321</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>341</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está fortemente enraizada na minha própria história de vida. Nasci na periferia de Belém/PA. Mais precisamente no bairro do Jurunas que fica localizado na zona sul daquela cidade. Apesar de a idade insistir em apagar de minha mente esse tempo, ainda lembro daquele cenário em que vivia com meus pais e três irmãos. Meu pai era eletricitista e minha mãe dona de casa. Como criança, eu e meus irmãos brincávamos na rua com outras crianças, frequentávamos a escola do bairro e as missas na igreja. A rua, no entanto, era o lugar em que eu mais gostava de estar. Era na rua que eu me encontrava com meus amigos e juntos brincávamos de futebol e outras diversões daquela época.

Além das escolas de samba que frequentemente faziam ensaios nas ruas do bairro envolvendo algumas crianças na bateria e as igrejas que tinham algumas atividades para as crianças, não existia nenhuma outra forma de lazer. Estar na rua brincando com os amigos era a maior diversão da época. Lembro-me também da tia Claudete, uma senhora que abria sua casa para contar histórias bíblicas para as crianças. Quando a tia Claudete saiu da vila todos/as ficaram tristes porque ali se reuniam todas as crianças para ouvirem as histórias, brincarem e serem alimentadas. O trabalho realizado pela tia Claudete era um trabalho voluntário. Na casa dela não tinha nenhuma placa de projeto social ou algo que o valha. Era uma casa de dois pisos com uma área de lazer na frente onde as crianças aguardavam até o momento em que ela abria a porta para a criançada. Era comum ouvir a seguinte pergunta: hoje tem tia Claudete? Foi na “tia Claudete” que muitas crianças ouviram sobre Jesus pela primeira vez.

Um dos fatos mais marcantes desse tempo foi o assassinato de meu colega que estava em sua bicicleta conversando comigo. Era uma tarde de domingo e, de repente, um rapaz aparentando uns 18 anos puxou a bicicleta e deu dois tiros nele. Era comum presenciar cenas de violência e de consumo de drogas na vila. Não imaginava, no entanto, que presenciaria um assassinato. Após esse trágico ocorrido a polícia começou a frequentar a vila de forma mais permanente e isso, apesar de trazer certa segurança, obrigava os/as moradores/as a se recolherem em casa.

Morar no Jurunas era ter que encarar a discriminação de muitas pessoas. Era um bairro com a maioria das ruas de terra batida, com muitas áreas alagadas permanentemente, por estar localizado às proximidades do rio Guamá, e o acesso

às casas era feito sobre pontes de madeira. Além disso, a violência, o tráfico de drogas a sujeira e o forte odor dos valões, que atravessavam o bairro, eram responsáveis pelo forte estigma de moradores de periferia.

Foi naquele cenário degradante que eu tive meu primeiro contato com a música. O grupo musical “O fantástico” foi o responsável pela minha inserção no mundo da música. Este grupo, composto por um guitarrista, um baixista, um tecladista, um cantor e um baterista iniciou suas atividades de ensaio na casa do guitarrista a qual ficava acerca de 30 metros de minha casa. Pedi, então, para assistir aos ensaios e começava a repetir os ritmos que eram feitos na bateria. Com o passar do tempo e com a ausência do baterista, solicitei uma oportunidade para ensaiar com o grupo e comecei a tocar a bateria. Aos poucos fui me enturmando e fiz algumas apresentações com aquele grupo.

Na minha dissertação de mestrado ao tratar sobre isso, relato que: “com poucos espaços culturais, haja vista, ser um bairro periférico e bastante violento, os ensaios eram, para mim, espaços de alegria e prazer”<sup>1</sup>. Disse ainda que:

Os ensaios me faziam sentir importante dentro daquele contexto. Ser do grupo “O Fantástico” me dava um certo *status* dentro da minha comunidade. Tocar em alguns lugares, como sorveterias e clubes sociais, me expunha aos aplausos de minha comunidade e isso era para mim muito gratificante, considerando que a perspectiva de realização pessoal dos adolescentes daquele lugar era muito baixa pelo fato de o bairro do Jurunas ser historicamente reconhecido como local de alta periculosidade e, por isso, de ausência do poder público no que diz respeito a ações que pudessem favorecer a projeção social daqueles adolescentes.<sup>2</sup>

Foi, portanto, no grupo “O Fantástico”, que interpretava músicas dos anos 1970 e 1980, que eu dei os primeiros passos na música<sup>3</sup>. Foi a partir daquele grupo de amadores da música que comecei a trilhar um novo caminho. O grupo “O Fantástico” não permaneceu realizando suas atividades em virtude de os seus membros estarem constantemente envolvidos com seus afazeres profissionais

---

<sup>1</sup> SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. **Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular.** 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013. p.23.

<sup>2</sup> SOUTO, 2013, p.23.

<sup>3</sup> É importante destacar que os ensaios eram organizados da seguinte forma: todos ouviam as músicas, conversavam e esclareciam alguns aspectos mais complexos e iniciavam a fazer música em conjunto. Nenhum componente tinha formação musical e nem era profissional da música. Eram taxistas, soldado do exército, autônomos, pedreiro e eu. Os ensaios eram, na verdade, momentos de descontração e alegria.

ficando, assim, impossibilitados de responder a novo repertório e agendas de apresentações no bairro. No entanto, foi o tempo suficiente para criar fortes vínculos com a música e percebê-la para além do grupo.

Foi também nesse cenário que tive acesso, pela primeira vez, a uma igreja evangélica. A participação no grupo “O Fantástico” me encorajou a dar continuidade aos estudos musicais. Não havia nenhuma escola de música no bairro. O que havia era um trabalho voluntário realizado em uma igreja evangélica por um músico daquela igreja. Tratei, então, de me informar sobre aquele trabalho e, em poucos dias, comecei a estudar na secretaria da igreja. Lembro-me da primeira aula onde o professor colocou algumas figuras no quadro e depois de nos ensinar pediu para que aquele trecho fosse cantado. Após a execução do grupo de alunos o professor chamou outras pessoas que estavam na igreja para mostrar a evolução do grupo em poucas aulas. Fiquei muito empolgado com o resultado e comecei a me dedicar mais nos estudos musicais.

No decorrer das aulas o professor dizia que antes de tocar um instrumento de sopro todos os alunos deveriam tocar instrumentos de percussão e, conforme o desempenho na execução daqueles instrumentos, ele nos ensinaria instrumentos de sopro, como o trompete, saxofone, trombone e clarinete. Tratei de me empenhar ao máximo para tocar os instrumentos de percussão com vistas a iniciar o estudo do trompete. Assim, antes de tocar o trompete tive que aprender a tocar o bumbo, o tarol e os pratos. Após essa fase de aprendizado o professor me convidou para tocar pratos nos cultos regulares da igreja. Aos poucos fui aprendendo as músicas do hinário e me inserindo na banda de música da igreja.

No início das aulas de trompete comecei a usar o instrumento cedido pelo professor. Como eu era de uma família pobre, não tinha condições de ter meu próprio instrumento. Dessa forma, o professor usava o mesmo trompete para ensinar a três alunos. Ter um instrumento na realidade em que eu vivia era impossível. Apenas meu pai tinha uma pequena renda mensal proveniente de seu trabalho de eletricitista. Não havia como comprar um trompete naquela circunstância. No entanto, minha mãe, ao saber do meu interesse em aprender tocar trompete começou a fazer uma economia e, após algum tempo, fui surpreendido com um caminhão de uma companhia aérea na frente de casa. Ao olhar pelas frestas da parede percebi alguns homens com uma caixa nas mãos. Fui chamar minha mãe para receber aquela caixa. Ela disse para mim abri-la. Ao abrir percebi que era um trompete. Com muita

dificuldade, mas percebendo a importância daquele instrumento para minha formação, minha mãe conseguiu me presentear com um instrumento musical.

A partir de então, fui aproximado definitivamente à música. Comecei a tocar em outras igrejas e bandas de música. Comecei a desenvolver habilidades técnicas no trompete e me inseri em outros contextos sociais. Essa inserção me motivou a buscar uma profissionalização musical ao mesmo tempo em que me envolvi de forma mais permanente nas atividades da igreja a partir da banda de música. Aos poucos comecei a participar de grupos de jovens, programações na rua e outras ações da igreja. Sempre com meu trompete me juntava a mais alguns músicos para tocar em algumas igrejas do bairro e interiores do Pará..

O objetivo desse relato, portanto, é situar o/a leitor/a sobre o lugar de onde fala o pesquisador. Comecei meus estudos musicais numa periferia e, por meio da música, comecei a frequentar uma igreja e ouvir sobre o Evangelho. Essa pesquisa, de certa forma, me oportuniza revisitar esse passado e “reescutar um tema que, apesar de algumas variações, sempre se repete e, a cada repetição, uma nova oportunidade de descobrir elementos novos e desafiadores”<sup>4</sup>.

Com o decorrer dos anos fui me envolvendo mais com a música na igreja e comecei a buscar o ensino formal da música. A partir de minha aprovação no curso de Educação Artística – Música na Universidade do Estado do Pará – UEPA tive oportunidade de frequentar algumas disciplinas que potencializaram meu interesse pela educação musical ao mesmo tempo em que me envolveram em projetos sociais nas periferias de Belém. Essa vivência em projetos sociais na periferia foi fundamental para que eu tivesse um novo olhar para a relação música e periferia. Comecei, então, a desenvolver projetos, enquanto graduando, para crianças e adolescentes da periferia. O primeiro projeto foi com instrumentos de banda de música e culminou com a construção de meu trabalho de conclusão de curso –TCC intitulado: “A Banda de Música como Prática de educação musical”<sup>5</sup>.

Durante a graduação tive a oportunidade de me envolver em outros projetos sociais, como o projeto “Arte Nova” que consistia no desenvolvimento de oficinas de musicalização infantil, teatro e da dança. Todos esses projetos foram importantes na

---

<sup>4</sup> SOUTO, 2013, p. 25.

<sup>5</sup> Esse projeto foi elaborado para ser executado em parceria com a Guarda Municipal de Belém. A ideia do projeto era que algumas crianças e adolescentes que moravam próximas à Guarda Municipal, tivessem acesso aos ensaios da Banda de Música e, aos poucos, aprendessem a distinguir os timbres dos instrumentos e, com o auxílio dos músicos da Banda, fossem também aprendendo a digitação específica de cada instrumento.

minha trajetória profissional porque, de certa forma, definiram os *trilhos* sobre os quais minha vida e missão andariam no futuro.

Após a graduação fiz uma especialização em Metodologia do Ensino superior e apresentei como trabalho final um estudo intitulado: “Uma educação musical para a vida” que consistia num estudo de caso sobre uma ação que eu coordenava na feira do Ver – O – Peso em Belém, voltado para crianças e adolescentes que trabalhavam naquela feira. Esse trabalho consistia na musicalização infantil a partir de instrumentos de percussão construídos com materiais alternativos da própria feira. Criei e coordenei, ainda, os projetos Alunos de Música Empreendedores – AME e Associação Missionária de Apoio Infantil – AMAI, ambos desenvolvidos no bairro do Bengui, na periferia de Belém. Como resultado desses projetos na periferia algumas crianças e adolescentes prosseguiram no estudo da música e, atualmente, compõem orquestras sinfônicas em Belém.

Ter nascido e sido criado integralmente na periferia, bem como ter iniciado os estudos musicais naquele contexto social e, ainda, permanecer ligado à periferia como morador e coordenador de projetos de inclusão social, por meio da música foi, portanto, de grande relevância para a construção desta pesquisa. O envolvimento com a periferia me trouxe frequentes incomodações principalmente no que diz respeito ao papel da igreja naquele lugar e de que forma um/a educador/a musical poderia atuar naquele contexto social com vistas à proclamação do Reino de Deus. De alguma forma, sempre quis entender como eu poderia vincular a minha habilidade e formação musical a um trabalho missionário específico junto às crianças e adolescentes na periferia.

O fato é que, geralmente, a conciliação da educação musical com a teologia não é tema habitualmente discutido na academia. Em geral a educação musical caminha no sentido de desenvolver competências técnicas e possibilitar a inclusão social e a teologia atua na periferia, comumente, com ações assistencialistas e como campo de treinamento missionário. Educação musical e teologia são, no entanto, duas notas plenamente afináveis e consonantes de um mesmo sistema acórdal: a vida. Apesar de algumas sensações de desafinação, produzidas por dissonâncias contextuais, fruto de uma leitura reducionista dessa relação, a proposta da educação musical e da teologia, não visam outra coisa, senão uma audição satisfatória da relação Deus e ser humano.

Assim, esta tese procura estabelecer relações práticas de proximidade entre a música e a teologia com vistas a uma ação conjunta em favor das pessoas, em especial dos pobres da periferia que, historicamente, são alvos do descaso de políticas públicas e, ao mesmo tempo, são esquecidos/as pela igreja, que se fundamenta numa teologia da exclusão expressa, fundamentalmente, num espaço físico não acolhedor, numa liturgia descontextualizada e numa hermenêutica anacrônica que não consegue atribuir sentido prático e vivencial para os textos bíblicos, tornando-os cada vez mais distantes das pessoas.

A intenção da pesquisa é, portanto, analisar de que forma a música e a teologia podem caminhar juntas, fora do contexto eclesial, oportunizando uma vida abundante em Cristo, conforme João 10.10. Pretendo refletir sobre a educação musical enquanto ação da Teologia Prática em favor dos pobres. Para tanto, o tema será problematizado a partir do projeto Trilhos Sonoros que é uma ação de educação musical na periferia de Canoas/RS, com crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social.

O projeto Trilhos Sonoros iniciou suas atividades no ano de 2011 a partir de minha iniciativa pessoal e voluntária em contribuir com as crianças da Vila Araçá por meio da educação musical. Com o envolvimento de minha filha que toca violino, meu filho que toca sax e minha esposa que me acompanha em projetos sociais na periferia, há 20 anos, foi possível planejar e executar as ações musicais para as crianças. A partir de minha aprovação no doutorado em Teologia na Faculdade EST, em 2013, tive a oportunidade de acessar inúmeros referenciais teóricos, como Comunidade Espiritual, *Missio Dei*, Diaconia, Teologia da Libertação, Teologia Prática, entre outros que oportunizaram uma permanente reflexão a respeito do trabalho iniciado com as crianças na periferia, ao mesmo que contribuíram para implementação de novas ações no Projeto. É importante ressaltar que o Projeto Trilhos Sonoros nasceu como uma proposta de educação musical para crianças e adolescentes na periferia e foi potencializado a partir das aquisições teóricas culminando, assim, no desenvolvimento de um projeto de pesquisa e, posteriormente, na presente tese.

A pesquisa social ocorreu a partir da minha inserção como pesquisador na Vila Araçá, bem como a partir da condução de aulas e ensaios com as crianças e adolescentes e, ainda, nas reuniões com os responsáveis pelas crianças e colaboradores/as do projeto. Optou-se, nessa pesquisa, preservar o anonimato das

peças envolvidas. Assim, as crianças das oficinas de flauta serão nomeadas de aluno ou aluna da oficina de flauta; os alunos da orquestra serão chamados de aluno ou aluna integrante da orquestra; o pai, a mãe ou a avó serão chamados de responsáveis pelas crianças; os pastores e pastoras serão chamados/as de líderes evangélicos/as e, por fim, as pessoas que contribuem com o projeto serão chamados/as de colaboradores/as.

A pesquisa social, devidamente aprovada pelo CEP da Faculdade EST, teve a duração, aproximada, de quatro meses, (janeiro a abril de 2017). Além da inserção no campo de pesquisa, recorreu-se às fontes primárias como fotos, relatos dos moradores da Vila Araçá no início do projeto e recortes de jornais. O registro visual das crianças e adolescentes foi devidamente autorizado pelos responsáveis, (APÊNDICE A).

A pesquisa bibliográfica abrange, de modo geral, estudos sobre o bairro Mato Grande na cidade de Canoas onde são utilizados os textos de Rejane Penna; Corbellini e Gayeski, que tratam sobre o histórico do adensamento do bairro a partir dos relatos dos primeiros moradores do bairro, bem como será utilizado o estudo de Danielle Heberle Viegas que trata sobre o processo de urbanização da cidade de Canoas.

A pesquisa abrange, ainda, uma breve reflexão sobre as periferias no Brasil, bem como os efeitos do viver na periferia na percepção social sobre crianças e adolescentes. Para tanto o diálogo é estabelecido com Rinaldo Sérgio Vieira Arruda que faz um estudo sobre a gestação dos meninos infratores na cidade de São Paulo, Anazir Maria de Oliveira que reflete sobre as favelas e as organizações comunitárias e Angela Randolpho Paiva e Marcelo Baumann Burgos que tratam sobre a escola e a favela. Outros autores/as serão identificados em lugar apropriado.

Este trabalho apresenta uma lista de fotos, siglas e tabela que se encontra imediatamente antes do sumário. A tese será apresentada em sete capítulos.

No primeiro capítulo é apresentado o campo empírico da pesquisa com vistas a situar o/a leitor/a no que diz respeito ao adensamento do bairro Mato Grande, o perfil da comunidade da Vila Araçá, procurando refletir sobre as marcas da exclusão presentes naquele contexto e o estigma associado às pessoas que residem na periferia. No tópico seguinte, serão apresentadas as outras formas de cidadania e solidariedade desenvolvidas na Vila Araçá. Ao final do capítulo, será

abordado o papel das igrejas locais no que diz respeito a uma contribuição efetiva para a transformação daquele contexto.

No segundo capítulo, é apresentada a trama teórico-metodológica da pesquisa procurando refletir sobre a pesquisa-ação “enquanto linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”<sup>6</sup>. Michel Thiollent afirma que:

Hoje em dia, no Brasil e noutros países, a linha da pesquisa-ação tende a ser aplicada em diversos campos de atuação: educação, comunicação, organização, serviço social, difusão da tecnologia rural, militância política ou sindical etc<sup>7</sup>.

Thiollent acrescenta que as técnicas convencionais de pesquisa prevalecem e são utilizadas conforme um padrão de observação positivista que manifesta uma grande preocupação sobre “quantificação de resultados empíricos, em detrimento da busca de compreensão e interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.<sup>8</sup> Para o autor, essa busca é valorizada na proposta da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação, que norteia este estudo, é acompanhada da observação participante. Para Thiollent, há uma compreensão de que as expressões pesquisa-ação e pesquisa participante são sinônimas. No entanto, o autor considera que a pesquisa-ação, “além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante”<sup>9</sup>. O autor argumenta, também que:

Com o desenvolvimento de suas exigências metodológicas, as propostas de pesquisa alternativa (participante e ação) poderão vir a desempenhar um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas ou grupos implicados em situações problemáticas. Um dos principais objetivos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. Devido à urgência de tais problemas (educação, informação, práticas políticas etc.), os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades

---

<sup>6</sup> THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: CORTEZ, 2008. p.9.

<sup>7</sup> THIOLENT, 2008, p. 9.

<sup>8</sup> THIOLENT, 2008, p. 9.

<sup>9</sup> THIOLENT, 2008, p. 10.

estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez.<sup>10</sup>

Apresentamos, neste capítulo, a problemática da pesquisa, bem como as hipóteses e a coleta de dados. Como referencial teórico sobre os registros visuais é utilizado o trabalho de Martin W Bauer e George Gaskell, que trata sobre a pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, em campo, sendo que apenas duas retornaram ao pesquisador via email. As conversas informais foram realizadas durante os ensaios e apresentações e no dia a dia da comunidade a partir da inserção do pesquisador. Foi utilizada, também, a técnica do grupo focal. Além de Michel Thiollent que trata sobre a pesquisa-ação, servirão como referenciais teóricos os trabalhos de autores/as como: Hugues Dione, Lori Alice Gressler, Maria Tereza da Cunha Coutinho e Suzana Ezequiel da Cunha; Aidil Jesus da Silveira Barros e Neide Aparecida de Souza Lehfeld.

O terceiro capítulo trata sobre o projeto Trilhos Sonoros no que diz respeito à sua trajetória enquanto projeto sóciocristão na periferia. Destacamos, neste capítulo, a criação dos primeiros vínculos com a comunidade participante da pesquisa, bem como a estrutura e organização do projeto Trilhos Sonoros. Tratamos, ainda, sobre a importância da casa para o projeto Trilhos Sonoros, no que diz respeito à criação dos núcleos de cooperação. Por fim, apresentamos a rede de solidariedade construída a partir das parcerias estabelecidas e a liturgia dos ensaios e recitais como oportunidade para a proclamação do Evangelho para as crianças, adolescentes e comunidade em geral. É estabelecido o diálogo entre os autores Clodovis Boff que propõe uma metodologia para o trabalho popular; Arzemiro Hoffman que reflete sobre a cidade na missão de Deus; Jorge Batista de Oliveira que trata sobre a igreja nos lares; Sissi Georg que aborda sobre o culto cristão. Utilizamos, também, neste capítulo, as reportagens jornalísticas e as falas dos participantes do projeto.

No quarto capítulo são feitas reflexões sobre os conceitos de Comunidade Espiritual e *missio Dei*. Neste capítulo, procuramos refletir sobre a missão na periferia e sobre o projeto Trilhos Sonoros como ação sóciocristã a serviço da *missio Dei*. Para tanto, o diálogo é estabelecido com Paul Tillich, que aborda o tema Comunidade Espiritual; Ênio Ronald Mueller, que reflete sobre o pensamento de

---

<sup>10</sup> THIOLENT, 2008, p. 10.

Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar; Rosino Gibellini, que trata sobre a Teologia do século XX; Jurgen Moltmann, que trata sobre o Espírito enquanto força vital de Deus; David Bosch, Georg Vicedom e Valdeci Antonio Ferreira, que tratam sobre a teologia da missão; Dierk Starnitzke, que reflete sobre Diaconia; Raniero Cantalamessa, que trata sobre a pobreza; Sherron Kay George, que aborda o tema parceria na missão de Deus; Leonardo Boff, que trata sobre a Teologia do Cativo e da Libertação; Keith J. White, que propõe uma redescoberta da criança no coração da missão; Marcos Orison Nunes de Almeida que trata sobre a missão integral no contexto urbano; Hugo Assmann e Jung Mo Sung, que refletem sobre o reinado de Deus que acontece no amor solidário aos pobres; Antônio Carlos Costa, que trata sobre uma intervenção sistemática da igreja entre os pobres na periferia; José Comblin, que reflete sobre os desafios aos cristãos do século XXI, Carlos Eduardo Calvani, que traz importantes contribuições para a discussão sobre a missão de Deus; Adriano Sella, que propõe novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial; Paulo Fernando Carneiro de Andrade, que trata sobre a opção pelos pobres e a misericórdia de Deus e Agenor Brighenti, que reflete sobre a missão evangelizadora no contexto atual.

No quinto capítulo, discorreremos sobre a música e a *missio Dei* na periferia. Procuramos refletir sobre a função social da música, sobre o impacto da música na vida de crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social, o papel do/a educador/a musical em missão, na periferia e a educação musical enquanto instrumento da *missio Dei* na periferia. Para este capítulo serão utilizados os/as autores/as Aurora Ferreira, que trabalha com a arte para a inclusão; Ernst Fischer, que reflete sobre a necessidade social da arte; Donald J. Grout e Claude V. Palisca e Domingos Alaleona, que tratam sobre a História da Música Ocidental; Dorothea E. Hast, que aborda o poder transformador da música; Martha Herr, Geraldo de Oliveira Suzigan e Maria Lúcia Cruz Suzigan, que refletem sobre a educação musical enquanto fator preponderante na construção do ser; Sofia Cristina Dreher, que reflete sobre a música como veículo de resgate e transformação comunitária e social; Georges Snyders, que trata sobre a importância da música no contexto escolar; Donald Hustad e Bill H. Ichter, que refletem sobre a música na igreja; Carlv F Schalk, que traça alguns paradigmas musicais a partir de Lutero; Maria de Lourdes Sekef, que reflete sobre a repercussão da educação musical no desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual, educação do pensamento, educação

dos sentimentos e consciência de cidadania; Rose Satiko Gitirana Hikiji, que faz uma etnografia da *performance* musical de crianças e jovens.

Neste capítulo, apresentamos, ainda, o trabalho desenvolvido pela educadora musical Cecília Rheingantz na Orquestra Villa-Lobos na periferia de Porto Alegre; Teca Alencar de Brito que reflete, a partir de Koellreutter, sobre uma educação musical tendo o ser humano como objetivo; Almir Del Prette e Zilda Del Prette que tratam sobre o conceito de Habilidades Sociais. Num segundo momento deste capítulo são utilizados autores, como Vânia Malagutti Fialho, Juciane Araldi, Teresa Mateiro, Beatriz Ilari, que refletem sobre pedagogias em Educação Musical; Luís Carlos Restrepo, que trata sobre a ternura enquanto elemento imprescindível na formação humana; Hugo Assmann, que trata sobre a necessidade de aprofundamento e ampliação das sensibilidades; Roberto E. Zwetsch que trata sobre a missão como compaixão. Maria Cecília Domezi, que desenvolve estudo sobre o Concílio Vaticano II e os pobres; Jorge A. León, que trata sobre uma evangelização plenamente restauradora. O diálogo interdisciplinar é estabelecido entre todos esses/as autores/as com o objetivo de propor uma educação musical comprometida com o ser humano de forma integral concebendo-o em todas as suas dimensões.

No sexto capítulo, analisamos e interpretamos os dados levantados na pesquisa-ação. Este capítulo pretende, portanto, compreender o que as crianças, os seus responsáveis, bem como os líderes evangélicos/as e os/as colaboradores/as do projeto pensam sobre o projeto Trilhos Sonoros. A partir das análises, procuramos interpretar os dados com vistas à continuidade das ações na comunidade. Rodolfo Gaede Neto que trata sobre a diaconia de Jesus como contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina e Gisela Beulke que reflete sobre uma diaconia em situação de fronteira, são os principais autores utilizados neste capítulo.

Por fim, no sétimo capítulo, apresentamos uma proposta de ação com vistas à continuidade do projeto, bem como uma proposta para uma diaconia extra eclesial na periferia a partir da educação musical. Neste último capítulo apresentamos, portanto, o resultado de permanentes reflexões teóricas e inserções cotidianas no campo de pesquisa, bem como o resultado de conversas com as crianças e adolescentes colaboradores/as, responsáveis pelas crianças e líderes cristãos/ãs. Procuro indicar algumas contribuições práticas que aperfeiçoarão as ações já desenvolvidas pelo projeto Trilhos Sonoros na periferia, bem como consolidarão, de

forma efetiva, a participação da própria comunidade na luta por uma vida digna para aquele lugar.

Os textos bíblicos utilizados nesta tese terão como base a edição revista e atualizada de João Ferreira de Almeida.

## 1 – O CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA: UMA COMUNIDADE QUE SE ERGUE NO LIXO E ÀS MARGENS DA DIGNIDADE

*A ação popular deve ser e, por isso mesmo, parecer uma ação coletiva, assumida por todos. Por isso, o lugar normal da direção não é atrás, protegida das balas, mas também nem à frente, exposta facilmente ao ataque, porém, no meio do povo. Claro, não para se defender, mas para animar a luta.*

*Clodovis Boff*

Foto 01 – Vila Araçá no entorno dos trilhos do Mato Grande



Fonte: Arquivo particular

O objetivo deste capítulo é situar o/a leitor/a no cenário onde a pesquisa foi realizada. Nessa perspectiva, apresento o projeto Trilhos Sonoros circunscrito na periferia do bairro Mato Grande na cidade de Canoas/RS mais especificamente na vila Araçá, construída no entorno dos trilhos que atravessam o referido bairro. Minha intenção, portanto, é descrever esse cenário urbano marcado pela violência, submoradias, acúmulo permanente de lixo, falta de saneamento básico, ausência efetiva do poder público, com forte presença de crianças e adolescentes que vivem permanentemente em situação de vulnerabilidade pessoal e social.

Inicialmente, trataremos sobre alguns antecedentes históricos do bairro Mato Grande no que diz respeito ao seu espaço geográfico e contexto sociocultural, procurando apresentar algumas características específicas dessa comunidade. Em seguida, apresentaremos o perfil das crianças e adolescentes que residem nesse lugar analisando as marcas impressas nos/as mesmos/as e o estigma criado pela sociedade em relação à periferia e às pessoas que ali residem. Por fim, analisar-se-à, a partir de entrevistas realizadas, outras formas de solidariedade existentes na vila e o papel das igrejas locais no que diz respeito a uma contribuição efetiva para uma transformação social.

Não se pretende, neste capítulo, aprofundar discussões sociológicas, mas, sobretudo, contextualizar o/a leitor/a, com vistas a um entendimento claro sobre as especificidades desse contexto urbano. Portanto, serão utilizadas, em especial, as falas dos sujeitos da pesquisa, bem como bibliografia específica sobre o adensamento do bairro Mato Grande e da vila onde reside a maioria das crianças atendida pelo projeto e outras fontes que possam contribuir com um melhor entendimento sobre esse espaço social.

### **1.1 – O espaço geográfico e o contexto sociocultural:** breve histórico do adensamento do bairro Mato Grande

A origem do nome Mato Grande está diretamente vinculada ao tipo de mata cerrada que existia no local no início do adensamento do bairro. Por mais óbvia que seja essa relação, tal informação cumpre o papel de informar que o referido bairro estava, inicialmente, integrado na zona rural da cidade de Canoas. Dioclécio Bitencourt, em pesquisa realizada por Penna; Corbellini; Gayeski, recorda que nos anos de 1960 o bairro era só matagal. Segundo Dioclécio, “o nome era certo, porque

era mato. Ali não enxergava nada. Ali era mata virgem. Aqui tinha animais como o guará, o cervo...”<sup>11</sup>. Maria Isabel da Silva, presidenta da Associação dos moradores do bairro Mato Grande, contribui com a pesquisa de Penna, dizendo que:

Aqui sempre foi considerada área rural. Não fazia parte do mapa da cidade como centro da cidade. Eu acho que é o bairro mais próximo do centro de Canoas. E era zona rural. Isso por causa das chácaras. [...] Onde está a CONAB e do outro lado da rua, era tudo mato.<sup>12</sup>

Pedro Adão Marcelino, conhecido no bairro como “Xirú”, contribui dizendo que no final dos anos 1940 existiam somente as casas construídas pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários – IAPI. As construções de outras casas ainda eram bastante incipientes. Xirú conta que existiam no bairro em torno de, cinquenta casas construídas pelo IAPI e o resto era só mato e campo. Xirú continua dizendo que:

De frente às residências, onde é a CONAB, ali era um campo onde invernavam gado para depois matar no matadouro. Onde hoje, e por incrível que pareça estão construindo o Central Park, um monte de casas bonitas que estão ali, antes era uma granja de plantação de arroz. Ninguém acreditava que ali seriam construídas essas casas.<sup>13</sup>

Com o passar do tempo foram ocorrendo desdobramentos do processo de crescimento do bairro e as lutas pelo espaço na cidade foram se intensificando. Penna informa que “Canoas é uma das cidades do Rio Grande do Sul que possui o maior número de ocupações irregulares de casas e terrenos”<sup>14</sup>. A autora apoia-se em pesquisa realizada pela arquiteta Iara Marina Waengartner que identifica o processo de crescimento de Canoas nos anos cinquenta do século passado, por conta de “correntes migratórias de Porto Alegre e interior e foram atraídas pelo oferta de trabalho e pelo baixo custo dos terrenos, comparado com a capital”<sup>15</sup>. Waengartner diz que:

A partir de sessenta, o município passou a ser o “relais” de distribuição demográfica, especialmente para novas áreas de expansão, a partir de

<sup>11</sup> PENNA, Rejane; CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel. **Canoas – Para lembrar quem somos:** Mato Grande: onde o urbano e o rural se encontram . Canoas – RS: Kroma, 2003. p. 20.

<sup>12</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 21.

<sup>13</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 22.

<sup>14</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p.76.

<sup>15</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 21.

Porto Alegre; A alta taxa de crescimento apresentada, a geração de empregos, o crescimento dos setores secundário e terciário, no entanto, fizeram com que a cidade, nos anos setenta, já apresentasse pontos críticos a equacionar. O que eu tenho a dizer com isso é que desde essa época, com esse desenvolvimento e esse impulso que Canoas teve com essa implantação de indústria, foi gerada uma série de problemas.<sup>16</sup>

Danielle Heberle Viegas, em sua pesquisa de mestrado, traz à tona importante informação sobre o adensamento da cidade de Canoas na metade do século XX. A autora diz que de acordo com os dados fornecidos pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, FEE, “em 1940, Canoas possuía 17.630 habitantes; em 1950, a estimativa era de 39.826 moradores; em 1960, já se contabilizava que mais de 100.000 pessoas residissem na cidade”<sup>17</sup>. A autora, apoiada no estudo sobre demografia, migrações e urbanização de Paulo Roberto Rodrigues Soares, analisa que:

O principal fator do incremento populacional de Canoas à época foi a deflagração de um intenso processo migratório, seguindo indícios já verificados em décadas anteriores de que o Município era um pólo concentrador de moradia e, em menor escala, de trabalho. Cogita-se, ainda, que a mobilidade populacional relacionada à Canoas inscreveu modificações na paisagem urbana da cidade a partir de práticas diversas instituídas pela presença de migrantes, tendo em conta que a urbanização relaciona-se a “um conjunto mais extenso de mudanças na sociedade desencadeado por processos de modernização econômica, social e cultural”.<sup>18</sup>

Penna informa que havia uma grande demanda de pessoas que se deslocava de seus locais de origem em busca de habitação em centros maiores, no entanto, as administrações não conseguiam atender essa demanda por meio de políticas habitacionais efetivas. De igual forma, as cidades não conseguiam absorver esse elevado contingente que chegava para o interior dos centros urbanos, em busca de uma melhor qualidade de vida. O resultado disso, conforme a autora, “foi um quadro de baixa qualidade de vida e de crescentes tensões sociais”<sup>19</sup>. Em se tratando especificamente do bairro Mato Grande, Penna destaca que com o passar do tempo um novo fato foi observado no bairro: o bairro nunca foi habitado por

<sup>16</sup> WAENGARTNER *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 76.

<sup>17</sup> VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o (s) passado (s) e o(s) futuro (s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929 – 1959). 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Fac. de História, PUCRS. Porto Alegre, 2011. p. 114.

<sup>18</sup> SOARES *apud* VIEGAS, 2011, p. 114.

<sup>19</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p.77.

peessoas ricas. A autora segue dizendo que atraídos pela oportunidade de trabalho muitas famílias chegaram ao bairro e começaram a viver em condições muito precárias. Com o decorrer do tempo, novas ocupações foram acontecendo, potencializando o sistema de urbanização informal. Para Jurandir Maciel, as ocupações “eram casas de pessoas que vieram trabalhar, [...] por isso começaram a se estabelecer na rua Araçá. Mas não eram becos, eram ruas, que eram as passagens, que as pessoas iam fazendo”<sup>20</sup>. Penna ressalta que a urbanização informal, “com ruas sendo desenhadas sem alinhamento pelos próprios moradores e pequenas casas, denominadas de casinhas pelos antigos moradores do bairro, originou a atual favela da rua Araçá, antiga favela da República, até os trilhos”<sup>21</sup>.

Segundo Soccol, com a existência de muitos becos no bairro, as invasões das chácaras e as ocupações irregulares começaram a se configurar uma realidade de risco para as famílias que se instalaram no bairro de forma irregular e até mesmo aquelas que estavam em situação regular<sup>22</sup>. Jurandir Maciel relata os perigos dessas ocupações irregulares:

Nós temos aqui a rua Araçá, tem os trilhos, tem o muro dos trilhos. As pessoas começaram devagarzinho a botar uma casa para o lado de cá, que fica bem dentro do valo dos trilhos, que fica com a divisa do trilho e este muro. Botaram uma casa, botaram duas, três, quatro. Hoje tem lá umas trinta a quarenta casas, morando assim numa condição sub-humana inaceitável. É um local insalubre, é um valo, porque o que separa essas famílias dos trilhos é o valo. Têm famílias morando aqui no Arroio Araçá, numa condição sub-humana e continuando na Araçá, principalmente aqui na divisa com o Mato Grande e Fátima.<sup>23</sup>

É importante destacar sobre a Vila Araçá que, atualmente, o número de construções irregulares é bem maior do que o observado por Jurandir Maciel, que faz suas análises considerando a década de sessenta do século XX. Atualmente, a Vila Araçá possui, além de diversas construções irregulares, vários becos que, inclusive, servem de rota de fuga para os traficantes que se instalaram na vila, potencializando, assim a violência naquele lugar. Sobre a violência no bairro Mato Grande, em decorrência desse aumento populacional, Carlos Volmar Lanes dá importante contribuição:

<sup>20</sup> MACIEL *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 77.

<sup>21</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p.77.

<sup>22</sup> SOCCOL *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p.77.

<sup>23</sup> MACIEL *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 79.

Quando vim para cá, a própria população era bem pequena. Cresceu bastante. O maior crescimento foi nos anos noventa. E vieram juntos os problemas, a violência aqui no bairro é gerada por rixas, vamos dizer, tem uma gang na Rua Araçá, que tem problema com o pessoal da Harmonia, Cerne. Quando eles vêm para cá começa o tiroteio. Hoje também está havendo assalto nos trilhos, onde passa o trem nas Ruas Santo Antônio e Rua da República.<sup>24</sup>

A diretora de escola Tatiana de Oliveira destaca na pesquisa de Penna que o maior perigo no bairro Mato Grande é exatamente nos trilhos da vila Araçá. A diretora diz que ali é uma parte perigosa do bairro. Penna destaca que um dos motivos alegados pelos moradores no que diz respeito à perda de tranquilidade no bairro é a ligação com outras comunidades maiores e inseguras. De acordo com Dorival Wobeto: “é o fundão da Mathias com o Elo Perdido, ali no fundão da Rio Branco. Ficou ruim, ficou pesado agora”<sup>25</sup>. Segundo Wobeto essa ligação seria responsável pelo avanço da violência no Mato Grande.

Para Mário Finkler, antes era possível chegar ao bairro com carro e com dinheiro no porta luvas. “Hoje não posso garantir nem pelo carro nem pelo senhor e nem por mim, (...), mudou. Justamente porque cresceu demais e de maneira desorganizada e com o cinturão de miséria, né ? É disso que vem”<sup>26</sup>.

O crescimento desordenado no bairro Mato Grande, de acordo com as falas acima, é responsável pelo aumento da miséria e violência no bairro. A cada dia é possível observar um novo barraco sendo levantado na vila Araçá, por exemplo. Como não existe a presença do poder público na fiscalização daquela área, novos moradores vão se instalando na vila e aumentando os conflitos na mesma. Trata-se de terrenos grandes que são cedidos por parentes ou amigos para as construções irregulares. O ex vereador da cidade, Ricardo Maciel, diz que, apesar de existirem projetos de reassentamento das famílias que ali residem, a Vila Araçá é a única das ocupações irregulares de Canoas que ainda não foi regularizada<sup>27</sup>. Com o passar do tempo os problemas, decorrentes dessas ocupações, foram aumentando.

---

<sup>24</sup> LANES *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 82.

<sup>25</sup> WOBETO *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 82.

<sup>26</sup> FINKLER *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 82.

<sup>27</sup> Conversa informal com o ex-vereador Ricardo Maciel, registrada em diário de campo, no dia 12/01/2017. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 01.

Foto 02 – Construção irregular no entorno da vila Araçá/2016



Fonte: Arquivo Particular

Essas ocupações irregulares foram responsáveis por tornar o local ainda mais precário em todos os aspectos. Durante as observações, por ocasião da pesquisa, foi possível conhecer uma senhora paraplégica morando num barraco em condições sub-humanas. Após várias visitas ela contou que um de seus dedos foi mordido por ratos durante a noite e devido à gravidade do ferimento teve que amputar o dedo. A sua casa possui apenas um compartimento com uma cama, um fogão, uma geladeira e uma televisão. Esta senhora não consegue se levantar da cama e o lixo, decorrente da sua alimentação e higiene, é espalhado por todo o compartimento produzindo um odor muito forte e atraindo ratos e insetos. É nesse quadro degradante que sobrevive uma senhora de 62 anos e seu esposo. Após seu relato e tratativas junto a parceiros do projeto Trilhos Sonoros, conseguimos construir uma nova casa para esta senhora amenizando, assim, seu sofrimento e permitindo que a mesma possa ter um mínimo de dignidade no atual contexto de

abandono e espoliação em que vive. Antonio Carlos Costa ao comentar sobre a pobreza presente nas periferias, escreve que:

Pobreza é mais que renda baixa. Ela significa o homem ser privado de expressar a beleza da imagem e semelhança de Deus por ter seu talento, sua habilidade e sua inteligência atrofiados pela falta de acesso aos bens desta vida. É pobre quem, apesar de ter o que comer e com que se vestir, vive em bairros imundos, não tem acesso à educação de qualidade, teme andar na rua por medo da violência, está exposto a doenças crônicas e à morte por conta da quase inexistência de um bom sistema hospitalar.<sup>28</sup>

Outrossim, o crescimento dessas ocupações irregulares potencializaram a criação de grupos rivais na própria vila que disputam entre si as áreas para o comércio da droga. Por sua vez, isso acaba aumentando a violência na vila. A mãe de uma integrante da orquestra Trilhos Sonoros relata o seguinte:

Aqui não é um lugar bom para criar as crianças. Eu não deixo eles soltos na rua porque tem muita violência aqui na vila. Muito tiro. Nós vimos um rapaz sendo morto aqui na frente de casa com um tiro. Tudo isso por causa da droga. Meus filhos ficam sós dentro de casa. A gente não tem muito contato com vizinhos. É cada um no seu canto. Se eu pudesse eu sairia daqui.<sup>29</sup>

Essa mãe diz ainda que “às vezes os traficantes proíbem a entrada na vila durante a noite. Daí eu não deixo a minha filha vir para casa depois do trabalho. Ela vai dormir na casa da colega, em outro bairro”<sup>30</sup>. Conforme relato das famílias entrevistadas, há casos recorrentes de agressão, tentativas de homicídio e morte na Vila Araçá. A mãe de duas crianças da oficina de flautas relata que ela própria já viu e foi vítima, na sua própria casa, de tentativa de assassinato. Ela conta que arrombaram sua casa procurando por seu companheiro e percebendo que ele não estava, começaram a atirar.

Eu estava sentada aqui na sala e de repente empurraram a porta e começaram a atirar para todo lado. Eu peguei sete tiros, mas ainda consegui chegar à casa de meu irmão que me levou para o hospital, daí eu apaguei. Eu estava com sete meses de gravidez. Os médicos conseguiram

---

<sup>28</sup> COSTA, Antônio Carlos. **Convulsão protestante**: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. – São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 227.

<sup>29</sup> Entrevista com responsável 01 dos alunos da oficina de flauta doce, realizada no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 01.

<sup>30</sup> Entrevista com responsável 01 dos alunos da oficina de flauta doce, realizada no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 01.

salvar o bebê e eu fiquei um mês em coma. Uma das balas pegou no meu filho e quase ele morre dentro da minha barriga ou fica aleijado.<sup>31</sup>

Ao mesmo tempo em que essa mãe relatava o ocorrido, ela mostrava as marcas das balas no seu corpo e a grande marca nas costas de seu filho. Hoje, com sete anos e flautista da orquestra Trilhos Sonoros, essa criança e sua mãe carregam consigo as marcas da exclusão e da violência. Um abaixo assinado foi elaborado pelos moradores do bairro solicitando providências da Secretaria de Segurança de Canoas no que diz respeito aos casos de violência. Um trecho do abaixo assinado diz o seguinte:

Solicitamos às autoridades competentes, a implementação de rondas policiais principalmente aos finais de semana e noite, como atenção especial, sugerimos uma câmera de segurança pública entre as ruas Alameda das Corticeiras e Republica. Nestas ruas citadas, tem ocorrido junção, pichação, pequenos furtos a veículos conforme diversas ocorrências policiais, tráfico de drogas, rachas de veículos, som automotivo em alto volume e locais que produzem eventos, cujo o acesso a bebida de álcool a menores é liberado. Também existe a escola Rio Grande do Sul, bem de esquina com estas ruas, que presencia a esta realidade. Uma câmera de segurança pública neste local, também atingiria a entrada desta escola, visando maior segurança aos professores, pais e alunos. Nós abaixo assinados, residentes e domiciliados no bairro Mato Grande, rua Alameda das Corticeiras e arredores, solicitamos as autoridades competentes, atenção à nossa região.<sup>32</sup>

O problema da violência na Vila Araçá é crônico e percebido de forma natural pelas crianças que integram o projeto Trilhos Sonoros. As crianças que participam do projeto Trilhos Sonoros e residem na Vila Araçá, em geral, têm histórias relacionadas à violência na vila. Muito mais que histórias, essas crianças têm traumas facilmente percebidos em suas falas, como é o caso de uma aluna de nove anos que, em uma das viagens da orquestra Trilhos Sonoros, relatou para mim o seu medo de morrer em decorrência da violência. Outro integrante da orquestra Trilhos Sonoros de 13 anos disse o seguinte:

Às vezes a gente tá jogando bola no campinho e os “pedreiros” passam por lá e pedem dinheiro. Daí eu fico com medo. A gente escuta muito tiro aqui

<sup>31</sup> Conversa informal com mãe de aluna da oficina de flauta doce, registrada em diário de campo, no dia 16/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Diário de Campo/ Conversa informal nº 02.

<sup>32</sup> Abaixo assinado encaminhado pelos moradores do Mato Grande à Secretaria de Segurança de Canoas, disponível em <http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR90578>, acesso em 17/01/2017.

de casa e fica com medo. A gente quase nem sai na rua de noite. Eu queria sair daqui e ir para um lugar que não tenha tiro.<sup>33</sup>

Um aluno de apenas oito anos que integra as oficinas de flauta doce disse que já viu briga na frente de casa e que isso dá medo porque “sempre que eles brigam eles têm uma faquinha no bolso”<sup>34</sup>. Os relatos acima reforçam a ideia de que com o aumento das ocupações irregulares, a pobreza e a violência foram gradativamente aumentando no bairro, em especial na Vila Araçá onde se concentra a maioria das crianças atendidas pelo projeto Trilhos Sonoros.

A Vila Araçá é, também, de depósito de lixo doméstico e entulhos. É comum presenciar carros, carroças e, até mesmo, caminhões depositando, de forma irregular, lixo no entorno dos trilhos. Quem passa pela frente da Vila Araçá, frequentemente presencia o descarte irregular de lixo. Apesar de a prefeitura regularmente limpar o local, a população continua jogando lixo na área. Esse descarte irregular, por sua vez, acaba sendo responsável pela infestação de ratos e insetos e risco iminente de doenças, em especial, nas crianças que após cada novo descarte correm para separar aquilo que lhes interessa. Sobre o descarte irregular do lixo no local, um morador, em conversa informal quando questionado sobre o porquê que depositava o lixo naquele lugar, disse o seguinte: “Eu moro aqui há 17 anos e sempre foi assim”<sup>35</sup>. Após a resposta dada, o rapaz deu continuidade ao descarte irregular do lixo.

---

<sup>33</sup> Entrevista realizada com aluno 01 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 01.

<sup>34</sup> Conversa informal com integrante da oficina de flauta doce, registrada em diário de campo, no dia 16/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 03

<sup>35</sup> Conversa informal com morador da vila Araçá registrada em diário de campo no dia 12/12/2016. Arquivo eletrônico da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 04

Foto 03 – Lixo na entrada da vila Araçá



Fonte: Arquivo Particular

Como ocupação irregular de Canoas, a Vila Araçá, no bairro Mato Grande, configura-se como cenário degradado e desumano. A miséria e a violência em que vivem aquelas pessoas chama a atenção daqueles/as mais atentos/as para um compromisso real com Deus e com o próximo. Não há como ignorar essa realidade e nem as condições sub-humanas em que vivem àquelas pessoas. Há uma necessidade premente, diante do cenário apresentado, de um agir em compaixão em favor dessas pessoas a fim de que essa realidade degradante possa ser modificada.

### **1.2 – O perfil da comunidade atendida pelo projeto:** as marcas da exclusão e o estigma de morar na periferia

Desde a minha graduação em música tive a oportunidade de estar inserido em espaços periféricos trabalhando com crianças e adolescentes. Essa inserção permanente na periferia me possibilitou a criação de vínculos fortes com essas crianças. Por sua vez, essa criação de vínculos, que envolvia o estar junto em família para tocar em um recital, o sair para passear, o participar junto de refeições,

oportunizou certa percepção sobre essas crianças e suas famílias no que diz respeito às suas perspectivas de vida, seus anseios e dificuldades. Assim, foi plenamente possível, a partir das falas das crianças e do próprio contato com a família no dia a dia, perceber o perfil dessas comunidades. A partir dessa percepção todo o trabalho de educação musical, no que diz respeito às especificidades metodológicas, foi estruturado no sentido de melhor atender essas comunidades. Sobre essa criação de vínculos, Clodovis Boff dá importante contribuição dizendo que

Antes de qualquer trabalho com o povo, importa - e é bom aqui repeti-lo - estar, de alguma forma ou de outra, inserido no meio do povo. É preciso estar participando de sua vida, nem que seja apenas por contatos e visitas. É só a participação na vida e na luta do povo que dá base a uma pessoa ou agência começar um trabalho junto a ele. Pois é só dessa maneira que uma pessoa ou agência ganha a confiança do povo e adquire poder de convocação e mobilização popular.<sup>36</sup>

Dessa forma e, considerando essas experiências anteriores, a partir deste tópico será descrita, ainda que de forma sucinta, o perfil da comunidade atendida pelo projeto Trilhos Sonoros. No decorrer da tese esse perfil será retomado com o objetivo de enfatizar a necessidade de uma construção **com** a periferia e não apenas **para** a periferia. É preciso dar voz à periferia e escutar o que eles/as têm a nos dizer. Somente conhecendo é possível transformar. Uma aplicação imposta, sem a participação efetiva da comunidade, pode resultar em constrangimento para o educador musical, bem como em frustração e incredulidade da comunidade assistida. Portanto, a partir daqui e baseado nas informações colhidas nas entrevistas e conversas informais, trataremos de traçar um breve perfil dessa comunidade dialogando com autores que discutem a mesma problemática.

A pesquisa realizada na vila Araçá possibilitou uma observação a partir da inserção no contexto. Assim, ao entrar diariamente na vila, foi possível observar o pai saindo, cedo, com o filho mais velho empurrando um carrinho ou numa carroça para fazer a coleta de materiais recicláveis e a devida seleção dos mesmos. Ao mesmo tempo, foi observado que a mãe, tentando aumentar a renda familiar, também saía cedo para o trabalho, em geral, como diarista ou serviços gerais, conforme relatado nas entrevistas. Há casos, muito recorrentes, onde até a avó

---

<sup>36</sup> BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com o povo**. Petrópolis. Vozes. 1986. p. 55

contribui com a renda da família submetendo-se a jornadas longas de trabalho e atividades para além de sua capacidade física. Outrossim, encontramos famílias encaminhando os filhos desde cedo para exercerem alguma atividade remunerada. Em alguns casos, a mãe ou a avó levava suas filhas para ajudar nos trabalhos de diarista.

Durante o desenvolvimento da pesquisa tive o contato com uma família onde a avó não permitia que suas netas participassem regularmente dos ensaios. A justificativa dela era que suas netas precisavam ajudá-la no seu trabalho de diarista, bem como cuidar das crianças de sua patroa. Para aquela senhora as adolescentes precisavam ajudar no orçamento familiar. Pouco a pouco uma de suas netas foi abandonando o projeto e, atualmente, trabalha em um supermercado como embaladora. Em uma das conversas com a adolescente, ouvi o seguinte comentário: “eu preciso trabalhar pra ajudar a vó e meus irmãos. Eu não vou ir mais para os ensaios do projeto porque é no sábado e eu tenho que ir trabalhar com a vó”<sup>37</sup>. (sic)

Essa necessidade de trabalhar e ganhar dinheiro é inculcada na criança desde cedo. A criança observa seus irmãos mais velhos trabalhando e acaba copiando esse modelo. Participar de projetos sociais que não oportunizem uma remuneração básica, não é visto com bons olhos por algumas famílias. Em geral, as crianças ficam nesses projetos até serem inseridas em uma atividade remunerada. Quando conseguem uma inserção, logo abandonam o projeto.

Outra aluna de 14 anos foi pressionada pelo pai a procurar um trabalho caso contrário não poderia mais fazer parte do projeto. É possível observar, nos casos citados, que de um lado está a necessidade da família em aumentar a renda e, do outro lado, a preocupação dos pais no que diz respeito ao envolvimento de seus filhos com a marginalidade. A última aluna a sair do projeto disse:

Sor, meu pai não deixa mais eu participar do projeto. Só se eu conseguir um trabalho pra mim. Ele não quer que eu fique o dia todo lá na vila, porque ele tá preocupado que eu fique na rua. Ele disse que se eu não conseguir um trabalho, ele vai me mandar pra casa da minha tia em Criciúma.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Conversa informal com aluna do projeto, registrada em diário de campo, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 05.

<sup>38</sup> Conversa informal com aluna do projeto, registrada em diário de campo, no dia 10/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 06.

Para muitos pais, o envolvimento de seus filhos com o trabalho impedirá que os mesmos fiquem na rua ociosos e vulneráveis às ações marginais. Os pais procuram envolver os/as filhos/as em uma atividade que possa gerar renda para a família e, ao mesmo tempo, garanta o seu afastamento da marginalidade. Sobre isso, Oliveira diz que:

Muitas famílias conjugam a necessidade da colaboração dos filhos na manutenção da família e a percepção do trabalho como um valor, inclusive pedagógico, contraposto à marginalidade e à vida do crime.<sup>39</sup>

Na minha experiência com projetos na periferia já recebi vários responsáveis que repetem o mesmo discurso de que procuram alguma atividade para os filhos que possa afastá-los das más influências. O discurso de que a violência na periferia tem vitimado muitas famílias e, ainda, que o consumo de drogas é muito presente no dia a dia, é recorrente nas falas dos responsáveis. Recebi uma avó que cuidava de um neto de dez anos, muito preocupada com o futuro dele, a qual me disse:

O pai dele morreu há três anos pelas drogas e a mãe também. Eu não quero que ele entre nesse caminho que tem destruído a nossa família. Apesar de tantos conselhos que eu dei para o pai dele, ele não quis me obedecer e acabou com a própria vida. Eu sempre me sacrifiquei pelos meus filhos, mas eles não me ouviram. Eu quero ensinar o meu neto a não seguir o mesmo caminho.<sup>40</sup>

A fala dessa avó reflete claramente a sua preocupação em relação ao neto no que diz respeito ao seu envolvimento com as drogas, mas, também, reforça a necessidade de intervenção social a partir de ações práticas na periferia. Ao procurar um projeto sociocultural para inserir seu neto essa avó está pedindo ajuda e, ao mesmo tempo, legitimando o projeto social como uma ação que pode oferecer ao seu neto uma opção real de fuga da rotina perversa das drogas.

Ocorre ainda que, por precisarem ficar uma longa jornada fora de casa, os pais não conseguem acompanhar os filhos em suas atividades diárias. Há muitas situações em que as crianças e adolescentes, longe de qualquer cuidado ou proteção, têm seus direitos violados sendo exploradas em troca de algum dinheiro.

---

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Anazir Maria de *et al.* **Favelas e as organizações comunitárias**. Coordenação: Cyntia Paes de Carvalho. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>40</sup> Conversa informal com avó de aluno registrada em diário de campo, no dia 05/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 07.

Em outros casos, é possível observar crianças e adolescentes transitando diariamente na vila em risco pessoal e social permanente. Aos poucos essas crianças acabam sendo cooptadas pelo tráfico e envolvidas diretamente em ações criminosas. Julia Ventura afirma que

A qualquer momento um jovem em situação de risco pode ceder à sedução exercida pelo mundo do crime, não só por ele oferecer as oportunidades de ganho financeiro mais imediato, mas também por proporcionar o pertencimento a esferas de prestígio social no mundo da favela.<sup>41</sup>

Durante minhas andanças na vila tive a oportunidade de presenciar adolescentes trazendo celulares e mostrando para seus pais, os quais reagem àquela situação com muita naturalidade. Essa prática se torna tão natural no ambiente familiar que o adolescente acaba sendo seduzido pela facilidade do mundo do crime. A lógica é simples: se não sou repreendido pelos meus pais, se essa ação me garante um retorno financeiro imediato e um prestígio na vila, logo, vou investir no crime. Sobre isso, Júlia Ventura argumenta que:

O crime se torna, por um lado, um meio econômico de vida, e forja, de outro, um mercado próprio, responsável por construir um estilo cultural específico baseado em necessidades subjetivas de pertencimento social e reconhecimento identitário.<sup>42</sup>

À medida que esse adolescente percebe certa legitimidade social de suas ações dentro de sua comunidade, mais ele vai se envolvendo no mundo do crime, o que acaba por conduzi-lo, definitivamente, ao tráfico como base de sustentação organizada para suas atividades ilícitas. A tia Cleusa, responsável por um trabalho assistencial com as crianças do bairro, me relatou, em conversa informal registrada no diário de campo, o seguinte:

Outro dia eu entrei na vila com meu esposo e vi duas crianças entregando drogas para um homem dentro de um carro. Depois que eles deram a droga eles correram para o beco e os homens se foram embora. Tem muita

---

<sup>41</sup> VENTURA, Júlia. Constrangimentos ao sonho: sobre as perspectivas de futuro de crianças e adolescentes moradores de favelas. *In*; PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS Marcelo Baumann (Orgs). **A Escola e a Favela**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009. p. 226.

<sup>42</sup> VENTURA 2009, p. 227.

criança que já está envolvida com a droga. Eu falo para os pais do perigo que tem eles ficarem na rua, mas eles não ligam. A gente faz o que pode.<sup>43</sup>

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda argumenta que os menores infratores, em geral, nascem nas parcelas mais pobres da classe trabalhadora. Este autor, sustenta ainda que:

Essa população desenvolve estratégias de sobrevivência (relações com outras pessoas ou grupos visando situar-se numa hierarquia de status e prestígio e num posicionamento no sistema produtivo que propicie sua participação nos benefícios da sociedade), marcadas pela precariedade das soluções encontradas e por seu caráter, por vezes, delituoso.<sup>44</sup>

Arruda, explica que a necessidade de engajamento nessa dinâmica imposta pelo processo de acumulação capitalista, acaba produzindo um excedente populacional para atender as necessidades imediatas do capital. Para Arruda essa população pobre “sobrevive de subempregos, empregos intermitentes, mendicância e toda e qualquer oportunidade de garantir a sobrevivência, incluindo aí as atividades consideradas criminosas”<sup>45</sup>.

Essa dinâmica social legitima o consumo e o tráfico de drogas como meio econômico de vida; atrai para a comunidade a presença ostensiva da polícia; potencializa a violência, que ocorre a partir da briga constante de grupos rivais pelo domínio do território e desencadeia uma rotina de assaltos a mão armada nas proximidades da periferia. Tudo isso associado ao constante confronto de traficantes com a polícia, acaba afastando as ações de intervenção social na periferia. A periferia passa a ser excluída de ações mais efetivas e permanentes do poder público no sentido da implementação de políticas públicas que oportunizem às crianças e adolescentes atividades de formação, lazer e culturais. Ao invés disso, o poder público intensifica as ações ostensivas da polícia com vistas a combater o tráfico. No entanto, essas ações, de caráter repressivo, apenas reforçam o estigma de que a periferia só tem gente que não presta.

Outrossim, a atuação policial na periferia se caracteriza pelo autoritarismo e desrespeito aos moradores. As buscas e apreensões na vila e nos barracos

---

<sup>43</sup> Conversa informal com a tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 19/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 08.

<sup>44</sup> ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Pequenos Bandidos**: um estudo sobre a gestação dos meninos infratores na cidade de São Paulo. São Paulo: Global. 1983. p. 17.

<sup>45</sup> ARRUDA, 1983. p.19.

ocorrem, em geral, sem mandado judicial e são feitas de forma truculenta não poupando ninguém que esteja por perto. Por se tratar de morador da periferia a polícia logo trata de associá-lo ao crime, principalmente se for negro. Ao tratar sobre os jovens negros que residem nesses contextos periféricos Oliveira diz que os mesmos, em geral, “comumente são considerados como alvos principais da ação policial. Sobre eles recai, com maior vigor, todo o peso da discriminação social, que os estigmatiza como criminosos potenciais”<sup>46</sup>. Para a polícia esse morador é sempre bandido em potencial. Esta autora afirma que: “A violência policial corresponde ao preconceito da população em geral, inspirada na ideologia dominante que identifica favela, pobreza e crime”<sup>47</sup>. Esse preconceito foi constatado por mim e por dois alunos do projeto que, ao se dirigirem para o centro da cidade para fazer cópia de umas partituras, foram abordados por dois policiais que, de forma truculenta, algemaram um dos adolescentes e conduziram os dois para dentro da viatura, sob ameaças. Os adolescentes relataram o seguinte:

A gente tava indo ao centro fazer a “xerox” da partitura que tu deu para nós estudar. Nós fomos andando. E lá no centro alguém gritou de porco e os brigadianos pensaram que foi para eles. Como a gente estava perto, eles pegaram a gente e colocaram na viatura. Lá dentro da viatura eles começaram a ameaçar, forçando a gente a dizer que nós que gritamos de porco. E aí eles disseram que iam dar uma passeada com a gente. Depois de muito tempo eles levaram a gente para delegacia. Daí o pai foi lá conversou com a policial que liberou a gente.<sup>48</sup> (sic)

No dia do ocorrido fui acionado pelo irmão mais velho e entrei em contato imediatamente com a polícia buscando informações sobre os adolescentes. O policial de plantão informou que eles foram conduzidos para a delegacia, no entanto, os mesmos não haviam chegado até àquela hora. Depois de algumas horas, eles chegaram à delegacia e um dos adolescentes apresentava escoriações nos pulsos, decorrentes das algemas. Esse evento foi extremamente traumatizante para todos por se tratar de dois adolescentes tranquilos, com boa educação familiar e obedientes. Em conversa com um dos adolescentes, após o ocorrido, ouvi a

---

<sup>46</sup> MINAYO; PAOLI *apud* OLIVEIRA, 1993. p. 50 -51.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, 1993. p. 50.

<sup>48</sup> Conversa informal com aluno integrante da orquestra, registrada em diário de campo, no dia 18/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 09.

seguinte declaração: “Eu acho que foi uma injustiça com a gente. A gente só estava indo fazer a “xerox” da partitura. Por que eles vieram logo com a gente?”<sup>49</sup>

O mundo da periferia só é percebido na sociedade, em geral, quando a imprensa noticia casos de violência, tráfico de drogas, entre outras notícias que fazem com que a periferia seja vista como um inferno social. A imprensa potencializa essa ideia de que naquele cenário urbano não há nada de bom. Essa ideia vincula a criminalidade à periferia fazendo com que os moradores do centro da cidade reforcem seus preconceitos sobre aquele lugar. Outrossim, os próprios moradores da periferia sentem-se discriminados por essa carga negativa que lhes é imposta por residirem ali. Oliveira, muito oportunamente, diz que a imprensa divulga a criminalidade desses contextos, no entanto, trata o crime com menos ênfase em outros meios sociais. A dimensão fraterna e solidária que existe na periferia não é veiculada pelas mídias sociais. A autora escreve que: “Priorizam-se as notícias sobre a violência, [...], não divulgando com a mesma ênfase o cotidiano da favela e de suas organizações comunitárias”<sup>50</sup>.

Essas organizações comunitárias tentam, a duras penas, minorar as graves demandas de exclusão e violência existentes na periferia, como casos de violência doméstica e abuso sexual, tráfico de drogas, condições desumanas de moradia e situações de crianças que fazem da vala e do lixo os seus *playgrounds*. Essas organizações lutam diariamente para trazer um pouco de dignidade para os moradores que, em geral, sobrevivem em ambientes desumanos e inseguros.

As crianças e adolescentes que residem na vila são estigmatizadas. Na escola são tratadas de “vileiras” ou outros termos correlatos tão depreciativos quanto aquele. O tratamento já explica um certo distanciamento. Uma aluna do projeto relatou que sofre *bullying* na escola por morar perto da vila. A criança disse o seguinte: “lá na escola eles ficam dizendo que eu sou “vileira”, mas eu não moro na vila. Eu moro perto da vila”<sup>51</sup>. No convívio social essas crianças são vistas como perigosas por estarem cotidianamente num cenário composto pela violência, uso de drogas e pobreza. O contexto degradante onde essas crianças residem as expõe ao lixo e às doenças resultantes da falta de saneamento básico. Um aluno das oficinas

---

<sup>49</sup> Conversa informal com aluno do projeto, registrada em diário de campo, no dia 18/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº09.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, 1993, p.48.

<sup>51</sup> Conversa informal com aluna da oficina de flauta doce, registrada em diário de campo, no dia 12/02/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de campo/Conversa informal nº 10.

de flauta doce disse o seguinte sobre o lugar onde mora: “eu não suporto esse lugar. É muito lixo. Em todo lugar tem lixo amontoado. Aquele campinho era para a gente brincar, mas olha como tá. Só lixo”<sup>52</sup>. É comum encontrar nesses espaços geográficos crianças descalças, sujas e sem muitas perspectivas para a vida. Em pesquisa de mestrado escrevi que:

Associados a uma imagem negativa, os bairros da periferia, são geralmente vistos como um lugar de violência, vulgaridade, carência dos bens essenciais a uma vida com dignidade e outros. Os indivíduos que ali residem são estigmatizados como pessoas com “menos cultura”, em alguns casos violentos, vulgares, perigosos e insensíveis à própria vida.<sup>53</sup>

Chamamos a atenção não apenas para o estigma de morar na periferia, mas para o *déficit* de ações educativas em que se pese a ausência de políticas públicas e ações sistemáticas da igreja na área educacional, bem como a falta de investimentos em projetos sociais que favoreçam a formação profissional e cidadã, a periferia é contemplada ainda, cotidianamente com uma política de segurança repressiva. “A combinação perversa – presença enfraquecida do Estado, junto com a presença ostensiva dos grupos do tráfico ou milícias – leva à impossibilidade de existência de cultura cívica”<sup>54</sup>.

O estigma de morar na periferia potencializa o sentimento de inferioridade que muitas crianças e adolescentes revelam nos seus relacionamentos. As crianças são condicionadas a conviver, cotidianamente, com o estigma de “vileiro” e “favelado”. Essa ideia, em geral, é compartilhada pela sociedade que faz, muito claramente, a distinção entre crianças da periferia e as outras crianças. A esse respeito, Em minha dissertação escrevi ainda que:

Não obstante, essas marcas que são impressas na criança da periferia, a convivência com crianças de outras classes sociais e ainda o recorrente apelo comercial empurra as crianças da favela para o consumo dos produtos da indústria cultural massificados pela mídia, o que representa uma espécie de condição *sine qua non* para uma sensação de igualdade social e enquadramento na cultura globalizada. Neste contexto surgem então os grupos de narcotraficantes que disputam essas crianças não

---

<sup>52</sup> Conversa informal com aluno do projeto, registrada em diário de campo, no dia 19/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 03.

<sup>53</sup> SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. **Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular.** 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013, p. 59

<sup>54</sup> PAIVA, Angela *et al.* **A escola e a favela.** Rio de Janeiro: Pallas, 2009, p. 19.

apenas para o consumo, mas para o serviço do tráfico garantindo assim as condições necessárias para uma projeção, mesmo que ilegal, no que diz respeito a capacidade de consumo e ao sentimento de pertença na cultura globalizada e globalizante. A presença do tráfico, por sua vez, desencadeia a disputa por territórios e “clientes”, o conflito com a polícia que em geral resulta na morte de traficantes e/ou policiais e até mesmo na morte de pessoas inocentes que são vítimas de balas perdidas. Esse cenário acaba por reforçar o argumento de que a favela é um espaço sócio-espacial dominado pela cultura da violência.<sup>55</sup>

A partir desse quadro é fácil entender o porquê de certa dificuldade em desenvolver projetos na periferia. Realmente, o cenário não inspira nenhuma admiração nem produz sensação de segurança e conforto. Pelo contrário, o sentimento é de medo e insegurança. No entanto, é preciso considerar a periferia como lugar de proclamação do Reino de Deus. É preciso estar na periferia, conviver com a periferia, conhecer a periferia e todas as suas particularidades. É preciso sentir o medo, a frustração, a insegurança de estar na periferia. Muito mais do que estar na periferia, é preciso viver a periferia. As pessoas que ali vivem são amadas por Deus e precisam conhecer o seu Reino, mas “como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue”? (Rm 10.14).

---

<sup>55</sup> SOUTO, 2013, p. 61-62.

### 1.3 – Cidadania e outras formas de solidariedade na vila Araçá: nem só das instituições viverá a periferia.

Foto 04 – Comunidade da Tia Cleusa



Fonte: Arquivo Particular

Quem passa pela Rua República, no bairro Mato Grande, logo percebe uma grande casa azul de madeira com dois pisos e uma grande árvore, uma paineira, na entrada da casa. Na frente da casa, em uma das tábuas utilizadas como cerca, está escrito: “Comunidade da Tia Cleusa”. Essa comunidade é conhecida por todos/as no bairro. Trata-se de uma comunidade coordenada por uma senhora de 56 anos que há 32 anos atende crianças e adolescentes e suas respectivas famílias, bem como mendigos e andarilhos que recorrem à sua ajuda.

A tia Cleusa conta que mora no bairro Mato Grande há 33 anos e que durante 16 anos residiu dentro da Vila Araçá tendo se mudado depois para a Rua República que passa em frente à vila, residindo nesse lugar até hoje. Na vila Araçá ela foi fundadora da igreja da Nossa Senhora do Rosário, primeira igreja da vila. Segundo conta a tia Cleusa, após o falecimento de seu filho ela entrou num período de depressão e foi convidada pelo padre para participar das atividades da igreja

recém-inaugurada. Ela foi responsável por captar recursos para erguer a igreja e, conforme relata, foi responsável por cada tijolo da construção. Quando ela percebeu a grande quantidade de crianças ociosas na rua, começou a desenvolver atividades voltadas para as crianças. O objetivo da tia Cleusa era ajudar as crianças e adolescentes que viviam na rua em contato permanente com as drogas. Ela diz o seguinte:

Desde o início da igreja eu tinha uma preocupação em tirar as crianças da rua, do contato com a droga. Quando a igreja começou eu consegui juntar 40 mães que faziam semanalmente trabalhos manuais para vender e ajudar no trabalho com as crianças. Com a mudança do padre houve uma parada nos trabalhos com as mães por que o novo padre tinha uma visão diferente. Ele dizia que não era para trabalhar com os guris porque eles usavam drogas e iam para missa só para roubar. Ele dizia que o meu trabalho era da Cruz Vermelha. Aí eu fui fazer os trabalhos na minha casa e ele disse que isso não era trabalho comunitário porque não era feito na igreja. Eu falei que se eu fizesse na rua ou de baixo da ponte era serviço comunitário. O padre ficou com raiva de mim porque eu fazia o trabalho em casa. Aí a igreja fechou porque todos que estavam lá começaram a frequentar a minha casa. Os adultos que já passaram por aqui sempre vêm falar comigo e dizer que eu sempre dei apoio pra eles. Alguns até hoje me chamam de mãe.<sup>56</sup>

De acordo com a tia Cleusa, os padres só apareciam para rezar a missa. Ela conta que, junto com as crianças, preparava os cânticos e arrumava a igreja e quando os padres chegavam eles rezavam e davam as hóstias. Em tom de desabafo ela conta que naquele tempo estava escrevendo um livro sobre como começou a comunidade e sobre o trabalho que era realizado junto às famílias. “O padre pediu o que eu estava escrevendo. Disse que queria ver e nunca mais me devolveu. Se foi toda a minha história junto”<sup>57</sup>.

Convencida de que tinha uma missão com as crianças tratou de realizar várias atividades voltadas para crianças e adolescentes da vila. Ela conta que em 1990 começou a fazer o mutirão das crianças e relata que:

Juntava todas as crianças e trabalhava com retalinho, tapete, teatro. Uma dessas crianças hoje é dono de empresa de plástico. Naquela época ele teve a oportunidade de estar nas drogas, mas o trabalho com o mutirão envolveu ele e hoje ele é até crente. Todos os que estão aqui, os viciados,

---

<sup>56</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

<sup>57</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa e registrada em diário de campo no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

os traficantes, eles dizem: não mexe com a tia Cleusa porque ela cuida das nossas crianças.<sup>58</sup>

Quando questionada sobre a participação das igrejas do bairro e de outras instituições no apoio à comunidade, a tia Cleusa respondeu que “no começo, nenhuma igreja veio aqui, se envolver. Algumas pessoas traziam voluntariamente suas contribuições, mas não tinha nenhum trabalho feito pela igreja”<sup>59</sup>. A partir do ano de 2009 houve uma participação da Comunidade Evangélica Luterana de Canoas que se envolveu com a doação de alimentos, agasalho e a pesagem das crianças. Atualmente a Comunidade Evangélica tem contribuído com aulas de música que são conduzidas por uma professora da comunidade e envolve as mães das crianças. O atual pastor realiza um culto mensal na comunidade. Segundo a Tia Cleusa, a Igreja deveria se envolver mais com os carentes. Ela diz que:

Muitas pessoas não gostam de trabalhar com o pobre. Quando chegam aqui, prometem que vão fazer e nunca mais voltam. Eu convidei uma igreja para vir aqui em casa fazer algum trabalho, mas eles queriam que as pessoas daqui fossem lá na igreja. Eles queriam que a gente parasse o trabalho aqui e fosse fazer na igreja. E lá a gente não se sentia bem porque o pessoal deixava a gente de lado porque a gente era pobre. Ninguém falava com a gente e isso foi nos entristecendo. Algumas igrejas não gostam do tipo de trabalho que eu faço, mas eu sou livre! Meu maior sonho é ter um salão pra acomodar os trabalhos que eu faço. Eu quero ter um local grande para colocar colchões para abrigar as pessoas do frio. Quero ter palestras para as meninas não usarem drogas. Tem muitas atividades pros guris e não tem pras gurias. Toda a minha família se envolve nos trabalhos. Até a minha mãe ajuda a fazer os trabalhos, meus netos e sobrinhos também. Na verdade é a comunidade da família da tia Cleusa.<sup>60</sup>

Após essa entrevista fomos surpreendidos com sirenes de ambulância e um pequeno tumulto na rua. Ao sairmos da casa da tia Cleusa soubemos que um senhor conhecido como “Grilo” foi encontrado morto no seu barraco. Segundo informações preliminares, “O Grilo” já estava morto há dois dias. Os vizinhos comentaram que ele bebia muito e, provavelmente, morreu alcoolizado com frio.

<sup>58</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

<sup>59</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

<sup>60</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

A Comunidade da tia Cleusa é uma comunidade de resistência que luta para garantir um mínimo de dignidade ao povo da Vila Araçá e seu entorno. Essa comunidade é, atualmente, um centro solidário que recebe e cuida das crianças e mães. Apesar de seus 33 anos de existência, prestando um serviço de extrema relevância para a sociedade canoense, essa comunidade não recebe apoio do poder público, no entanto, cumpre sua missão no cuidado e atenção às pessoas pobres na periferia. Muito embora seja invisível aos olhos do mundo, essa comunidade tem sido visitada pelo Espírito Divino e produzido vida naquele cenário urbano. É recorrente encontrarmos crianças até tarde da noite na sala da tia Cleusa pintando, fazendo algum trabalho manual, comendo ou vendo televisão na sala. A tia Cleusa argumenta que é melhor elas estarem lá do que estarem na rua. Muito mais do que ações assistencialista, a Comunidade da tia Cleusa tem sido responsável pela formação de uma rede de solidariedade que repercute por todo o bairro. É comum observar os carros parando em frente à sua casa com algum tipo de doação. Uns trazem roupas, frutas, cestas básicas, cobertas e colchões e em pouco tempo a casa fica cheia para receber os donativos. Regularmente a tia Cleusa oferece sopão à comunidade e diz, em tom de gratidão: “as vezes eu não tenho nada para fazer o sopão para as crianças, mas, de repente, Deus manda pessoas aqui com aquilo que está faltando. Só Deus mesmo”<sup>61</sup>. Essa é uma das formas que Deus visita essa comunidade. Antônio Carlos Costa escreveu que:

Podemos ver a Graça Divina visitando barracos na favela e fazendo gente iletrada ver o que os que habitam em palácios e ocupam as cátedras de universidades renomadas jamais verão, [...] a pobreza quando interpretada pela fé, é riqueza.<sup>62</sup>

Segundo a mãe de uma aluna das oficinas de flauta, o projeto Trilhos Sonoros e a Comunidade da tia Cleusa são os únicos projetos realizados para as crianças da comunidade. Ela distingue os dois projetos da seguinte forma: “não tem projeto nenhum na vila. Só tem o Trilhos Sonoros e a tia Cleusa. A tia Cleusa é mais ajuda para as crianças e o Trilhos é mais para a formação da criança”<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> Conversa informal realizada na comunidade da tia Cleusa, registrada em diário de campo, no dia 07/06/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 11.

<sup>62</sup> COSTA, 2015, p. 73.

<sup>63</sup> Entrevista com responsável 02 de aluna da oficina de flauta doce, realizada no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 02.

Considerando que o objetivo deste capítulo é descrever, mais especificamente, a vila Araçá não será aprofundado o estudo sobre outras ações realizadas no bairro Mato Grande delimitando, assim, a pesquisa. No entanto, é importante enfatizar, que nesse bairro foi criada em 1986 a Associação dos moradores do bairro Mato Grande que, segundo sua presidenta, Maria Isabel Silva, em pesquisa realizada por Penna, tinha por objetivo trabalhar em prol da comunidade e já desenvolveu algumas atividades junto a comunidade como: “Projeto Agita (ginástica), palestras sobre diabetes e hipertensão, etc, Misturando (dança). Educar para crescer (lutas marciais), Artesanato, entre outros”<sup>64</sup>. Outra organização citada por Penna é a Associação Comunitária do Bairro Mato Grande fundada em 1989. Essa associação conseguiu, naquele ano, a pavimentação e a canalização do esgoto pluvial no local onde ficava a sede da associação. Foi conseguida, também, a rede elétrica e hidráulica para o Mato Grande. Além dessas associações, o bairro contou, em 1991, com a fundação do Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida que a partir da pastoral da saúde fazia a pesagem das crianças do bairro e distribuía sopa para os carentes do bairro. Penna cita ainda a Associação de Agricultores do Mato Grande que juntos produziam “até quinze mil dúzias de alface por semana e exportavam para o Uruguai, além de abastecer a CEASA, em Porto Alegre”<sup>65</sup>.

De acordo com Penna, “a união dos moradores do Mato Grande em torno de uma associação comunitária foi originada pelas dificuldades encontradas em relação à infraestrutura básica”<sup>66</sup>. A respeito da criação dessas associações no bairro Loadi Garcia relata, em pesquisa de Penna, que

Volta e meia a gente ouve falar que tem uma associação, tem isso, tem aquilo, que tentaram fazer, mas acho que não houve nada de positivo, uma participação real, não. Quando alguém precisa de alguma coisa, todo mundo se une e corre um pouquinho e deu. Quando termina aquele problema, termina”<sup>67</sup>.

Independente de uma ação permanente das associações supracitadas, em favor dos moradores do bairro, a Comunidade da Tia Cleusa tem assumido para si a responsabilidade pelo bem-estar das famílias do Mato Grande, em especial das

---

<sup>64</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 43.

<sup>65</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 44.

<sup>66</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 44.

<sup>67</sup> GARCIA *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 46.

famílias do entorno dos trilhos. Sem sede própria e sem estatutos, como as associações, a Comunidade da tia Cleusa, há 33 anos desenvolve o seu trabalho junto às pessoas carentes e, de forma prática e intencional, atualiza o amor de Deus por essas pessoas.

#### **1.4 – O papel das igrejas locais na transformação daquele contexto: discursos versus práticas.**

De acordo com Penna, o bairro Mato Grande não possuía muitos templos religiosos. Mesmo assim, houve uma considerável evolução na prática religiosa dos moradores do bairro, pois “não existia nenhum local específico para a fé, com exceção do templo da Assembleia de Deus e uma casa de Umbanda quando a Capela Nossa Senhora Aparecida instalou-se, em 2000”<sup>68</sup>. Penna conta que àquela época os católicos tinham que frequentar a Igreja Matriz que fica no centro de Canoas. Enilda Berreta diz que, quando criança, caminhavam a pé para a igreja. Ela Complementa dizendo: “Nós pegava os nossos tamanquinhos, porque se ia de pé no chão até os trilhos. Lá nós lavava os pés, botava os tamanquinhos e ia para a igreja. Mas nunca se deixou de ir”<sup>69</sup>. (sic)

Atualmente, só no entorno dos trilhos existem seis igrejas, sendo cinco evangélicas e uma católica. No ano de 2015 foi possível registrar a presença de 10 igrejas que ficavam próximas da Vila Araçá. Uma delas foi fechada em decorrência de um roubo ocorrido onde, segundo informações de um morador da Vila Araçá que frequentava as reuniões: “roubaram os instrumentos musicais e o aparelho de som e o pastor fechou a igreja e se foi para outro lugar”<sup>70</sup>. Pouco depois do ocorrido o pastor responsável por aquela igreja faleceu. As outras duas igrejas eram bem pequenas e ficaram por pouco tempo no local e logo fecharam as portas.

O fato é que no entorno da vila Araçá existem igrejas que, semanalmente, abrem suas portas para a comunidade do bairro Mato Grande e vão se consolidando no bairro como casa de Deus. Contudo, com o decorrer da pesquisa, foi possível observar, de forma mais atenta, as ações realizadas por essas igrejas junto aos moradores do bairro Mato Grande, em especial, da Vila Araçá e ouvir seus líderes e

---

<sup>68</sup> PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p. 26.

<sup>69</sup> BERETTA, *apud* PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2003, p.23.

<sup>70</sup> Conversa informal com morador que frequentava as reuniões, registrada em diário de campo, no dia 20/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 12.

membros sobre as principais ações realizadas por essas igrejas. A líder de uma das igrejas do entorno dos trilhos, que já desenvolve ações há dez anos no bairro, diz que:

O maior desafio encontrado no bairro Mato Grande é a violência. Pelo fato de a igreja estar bem perto da vila, os usuários de drogas vêm aqui na igreja. Eles vêm pedir alguma coisa aqui na igreja, mas não querem ficar para ouvir a Palavra. A igreja sempre foi procurada por esses usuários de drogas. Eles pedem alguma coisa para poder trocar por droga. A igreja chegou até propor que eles ficassem no culto, mas eles não querem. Eles precisam de outro tratamento que é o espiritual.<sup>71</sup>

De acordo com essa líder, a igreja poderia fazer muito mais por essas pessoas se elas frequentassem as reuniões. Contudo, essa líder diz que o maior trabalho feito é na questão espiritual do bairro. Ela conta que quando a igreja se instalou no bairro, ela montava tenda de evangelismo e pregava a Palavra, no entanto, houve uma divisão na igreja que culminou com o encerramento dessas atividades por conta do número reduzido de pessoas para cooperarem no trabalho. Após essa ocorrência, ela relata que: “foi feito um mapeamento espiritual no bairro procurando levantar os pontos críticos. Após esse levantamento, nós saímos para orar e ungir as ruas do bairro”<sup>72</sup>. Conforme a líder, o resultado desse trabalho espiritual foi a redução da violência no local. Ela diz que: “na medida do possível a gente faz encaminhamento para centros terapêuticos, mas não temos isso de entrar nas vilas do bairro”<sup>73</sup>.

Com, aproximadamente 70 participantes regulares, essa igreja, conforme descreve sua líder, é frequentada por pobres, classe média e classe média alta e a visão está focada nas reuniões celulares que acontecem nas casas de alguns membros. Segundo a pastora, “algumas pessoas nunca entrariam na igreja, mas nas casas elas vão, porque a reunião é curta e não tem aquela formalidade da igreja”<sup>74</sup>. A pastora reconhece que há muito a ser feito no bairro, em especial, pelos

<sup>71</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>72</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>73</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>74</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

moradores da vila, mas acredita que a maior contribuição da sua igreja é na parte espiritual. Ela reforça seu argumento enfatizando que:

Hoje tem violência no bairro? Tem, mas não é como antes. Nós fomos assaltados três vezes aqui quando chegamos. Eu percebo que a atmosfera do lugar onde estamos, mudou. Para mim a maior contribuição dessa igreja é na parte espiritual. O espiritual tem contribuído para o progresso local.<sup>75</sup>

Segundo a pastora, a igreja não desenvolve, atualmente, ações sociais no bairro, mas, quando é possível, distribui roupas e alimentos. Ela diz que: “estamos meio parados, mas vamos nos movimentar”<sup>76</sup>. Para a pastora, é notório que essas pessoas da vila estão à margem da sociedade, no entanto, “não há muito que se fazer quando o material humano é pouco”<sup>77</sup>. Para ela, essas pessoas são excluídas da sociedade e precisam de ajuda. Juntar as crianças da vila e desenvolver cursos de profissionalização seria um primeiro passo em busca de uma inclusão social.

Pobreza, violação dos direitos, corrupção, violência doméstica, desigualdades e exclusão não são temas com os quais algumas igrejas se envolvem, haja vista, compreenderem-se, apenas, como agências espirituais desvinculadas das mazelas sociais que vivem as pessoas. A esse respeito podemos observar, como exemplo, inúmeras igrejas que são implantadas na periferia e mantêm um discurso distante do contexto onde estão inseridas. Essas igrejas anunciam o Reino para a eternidade e não conseguem oferecer resistência ao tráfico de drogas na periferia, a pobreza e violência e às outras mazelas sociais. Em entrevista com líder evangélico da vila onde atua o projeto Trilhos Sonoros, ouvi o seguinte relato:

Apesar de nós termos, aqui na igreja, algumas pessoas que estavam presas e usavam drogas eu olho lá pra fora da igreja, aqui na rua, e percebo que tudo continua da mesma forma: os traficantes continuam negociando a droga, a violência continua matando as pessoas aqui perto de nós, a pobreza continua. Eu vejo que lá fora as coisas têm até piorado.<sup>78</sup>

<sup>75</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>76</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>77</sup> Entrevista com líder 01 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 17/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 01.

<sup>78</sup> Entrevista com líder 02 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 20/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 02.

No relato desse evangelista é possível perceber sua preocupação no que diz respeito a uma atuação mais prática naquele contexto que produza, de forma efetiva, as transformações necessárias para as pessoas que ali residem. Ao entrar na Vila Araçá é fácil localizar as duas igrejas que disputam entre si as pessoas que ali residem. São igrejas instaladas bem próximas do lixão onde diuturnamente as pessoas depositam e fazem a seleção do lixo. Durante os seis anos de existência do projeto Trilhos Sonoros a realidade é a mesma: o local ainda é usado para depósito de lixo, o consumo e tráfico de drogas continuam presentes, vitimando homens, mulheres e crianças sem distinção e, em decorrência disso, a presença ostensiva da polícia é permanente e a pobreza, considerando o início do adensamento da vila, foi exponencializada.

A questão é que as igrejas não conseguem oferecer o mínimo de resistência a essa realidade degradante. É como se sua função ou tarefa iniciasse apenas quando são abertas as portas para os cultos regulares onde o pregador discursa por alguns minutos, as pessoas cantam e depois voltam para as suas duras realidades. A sensação que essa igreja produz é de um Reino enclausurado no templo que, somente quando as portas se abrem as pessoas têm acesso a ele. Nesse sentido, limitada a um discurso espiritual, essas igrejas se omitem e não conseguem produzir transformações reais nas pessoas e, muito menos, no contexto onde está inserida. Kjell Nordstoke escreveu que:

Numa sociedade que gera miséria e marginalidade de milhões de brasileiros, a Igreja não pode se limitar apenas ao discurso. [...] O desafio consiste em dar sinais concretos e visíveis de uma compreensão diferente do ser humano e da sociedade civil. Neste sentido, diaconia é denúncia e anúncio de um projeto mais humano e cristão de se relacionar com o outro, com a natureza e a sociedade.<sup>79</sup>

Em entrevista realizada com outra líder evangélica foi possível perceber sua preocupação com a realidade do bairro. A mesma percebe o grande desafio que tem pela frente como igreja, mas, ao mesmo tempo, declara que não tem muito a ser feito pelo fato de a igreja estar começando suas atividades naquele lugar. Ela relata o seguinte:

---

<sup>79</sup> NORDSTOKE *apud* GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos : São Paulo: Paulus Editora, 2001. p.17.

Existe muita necessidade aqui. Tem muitos viciados, pessoas de baixa renda e muitos jovens usando drogas. Acho que as pessoas que mais têm condições poderiam ajudar as pessoas daqui. É o que a gente tá tentando fazer. A gente traz o espiritual e, quando pode, ajuda no material também. A gente sabe que tem muita necessidade e tenta ajudar. Por enquanto, o que a gente tem feito é convidar para o culto. Ainda não tem nenhum trabalho, mas a gente pretende começar a escola bíblica aos domingos e dar um café da manhã para a comunidade.<sup>80</sup>

Essa igreja, segundo informação da diaconisa, iniciou seus trabalhos há, aproximadamente, um ano. A igreja começou com um ponto de pregação e cultos domésticos. A cada reunião, novas pessoas foram se integrando e, atualmente, a igreja conta com 30 membros. Essa igreja realiza suas atividades num lugar improvisado: trata-se de uma pequena sala de, aproximadamente, 8m<sup>2</sup> com chão de terra e em madeira. Ao lado pode-se ver a construção dos alicerces da igreja que, conforme relata a diaconisa, será construída para atender a comunidade local no que diz respeito às demandas espirituais e materiais.

Há, aproximadamente, 300 metros dessa igreja existe outro templo com uma estrutura bem maior. São aproximadamente mil membros, conforme relata um integrante a partir dos dados publicados pela igreja. São realizados dois cultos dominicais mais as atividades que ocorrem durante a semana com os diversos ministérios da igreja. Em conversa informal com o pastor o mesmo disse o seguinte:

Nós já até iniciamos um trabalho junto a essa comunidade. Começamos um trabalho na comunidade da Tia Cleusa, mas ela queria fazer do jeito dela e, então, deixamos de atender essa comunidade. Nós temos outros trabalhos feitos aqui na igreja, mas não temos mais nenhum trabalho lá na vila.<sup>81</sup>

A fala do pastor não enfatizou apenas o fato de a igreja não ter nenhum trabalho realizado na vila, mas demonstrou certo (des)comprometimento e desinteresse em realizar algum trabalho naquela realidade, existente ao lado da igreja. Com uma membresia composta por médicos, vereadores, corretores de imóveis, advogados, professores, assistentes sociais e tantos outros profissionais essa igreja prestaria um serviço de grande impacto àquela comunidade. Sobre o

---

<sup>80</sup> Entrevista com líder 03 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 03.

<sup>81</sup> Conversa informal com líder evangélico, registrada em diário de campo, no dia 14/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de campo/conversa informal nº 13.

potencial das igrejas na transformação dessas realidades de exclusão, Antônio Carlos Costa enfatiza o seguinte:

As igrejas poderiam operar grandes transformações nas comunidades pobres caso se dispusessem a entrar nelas levando o evangelho que ensina o homem a trabalhar tanto para a vida eterna quanto para esta. O potencial que temos é imenso e nenhum movimento social o possui. São milhões de cristãos protestantes espalhados por todo território nacional. Um mar de profissionais que poderiam levar desenvolvimento de habilidades profissionais e consciência de direitos e deveres às regiões pobres do Brasil. Que legado deixaríamos nesses locais de exclusão se ajudássemos as pessoas a se situar no mercado de trabalho e no mundo que as cerca.<sup>82</sup>

Entre os/as líderes entrevistados destacamos uma senhora de 81 anos que há 11 anos atua como pastora e desenvolve ações junto às pessoas do bairro Mato Grande. Ela relata que “as pessoas da Vila Araçá que vêm aqui na igreja, vêm só com interesse de ganhar alguma coisa. Eles querem o peixe, mas não querem pescar. Eles não querem nenhum compromisso com a igreja”<sup>83</sup>. A igreja com, aproximadamente, 50 membros desenvolve ações nas casas do bairro com o objetivo de divulgar a igreja, mas, segundo a pastora: “O pessoal aqui no bairro é muito fechado para o evangelho. A gente não sabe se é cristão, ateu ou outra coisa”<sup>84</sup>. Para essa pastora, a igreja tem sido importante no bairro pelo fato de proclamar o evangelho mesmo sabendo que aquelas pessoas que participam do culto não voltam depois. Para a pastora, as pessoas da vila são excluídas e é preciso auxiliar essas pessoas, no entanto, a igreja não desenvolve nenhum trabalho voltado especificamente para a Vila Araçá.

Outra igreja participante da pesquisa desenvolve atividades junto à comunidade promovendo um dia de ação social. Essa ação é voltada para famílias de baixa renda. Nessa ação são realizados vários serviços, como: consulta médica, assessoria jurídica, entre outros. A respeito dessa atividade o pastor responsável diz o seguinte:

Temos um projeto que abrimos as portas da igreja para a comunidade. Fazemos ação social em algumas datas específicas no ano. Convidamos a comunidade carente para receber os serviços disponibilizados,

<sup>82</sup> COSTA, 2015, p. 198.

<sup>83</sup> Entrevista com líder 04 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 04.

<sup>84</sup> Entrevista com líder 04 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 04.

gratuitamente, por nossa membresia e também por alguns profissionais amigos nossos que, também, se dispõe a prestar serviços gratuitos, como: corte de cabelo, manicure, dentista, médico, advogado, psicólogo, com distribuição de lanches, refrigerante e também temos brinquedos infláveis para às crianças.<sup>85</sup>

Além dessa atividade desenvolvida pela igreja o pastor relata que existe a escolinha de futebol para crianças carentes de seis a 12 anos e a distribuição de roupas e alimentos para as famílias. De acordo com o pastor, a igreja sempre procura “suprir a necessidade dos mais carentes, seja com alimentos e roupas que também já levamos a algumas famílias”<sup>86</sup>.

De acordo com o relato das igrejas participantes da pesquisa, há uma clareza sobre a realidade de pobreza e violência existente no bairro, em especial, na Vila Araçá, no entanto, os encaminhamentos feitos são, em geral, paliativos. Pelo que foi possível perceber nas entrevistas, a contribuição efetiva dessas igrejas está relacionada à questão espiritual e a eventuais ações materiais com vistas a suprir determinada necessidade prática. Não foi possível observar nenhum envolvimento dessas igrejas, junto à comunidade, num sentido mais permanente e transformador. Dito de outra forma, não há nenhuma ação dessas igrejas, junto ao poder público, no sentido de discutir e implementar políticas públicas de combate ao tráfico e consumo de drogas no local, de reurbanização da Vila Araçá, de combate à pobreza e descarte irregular de lixo. Valdeci Antônio Ferreira escreve que: Jesus vai ao encontro dos pobres com a mensagem do Reino de Deus, [...]: a transformação radical de todas as relações<sup>87</sup>. Citando Boff, o autor continua afirmando que: Juntamente com a mensagem de Jesus vem os sinais: “gestos transformadores da realidade, evidenciando que as promessas proclamadas não permanecem mais na zona do desejo e da esperança, mas que já inauguram e criam uma nova história”<sup>88</sup>.

Além das igrejas supracitadas, localizadas no bairro Mato Grande, há, também, uma ação realizada por uma Igreja Evangélica localizada num bairro de classe média de Canoas. Essa igreja desenvolve ações no bairro há nove anos e tem apoiado ações que contribuem, de uma forma mais efetiva, com a comunidade.

---

<sup>85</sup> Entrevista com líder 05 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 05.

<sup>86</sup> Entrevista com líder 05 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 05

<sup>87</sup> FERREIRA, Valdeci Antônio. **A missão a partir da periferia do mundo**. São Paulo: Ed Ave Maria, 2003. p. 55.

<sup>88</sup> FERREIRA, 2003, p. 55.

O pastor relata que inicialmente foram encontrados muitos desafios a serem superados no bairro. Sobre isso o pastor diz o seguinte:

Muitos foram os desafios encontrados, mas podemos destacar dois: Entender as necessidades da Comunidade do bairro Mato Grande e Descobrir a melhor forma para auxiliar, de maneira que não caracterizasse uma ajuda momentânea, mas sim um trabalho duradouro que realmente pudesse fazer diferença para as pessoas.<sup>89</sup>

Segundo o pastor, no início, foi organizado um grupo de serviço que analisou as possibilidades e mobilizou os membros da igreja no sentido de apoiar aquela ação no bairro Mato Grande. A partir do grupo de serviço iniciou-se uma aproximação com a comunidade da tia Cleusa. Nas visitas periódicas, focadas em suprir necessidades básicas, havia a distribuição de alimentos e acompanhamento do desenvolvimento das crianças com avaliação do peso e da altura. As ações eram acompanhadas pelo pastor da comunidade que anunciava o Evangelho para as famílias assistidas pela comunidade da tia Cleusa. Com 600 membros, essa igreja evangélica, em sua predominância de classe média, tem estimulado o engajamento social de seus membros, incentivando-os ao apoio permanente às ações desenvolvidas no bairro Mato Grande, conforme relata o pastor responsável pela igreja. O pastor enfatiza que:

A igreja crê e estimula o engajamento social de cada um dos seus membros como testemunho do Evangelho de Jesus Cristo no âmbito onde este está inserido e para além dele. Assim, a igreja tem apoiado pessoas residentes no bairro Mato Grande, as quais realizam relevantes ações em prol dos moradores. O alcance e a relevância da atuação da igreja, no bairro, ultrapassam os seus limites institucionais, pois muitos de seus membros se envolvem pessoalmente no apoio a projetos e pessoas. Este envolvimento se dá desde membros que abrem sua casa para receber pessoas e sediar ações, [...], destinação de recursos financeiros por parte da própria comunidade até o envolvimento pessoal com aulas de música, ensino bíblico, doação de alimentos, celebração de cultos, aconselhamento pessoal e familiar etc.<sup>90</sup>

De acordo com o pastor, a igreja apoia o Projeto Trilhos Sonoros nas ações desenvolvidas junto às crianças em risco social que residem no bairro, bem como contribui com a comunidade da tia Cleusa realizando várias ações conforme

---

<sup>89</sup> Entrevista com líder 06 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 30/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 06.

<sup>90</sup> Entrevista com líder 06 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 30/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 06.

necessidade e demandas pontuais junto às pessoas que buscam auxílio para suas necessidades de aquisição de medicamentos, alimentação, vestuário e outros. A igreja realiza, ainda, na comunidade da tia Cleusa, aulas de música, assistência espiritual por meio do ensino bíblico e celebração de cultos, aconselhamento familiar e atenção pessoal. O pastor argumenta que a Igreja é o Corpo de Cristo em missão no mundo. Ou seja, são pessoas que, resgatadas do pecado, assumem a missão de resgatar a outros. Isso é feito por meio do testemunho do amor de Deus que é manifestado no sacrifício de Jesus Cristo. “Esse testemunho acontece em palavras e ações. Ações que promovem o bem, justiça e dignidade humana e palavras que dão razão da ação como motivada pelo amor de Deus”<sup>91</sup>.

Por fim, o pastor diz que ao possibilitar novas oportunidades, novas vivências, novas experiências e novos relacionamentos, uma nova visão de mundo e de si mesmo se torna possível. Como igreja, o pastor acredita que o amor de Deus transforma realidades e essa transformação, que está ao alcance das pessoas, cria possibilidades da superação da violência e vivência de paz. Isso é viabilizado através das ações e projetos mencionados anteriormente. O amor de Deus, conclui o pastor, é o que permeia todas as iniciativas. De acordo com o relato do pastor, não foi criado nenhum outro projeto paralelo àqueles já desenvolvidos no bairro. A igreja tem trabalhado no sentido de apoiar as ações já existentes.

## 1.5 – Síntese

Próximo do centro da cidade de Canoas, a vila Araçá constitui-se como ocupação irregular e traz consigo todas as mazelas decorrentes dessa ocupação. Tráfico de drogas, violência, despejo irregular de lixo, crianças brincando sobre o lixo amontoado no meio da rua ou sobre os trilhos que atravessam a vila, esse é o cenário onde a pesquisa foi realizada. Quando descrevemos esse cenário procuramos não só informar o/a leitor/a contextualizando-o/a, mas, sobretudo, sensibilizá-lo/a para o fato de que esse cenário está presente e próximo de nós e, em muitas ocasiões, tratamos isso com pouca relevância ou atribuindo para o poder público a resolução desse grave problema social.

---

<sup>91</sup> Entrevista com líder 06 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 30/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 06.

Antonio Carlos Costa escreve que “o chamado de Jesus para a Igreja é fortemente direcionado à preocupação com os pobres”<sup>92</sup>. No entanto, o que temos visto é um avanço da indiferença, em termos práticos, a essa condição humana. Há sim muitos discursos que esgotam-se após os sermões e palestras. Costa sustenta que:

Ninguém deveria ser mais receptivo à voz de Deus que aqueles que dizem ser cristãos. Bilhões de homens e mulheres declaram ter nascido de novo, mortos para a vida de pecado e renascidos em Cristo. Afirmam que o coração de pedra deu lugar ao coração de carne. Dizem estar absolutamente certos de que viviam nas trevas e que agora encontram-se na luz. Foram feitos templo do Espírito Santo. Sentem-se ligados à Cristo como os ramos à videira. Quando ouvimos pessoas afirmarem tais coisas, perguntas emergem: como esse colosso de ser humano pode ser insensível à voz do próprio Deus? O que o faz não se importar com o que importa a Deus? E o que importa a Deus? “Tenho compaixão desta multidão; já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer”. Receber pelo Espírito Santo uma nova natureza implica em pensar e sentir como Deus. Entre outras coisas, isso também significará compadecer-se daqueles que não têm suas necessidades básicas supridas.<sup>93</sup>

Assim, como ser cristão e ser indiferente à realidade de abandono presenciada na periferia descrita neste capítulo? Não há nenhuma compatibilidade entre ser cristão e ser indiferente a essa realidade presente em nossas cidades. Para alguns pode parecer comum e até natural crianças brincarem no lixo, senhoras doentes serem mordidas por ratos, adolescentes e jovens serem mortos frequentemente por gangues rivais ou no confronto com a polícia, no entanto, essa realidade deve provocar em nós um profundo incômodo frente a essa realidade degradante. Costa enfatiza que “quando a Bíblia afirma que a fome O levava a se compadecer do pobre, isso significa que não podemos jamais ignorar a miséria humana”<sup>94</sup>. Assim, acreditamos que a descrição do cenário onde a pesquisa foi realizada ajuda no sentido de chamar nossa atenção para essa realidade e nos motiva a, de alguma forma, exercermos a compaixão prática por essas pessoas, pois “a missão da Igreja é se deixar guiar pela compaixão do seu Senhor e Salvador”<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> COSTA, 2015, p. 173.

<sup>93</sup> COSTA, 2015, p. 173.

<sup>94</sup> COSTA, 2015, p. 174

<sup>95</sup> COSTA, 2015, p. 174



## 2 – CONSTRUINDO A TRAMA TEÓRICO – METODOLÓGICA: OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA-AÇÃO NA PERIFERIA

*Se a reflexão se faz junto, em termos de diálogo ou partilha da Palavra, a ação também deve ser executada conjuntamente. Portanto, importa acompanhar o povo em sua caminhada.*

*Clodovis Boff*

Este capítulo tem por objetivo detalhar o percurso metodológico da pesquisa onde procuro relatar a ordenação das fases que foram realizadas em campo. Dessa forma, optou-se pela pesquisa com abordagem qualitativa e, pelo fato de o projeto de pesquisa ter iniciado a partir de ações desenvolvidas com crianças e adolescentes da periferia de Canoas, adotei o caráter de pesquisa-ação com observação participante. Michel Thiollent argumenta que a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa social com base empírica. Essa pesquisa social nasce e se constrói em sintonia fina “com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”<sup>96</sup>.

Foi no envolvimento direto e prático com as crianças do projeto Trilhos Sonoros, bem como com a comunidade em geral que nasceram os primeiros lampejos metodológicos desta pesquisa que busca, além de organizar os dados percebidos em campo, contribuir de forma prática com o aperfeiçoamento das ações já desenvolvidas com vistas a uma mudança mais sistemática no cenário degradante encontrado. Não é um estudo que objetiva apenas o conhecimento da situação de vulnerabilidade em que vivem as crianças e adolescentes atendidas pelo projeto Trilhos Sonoros, mas uma pesquisa que se propõe a uma intervenção social sistemática a partir de um envolvimento prático e intencional.

---

<sup>96</sup> THIOLENT, 2008, p.16.

## 2.1 – Os Pressupostos Teóricos: sobre a pesquisa-ação

Para Hugues Dione, “praticar a pesquisa-ação obriga a se levar adiante duas tarefas simultâneas: uma tarefa de pesquisa, cujo objetivo é desenvolver conhecimentos, e uma de ação, cujo objetivo é modificar uma situação peculiar”<sup>97</sup>.

Dione compreende que:

A pesquisa ação é centrada na prática, na ação, na experimentação social; pretende intervir com o intuito de modificar uma situação social ou psicossocial. De fato, a pesquisa-ação é um instrumento de mudança para corrigir, de maneira eficaz, uma situação que se tornou problemática.<sup>98</sup>

Nessa perspectiva apresentada por Dione, enfatizar que a pesquisa-ação tem por objetivo precípua alcançar uma mudança nos faz concluir que essa metodologia é prioritariamente um modo de intervenção, “uma metodologia de ação, antes de ser uma metodologia de pesquisa. Dessa forma a pesquisa-ação é uma forma eficaz quando se deseja contribuir com a mudança de uma situação particular”<sup>99</sup>.

No entanto, mesmo considerando certa prevalência na intervenção de determinado problema social ou psicossocial, a pesquisa-ação não deve ignorar os efeitos do conhecimento desse procedimento de pesquisa que, para Diones, busca uma boa compreensão das situações específicas porque, de acordo com o autor:

A pesquisa-ação permite que se adquiram conhecimentos novos e, por isso, é considerada uma metodologia de pesquisa. Um objetivo de mudança não é em si mesmo contraditório em relação a um objetivo de desenvolvimento dos conhecimentos. Ao contrário, esse objetivo de mudança permite um desenvolvimento original de conhecimentos novos.<sup>100</sup>

Dione cita autores como Reháume, 1982; Goyette; Lessard-Hébert 1987, que ressaltam a pesquisa-ação como “produção do saber que se desenvolve na ação e pela ação realizada por grupos sociais”<sup>101</sup>. Para Dione, é pelo objetivo de ação que a

<sup>97</sup> DIONE, Hugues. **A Pesquisa-Ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. p. 24.

<sup>98</sup> DIONE, 2007, p. 28.

<sup>99</sup> DIONE, 2007, p. 35.

<sup>100</sup> DIONE, 2007, p. 35.

<sup>101</sup> RHÉAUME *et al apud* DIONE, 2007, p. 35.

metodologia tradicional de pesquisa é modificada<sup>102</sup>. Lori Alice Gressler acredita que a pesquisa-ação possibilita algumas conclusões que ultrapassam uma simples impressão ou alguns resultados fragmentados, bem como “trata-se de uma pesquisa flexível e adaptativa que permite mudanças durante o estudo”<sup>103</sup>. Nesse sentido, a pesquisa-ação se insere em determinada realidade social e atua no sentido de sistematizar os saberes locais, compreender os fenômenos sociais que ocorrem e contribuir de forma efetiva com aquela realidade social.

A pesquisa-ação não é estática no que diz respeito à coleta de dados. O pesquisador, por sua vez, muito embora tenha consigo um planejamento de entrevistas e outras formas de coletar as informações, se serve de todas as inserções no campo para observar e produzir conhecimentos que gerem, efetivamente, transformação local.

A pesquisa clássica se restringe a uma observação e sistematização dos fenômenos sociais e a pesquisa-ação, além de observar, produz ações que geram conhecimento e conhecimentos que norteiam novas intervenções no grupo pesquisado. Por isso, a pesquisa-ação assume um papel de extrema relevância no contexto da América Latina, historicamente oprimido e carente de ações práticas que contribuam com a diminuição das injustiças sociais tão presentes nesses contextos periféricos. Dione traz importante colaboração para o entendimento da pesquisa-ação, ao compará-la com a pesquisa clássica. O autor argumenta:

Para nos ajudar a definir e a compreender melhor as peculiaridades da pesquisa-ação, podemos compará-la à pesquisa clássica ou tradicional. É geralmente admitido que a pesquisa clássica é centrada na produção de conhecimentos, ao passo que a pesquisa-ação busca produzir conhecimentos para um fim particular, ou seja, o de modificar uma situação particular. A pesquisa é posta aqui a serviço da ação. O pesquisador é implicado na ação. Ele escolhe seu assunto de pesquisa em colaboração com os atores. Seu objeto de investigação é validado, de modo contínuo, na própria ação. De fato, o pesquisador se insere em um processo interativo com o ator social, que o obriga a utilizar um procedimento pertinente diante do problema social a resolver. A principal preocupação do pesquisador em pesquisa-ação é solucionar um dado problema ou modificar uma situação específica. [...] Em sua própria definição, a pesquisa-ação é um procedimento de reflexão aplicada em virtude de uma situação particular a modificar. Nesse sentido a pesquisa-ação é geralmente implicada em um campo concreto em torno de um grupo de atores reais.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> DIONE, 2007, p. 35.

<sup>103</sup> GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2007. p. 70.

<sup>104</sup> DIONES, 2007, p. 48.

Para esclarecer as diferenças entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação Dione propõe o seguinte quadro abaixo:

**Tabela 01 – Diferenças entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação**

	<b>Pesquisa Clássica</b>	<b>Pesquisa-Ação</b>
<b>Objetivo</b>	Saber generalizável por meio de conhecimentos.	Saber específico pela ação.
<b>Relação pesquisador/atores</b>	Pesquisador fora da ação. Atores externos, separados do pesquisador.	Pesquisador implicado na ação. Ator em comunicação contínua
<b>Escolha do assunto de pesquisa</b>	Campo de interesse do pesquisador Pertinência científica.	Entendimento ou contrato com um grupo social específico.
<b>Formulação do objeto</b>	Continuidade das pesquisas anteriores (documentação e comunicação científicas).	Pertinência conjuntural. Validação contínua pela prática.
<b>Planejamento</b>	Processo linear.	Processo interativo.
<b>Técnicas de pesquisa</b>	Quantitativas e qualitativas.	Com predominância qualitativa.
<b>Processamento e análise</b>	Aplicação dos procedimentos previstos, externos à ação. Preocupação com a generalização.	Debate, discussões com os atores inseridos na ação. Preocupação com a pertinência
<b>Conclusões</b>	Reinserção teórica (ou conclusões aplicadas).	Reinserção direta na prática.
<b>Difusão</b>	Geral, livre. Utilização não controlada.	Específica, vinculada. Controle em função da ação.

Para Dione a pesquisa clássica objetiva produzir saberes, bem como contribuir no que diz respeito ao desenvolvimento dos conhecimentos. E essa contribuição da pesquisa clássica será mais valiosa se for generalizável, “se tiver um potencial de abstração, permitindo-lhe ao mesmo tempo incluir e superar cada

situação particular”<sup>105</sup>. Esse poder de generalização, está para Dione, no centro do processo. A pesquisa clássica, para o autor, visa definir leis universais de explicação. A pesquisa-ação tem como ponto de partida a produção de um saber específico que facilite uma ação eficaz de mudança no contexto social onde está inserida. Dione acrescenta que:

O caráter particular da situação está no centro do procedimento. Isso não significa que a generalização seja impossível. Pelo contrário! Mas o principal sentido da pesquisa é determinado em virtude de sua eficácia na ação. Apoiando-se nos resultados adquiridos em pesquisa fundamental ou em outras aplicações de pesquisa, a pesquisa-ação utilizará tudo o que puder para compreender adequadamente uma situação particular para poder intervir de modo específico.<sup>106</sup>

Dione ressalta que “cada etapa da pesquisa clássica é determinada de modo lógico e rigoroso, apoiada em regras metodológicas bem estabelecidas”<sup>107</sup>. Destaca ainda que o desenvolvimento do processo na pesquisa clássica deve respeitar essas regras e, em caso de algum desvio metodológico, necessita de uma explicação que seja julgada como válida. Em se tratando de pesquisa-ação, há um vínculo permanente entre pesquisador e atores e, nesse sentido, há uma dinâmica metodológica diferente que mantém o pesquisador em contato contínuo com esses atores. Esse vínculo é fundamental pelo fato de a intervenção não ser uma ação isolada do pesquisador ou conduzida por uma instituição que observa de longe, mas que nasce das necessidades percebidas, refletidas e discutidas pelo pesquisador e os atores intervenientes. Busca-se na pesquisa-ação dar voz a esses atores não apenas como dados sociais para constar em pesquisas, mas como voz responsável por uma transformação específica no contexto onde está inserida. Dione acrescenta que:

A pesquisa-ação, utilizada em situações concretas e circunstâncias, recorre principalmente às técnicas de pesquisa qualitativa, para ficar mais atenta aos discursos dos próprios atores e ao aprofundamento das situações particulares.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> DIONE, 2007, p. 49.

<sup>106</sup> DIONE, 2007, p. 49-50.

<sup>107</sup> DIONE, 2007, p. 52.

<sup>108</sup> DIONE, 2007, p. 53.

Para Thiollent, “este tipo de definição deixa provisoriamente em aberto a questão valorativa, pois não se refere a uma predeterminada orientação da ação ou a um predeterminado grupo social”<sup>109</sup>. Thiollent acrescenta que:

Muitos partidários restringem a concepção e o uso da pesquisa-ação a uma orientação de ação emancipatória e a grupos sociais que pertencem às classes populares ou dominadas. Nesse caso, a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sócio-político a serviço da causa das classes populares. Esse engajamento é constitutivo de uma boa parte de propostas e pesquisa participante, tais como são conhecidas na América Latina e em outros países do terceiro mundo. No entanto, a metodologia da pesquisa-ação é igualmente discutida em áreas de atuação técnico-organizativa com outros tipos de compromissos sociais e ideológicos, entre os quais destaca-se o compromisso de tipo “reformador” e “participativo”, tal qual como no caso das pesquisas sócio técnicas efetuadas segundo uma orientação de “democracia industrial”, principalmente em países do Norte da Europa.<sup>110</sup>

Para Thiollent, embora a distinção no que diz respeito aos aspectos valorativos e metodológicos seja incerta, a estrutura metodológica da pesquisa-ação oportuniza uma grande variedade de projetos de pesquisa em diversos campos de atuação social. Nesse sentido, há uma grande diversidade de propostas de caráter militante, propostas informativas e conscientizadoras da área educacional e de comunicação e, conforme Thiollent, as propostas “eficientizantes” da área organizacional e tecnológica<sup>111</sup>.

A pesquisa-ação é favorável quando os pesquisadores não pretendem limitar seus estudos aos aspectos acadêmicos e burocráticos de algumas pesquisas convencionais. Para Thiollent, a pesquisa-ação é para pesquisadores que “querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados”<sup>112</sup>. Assim, Thiollent resume os principais aspectos da pesquisa-ação enquanto uma estratégia metodológica de pesquisa social:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;

---

<sup>109</sup> THIOLLENT, 2008, p.16.

<sup>110</sup> THIOLLENT, 2008, p.16.

<sup>111</sup> THIOLLENT, 2008, p.17.

<sup>112</sup> THIOLLENT, 2008, p.18.

- c) o objeto da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação, (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.<sup>113</sup>

Sobre a configuração da pesquisa-ação, Thiollent afirma que depende de quais são os seus objetivos e em qual contexto essa pesquisa é aplicada. Para o autor existem aplicações da pesquisa-ação “para realizar os objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa”<sup>114</sup>. Nessas configurações os pesquisadores atuam norteados pelos objetivos definidos e pelos meios disponíveis.

Em outro caso, a pesquisa-ação é conduzida em uma organização, seja empresa ou escola, onde existe uma hierarquia e grupos com relacionamentos problemáticos. Nesses contextos a pesquisa pode ser utilizada por determinado grupo, em detrimento aos interesses das outras partes. Thiollent destaca que, nesses contextos, a relação do pesquisador com os grupos da situação observada é complicada no que diz respeito à questão ética, bem como no plano da prática da pesquisa. No que diz respeito à questão ética, os pesquisadores não devem se envolver com as pesquisas que são manipuladas por uma das partes, em especial àquela mais vinculada ao poder. Thiollent acrescenta que:

Após uma fase de definição dos interessados na pesquisa e das exigências dos pesquisadores, se houver possibilidade de conduzir a pesquisa de um modo satisfatoriamente negociado, os problemas de relacionamento entre os grupos serão tecnicamente analisados por meio de reuniões no seio das quais todas as partes deverão estar representadas.<sup>115</sup>

Um terceiro caso citado pelo autor é a pesquisa-ação organizada em meio aberto, como um bairro popular ou uma comunidade rural. É nessa perspectiva, portanto que se insere a presente pesquisa. Desenvolvida no bairro Mato Grande em Canoas/RS, essa pesquisa-ação pretende relacionar dois tipos de objetivos, a

---

<sup>113</sup> THIOLLENT, 2008. p.18-19.

<sup>114</sup> THIOLLENT, 2008. p.19.

<sup>115</sup> THIOLLENT, 2008. p.19.

saber: objetivo prático que visa “contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e propostas de ações correspondentes às “soluções”<sup>116</sup>; e com o objetivo de conhecimento que busca levantar dados “que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos”,<sup>117</sup> bem como aumentar o conhecimento das situações específicas daquele contexto.

## 2.2 – A pesquisa-ação como *práxis* transformadora da Teologia Prática

Considerando que a vocação da pesquisa-ação é prática, na sua essência, a mesma encontra na Teologia Prática um campo fértil para o seu efetivo desenvolvimento em favor de uma dada realidade social. Os saberes teológicos, filosóficos, sociológicos e educacionais servem à Teologia Prática como fundamentação para ações reais em determinado contexto social. Essas matrizes teóricas articulam-se com vistas a uma contribuição social efetiva. Isso porque, o papel da teoria na pesquisa-ação “consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”<sup>118</sup>.

No que se refere à Teologia Prática, Lothar Carlos Hoch, escreveu que o seu nascimento enquanto disciplina teológica ocorreu “mais por um ato de negligência, quase por um descuido, do que propriamente como fruto de um desejo consensual dos seus genitores”<sup>119</sup>. Ao analisar o surgimento da Teologia Prática enquanto disciplina teológica, Hoch recorre ao século XIX e afirma que a Teologia era uma das faculdades de época que disputavam o interesse dos estudantes. Contagiada pelas ideias iluministas que predominava na época, a Teologia buscava convencer, de certa forma, sobre a sua legitimidade enquanto ciência. No fragor desses esforços em ser legitimada enquanto ciência, a Teologia acabou se tornando refém do academicismo e se afastou da igreja. A partir de então, não houve mais uma relação satisfatória entre a teologia ensinada na universidade e a prática realizada no ministério pastoral e a prática de fé dos cristãos na base.

---

<sup>116</sup> THIOLENT, 2008. p.19.

<sup>117</sup> THIOLENT, 2008. p.19.

<sup>118</sup> THIOLENT, 2008, p. 60.

<sup>119</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH Roberto. (Orgs.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**/ 3. Ed. Ver. e ampl. – São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2011. p. 25.

<sup>119</sup> HOCH, 2011, p. 26.

Houve, portanto, a necessidade de se pensar em uma disciplina que pudesse estabelecer uma relação apropriada entre aquilo que se ensinava na academia e a prática de fé. É, então, a partir daí que a disciplina Teologia Prática ganha assento nas faculdades teológicas como nova disciplina agregada ao currículo acadêmico ao lado de outras disciplinas como Exegese, História e Dogmática<sup>120</sup>.

Friedrich Schleiermacher, considerado o Pai da Teologia Prática, ao ser responsabilizado em implantar a disciplina na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, em 1810, se manifestou dizendo que a criação da disciplina Teologia Prática não era desejável. Para Schleiermacher essa disciplina deveria ser assumida por todos os professores das demais disciplinas teóricas. Schleiermacher parte da premissa de que toda a teologia é, em sua essência, prática, “pois ela resulta do seguimento da cruz ”<sup>121</sup>.

Para Hoch, a análise histórica permite concluir que a necessidade de criação de uma disciplina teológica especial com o objetivo de rever a dimensão prática da teologia, após trezentos anos de protestantismo, já indica, de forma clara, que a Teologia se desviou de sua vocação de ser prática. A teologia se distanciou do povo da igreja na sua base e se aproximou dos eruditos nas universidades. A Teologia Prática surge então com uma função: corrigir essa distorção funcional da Teologia<sup>122</sup>.

Se por um lado essa distorção funcional justifica o surgimento da Teologia Prática, lhe atribuindo uma identidade própria enquanto disciplina teológica, por outro lado apresenta um risco com o qual precisamos nos preocupar: “o de tornar-se uma disciplina destinada a cobrir as lacunas que as demais disciplinas deixam abertas”<sup>123</sup>. As circunstâncias que fizeram nascer a Teologia Prática nos deixaram outro legado, segundo Hoch:

Como a Teologia estava distante da vida da igreja, ela também estava distante da hierarquia da igreja. Schleiermacher concebeu a Teologia Prática como disciplina que se ocupa com a técnica da condução e do aperfeiçoamento da vida da igreja. Cabe-lhe fornecer o instrumental técnico pelo qual a hierarquia da igreja dirige e regulamenta as diferentes funções, (p. ex., o exercício do ministério pastoral) e as manifestações da vida

---

<sup>120</sup> HOCH, 2011, p. 25.

<sup>121</sup> HOCH, 2011, p. 26.

<sup>122</sup> HOCH, 2011, p. 26.

<sup>123</sup> HOCH, 2011, p. 26.

eclesiástica, tais como o culto, a catequese, o aconselhamento e a própria forma da vivência comunitária da fé.<sup>124</sup>

O mérito dessa concepção está na conciliação entre a teologia e igreja, ou seja, entre a teoria e a prática. No entanto, essa conciliação traz consigo um novo caminho onde a Teologia Prática é cooptada pela hierarquia eclesiástica, ficando atrelada à mesma<sup>125</sup>. Nesse sentido, Hoch questiona se essa vinculação com a hierarquia eclesiástica não constitui, até hoje, um alto preço para a Teologia Prática e, por extensão, para a vida da comunidade de fé. Hoch argumenta que:

Não é suspeita a frequência com que justamente teólogos práticos são incumbidos pela direção das igrejas de preencherem funções administrativas? E não é igualmente suspeita a forma subserviente com que muitos de nós, honrados pelo privilégio de termos caído nas graças dos bispos e presidentes de igreja, desempenhamos nossas funções de vigilantes da tradição e da ordem eclesiásticas, negligenciando a reflexão teológica e o nosso compromisso profético em relação à própria instituição igreja? Seriam, porventura, os teólogos práticos mais afeitos aos cargos eclesiásticos do que ao labor teológico?<sup>126</sup>

O estudo das origens da Teologia Prática no século XIX revela pistas que o seu lugar de ação não é, em linhas gerais, a igreja e nem a universidade. Não é a igreja pelo fato de a Teologia Prática não ter como objetivo o controle e nem a tutela da fé. De igual forma não é a universidade considerando que a erudição e o academicismo, embora importantes na reflexão teológica, distanciaram a igreja do povo simples. Isso, para Hoch, não significa uma aversão à pesquisa e ao estudo sistemático, mas uma compreensão de que a Teologia Prática é vivida plenamente no contato direto com as pessoas pobres que, inclusive, em muitos casos, não acessam a universidade e nem a igreja, mas vivem em seus contextos marginalizados e esquecidos<sup>127</sup>. É nesses contextos que a Teologia Prática atua no sentido de oportunizar uma reflexão para a libertação. Assim, para Hoch, a tarefa da Teologia Prática é contribuir tanto para a teologia quanto para igreja e, especialmente, aos tantos desafios impostos pela sociedade<sup>128</sup>.

Na esteira desse raciocínio, o projeto Trilhos Sonoros, enquanto ação cristã na periferia pode apresentar-se como um contributo para a Teologia Prática, no

<sup>124</sup>HOCH, 2011, p. 26-27.

<sup>125</sup>HOCH, 2011, p. 27.

<sup>126</sup>HOCH, 2011, p. 27.

<sup>127</sup>HOCH, 2011, p. 27.

<sup>128</sup>HOCH, 2011, p. 27.

sentido de criar vínculos reais com as comunidades periféricas e, por meio da música, oportunizar a compreensão e a vivência do amor de Deus. Para Schneider – Harpprecht, a tarefa da teologia é, na sua essência, prática e na sua reflexão e ação usa “os métodos de pesquisa da filosofia, da ética, da história e também da música, da teoria do Estado e de outras áreas”<sup>129</sup>. Schneider – Harpprecht acrescenta que:

O interesse das pessoas pela direção da igreja junta os conhecimentos básicos dessas ciências. Assim a teologia faz uso delas como ciências auxiliares. Essa noção importante para a Teologia Prática foi criada por Schleiermacher.<sup>130</sup>

Essa concepção teológica, para Schneider–Harpprecht, estabelece uma distinção entre a grande massa do povo religioso, que não tem nenhuma formação, e os eminentes e excelentes que assumem a direção da igreja. O autor acredita que:

Apesar da sua simpatia e compaixão com o sofrimento do proletariado, Schleiermacher fica preso a uma concepção burguesa de igreja como sociedade de classes que privilegia os eruditos. O povo é receptivo e mais ou menos passivo; a sua religiosidade ativa limita-se à comunidade da família, enquanto os pastores agem e representam a igreja publicamente. Uma concentração do interesse na prédica e no culto promoveu essa tendência na prática eclesial. No espaço público, o cristão era em primeiro lugar ouvinte.<sup>131</sup>

Enquanto a Teologia Filosófica define o conceito de cristianismo; a Teologia Histórica trata sobre a doutrina e a sociologia da igreja, a Teologia Prática, situando-se no final do estudo teológico, “pressupõe os resultados de todas as outras disciplinas que definem a essência do cristianismo e a tarefa da igreja”<sup>132</sup>. Neste sentido, a Teologia Prática torna-se uma “ciência aplicada”, a partir de Schleiermacher e, como técnica, não está preocupada com as principais questões teológicas, mas em colocar em ordem os diversos acontecimentos que ocorrem na igreja, a partir de uma reflexão<sup>133</sup>. Isso significa que os diversos interesses e sentimentos produzidos na igreja em favor dela própria serão refletidos pela

<sup>129</sup>SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH Roberto E. (Orgs.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 3. Ed. Ver. e ampl. – São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 38.

<sup>130</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.38.

<sup>131</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.38.

<sup>132</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.38.

<sup>133</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.38.

Teologia Prática com vistas a legitimizar seu conteúdo cristão e planejar uma ação sistemática, contribuindo com a transformação do sentimento religioso numa ação efetiva<sup>134</sup>. Nesse sentido, a pesquisa-ação cumpre um papel importantíssimo que é, além de produzir novos conhecimentos, efetivar ações de transformação nos contextos onde a igreja está inserida.

A direção da igreja diz respeito à comunidade e à igreja como um todo. Esses dois elementos exigem serviços diferentes<sup>135</sup>. Nesse sentido Schleiermacher estabelece uma distinção na Teologia Prática da seguinte forma: a teoria do serviço da comunidade (*Kirchendienst*), onde o conteúdo diz respeito a tudo que se refere com a ação do ministério pastoral: “a teoria do culto, a homilética, a chamada teoria do discurso religioso, a catequese, a poimênica e a organização administrativa da comunidade”<sup>136</sup>; e a teoria do governo da igreja, (*Kirchenregiment*) que diz respeito às reflexões sobre os pressupostos da direção das comunidades, e, ainda, sobre as relações com o Estado e a sociedade<sup>137</sup>.

Sobre esses empreendimentos distintos da Teologia Prática, Bonnie Miller-McLemore contribui afirmando que a Teologia Prática é um termo multivalente. “Ela aparece em ampla variedade de espaços e lugares. Portanto, é importante nomear e distinguir seus usos”<sup>138</sup>. A autora define, pelo menos, quatro empreendimentos distintos com diferentes públicos e objetivos<sup>139</sup>. Miller–McLemore argumenta que:

Desde sua concretização na vida cotidiana até seu uso mais especializado, a teologia prática refere-se, em primeiro lugar, a uma atividade de crentes que procuram manter uma vida de fé reflexiva no cotidiano; em segundo lugar, líderes religiosos, professores e estudantes de todo currículo teológico, (principalmente entre católicos), usam o termo para falar sobre um método ou modo de compreender e analisar a teologia na prática cotidiana; terceiro e mais familiar para pessoas ligadas à educação teológica, o termo refere-se a uma área curricular focada na prática ministerial e suas subespecialidades ou artes do ministério, como cuidado e culto; e, por fim, o termo descreve uma disciplina acadêmica tratada por um subconjunto menor de estudiosos para apoiar e sustentar esses primeiros três empreendimentos.<sup>140</sup>

<sup>134</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.39.

<sup>135</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.39.

<sup>136</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.39.

<sup>137</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p.39.

<sup>138</sup> MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Teologia Prática: Reforma e transformação na epistemologia teológica. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf Von. (Orgs.). **Reforma: Tradição e transformação**. São Leopoldo; EST, 20016. p.51.

<sup>139</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

<sup>140</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

Miller-McLemore explica que a teologia prática como atividade cotidiana é realizada em famílias, congregações, organizações sem fins lucrativos, movimentos de justiça social, e assim por diante<sup>141</sup>. Teologia prática, enquanto método de estudar a teologia na prática, acontece na biblioteca e no trabalho de campo em hospitais, igrejas e bairros. A teologia prática como área curricular para as artes do ministério, segundo a autora, ocorre na educação de seminário e na prática clerical e congregacional<sup>142</sup>. Por fim, a Teologia Prática enquanto disciplina, é realizada por estudiosos na área acadêmica em todo o mundo<sup>143</sup>. A autora conclui que “esses quatro empreendimentos estão conectados e interdependentes, não se excluem mutuamente e, mais uma vez, refletem a variedade e complexidade da teologia prática hoje”<sup>144</sup>.

Schneider–Harpprecht acredita que mesmo não existindo uma concepção genuinamente latino-americana de Teologia Prática, existem alguns modelos pastorais e algumas reflexões que revelam pistas de uma forma de ação teológica fundamentada na práxis. O autor diz que o teólogo uruguaio Juan Luís Segundo, autor do livro *Libertação da Teologia*, de 1975, apresenta um modelo prático de teologia na sua essência e que o contexto histórico onde esse modelo é esboçado são os regimes militares que ocorrem em vários países latino-americanos, o sofrimento dos diversos povos que são esmagados pela pobreza, bem como a exploração pelo mercado de trabalho; a violação dos direitos fundamentais, a organização dos grupos de oposição que buscam a transformação da sociedade; o movimento das Comunidades Eclesiais de Base CEB's, que apoiam os grupos de oposição.

Segundo mostra que a Teologia da Libertação consegue, de certa forma, inverter uma certa subordinação da prática sob a teoria consistindo, nesse sentido, em atos que procuram interpretar e relacionar a compreensão da Palavra de Deus com a realidade presente. Em suma, o objetivo da Teologia Prática é analisar a prática existente e construir modelos teóricos que possam conduzir a uma prática realmente renovada que produza transformação no contexto onde estiver inserida. Para isso, a pesquisa-ação apresenta-se como metodologia de pesquisa eficaz não apenas para a construção de novos saberes, mas, sobretudo, como ação prática

---

<sup>141</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

<sup>142</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

<sup>143</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

<sup>144</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p.52.

voltada para os vulneráveis que, em muitas pesquisas, aparecem apenas como dados numéricos. A pesquisa-ação na Teologia Prática oportuniza, portanto, o desenvolvimento de estudos não apenas vinculados e comprometidos com as instituições de fomento à pesquisa, mas engajados em transformações sociais emblemáticas que evidenciem o amor de Deus por todas as pessoas.

### **2.3 – A problemática da pesquisa**

Thiollent esclarece que ao iniciar uma pesquisa é preciso dar uma atenção especial à colocação dos principais problemas, pois é a partir deles que a investigação será desencadeada. Dito de outra forma, a definição da problemática dará um efetivo sentido à pesquisa. Thiollent acrescenta que:

Em termos gerais, uma problemática pode ser considerada como a colocação dos problemas que se pretende resolver dentro de um certo campo teórico e prático. Um mesmo tema (ou assunto) pode ser enquadrado em problemáticas diferentes. Por exemplo, problemas de saúde podem ser inseridos numa problemática de medicina ou numa problemática social ou política. A colocação dos problemas é feita em universos diferentes. A problemática é o modo de colocação do problema de acordo com o marco teórico-conceitual adotado.<sup>145</sup>

Para Dione, é importante identificar os problemas e compartilhá-los com o grupo. No entanto, o autor ressalta que nesse compartilhamento não há necessidade de empreender longos estudos pelo fato de tal prática resultar num esfriamento da motivação inicial. O pesquisador utiliza seus conhecimentos teóricos, bem como suas experiências práticas para dar início a questionamentos que sejam relevantes para a pesquisa no sentido de produzir, além de novos conhecimentos, ações práticas no contexto onde está inserido como pesquisador-atuante. Dionne ressalta que:

Contudo, ele deve também dar continuidade a uma reflexão compartilhada com os atores da situação problemática. Pode também recorrer a reuniões de grupos, discussões, visitas a domicílios, utilização de materiais visuais. Frequentemente, os participantes-atores desconhecem as técnicas de pesquisa a serem aplicadas. O pesquisador realiza, então, um trabalho de simplificação e difusão dessas diversas técnicas para implicar melhor os outros parceiros. Assegurar o rigor ao longo do processo de pesquisa também é tarefa do pesquisador. Vale lembrar que o essencial no momento

---

<sup>145</sup> THIOLLENT, 2008. p. 59.

atual é principalmente de ordem exploratória, e que a definição do objeto de pesquisa como também a preparação das estratégias sistemáticas de coleta de dados serão elaboradas nas operações ulteriores.<sup>146</sup>

Para Gressler, o processo de investigação começa com a definição de um problema. A autora afirma que o problema se refere a uma situação real ou artificial que seja perplexa e desafiadora, e sua solução exija do pesquisador um pensamento reflexivo. Gressler enfatiza que “é uma questão concernente às relações existentes entre conjuntos de eventos, (variáveis)”<sup>147</sup>. A pesquisa busca “encontrar respostas para tais questões. Verifica-se, portanto, que o problema é uma questão ou dificuldade sem solução até o momento, mas que clama por uma resposta”<sup>148</sup>.

Na pesquisa social aplicada e, em especial no caso da pesquisa-ação a definição dos problemas é de ordem prática. Nesse sentido, o pesquisador procura soluções para alcançar um objetivo e uma possível transformação da situação que observa. Para Thiollent, a formulação de um problema na pesquisa-ação deve considerar os seguintes aspectos:

- a) análise e delimitação da situação inicial;
- b) delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e factibilidade;
- c) identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) a (b);
- d) planejamento das ações correspondentes
- e) execução e avaliação das ações.<sup>149</sup>

Outrossim, o autor acrescenta que para que a pesquisa seja efetivamente necessária, os problemas não devem ser de ordem trivial. Nesse sentido, não basta coletar três ou quatro informações isoladas e relacionadas à rotina diária do grupo estudado. Nessa fase de identificação dos problemas, é fundamental testar e discutir a importância científica e prática daquilo que será pesquisado. Coutinho e Cunha dizem que “tomar conhecimento do problema, verificar sua exequibilidade, delimitá-lo, formulá-lo tornando-o significativo, saber inseri-lo num corpo de conhecimentos já

---

<sup>146</sup> DIONE, 2007, p. 94.

<sup>147</sup> GRESSLER, 2007, p. 126.

<sup>148</sup> GRESSLER, 2007, p. 126.

<sup>149</sup> THIOLENT, 2008, p. 58

constituídos”<sup>150</sup>, bem como, “conscientizar-se da relevância de sua resolução e visualizar os caminhos para sanar as dificuldades é construir um problema, ou seja, iniciar a construção de um objeto científico”<sup>151</sup>. As autoras acrescentam que:

Todo problema caracteriza-se por uma dificuldade, uma dúvida ou um desconhecimento e exige tratamento no campo conceitual, para vir a se constituir em real problema de pesquisa. Assim, nem todo problema é um problema de pesquisa científica: só é científico o problema que, para ser resolvido, requeira meios científicos e tenha possibilidade de incrementar novos conhecimentos. As soluções dos problemas, ainda que provisórias, aumentam nossos conhecimentos e fazem eclodir novos problemas. A marcha da ciência viva consiste em construir e reconstruir sistemas de problemas resolúveis.<sup>152</sup>

Para as autoras, de forma casual ou cientificamente planejada, a observação para o mundo “faz surgir um problema de pesquisa, se guiado sistematicamente por um conjunto de conhecimentos que já se tem do fenômeno a ser estudado”<sup>153</sup>. Dessa forma, o pesquisador enfoca algumas características relevantes do fenômeno a ser estudado, ao mesmo tempo em que descobre aquelas características menos relevantes, podendo tratá-las de forma secundária. Coutinho e Cunha enfatizam que a observação problematizadora focaliza de forma ordenada os diversos aspectos de um fenômeno sabendo distinguir quais “serão úteis à obtenção de uma resposta hipotetizada”<sup>154</sup>.

Assim, a presente pesquisa iniciou a partir do engajamento do pesquisador com as situações específicas da comunidade pesquisada. O processo de construção do tema da pesquisa envolveu a reflexão sobre a sua **necessidade** (o porquê), **viabilidade** (como), **abrangência** (alcance), **relevância** (repercussão social) e **potencial transformador** (contribuição prática na vida das pessoas). Dito de outra forma, a opção pelo tema não foi aleatória e nem esteve presa apenas a uma conveniência acadêmica, mas resultou de intenso incômodo, reflexão e ação reflexiva.

A construção desta tese, portanto, iniciou a partir do engajamento com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social que residem na

---

<sup>150</sup> COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; CUNHA, Suzana Ezequiel da. **Os caminhos da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004, p. 53.

<sup>151</sup> COUTINHO, CUNHA, 2004, p. 53.

<sup>152</sup> COUTINHO;CUNHA, 2004, p.54.

<sup>153</sup> COUTINHO;CUNHA, 2004, p.54.

<sup>154</sup> COUTINHO;CUNHA, 2004, p.55.

periferia de Canoas, (**ação**). O trabalho inicial consistia no desenvolvimento de atividades musicais por meio da flauta doce e violino. O envolvimento com as crianças e suas respectivas famílias, possibilitou um intenso (**incômodo**) com aquela realidade degradante em que se encontravam: eram pequenos seres, indefesos e sem perspectivas que, envolvidos pela circunstância, brincavam no meio do lixo enquanto ajudavam seus pais a fazer a devida seleção de material para reciclar. Não só isso! Eram crianças que brincavam no lixo, trabalhavam no lixo, se envolviam com pequenos furtos e estavam ladeadas pela igreja. Para Thiollent, “o tema da pesquisa é a designação do problema prático e da área de conhecimento a serem abordados”<sup>155</sup>. Nesse sentido, a problemática da pesquisa foi sintetizada com a seguinte pergunta: o Projeto Trilhos Sonoros pode constituir-se como Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei*, na Periferia?

Os desdobramentos dessa problemática apresentam-se nos seguintes questionamentos:

- a. De que forma o contexto sociocultural onde o projeto Trilhos Sonoros é desenvolvido, constitui-se como *lócus* de ação da *missio Dei*?
- b. Quais as características do Projeto Trilhos Sonoros, indicadoras de uma Comunidade Espiritual?
- c. De que forma o Projeto Trilhos Sonoros constitui-se como uma nova possibilidade missionária junto aos pobres na periferia?
- d. De que forma a educação musical pode ser utilizada, na periferia, como estratégia em favor dos menos favorecidos?
- e. Qual o papel das igrejas locais no contexto onde o Projeto Trilhos Sonoros está inserido?
- f. De que forma as igrejas, enquanto instituições religiosas, têm contribuído com a mudança daquele cenário?

A partir desses questionamentos, iniciou-se uma reflexão sobre o Reino de Deus e, a partir de então, houve a necessidade de um aprofundamento conceitual sobre a *missio Dei* e a Comunidade Espiritual, constituindo esses assuntos como quadro teórico norteador da pesquisa com vistas a uma contribuição real naquele cenário urbano. Para Thiollent, o projeto de pesquisa-ação precisa ser articulado a

---

<sup>155</sup> THIOLLENT, 2008. p.55.

partir de uma problemática com um quadro de referência teórica. No entanto, o autor recomenda que essa discussão teórica não afete a pesquisa no sentido de desestimular os participantes que não têm uma formação teórica. Assim, esses elementos teóricos precisam ser adaptados numa linguagem compreensível<sup>156</sup>.

## 2.4 – As hipóteses da pesquisa

Thiollent considera que “uma hipótese é simplesmente definida como suposição formulada pelo pesquisador a respeito de possíveis soluções a um problema colocado na pesquisa”<sup>157</sup>. Para este autor existem hipóteses teóricas, mas, também, aquelas relacionadas à observação e ação. Nesse sentido, a hipótese desempenha um papel preponderante na pesquisa porque, a partir da sua formulação o pesquisador consegue identificar as informações que realmente serão necessárias para pesquisa. Isso contribuirá para que, a partir de uma delimitação do campo de observação, não haja dispersão nas ações. Thiollent considera que:

A formulação de hipóteses depende de uma grande variedade de fatores: a problemática teórica na qual se movem os pesquisadores, o quadro de referência cultural dos participantes, os *insights* imprevisíveis surgidos na prática ou na discussão coletiva, as analogias detectadas entre o problema sob observação e outros problemas anteriormente encontrados etc. Mesmo quando não se pretende trabalhar com hipóteses relacionando variáveis quantificáveis, é preciso observar muitos cuidados na sua formulação. A hipótese, ou a diretriz, deve ser formulada em termos claros e concisos, sem ambiguidade gramatical e designar os objetos em questão a respeito dos quais seja possível fornecer provas concretas ou argumentos convincentes, favoráveis ou não.<sup>158</sup>

Barros e Lehfeld defendem que as hipóteses devem ser simples de forma que sejam compreensíveis e passíveis de verificação. Para essas autoras, “os conceitos empregados no enunciado de uma hipótese devem ser precisos, para evitar sentido ambíguo e, conseqüentemente, facilitar o desenvolvimento da pesquisa”<sup>159</sup>. As autoras acrescentam que:

---

<sup>156</sup> THIOLENT, 2008. p. 60.

<sup>157</sup> THIOLENT, 2008. p.61.

<sup>158</sup> THIOLENT, 2008. p.61.

<sup>159</sup> BARROS, Aidil Jesus da Silveira, LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. p. 98.

Ao enunciar uma hipótese, devemos nos preocupar com que esse enunciado possua uma linguagem simples, porém substantiva. Não há necessidade de querer ampliar uma hipótese somente para enfeitá-la. Deve-se ter sempre em mente a melhor compreensão, explicação resposta ao problema investigado.<sup>160</sup>

Para Gressler, a hipótese pode ser considerada como “uma tentativa, condição ou princípio que se supõe, a fim de se chegar à sua consequência lógica e verificar sua validade”<sup>161</sup>. Gressler considera que a hipótese é, também, “uma tentativa de generalização formada sobre o fenômeno em observação. É, portanto, uma explicação global de caráter provisório”<sup>162</sup>. A autora enfatiza que:

Num sentido mais amplo, problema e hipótese são instrumentos do próprio quadro de referência teórica, e podem ser caracterizados como pontes de ligação entre teoria e prática, ou seja, quadro de referência teórica e a realidade que o investigador pretende pesquisar.<sup>163</sup>

Para Coutinho e Cunha a hipótese tem um papel fundamental, em especial numa pesquisa empírica. Para as autoras, “é uma proposição geralmente compatível com as teorias já conhecidas, com os fenômenos e com os eventos observados”<sup>164</sup>. Algumas hipóteses são consideradas a partir da intuição do pesquisador, ou seja, “a partir do conhecimento imediato e pouco elaborado que se tem sobre o tema a que se refere”<sup>165</sup>. Outras hipóteses têm origem “em teorias, a partir de um processo de dedução, ou em observações planejadas com objetivos bem definidos”<sup>166</sup>. Coutinho e Cunha consideram, ainda, que as hipóteses iniciais são, algumas vezes, muito restritas a um determinado conhecimento particularizado e apresentam apenas impulso inicial “em direção a um saber posterior mais ambicioso”<sup>167</sup>. Os sucessivos procedimentos científicos oportunizam, conforme as autoras, o “alargamento dessas hipóteses iniciais, tornando-as cada vez mais abrangentes e enunciadas em termos mais precisos, em vistas das generalizações almejadas”<sup>168</sup>.

<sup>160</sup> BARROS; LEHFELD. 2007, p. 98.

<sup>161</sup> GRESSLER, 2007, p. 133.

<sup>162</sup> GRESSLER, 2007, p. 133-34.

<sup>163</sup> GRESSLER, 2007, p. 134.

<sup>164</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 61.

<sup>165</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 61.

<sup>166</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 61.

<sup>167</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 62.

<sup>168</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 62.

Thiollent acrescenta que no plano descritivo e normativo as hipóteses, em geral, “são modificáveis ou substituíveis em função das informações coletadas ou dos argumentos discutidos entre pesquisadores e participantes”<sup>169</sup>. Lembra, ainda, que, ao se planejar uma pesquisa, o pesquisador não encontra apenas uma hipótese, mas uma série delas que se articulam em rede na qual “diversas sub-hipóteses contribuem para sustentar uma hipótese principal. Em outros casos se encontra uma polarização de duas hipóteses excludentes”<sup>170</sup>.

Assim, as hipóteses da tese foram organizadas da seguinte forma:

1. O Projeto Trilhos Sonoros constitui-se como *lócus* de ação da *missio Dei*, a despeito da ausência das *missiones ecclesiae*.
2. O Projeto Trilhos Sonoros constitui-se como Comunidade Espiritual em seu estado manifesto.
3. O Projeto Trilhos Sonoros, enquanto Comunidade Espiritual está a serviço da *missio Dei* na periferia promovendo libertação e transformação.
4. A educação musical, enquanto ação prática do projeto Trilhos Sonoros, pode ser utilizada como estratégia de criação de vínculos com determinada comunidade carente e propagação do evangelho.
5. O Projeto Trilhos Sonoros caracteriza-se como uma Comunidade Espiritual revelada a partir de ações sóciocristãs com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social.

## 2.5 – A coleta de dados

Sobre a coleta de dados, Thiollent considera que as principais técnicas usadas são as entrevistas coletivas que podem ocorrer nas residências dos participantes e no trabalho, e a entrevista individual que é aplicada de forma mais específica e aprofundada. Para o autor, “os locais de investigação e os indivíduos ou grupos são escolhidos em função do plano de amostragem com controle estatístico ou com critérios intencionais”<sup>171</sup>. Thiollent acrescenta ainda que, no que se refere àquelas informações já existentes, são usadas algumas técnicas documentais que oportunizam resgatar, bem como analisar o conteúdo de arquivos ou de jornais. Há

---

<sup>169</sup> THIOLENT, 2008. p.62.

<sup>170</sup> THIOLENT, 2008. p.62.

<sup>171</sup> THIOLENT, 2008. p.69.

ainda pesquisadores que recorrem a técnicas de caráter mais antropológico, como: observação participante, diário de campo e histórias de vida etc<sup>172</sup>.

Para Thiollent, independente das técnicas utilizadas, os pesquisadores e participantes buscam as informações consideradas necessárias para o andamento da pesquisa. Além disso, Thiollent considera, ainda, que os grupos podem contribuir com novas informações que, inicialmente, não estavam previstas e isso fortalece a riqueza das descrições. Sobre a utilização de questionários e formulários na pesquisa, Thiollent afirma o seguinte:

Um outro problema frequentemente discutido diz respeito ao uso de questionários e formulários. Como se sabe, na pesquisa convencional tais instrumentos desempenham um importante papel na obtenção de informação sobre as características sócio-econômicas e opinativas da população. Na pesquisa-ação nem sempre são aplicados questionários codificados, pois, quando a população é de pequena dimensão e sua estruturação em grupos permite a fácil realização das discussões, é possível obter informações principalmente de modo coletivo, sem administração de questionários individuais.<sup>173</sup>

Para Gressler, durante a investigação, deve-se articular o quadro de referência com o contexto onde o problema foi identificado. Para a autora, considerando as variáveis e os indicadores levantados para o estudo do problema, o primeiro passo é fazer o levantamento de informações disponíveis e, em seguida, “partir para a busca das informações não disponíveis e necessárias para a solução do problema, por meio da aplicação de instrumentos de coleta”<sup>174</sup>. A autora propõe os seguintes passos para a organização dos dados coletados:

**Identificação dos dados coletados:** onde o pesquisador definirá se os dados coletados serão quantitativos ou qualitativos. A autora define os dados quantitativos enquanto informações numéricas que indicam um determinado estudo ou fenômenos<sup>175</sup>. A respeito dos dados qualitativos, a autora acrescenta que “são aqueles que refletem um atributo que determina a natureza de um objeto, fenômeno ou pessoa, em termos de eficiência, habilidades, atitudes”<sup>176</sup>.

---

<sup>172</sup> THIOLENT, 2008. p.69.

<sup>173</sup> THIOLENT, 2008. p.70-71.

<sup>174</sup> GRESSLER, 2007, p. 194.

<sup>175</sup> GRESSLER, 2007, p. 195.

<sup>176</sup> GRESSLER, 2007, p. 19.

**Identificação da fonte e do período da coleta dos dados:** Para a autora, é importante determinar se as fontes de coleta de dados serão de ordem primária ou secundária. Os dados relacionados à fonte primária são usados pela primeira vez como parte de um estudo, e dados de fonte secundárias são aqueles disponíveis na realidade, resultantes da interpretação e análise das fontes primárias<sup>177</sup>. É importante, também, definir o período para a coleta dos dados a fim de garantir “que se tenha as informações em tempo hábil, de forma que decisões de reformulações e continuidade possam ser tomadas pelos sujeitos envolvidos no estudo em questão”<sup>178</sup>. A autora finaliza dizendo que os resultados da pesquisa dependem dos dados obtidos no estudo e que “mesmo que a amostra tenha sido feita, cuidadosamente, os dados não serão precisos se os responsáveis pela coleta não executarem seu trabalho adequadamente”<sup>179</sup>.

Coutinho e Cunha enfatizam que, como atividade rotineira na vida do ser humano, a observação pode acontecer de forma casual e, também, de modo desprezioso, no entanto, “como uma técnica científica, é possível ser planejada tendo-se em vista o eixo epistemológico, os objetivos, os pressupostos, as hipóteses e os procedimentos metodológicos subjacentes ao projeto de pesquisa”<sup>180</sup>.

As autoras citam dois tipos de observação, a saber: a observação não controlada que corresponde a uma observação assistemática, sem um trabalho prévio no que diz respeito a um planejamento e sem uma reflexão crítica; e a observação controlada sistematicamente que é uma observação científica a partir do momento em que “um ou mais estudiosos planejam cuidadosamente todas as etapas do processo de coleta de dados através dos métodos observacionais”<sup>181</sup>. Por fim as autoras argumentam que a observação controlada e não controlada, ou seja, a observação sistemática ou assistemática tem as suas vantagens e limitações, não sendo técnicas opostas, mas que se completam, podendo, até mesmo, acontecer paralelamente.

---

<sup>177</sup> GRESSLER, 2007, p. 196.

<sup>178</sup> GRESSLER, 2007, p. 196.

<sup>179</sup> GRESSLER, 2007, p. 196.

<sup>180</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 91.

<sup>181</sup> COUTINHO; CUNHA, 2004, p. 91.

## 2.5.1 – A coleta de dados no início do projeto: imagens que motivaram a pesquisa

Foto 05 – Imagens que motivaram a pesquisa



Início do projeto na Vila Araçá em Jun/2011



Início do projeto na Vila Araçá em Jun/2011



Primeira aula de violino na igreja Nossa Senhora do Rosário/Vila Araçá  
Nov/2011



Aluna de flauta doce na Igreja Nossa Senhora do Rosário/Vila Araçá  
Nov/2011



Grupo de flautas na EMEF Rio Grande do Sul Mato Grande/ Abril/2012



Grupo de flautas na casa da Tia Cleusa  
Jun/2013

Fonte: Arquivo Particular

Meu primeiro contato com a comunidade atendida pelo Projeto Trilhos Sonoros aconteceu no mês de junho de 2011 por ocasião de uma visita que fiz à

Vila Araçá, no bairro Mato Grande. Foi uma visita não planejada. A caminho da escola de meu filho resolvi mudar a rota que, frequentemente, eu fazia e atalhar por dentro da vila, mesmo já tendo sido orientado de que aquele lugar era perigoso. A despeito do perigo, o que encontrei foi um cenário repleto de crianças que brincavam na rua e aquela cena me chamou a atenção.

Nessa primeira visita tive a oportunidade de conversar com algumas crianças e conhecer um pouco sobre a realidade daquela vila. A percepção daquele cenário degradante bem próximo de mim, bem como as falas de crianças e adolescentes me motivaram a iniciar uma ação naquele lugar. Inicialmente, não existia a ideia de uma pesquisa sistemática, mas, apenas, a implantação de um projeto de inclusão social por meio da música que pudesse contribuir com aquelas crianças. Com o passar do tempo e o fortalecimento dos vínculos com a comunidade, percebi a necessidade de uma maior reflexão sobre aquele contexto urbano e sobre as famílias que residiam ali. Foi assim que, de forma mais permanente, comecei a registrar fotos e selecionar recortes de jornais que faziam referência ao projeto, com vistas a iniciar um processo de investigação que culminasse na produção de conhecimentos e ações pontuais para aquele cenário. Os primeiros encontros com a comunidade, bem como as primeiras intervenções musicais, os ensaios e apresentações realizadas com as crianças e adolescentes, dentro da comunidade e em outros cenários sociais, foram espaços relevantes de produção de material que hoje compõem este estudo.

O registro dessas atividades oportunizou a criação de um rico acervo fotográfico que conta em detalhes toda a trajetória do projeto Trilhos Sonoros desde a sua origem em 2011 com a formação dos primeiros grupos de flautas doces e violinos e a consolidação da orquestra infanto-juvenil do projeto. Esse material foi utilizado como fonte primária para esta tese a partir da aprovação da pesquisa pelo Conselho de Ética e Pesquisa – CEP da Faculdades da EST. Nessas fotos é possível ter, com clareza, a dimensão da vulnerabilidade em que vive aquela comunidade, bem como perceber o crescimento do projeto dentro da vila Araçá. Por isso constituem-se como elementos fundamentais para esta tese.

Para Bauer e Gaskell, a pesquisa social, “embora esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como

dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números”<sup>182</sup>. Os autores enfatizam ainda que:

O mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, “o visual” e “a mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram “fatos sociais”, no sentido de Durkheim. Eles não podem ser ignorados.<sup>183</sup>

O registro visual do projeto Trilhos Sonoros possibilitou a documentação das diversas fases sendo possível, assim, compreender o processo de construção das ações na comunidade e, ainda, levantar dados iniciais que motivaram e substanciaram a pesquisa. Para Bauer e Gaskell, o emprego de imagens fotográficas servem como aplicações potenciais para a pesquisa no que diz respeito à documentação da especificidade da mudança histórica<sup>184</sup>. Bauer e Gaskell acrescentam que:

Se alguém está interessado em investigar ou mostrar a natureza específica da mudança, então as fotografias feitas em intervalos regulares, dos mesmos lugares, podem ser ilustrativas. Mudanças em bairros, paisagens e conteúdos de um quarto; o estado de uma árvore, de uma parede ou de um corpo humano “antes” e “depois” de uma mudança importante; tudo isto, quando adequadamente atestado, testemunhado e controlado quanto ao tempo, lugar e circunstância, pode trazer poderosa evidência ou valor persuasivo.<sup>185</sup>

O levantamento dos dados ocorreu entre os meses de janeiro a abril de 2016 como período de coleta sistemática de dados para integrarem esta tese, juntamente com os outros dados correspondentes à observação assistemática. Foram utilizados, como instrumentos de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, conversas informais devidamente registradas em diário de campo e a técnica de grupo focal.

<sup>182</sup> BAUER, Martin W, GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** – 8ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 137.

<sup>183</sup> BAUER; GASKELL, 2010, p.138.

<sup>184</sup> BAUER; GASKELL, 2010, p.141.

<sup>185</sup> BAUER; GASKELL, 2010, p.141.

### 2.5.1.1 – O percurso histórico do projeto: uma história contada em fotos

Figura 06 – Uma história contada em fotos



Aula de violino na Igreja Nossa Senhora do Rosário em ago/2011



Aula de violino na Igreja Nossa Senhora do Rosário em ago/2011



Aula de flauta na EMEF Rio Grande do Sul em abr/2012



Apresentação do grupo de flautas na EMEF Rio Grande do Sul em abr/2012



Recital do dias das mães em maio/2012



Apresentação na prefeitura Municipal de Canoas



Apresentação em Supermercado do bairro em jun/2013



Apresentação na capela da ULBRA/Canoas em jun 2013



Apresentação no Fórum Mundial de Educação em jan/2014



Aula de musicalização infantil na Comunidade Minha Terra I em mar/2014



Apresentação na abertura do II Congresso Internacional da Faculdades EST em set/2014



Apresentação no Parque Getúlio Vargas em Canoas em set/2016

Fonte: Arquivo Particular

### 2.5.2 – As entrevistas

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro básico com o objetivo de sistematizar a coleta de dados e fornecer informações claras relativas ao objeto de estudo. Foram previamente agendadas, definindo-se local e horário mais conveniente para os alunos, responsáveis e pesquisador e para a aplicação da entrevista semiestruturada. As informações obtidas foram anotadas pelo pesquisador no próprio roteiro e em diário de campo quando se tratava de informações adicionais que não constavam no roteiro. Ao final das entrevistas o pesquisador lia as informações prestadas pelo/a entrevistado/a ou pedia para o/a mesmo/a ler com o objetivo de legitimar as informações. Algumas vezes o pesquisador recorreu ao/à entrevistado/a para esclarecer algumas dúvidas ou coletar outras informações que não foram exploradas na entrevista. Antônio Carlos Gil argumenta que nos levantamentos que utilizam a entrevista como técnica de coleta de dados, a mesma assume uma forma mais ou menos estruturada. Para o autor, “mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias”<sup>186</sup>.

O caderno foi utilizado com o objetivo de registrar de forma detalhada todas as situações vivenciadas no cotidiano da Vila Araçá, nos ensaios, bem como nas apresentações da orquestra infanto-juvenil. Esse registro foi de grande relevância para a pesquisa, pois contribuiu para a compreensão da dinâmica do projeto, bem como do dia a dia da comunidade. Todas as entrevistas, diário de campo e grupo focal foram digitalizadas, documentadas e arquivadas podendo ser requeridas a qualquer tempo para substanciar outras pesquisas ou como documento comprobatório da pesquisa de campo. Esses registros foram, posteriormente, armazenados em arquivo digital com vistas ao controle sistemático dos dados da pesquisa. Os dados registrados foram descritivos e aconteceram, em geral, logo após as ocorrências vividas em campo. Isso possibilitou que o registro não ocorresse, somente, a partir da memória do pesquisador. Nesse sentido, as análises posteriores ocorreram a partir de um retrato real do campo de pesquisa.

---

<sup>186</sup> GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 117.

O termo de consentimento informado para as entrevistas com as crianças, (APENDICE B), foi assinado, em sua maioria, pelas mães. Também assinaram o termo, os alunos acima de 18 anos, responsáveis e colaboradores/as do projeto, (APENDICE C). No total foram feitas 21 entrevistas distribuídas da seguinte forma: entrevistas com 03 alunos/as da oficina de flautas, (APÊNDICE D), 03 integrantes da orquestra infanto-juvenil, (APÊNDICE E) 06 responsáveis, (APÊNDICE F) 06 líderes religiosos/as, (APÊNDICE G); 02 colaboradoras e 01 colaboradores do projeto, (APÊNDICE H). Os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa social foram os seguintes: maior tempo e engajamento no projeto, participação nas reuniões do grupo, disponibilidade para as entrevistas, líderes religiosos/as do entorno do projeto, bem como de igrejas cooperadoras e pessoas que contribuem voluntariamente com o projeto há mais tempo. O acesso às igrejas foi devidamente autorizado pelos pastores/as e os encontros foram agendados anteriormente.

As entrevistas tinham como objetivo, compreender a percepção dos/as alunos/as a respeito das ações desenvolvidas naquele contexto social, bem como suas motivações e perspectivas em relação ao projeto. Outrossim, as entrevistas objetivaram conhecer a percepção dos responsáveis sobre o projeto e a repercussão dessas atividades no contexto familiar e comunitário; analisar a importância do projeto para os alunos: na família e na comunidade em geral; compreender as motivações das igrejas que cooperam com o projeto; compreender a visão dos líderes religiosos do entorno a respeito da *missio Dei*, igreja, Comunidade Espiritual e Projeto Trilhos Sonoros enquanto Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei*; conhecer o que alunos pensam sobre a liturgia dos ensaios e apresentações e, por fim, entender de que forma o projeto Trilhos Sonoros tem contribuído com a transformação do contexto social onde residem as crianças e adolescentes, ressignificando suas rotinas familiares e perspectivas de vida.

A maior parte das entrevistas foi feita nas residências das crianças com a presença dos/as responsáveis. Algumas vezes a mãe fazia questão de dizer para o/a filho/a conversar sozinho/a com o pesquisador deixando, assim, que o/a mesmo/a ficasse mais à vontade para responder aos questionamentos. Do total de alunos/as entrevistados/as, apenas dois estiveram acompanhados/as com o pai e a mãe. Algumas crianças eram acompanhadas apenas pela mãe e outras responderam aos questionamentos sozinhas. Em geral, as crianças que foram

acompanhadas pelos pais sentiam-se mais inibidas em responder alguns questionamentos e eram, muitas vezes, orientadas e conduzidas pelos pais, nas respostas.

A melhor forma de coletar os dados com as crianças, a partir de um roteiro básico, foi nos ensaios e apresentações onde, de maneira informal, as mesmas conversavam e acabavam respondendo a determinado questionamento feito pelo pesquisador. As viagens de ônibus para outras cidades constituíram-se como momentos relevantes para a realização das entrevistas com as crianças e adolescentes. O convívio semanal, por ocasião dos ensaios e apresentações, oportunizou uma criação de vínculos que foi fundamental para a realização das entrevistas.

Durante a aplicação das entrevistas com os/as alunos/as das oficinas de flauta doce o pesquisador percebeu que o acanhamento de algumas crianças no momento de responder aos questionamentos, não estava relacionado à timidez, mas a dificuldades em elaborar respostas para aqueles questionamentos formais. Dessa forma, os questionamentos foram tratados de forma mais direta e prática tornando aquele conteúdo acessível às crianças. Por essa razão, Gil recomenda que “a entrevista nos levantamentos deve ser desenvolvida a partir de estratégia e tática adequadas”.<sup>187</sup> Os/as alunos/as que integram a orquestra infanto-juvenil, considerando a maturidade dos/as mesmos/as, não tiveram nenhuma dificuldade em responder aos questionamentos feitos pesquisador. Ao contrário das crianças da oficina de flautas, os/as alunos/as que integram a orquestra falaram com maior desenvoltura sobre os aspectos abordados na entrevista. Isso possibilitou o levantamento de dados relevantes para pesquisa. Um aluno de 19 anos, que atua na condição de monitor do projeto, deu importantes contribuições para o aperfeiçoamento das ações desenvolvidas. Nesse caso, a entrevista não apenas levantou dados, mas serviu como meio para esse aluno apresentar propostas valiosas para o desenvolvimento do projeto na comunidade.

As entrevistas com os/as responsáveis foram fundamentais para a pesquisa porque, além de servirem como diagnóstico real da situação cultural, social e econômica, indicaram as perspectivas das famílias em relação à participação das crianças no projeto e o apoio dado às mesmas no sentido de frequentar as

---

<sup>187</sup> GIL, 2009, p. 117.

atividades. As mulheres representaram o maior percentual de envolvimento com a pesquisa, totalizando 90% de participação nas entrevistas. Apenas um pai respondeu às questões formuladas pelo pesquisador. As entrevistas com os responsáveis foram realizadas nas suas residências em datas e horários combinados previamente. No entanto, em virtude do vínculo permanente com o projeto, alguns responsáveis procuravam o pesquisador nos ensaios e apresentações e complementavam ou retificavam alguns dados prestados por ocasião da entrevista. Isso foi importante porque, além de enriquecer a pesquisa, apontou para alguns aspectos novos que não tinham sido contemplados no roteiro do pesquisador. Nesse sentido, para Gressler, a maior vantagem da entrevista é a flexibilidade. A autora diz que “o entrevistador tem condições de aclarar e encorajar o investigado a fornecer informações mais completas e de observar o que o entrevistado diz e como diz: gestos, expressões faciais, alteração de voz etc”<sup>188</sup>.

Foram realizadas quatro entrevistas com os/as pastores/as nas igrejas, antes do culto, e dois roteiros de entrevista semiestruturada foram encaminhados por email, considerando que esses líderes informaram sobre a dificuldade em atender o pesquisador de forma presencial. Do total dessas entrevistas, apenas duas não foram efetivadas com os/as participantes inicialmente escolhidos/as para a pesquisa. A primeira entrevista seria realizada com o pastor da maior igreja do entorno. Por se tratar da igreja com maior número de membros do entorno dos trilhos, essa entrevista seria fundamental para a pesquisa, no entanto, no primeiro encontro para a realização da entrevista o pastor já deu sinais de indiferença ao tema e indisposição em responder aos questionamentos. O pastor limitou-se a dizer que não realizava nenhuma atividade junto àquela comunidade e não conhecia o Projeto Trilhos Sonoros. Ao fazer uma leitura rápida no roteiro, solicitou à sua secretária para fazer fotocópia e disse que encaminharia por email posteriormente. No entanto, não houve o retorno do referido pastor. Dessa forma, foi feita a substituição por outro líder religioso de uma igreja menor recém-implantada no entorno. A segunda entrevista seria realizada com o pastor responsável por uma igreja ao lado da Vila Araçá que já havia se comprometido em participar da pesquisa, no entanto, o mesmo teve um infarto fulminante na semana anterior à

---

<sup>188</sup> GRESSLER, 2007, p. 182.

pesquisa e foi hospitalizado com urgência, vindo a óbito. Dessa forma, outro líder cristão, do entorno, foi convidado a participar da entrevista.

Foram realizadas duas entrevistas com senhoras que contribuem com o projeto no fornecimento de lanches e captação de recursos e com um senhor que tem contribuído com o fornecimento de lanches. Pelo fato de algumas respostas serem muito parecidas, as mesmas foram suprimidas. As entrevistas foram realizadas nas residências dos colaboradores e complementadas em apresentações da orquestra. De igual forma, as entrevistas com os/as colaboradores/as foram fundamentais para a pesquisa porque revelaram as motivações e perspectivas desses/as irmãos/ãs de fé no que diz respeito ao projeto.

### **2.5.3 – As conversas informais**

Foram realizadas várias conversas informais com as crianças e adolescentes, alguns responsáveis, líderes religiosos e colaboradoras do projeto. O registro dessas conversas foi feito em diário de campo e armazenados em arquivo eletrônico. As conversas informais ocorreram em diversos contextos sociais: nos ensaios, apresentações, nos passeios e encontros casuais pelo bairro. Além de servirem como complementação de alguns aspectos abordados nas entrevistas, as conversas informais revelaram, de forma mais clara, as necessidades e perspectivas da comunidade por se tratarem de depoimentos espontâneos. Foram realizadas conversas informais, em sua maioria, com as crianças e adolescentes do projeto. As conversas informais com os responsáveis ocorriam no momento em que alguns iam até a sede do projeto levar os filhos para as aulas e, até mesmo, em algum deslocamento para as apresentações. Durante as visitas na Vila Araçá, algumas mães me chamavam para justificar a ausência dos filhos nas aulas. Esses momentos foram importantes para a pesquisa pelo fato de, tal postura, revelar o compromisso da família no que diz respeito à participação da criança no projeto. Essas conversas foram registradas e, algumas delas, incluídas no texto. É importante enfatizar que as conversas informais aconteceram com várias crianças do projeto não se limitando aos/às alunos/as disponíveis para as entrevistas.

As conversas informais aconteceram, também, com as duas colaboradoras do projeto. A participação nos ensaios e apresentações oportunizaram essas conversas e ampliaram a percepção do pesquisador a respeito de alguns assuntos

contemplados no roteiro das entrevistas. Foram realizadas, ainda, conversas informais com pastores que convidavam o Projeto Trilhos Sonoros para apresentações em programações da igreja.

As conversas informais contribuíram no sentido de sinalizarem para algumas ações que foram, no decorrer da pesquisa-ação, implementadas no projeto. Considerando que a pesquisa-ação, em sua essência, é prática, as conversas informais, realizadas no dia a dia na comunidade, revelaram dados para além da pesquisa clássica constituindo-se, assim, de fundamental importância para a pesquisa-ação.

#### 2.5.4 – Grupo Focal

O grupo focal (*focus group*) é um tipo de entrevista realizado em grupo com vistas à discussão de um determinado tópico específico. Também chamado de entrevista focalizada de grupo, entrevista profunda em reuniões e reuniões de grupos, Martins argumenta que os integrantes do grupo focal são motivados pelas respostas que são apresentadas pelos outros participantes em relação aos assuntos expostos pelo moderador, sendo, em seguida, “registradas as opiniões-sínteses das discussões estimuladas/orientadas pelo mediador que em geral é o próprio investigador”<sup>189</sup>. Martins afirma ainda que:

As características gerais do *focus group* são o envolvimento dos participantes, as séries de reuniões, a heterogeneidade demográfica do grupo e a geração de dados e informações necessárias aos objetivos da investigação. [...] A integração espontânea dos participantes propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, não comuns quando se aplica um instrumento individualmente.<sup>190</sup>

Martins enfatiza que os propósitos do estudo precisam ser claros para o moderador, “ensejando reflexões sobre o objetivo das reuniões: sequência lógica das ações que possam resultar em informações importantes para a pesquisa”<sup>191</sup>. Para o autor, “os *insights* que emergem das provocações e estímulos de um *focus*

---

<sup>189</sup> MARTINS, Gilberto de Andrade. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 44.

<sup>190</sup> MARTINS, 2009, p.44.

<sup>191</sup> MARTINS, 2009, p. 44

*group* podem ajudar o pesquisador a refinar seus conceitos e entendimentos sobre o assunto/tema pesquisado”<sup>192</sup>.

Foram realizados dois grupos focais na sede do projeto. (APÊNDICES I e J) Um grupo focal aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2016, por ocasião do início do ano letivo com a presença de pais/mães e colaboradores/as do Projeto Trilhos Sonoros, e outro com todas as crianças e adolescentes no dia 16 de abril de 2016. No primeiro grupo focal foram abordados os seguintes temas: o Projeto Trilhos Sonoros como ação cristã na periferia; o objetivo do projeto; a situação atual do Projeto Trilhos Sonoros no que diz respeito ao *déficit* de professores para atenderem às novas demandas de alunos; continuidade e aprimoramento do projeto no ano de 2016; a falta de espaço físico para formação de novas turmas; a confecção de carnês de colaboração com vistas à manutenção dos instrumentos da orquestra; a liturgia dos ensaios e recitais; os novos grupos de cooperação e as parcerias do projeto. Esse grupo focal, em especial, revelou o interesse dos pais em que o projeto continuasse a desenvolver suas atividades a fim de que seus filhos dessem continuidade aos estudos musicais e, de igual forma, evidenciou o desejo dos/as colaboradores/as em dar continuidade ao serviço que desenvolviam no Trilhos Sonoros. As opiniões-sínteses, desse grupo focal, foram registradas por uma colaboradora do projeto.

O segundo grupo focal foi desenvolvido com as crianças e adolescentes na faixa etária entre oito e 17 anos. Nesse grupo, de forma específica, o objetivo era compreender o que os/as alunos/as pensavam sobre o Projeto Trilhos Sonoros enquanto uma comunidade espiritual a serviço de Deus. Inicialmente fiquei receoso que as crianças não falassem por se tratar de um tema pouco abordado no seu dia-a-dia. No entanto, e, para minha surpresa, as crianças trouxeram informações valiosíssimas para a pesquisa. Os temas discutidos foram os seguintes: igreja, diferença entre igreja e o Projeto Trilhos Sonoros; as motivações para ir à igreja e as motivações para estar no projeto. Esse grupo focal foi moderado pelo pesquisador e registrado por uma monitora de 21 anos que integra a orquestra Trilhos Sonoros. Os roteiros dos grupos focais, bem como a fala dos participantes foram sistematizadas e armazenadas em arquivo eletrônico.

---

<sup>192</sup> MARTINS, 2009, p. 45.

Os dois grupos focais revelaram entre outros aspectos a vinculação efetiva das crianças ao projeto, bem como o engajamento de alguns responsáveis e colaboradores/as no projeto e o interesse em que as ações se consolidem de forma efetiva no bairro enquanto projeto missionário de apoio e cuidado de crianças e adolescentes.

## 2.6 – Síntese

No presente capítulo, foi apresentada a trama teórico-metodológica da tese enfatizando os caminhos de uma pesquisa-ação na periferia. Por tratar-se de um trabalho realizado com grupo de crianças, grupo de colaboradores/as e pais/mães, portanto, realizado de forma coletiva, a pesquisa-ação favoreceu a captação das informações empíricas. Para Thiollent, “na concepção da pesquisa-ação, as condições de captação da informação empíricas são marcadas pelo caráter coletivo do processo de investigação”<sup>193</sup>, portanto, as entrevistas coletivas realizadas com crianças e seus responsáveis, bem como as reuniões de discussão e planejamento com os/as colaboradores/as, os ensaios e aulas de prática instrumental coletiva, bem como os grupos focais oportunizaram a captação de informações relevantes para a pesquisa. No entanto, essa preferência dada as técnicas coletivas não excluíram as entrevistas individuais e os questionários, bem como as conversas informais. Thiollent ressalta que “a preferência dada às técnicas coletivas e ativas não exclui que, em certas condições, as técnicas individuais, entrevistas ou questionários, sejam também utilizados de modo crítico”<sup>194</sup>.

A opção pela pesquisa-ação foi pela possibilidade real de uma intervenção nas ações já realizadas a partir do Projeto Trilhos Sonoros, com crianças em permanente situação de vulnerabilidade social que residem na periferia de Canoas-RS. A participação das crianças, pais/mães, colaboradores/as e líderes cristãos de forma ativa, não apenas como sujeitos investigados, indicou o planejamento de novas ações para o projeto. Para Thiollent “a observação social adquire um aspecto de questionamento que, no caso da pesquisa-ação, não é monopolizado pelos pesquisadores, já que a função normal do pesquisador é fazer perguntas e recolher

---

<sup>193</sup> THIOLLENT, 2008, p. 103.

<sup>194</sup> THIOLLENT, 2008, p. 103.

respostas dos investigados”<sup>195</sup>. Nessa perspectiva Thiollent enfatiza que os membros que representam uma dada situação problema sob investigação, não são considerados/as apenas como informantes para o pesquisador, mas “desempenham uma função interrogativa, fazendo perguntas e procurando elucidar os assuntos coletivamente investigados”<sup>196</sup>.

Por fim, os caminhos dessa pesquisa-ação na periferia revelaram que há muito que se fazer em prol das crianças e adolescentes que residem naquele contexto social. A pesquisa-ação instiga o pesquisador a uma ação contínua após a reflexão e levantamento de dados. Não há finalizações na pesquisa-ação, mas continuidades. A perspectiva criada, a partir da pesquisa-ação, é que novos olhares sejam lançados para aquele contexto. Não apenas olhares curiosos e aventureiros, mas olhares compassivos, comprometidos e dispostos a caminhar com os pobres na periferia.

---

<sup>195</sup> THIOLLENT, 2008, p. 104.

<sup>196</sup> THIOLLENT, 2008, p. 104.



### 3 – O PROJETO TRILHOS SONOROS: A TRAJETÓRIA DE UM PROJETO SÓCIOCRISTÃO NA PERIFERIA

*Nossa missão é então um processo de humanização do mundo e da história. É formar uma nova humanidade, trabalhando os valores de Jesus.*

*Dom Franco Masserdotti*

Neste capítulo, será apresentado o percurso histórico do Projeto Trilhos Sonoros ao longo de seus seis anos de atuação no bairro Mato Grande. Para tanto, relatarei as motivações iniciais que originaram o projeto, bem como o processo de crescimento e consolidação enquanto projeto sóciocristão direcionado às crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social que residem no bairro Mato Grande em Canoas. Inicialmente, será descrito o processo de criação de vínculos com a comunidade da Vila Araçá a partir da musicalização por meio da flauta doce. Nessa perspectiva histórica, recorreremos à memória e a alguns relatos de crianças que ainda estão no projeto e ajudam a registrar, neste trabalho, as primeiras aulas, ensaios e apresentações, bem como as perspectivas dos pais/mães e da comunidade em torno daquele grupo recém-criado. Posteriormente, será apresentada a estrutura e a organização do Projeto Trilhos Sonoros, procurando destacar os desafios encontrados e a formação dos núcleos de cooperação na comunidade, bem como a rede de parceiros/as criada como suporte ao projeto no que diz respeito às suas necessidades operacionais. Considerando a experiência desses seis anos de atividades, será tratado sobre a importância da casa para o Projeto Trilhos Sonoros, haja vista ser nesse espaço informal, simples e acolhedor onde as atividades são desenvolvidas. Em seguida, será informada a situação atual do Projeto Trilhos Sonoros enfatizando suas principais perspectivas e os desafios.

Por fim, será apresentada a liturgia dos ensaios e recitais como estratégia de proclamação do Evangelho para as crianças, famílias e comunidade em geral, discorrendo, assim, sobre as contribuições do Projeto Trilhos Sonoros para o fortalecimento de uma fé engajada com os pobres da periferia. Assim, este capítulo cumpre o propósito de descrever o Projeto Trilhos Sonoros e, ao mesmo tempo, enquanto pesquisa-ação, sistematizar as ações do projeto que vêm sendo desenvolvidas no decorrer desses seis anos.

### 3.1 – Conhecendo a Vila: Os primeiros vínculos com a comunidade a partir da música

Foto 07 – Vila Araçá



Fonte: Arquivo particular

Para iniciar um trabalho junto à comunidade é preciso, inicialmente, criar vínculos com as pessoas que serão integradas ao projeto. Dessa forma, antes mesmo de iniciar qualquer ação musical procurou-se estabelecer vínculos com as crianças e suas respectivas famílias procurando inserir-se no cotidiano deles/as. Morar próximo à vila Araçá foi condição *sine qua non* para a criação de fortes vínculos com a comunidade. Clodovis Boff diz que “morar num bairro popular é uma forma de mergulhar mais a fundo nas condições de vida dos oprimidos”<sup>197</sup>. Esse mergulhar mais a fundo me permitiu, na condição de idealizador do projeto, conhecer realmente as condições em que vivia aquela comunidade. Nessa perspectiva, Boff argumenta que a vantagem dessa inserção está na assimilação de todo o universo social e cultural dos oprimidos<sup>198</sup>. Não se trata, portanto, da criação de vínculos entre pesquisador e comunidade pesquisada, mas vínculos que foram estabelecidos no dia a dia: no supermercado, na lancheria, no caminho para a

---

<sup>197</sup> BOFF, 1986, p. 34.

<sup>198</sup> BOFF, 1986, p. 34.

escola e na visita periódica à vila. O estar juntos nesses espaços permitiu um olhar mais atento para as necessidades daquelas crianças e suas famílias e me motivou a iniciar um projeto de educação musical na vila com vistas a uma contribuição mais efetiva no que diz respeito àquela realidade. Passar todo dia pela vila e ver aquelas crianças brincando sobre o lixo e correndo livremente na rua sem a presença de um adulto me causou profundo impacto, ao mesmo tempo em que me encorajou a prosseguir com a ideia de uma intervenção social naquele contexto via a educação musical. Arzemiro Hoffmann destaca que para Viv Grigg, em seu livro *O Grito dos pobres da cidade*, “os projetos urbanos bem sucedidos são aqueles nos quais os missionários residem e convivem contextualmente com a população empobrecida da periferia”<sup>199</sup>.

Ao entrar pela primeira vez na vila Araçá procurei conversar com os moradores com o objetivo de estabelecer os primeiros vínculos e, ao mesmo tempo, ser notado pela comunidade. Nessas andanças pela vila, conversei com crianças na rua e com alguns pais sobre a possibilidade de desenvolver um projeto de música. Na conversa com um pai escutei o seguinte relato: “é muito bom ter um projeto aqui na vila porque as crianças daqui acordam e dão de cara com o lixo, passam o dia perto do lixo, o que elas vão ser no futuro?”<sup>200</sup> A fala desse pai apontou para uma necessidade premente de intervenção naquele contexto. A inserção permanente na vila oportunizou, ainda, que eu conhecesse a Dona Magda, uma senhora responsável pela limpeza da igreja Nossa Senhora do Rosário e seu esposo, o seu Paulo, com os quais conversei sobre a possibilidade de desenvolver um trabalho junto às crianças e adolescentes da vila. Na oportunidade relatei minha intenção em realizar um projeto, mas que não havia um local para desenvolver as atividades. No entanto, a dona Magda disse que poderia abrir a igreja todos os sábados para que as atividades fossem realizadas. Segundo ela, a igreja estava sem atividades e poderia ser cedida para aquele fim. O que encontramos no local foi um espaço muito sujo e desorganizado, sem energia e água. A dona Magda e outras senhoras, juntamente com as crianças, trataram de limpar o chão, a mesa e os bancos e o vizinho cedeu uma extensão de energia para ser utilizada nas aulas. A limpeza e

---

<sup>199</sup> GRIGG *apud* HOFFMAN, Arzemiro. **A cidade na missão de Deus**: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus. Curitiba: Encontro, 2007. p. 80.

<sup>200</sup> Fala de um morador sobre a importância de um projeto para as crianças da vila. O encontro com esse morador ocorreu nas primeiras inserções na vila. Essas inserções tinham por objetivo, perceber o interesse dos/as moradores/as pela implantação de um projeto de música com as crianças. A fala desse morador foi emblemática para o início do projeto.

arrumação da igreja representou o primeiro envolvimento prático das famílias com o projeto.

Após a cessão e limpeza do espaço, realizamos uma aula inaugural falando sobre a importância da música na formação da criança e o papel da família no desenvolvimento musical. Em seguida fizemos um pequeno recital de trompete e violino e, depois disso, relatei às crianças um pouco de minha história. Disse a elas sobre o apoio de meus pais para estudar música e o esforço que fazia quando criança para não faltar às aulas e estudar as lições musicais. Contei, também, que nasci numa periferia e com muita dedicação e disciplina consegui estudar e aprender a tocar um instrumento. O objetivo desse primeiro encontro era dizer às crianças e suas famílias que, apesar de ter nascido pobre em uma vila da periferia de Belém e sem muitas perspectivas para o futuro, consegui avançar nos estudos e me tornar um profissional da música.

Foto 08 – Recital de trompete para a comunidade



Fonte: Arquivo particular

Em seguida foi feita a apresentação da proposta enfatizando a necessidade de que as famílias estivessem engajadas no projeto, apoiando os/as filhos/as e contribuindo para que o projeto alcançasse outras crianças da vila. Após a

apresentação foi distribuído um sopão para as crianças e famílias. Nesse momento, tivemos um tempo de comunhão à mesa que oportunizou a interação entre as famílias e a coordenação do projeto. Aos poucos as crianças começaram a falar e se aproximar mais de mim, ao mesmo tempo em que as mães também interagiam com questionamentos sobre o projeto. De imediato, as crianças perceberam, pelo meu sotaque, que eu não era gaúcho e, então, começavam a rir e pedir que eu repetisse algumas palavras. Isso foi importante pelo fato de ter nos aproximado mais e permitido um momento de descontração para as crianças. A criação de vínculos inclui o reconhecimento e a aceitação do diferente.

Foto 09 – Sopão/Momento de comunhão



Fonte: Arquivo particular

A intenção, nesse primeiro encontro com a comunidade, era estabelecer as bases para uma ação mais permanente naquele contexto. A inserção, embora seja fundamental, não é tudo. É necessário que a inserção revele pistas de uma ação mais concreta junto à comunidade. Boff enfatiza que a inserção não é o fim, mas o meio. Para Boff, a inserção “visa à aliança concreta e prática do agente com o povo e do povo com o agente, sempre em favor do povo”<sup>201</sup>. Boff continua afirmando que:

---

<sup>201</sup> BOFF, 1986, p.36.

Ela tem sentido na medida em que permite a partilha e o intercâmbio das riquezas e serviços mútuos com vistas à libertação. Pois é a partir da inserção que o agente poderá descobrir seu próprio caráter de classe e se converter, compreender realmente as condições de existência e consciência do povo e contribuir afetivamente para seu crescimento. Por outro lado, é também a partir da inserção do agente no povo que este poderá elevar seu nível de consciência organização e luta.<sup>202</sup>

Nessa perspectiva o Projeto Trilhos Sonoros procurou revelar àquela comunidade uma proposta de atividade com vistas a contribuir com a formação daquelas crianças e adolescentes da vila. Assim, no sábado seguinte, o trabalho foi iniciado com 11 flautas, no salão da igreja e com algumas crianças que compareceram à primeira aula. O objetivo desse primeiro encontro foi marcar aquele lugar como base do Projeto Trilhos Sonoros e, de certa forma, legitimar, junto àquela comunidade, a minha presença na vila a partir dos vínculos criados com as crianças e suas famílias.

Foto 10 – Primeira aula com as crianças



Fonte: Arquivo particular

O processo de criação de vínculos com a comunidade começou a ser mais intenso a partir do vínculo estabelecido com as crianças. Ao entrar de carro na vila,

---

<sup>202</sup> BOFF, 1986, p.36.

logo eu era parado por uma criança que perguntava se haveria ensaio no próximo sábado. Certa vez, enquanto eu conversava com as crianças, um rapaz chamou-as e perguntou sobre mim. Elas responderam que eu era o professor de música que estava dando aulas na igreja. Com o passar do tempo fiquei sabendo que aquele rapaz era o líder do ponto de tráfico na vila. Após várias inserções o mesmo rapaz me cumprimentava e conversava comigo sobre vários assuntos e, há dois anos, sua filha integra a orquestra infanto-juvenil tocando flauta doce e violino.

Depois de algumas aulas convidei os pais e a comunidade para assistir ao primeiro recital de flauta doce. As crianças nunca haviam participado de um recital. Isso para elas era estranho. Foi necessário explicar o que seria aquele evento na comunidade. Algumas crianças ficaram nervosas ao saber que se apresentariam para a comunidade e para outras pessoas. De igual forma, foi necessário explicar para os/as responsáveis sobre a importância daquele evento para o projeto e para a comunidade. Após algumas explicações todos/as se mobilizaram para o evento. Algumas mães ficaram responsáveis pelo alimento e outras pela arrumação do local. Na tarde do recital, alguns familiares compareceram e trouxeram alguns convidados para prestigiar o evento.

Nesse recital tivemos a presença de uma equipe do jornal Diário de Canoas que, por intermédio da coordenação do projeto, foi convidada para estar no evento. Durante o recital foram feitas algumas fotos e entrevistas com os responsáveis pelas crianças. No dia seguinte o jornal Diário de Canoas publicou a primeira matéria sobre o Projeto Trilhos Sonoros, intitulada: “Crianças e adolescentes do Mato Grande despertam para a música”<sup>203</sup>. (ANEXO 01). O jornal Diário de Canoas destacou que:

Cerca de 15 crianças e adolescentes com idade entre 8 e 15 anos, aprendem desde o mês passado a tocar flauta na igreja Nossa Senhora do Rosário, bairro Mato Grande. Mais do que despertar o gosto pela música e a familiaridade com o instrumento, o projeto Trilhos Sonoros visa contribuir para desenvolver as habilidades sociais dos alunos. O professor Augusto Souto, [...], explica que as aulas pretendem trabalhar a autoestima e transmitir ensinamentos de cidadania, como o respeito mútuo e o senso de cooperação.<sup>204</sup>

---

<sup>203</sup> Matéria publicada no Jornal Diário de Canoas no dia 27/07/2011, p. 24.

<sup>204</sup> Matéria publicada no Jornal Diário de Canoas no dia 27/07/2011, p. 24.

Foto 11 – Primeiro recital na comunidade



Fonte: Arquivo particular

O jornal destacou, ainda, a participação dos responsáveis nas aulas e a impressão dos/as mesmos/as sobre o Projeto Trilhos Sonoros. O texto dizia o seguinte:

Mãe de seis filhos, Veridiana Fonseca, 30 anos, diz que quatro deles participam do projeto Trilhos Sonoros. Sentada no canto da igreja, onde os ensaios acontecem, a manicure acompanha a aula de música dos filhos. “É bonito ver eles aprenderem a tocar flauta. Antes as crianças não tinham nada para fazer aqui no bairro”, comenta Veridiana. A líder comunitária Magda Beatriz Crixel, 49 anos, apoiadora do projeto, salienta que “enquanto estão nas aulas, as crianças e adolescentes deixam de pensar bobagem e ficar na rua”.<sup>205</sup>

A matéria publicada no jornal foi assunto do dia na comunidade, pois se tratava de crianças da Vila Araújo. Os pais se apressaram em comprar os jornais e mostrar para outros moradores da vila. As crianças, no ensaio seguinte, trouxeram o jornal para me mostrar e se orgulhavam em ver a foto no jornal. A matéria publicada

---

<sup>205</sup> Matéria publicada no Jornal Diário de Canoas no dia 27/07/2011, p. 24.

no jornal foi muito importante para o projeto, considerando que era o início das atividades e necessário que o projeto ficasse conhecido entre os moradores da Vila Araçá e do bairro Mato Grande em geral. A partir dessa divulgação local passei a ser abordado na rua por pais que perguntavam se podiam matricular seus filhos no projeto. Por várias vezes recebi em minha casa, há poucas quadras da vila, os pais de alunos interessados em que seus filhos estudassem música. Essa procura, por sua vez, oportunizou o estabelecimento de novos vínculos com famílias da vila e de ruas adjacentes. Como as atividades do projeto eram realizadas dentro da Vila Araçá e, historicamente, aquela vila só era conhecida pelo perigo que representava aos moradores do bairro Mato Grande, fui orientado por um pai a colocar uma placa, na entrada da vila, sinalizando que ali funcionava o Projeto Trilhos Sonoros. Entrei em contato com a prefeitura municipal e consegui uma placa de sinalização para orientar os interessados pelas aulas de música. Essa placa foi colocada ao lado dos trilhos que passa atrás da Vila Araçá.

Foto 12 – Placa indicativa do projeto Trilhos Sonoros



Fonte: Arquivo particular

A divulgação no jornal local oportunizou, ainda, que o Projeto Trilhos Sonoros fosse convidado para sua primeira apresentação fora da comunidade. Dessa feita, o projeto fez uma apresentação dentro da Semana da Música de Canoas e contou com a presença de vários artistas, representantes do poder municipal e a comunidade da Vila Araçá que teve a oportunidade de ouvir, pela primeira vez, as crianças serem aplaudidas por um auditório lotado. Essa apresentação foi relevante para as crianças e para suas famílias, pois oportunizou que as mesmas fossem integradas em outro cenário social, bem como possibilitou uma maior integração entre as crianças. Não eram mais apenas vizinhas, mas integrantes de um grupo artístico musical.

Foto 13 – Primeira apresentação fora da comunidade



Fonte: Arquivo particular

Novas apresentações foram realizadas na comunidade e em outros espaços da cidade. Essa dinâmica de ensaios e apresentações semanais serviu como fortalecimento e criação de novos vínculos, bem como contribuiu para que a comunidade percebesse o projeto como uma ação concreta para aquelas crianças e começasse a se integrar efetivamente nas ações.

Importa, portanto, neste tópico informar que o processo de criação de vínculos com a comunidade a partir dos ensaios e apresentações foi fundamental para a continuidade do projeto na vila. Já não se tratava apenas de aulas e ensaios no sábado à tarde, mas apresentações nas escolas do bairro durante a semana, ensaios semanais pela noite para intensificar o estudo do repertório, reuniões com as famílias para decidir o modelo da roupa e o que seria servido ao final da apresentação. Essa criação de vínculos com a comunidade permitiu o meu livre acesso na vila, bem como oportunizou que eu interagisse com outros moradores que não estavam integrados ao projeto. A partir de então, sempre que eu entrava na vila, era cumprimentado por moradores/as que logo me identificavam como professor do Projeto Trilhos Sonoros.

A construção de vínculos, no entanto, não é tarefa fácil. É preciso estar consciente que nem todos/as estarão abertos/as às propostas de um projeto na periferia. Lembro-me de um pai que tinha duas filhas no projeto. Por várias vezes fui à sua casa convidar as crianças para o ensaio e sempre era recebido com muita hostilidade por ele que, em tom agressivo, me respondia que as filhas não iriam para o ensaio ou apresentação porque tinham que ajudar a mãe. Nesse caso, a criação de vínculos passa pelo teste da paciência. É preciso entender os motivos e se submeter a eles a fim de que haja uma relação recíproca de confiança e respeito. Com o passar do tempo já não era necessário chamar as crianças na casa, pois o pai permitia que elas participassem dos ensaios e apresentações fora da vila.

Dessa forma, o Projeto Trilhos Sonoros foi construindo vínculos com a comunidade da vila Araçá e se consolidando como projeto de inclusão social por meio da música. A partir de então novas demandas de apresentações foram aparecendo, novas necessidades e desafios foram surgindo e novas famílias foram incorporadas ao projeto.

### **3.2 – A estrutura e organização do Projeto Trilhos Sonoros: desafios e conquistas**

O Projeto Trilhos Sonoros iniciou suas atividades no dia 26 de junho de 2011 e pode ser classificado como projeto comunitário realizado de forma voluntária. O projeto foi idealizado e é coordenado pelo professor Carlos Augusto Pinheiro Souto que, também, atua como professor de ensino coletivo de instrumentos no projeto. O

objetivo do projeto é contribuir com que crianças e adolescente da Vila Araçá no bairro Mato Grande, em Canoas tenham acesso ao aprendizado musical e possam, a partir da música, conhecer o amor abundante de Cristo. Assim, o projeto não se limita ao desenvolvimento da competência técnico-instrumental, nem tampouco ao assistencialismo, mas tem como objetivo principal a proclamação do evangelho por meio das atividades musicais, sejam elas ensaios periódicos, apresentações ou outras ações em que as famílias estejam reunidas em torno do projeto.

No início o projeto possuía apenas 11 flautas doces em péssimo estado de conservação. No entanto, com essas flautas foi possível estabelecer os primeiros vínculos com a comunidade e realizar algumas apresentações na vila e em outros espaços. Sobre esse *déficit* de instrumentos o jornal Diário de Canoas enfatizou, que:

Alguns alunos do Mato Grande deixam de fazer o curso, que destina 20 vagas, pela falta de condições de adquirir o instrumento adequado. O professor de música Augusto Souto destaca que as crianças e adolescentes estão usando flautas que custam menos de dois reais, enquanto o ideal seria o modelo encontrado em torno de 22 reais. “Isso prejudica a sonoridade sem contar que as flautas quebram com facilidade. Para adquirirmos os instrumentos apropriados precisamos contar com parcerias”, pontua Souto.<sup>206</sup>

A partir da divulgação no jornal local o projeto recebeu a doação de outras flautas e foi informado pela Secretaria de Cultura sobre o programa Microcrédito Cultural da Prefeitura Municipal de Canoas que destinava recursos para projetos culturais a partir da aprovação no edital. Esse programa tinha por objetivo o desenvolvimento da cidadania a partir do incentivo a artistas locais. Com a aprovação do projeto apresentado, o Trilhos Sonoros foi contemplado com um repasse financeiro que, conforme planilha de custo apresentada, visava à compra de mais flautas e violinos. A aquisição desses instrumentos possibilitou a ampliação do número de atendimentos do projeto e iniciou uma nova fase visando à formação de uma orquestra infanto–juvenil.

A partir de então o projeto passou a realizar atividades de ensino de flauta doce para alunos iniciantes e de violinos para os alunos mais adiantados no estudo da flauta. As aulas eram realizadas aos sábados pela tarde com duas turmas distintas. Pelo fato de não ter um espaço adequado para a realização de aulas para

---

<sup>206</sup> Matéria publicada no Jornal Diário de Canoas no dia 27/07/2011, p. 24.

duas turmas, as aulas ocorriam em horários diferentes dentro do mesmo local. Inicialmente o projeto atendia as crianças de flauta doce que estavam iniciando os estudos musicais e logo em seguida as aulas eram direcionadas para o aprendizado do violino.

Foto 14 – Aulas de flauta



Fonte: Arquivo particular

Foto 15 – Aulas de violino



Fonte: Arquivo particular

Como contrapartida ao repasse feito pelo Microcrédito Cultural o projeto precisava realizar pelo menos cinco apresentações na comunidade. Assim, iniciamos a preparação de um repertório para flautas e violino para ser apresentado nas escolas do bairro como forma de divulgar o trabalho e oportunizar que novas crianças se inscrevessem no projeto. As apresentações realizadas nas escolas municipais possibilitaram uma maior visibilidade do projeto no bairro. A partir de então, o Projeto Trilhos Sonoros foi convidado pela diretora da EMEF Rio Grande do Sul para utilizar duas salas daquela instituição de ensino. Considerando que alguns alunos do projeto estudavam ali e que ela ficava próximo à vila, transferimos as atividades da igreja para a escola. Com a disponibilidade de espaços distintos, bem como a participação voluntária de um novo professor de flauta doce, o número de alunos/as foi ampliado.

Foto 16 – Aula de violino na EMEF Rio Grande do Sul



Fonte: Arquivo particular

O Projeto Trilhos Sonoros ficou na Escola Rio Grande do Sul, aproximadamente, um ano quando então as salas utilizadas para as aulas de

música foram solicitadas pela direção para o desenvolvimento de outras atividades. Considerando a demanda expressiva de alunos/as, bem como o patrimônio instrumental adquirido, foi necessário outro espaço para o desenvolvimento das atividades. Assim, na condição de coordenador, me reuni com os pais/mães e relatei a problemática apresentando como sugestão o aluguel de uma sede para o projeto. Foi assim que o projeto passou a realizar as suas atividades em um prédio alugado próximo à Vila Araújo.

Durante o período em que o projeto esteve naquele espaço, submeti uma proposta de aquisição de instrumentos ao Programa de Incentivo à Cultura – PIC da Prefeitura Municipal de Canoas. Com a aprovação da proposta foi repassado ao projeto uma verba específica para a aquisição de instrumentos musicais e outros equipamentos. Assim sendo, o projeto adquiriu novos violinos, violoncelos, flautas transversais, clarinetes, saxofones, trombones, bateria, piano, violões, trompetes, acordeon, equipamento de som e estantes. Com esse efetivo instrumental, novos alunos foram inseridos no projeto dando início, assim, a construção da Orquestra Infanto-juvenil Trilhos Sonoros.

Foto 17 – Aquisição de novos instrumentos



Fonte: Arquivo particular

Foto 18 – Entrega dos novos instrumentos



Fonte: Arquivo particular

O Projeto Trilhos Sonoros ficou um ano naquele espaço realizando aulas de música, curso de pintura para a comunidade, projeção de filmes para as crianças e palestras. No último mês de contrato, com dificuldades em arcar com a continuidade do aluguel a coordenação entrou em contato com o jornal Diário de Canoas que publicou uma matéria intitulada: “A música pede ajuda no Mato Grande: orquestra mirim deixará sede por falta de dinheiro”<sup>207</sup>. (ANEXO 02). A matéria do jornal dizia ainda que:

Depois de um ano pagando do próprio bolso um ginásio para guardar os instrumentos, ensaios e aulas das crianças de baixa renda no Mato Grande, o músico Augusto Souto, responsável pelo projeto Trilhos Sonoros chegou ao seu limite financeiro. Mais de 60 crianças fazem parte do projeto e pelo menos 30 compõem uma pequena orquestra. E são R\$ 1.450 mensais dos quais Souto não dispõe mais.[...] Nessa corrida contra o tempo, ele precisa encontrar uma sede que seja adequada para todas as atividades do projeto. Do contrário, há grandes chances dessa bela história que já tem três anos chegar ao fim.<sup>208</sup>

<sup>207</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas no dia 01/03/2014. p. 24

<sup>208</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas no dia 01/03/2014. p. 24

A matéria sensibilizou a sociedade canoense, em geral, e no mesmo dia da publicação o coordenador recebeu inúmeros telefonemas de empresas, igrejas e pessoas físicas oferecendo ajuda ao projeto para pagamento da última mensalidade do aluguel, bem como cedendo outros espaços alternativos para o desenvolvimento das atividades. A maioria das ofertas era fora do bairro Mato Grande. Isso, na avaliação da coordenação poderia desarticular o grupo, haja vista que haveria a dificuldade do deslocamento.

Após análise de várias propostas optou-se por permanecer no bairro Mato Grande estabelecendo a casa do coordenador como sede provisória do projeto. A sede passou a funcionar na Rua Novo México, 205, no loteamento Central Park, no bairro Mato Grande. Foi dessa forma que o Projeto Trilhos Sonoros permaneceu no bairro, realizando suas atividades há algumas quadras da Vila Araçá, oportunizando, assim, que as crianças da vila permanecessem vinculadas ao projeto, bem como outras crianças do bairro pudessem ter acesso ao aprendizado musical. A estrutura da nova sede com, aproximadamente, 15m<sup>2</sup> contava com um pequeno salão, com cadeiras, estantes para partitura e um pequeno quadro. Além de servir como sala de ensaio tornou-se, também, o depósito de todo o instrumental recebido pelo programa de incentivo à cultura. Além desse espaço, a garagem e a área externa da casa foram utilizadas para o desenvolvimento das aulas.

Os espaços utilizados não eram apropriados para as atividades musicais. Não havia tratamento acústico e isso, de certa forma, prejudicava o desenvolvimento das aulas e ensaios. Quando os alunos de flauta estudavam no salão, era possível ouvir os alunos de violinos tocando na garagem e os trompetistas fazendo escalas na área externa. Esses espaços favoreciam, ainda, o encontro e o bate-papo das famílias que ficavam aguardando os filhos durante as aulas e ensaios. Contudo, essas dificuldades estruturais não repercutiram negativamente no entusiasmo das crianças e professores. Pelo contrário, por se tratar de uma casa, os encontros foram mais informais e espontâneos. Com ampla área externa, as crianças chegavam cedo e interagem através de brincadeiras ou conversas. Nesse espaço informal as crianças, todos os sábados, começaram a se reunir em torno da música.

Foto 19 – Sala de aula na casa do coordenador



Fonte: Arquivo particular

Foto 20 – Ensaio na área externa da casa



Fonte: Arquivo particular

### 3.2.1 – A importância da casa no Projeto Trilhos Sonoros: a formação dos núcleos de cooperação

A realidade encontrada nos grandes centros urbanos onde a dinâmica social empurra as pessoas desde cedo para fora de casa com o objetivo de estudar, trabalhar ou buscar outras experiências com vistas a uma maior participação social, tem contribuído com a ideia de casa apenas para o descanso e proteção. No entanto a casa pode apresentar-se, também, como lugar de interação com outras pessoas, lugar de crescimento social e espiritual e, ainda, lugar que pode revelar-se como cenário para o desenvolvimento de uma espiritualidade de resistência que possibilite a transformação social e a libertação de todas as formas de opressão. Seja nos grandes centros urbanos ou nas periferias a casa pode apresentar-se como um espaço para a ação de Deus na vida de pessoas. Jorge Batista Dietrich de Oliveira escreveu que:

Lendo o Novo Testamento, percebe-se que a casa era o local de reunião da maioria dos primeiros cristãos. Havia as sinagogas, mas a reunião em casas particulares parece ser uma prática comum, pois em várias passagens podemos ver referências a comunidades domésticas (Atos 12.12;16.40.20 7-12,20.20; Romanos 16.3-5,14-15,23), Elas eram a célula básica do movimento iniciado por Jesus, que cresceu e se espalhou pelo mundo do primeiro século.<sup>209</sup>

Nos evangelhos é possível perceber que o ministério de Jesus foi realizado ao ar livre, na sinagoga e uma expressiva parte aconteceu dentro dos lares. Jesus fazia visitas às pessoas e, algumas vezes hospedava-se nessas casas. Isso pode ser confirmado em algumas passagens como: Mateus 8.14s; 9.23; Marcos 2.1ss; Lucas 7.36; 10 .38;14. 1-6. Nessas casas, Jesus “ensinava, curava, fazia milagres e trazia libertação para os oprimidos”<sup>210</sup>. O lar era tão importante para Jesus que Ele atribuiu a missão, para os discípulos, de se hospedarem nas casas das pessoas, “aceitando o que elas podiam oferecer, e ali anunciar que o reino de Deus está próximo”<sup>211</sup>.

---

<sup>209</sup> OLIVEIRA, Jorge Batista de. Igreja nos Lares: Ensaio sobre a capilaridade da igreja cristã no contexto urbano. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org). **Cenários Urbanos: realidade e esperança – desafios das cidades às comunidades cristãs**, São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p.29.

<sup>210</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 30.

<sup>211</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 30

No Projeto Trilhos Sonoros a casa se revelou como um espaço aonde os encontros vão além do ensaio, propriamente dito, permitindo uma interação e cooperação maior do que frequentemente presenciada nos espaços formais de ensino da música. A casa possibilitou também uma frequência permanente de outros vizinhos que chegavam a cada sábado com suas crianças motivadas a fazer parte do projeto e experimentarem a alegria de estarem juntas com outras crianças, fazendo música ou para simplesmente ouvir as crianças tocarem. Frequentemente o projeto recebia pessoas que chegavam atraídas pelo som da orquestra. Elas eram recebidas e convidadas para assistirem um pouco do ensaio.

Algumas crianças e adolescentes chegavam sozinhas, outras acompanhadas pelos pais/mães e logo a casa estava repleta de crianças. Umas corriam na área externa, outras subiam para aguardar o momento do ensaio e outras ficavam na garagem conversando ou tocando. A casa, que antes abrigava apenas quatro pessoas se tornou um espaço de convivência e descobertas que recebia em torno de 30 crianças todos os sábados. Aos poucos, de dentro da casa, começava a sair o som do violino, da flauta, do trompete e do violão. Aos poucos os vizinhos percebiam que o ensaio havia começado. Sem nenhuma placa indicativa de que ali, naquele local, funcionava um projeto que tinha uma orquestra infanto-juvenil, a casa revelava-se para a vizinhança como espaço de acolhimento e construção de sonhos daquelas crianças e adolescentes. Com o tempo os vizinhos foram percebendo que naquele lugar existia um trabalho voltado para as crianças do bairro e apoiaram a iniciativa, conforme o que relata um dos vizinhos do projeto em conversa informal realizada pouco antes do início do ensaio:

Aqui no Mato Grande tem poucas atividades para as crianças. Tem o CTG que faz curso de dança, mas não são todos que gostam. Esse trabalho com música é muito bom. O que vocês fazem com as crianças do bairro é importante porque tira ela da rua e dá a oportunidade dela fazer uma coisa boa que é aprender um instrumento.<sup>212</sup>

Com uma demanda cada vez mais expressiva de alunos de outras comunidades do bairro Mato Grande, o Projeto Trilhos Sonoros deu início aos Núcleos de Cooperação – NUCOS, que consistiam em espaços cedidos na casa de algum morador da comunidade onde as atividades iniciais de musicalização

---

<sup>212</sup> Conversa informal com vizinho do projeto, registrada em diário de campo, no dia 23/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 14.

pudessem ser realizadas. O primeiro núcleo de cooperação foi realizado na casa da tia Cleusa, uma casa muito simples de madeira na qual se começou a acolher a cada sábado, cerca de, 15 crianças ávidas por aprender música. No espaço não havia nenhuma estrutura que identificasse aquele lugar como escola, igreja ou outro espaço formal. No entanto, era nesse espaço que inúmeras famílias eram atendidas diariamente por meio de atividades musicais, bordado para as mães, reforço escolar para as crianças e distribuição de roupas e alimentos para a comunidade.

O núcleo de cooperação na tia Cleusa iniciou a partir de uma apresentação que a orquestra realizou em frente à sua casa. Essa apresentação tinha por objetivo visitar aquelas crianças que haviam se afastado do projeto. Em um determinado momento o pai de uma das crianças convidou a orquestra para tocar em frente à comunidade da tia Cleusa. Atendendo ao convite o grupo se posicionou bem em frente à casa e começou a executar melodias. Logo a tia Cleusa apareceu e começou a chorar agradecendo pela apresentação. A partir de então o projeto foi convidado para implantar um núcleo de cooperação em sua casa. De imediato as crianças ao redor de sua casa souberam da nova atividade que seria desenvolvida e começaram a frequentar as aulas de música.

A casa da tia Cleusa é utilizada para várias atividades com as crianças e demais famílias do Mato Grande. Além das atividades regulares, o local é utilizado para armazenar os diversos materiais doados. São roupas, cestas básicas, fogão, televisão e outros. Assim, sem muito espaço disponível, a tia Cleusa desocupou um de seus quartos, que antes estava cedido a uma família de rua, para o desenvolvimento das aulas. Ela mesma, junto com as crianças, colocou um quadro, algumas cadeiras e pintou algumas notas musicais nas paredes. A partir de então aquela sala ficou reservada às aulas de música do Projeto Trilhos Sonoros. Apesar do espaço improvisado e da realização de outras atividades próximas à sala de música, bem como o trânsito de outras crianças e mães que estavam envolvidas em outras atividades, foi possível realizar o processo de musicalização a partir da flauta doce. Enquanto outras crianças e as mães participavam das diversas atividades, o som da flauta doce ocupava todos os cantos da casa.

Foto 21 – Núcleo de cooperação na casa da tia Cleusa



Fonte: Arquivo particular

Foto 22 – Sala de música na casa da tia Cleusa



Fonte: Arquivo particular

Outro núcleo de cooperação foi implantado na vila de passagem Minha Terra I.<sup>213</sup> Como uma boa parte dessas famílias sobrevivia da coleta e reciclagem de lixo, esse conjunto tornou-se um grande depósito de lixo a céu aberto. Além disso, o local atraiu consumidores e traficantes de drogas que passaram a residir naquele local, potencializando a violência nesse conjunto habitacional e no bairro em geral.

Assim, percebida a grande demanda de crianças em permanente situação de risco pessoal e social, o coordenador do Projeto Trilhos Sonoros visitou a comunidade e procurou a líder comunitária do local apresentando o projeto e explicando seus objetivos. Na conversa com a líder comunitária foi pontuado que o projeto não possuía espaço físico naquele local e que a sede ficava distante dali inviabilizando a participação das crianças. Como solução, a senhora cedeu a frente de sua casa para o desenvolvimento das atividades. A partir de então, foi realizada uma apresentação na comunidade a fim de divulgar o projeto para as outras famílias.

Foto 23 – Apresentação no núcleo de cooperação Minha terra I



Fonte: Arquivo particular

<sup>213</sup> Conjunto residencial popular construído com o objetivo de abrigar 343 famílias que residiam na vila Dique e foram retiradas do local em função das obras da BR 448, a Rodovia do Parque.

A partir da apresentação realizada na comunidade foi iniciado o processo de cadastro das famílias interessadas em participar do projeto. As mães chegavam acompanhadas por seus filhos e filhas para se inscreverem nas aulas de música.

Foto 24 – Cadastro de novas crianças para o projeto



Fonte: Arquivo particular

Como o projeto deslocou-se para a comunidade, houve uma maior adesão das famílias. As aulas iniciaram na casa da líder comunitária e depois, com o objetivo de atender outras crianças, o projeto começou a desenvolver suas atividades na casa de outra família. À medida que o projeto foi ganhando visibilidade naquela comunidade, a partir dos núcleos de cooperação, outras crianças foram se inserindo no projeto.

Algumas crianças da comunidade estudam na EMEF Assis Brasil que fica bem em frente aquela comunidade. Assim, a diretora convidou o projeto para desenvolver aulas de música na escola cedendo um espaço para as atividades. Isso foi importante porque agregou novas crianças e divulgou os núcleos de cooperação na comunidade. Algumas famílias passaram a conhecer o projeto a partir do trabalho realizado na escola.

Foto 25 – Núcleo de Cooperação na comunidade Minha Terra I



Fonte: Arquivo particular

O trabalho realizado nas comunidades do Mato Grande, a partir dos núcleos de cooperação, agregou outras famílias e oportunizou o compartilhamento do evangelho com essas famílias. Jorge Batista de Oliveira, escreveu que:

A Missão Urbana não pode estar centralizada exclusivamente no templo, nem ficar esperando que as pessoas venham até ele. Precisa ir às casas das pessoas. A missão precisa ter capilaridade, espalhar-se e alcançar os familiares, vizinhos e amigos daqueles que abraçam a fé cristã.<sup>214</sup>

Foi com essa motivação que o Projeto Trilhos Sonoros começou a desenvolver as atividades nas casas dentro da comunidade. Mesmo com várias ofertas de espaços formais dentro das instituições, o projeto optou em permanecer nas casas e, a partir da casa, espalhar-se pela periferia.

---

<sup>214</sup> OLIVEIRA, Jorge Batista de. Igreja nos Lares: Ensaio sobre a capilaridade da igreja cristã no contexto urbano. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Cenários Urbanos: Realidade e Esperança – Desafios das cidades às comunidades cristãs**, São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p. 29.

### **3.2.2 – O Projeto Trilhos Sonoros e as parcerias: construindo uma rede de solidariedade**

Como visto nos tópicos anteriores, o Projeto Trilhos Sonoros iniciou suas atividades com 11 flautas doces no pequeno salão da Igreja Nossa Senhora do Rosário, na Vila Araçá. Aos poucos, com a aprovação nos programas de incentivo à cultura da Prefeitura de Canoas, o projeto foi adquirindo outros instrumentos. No entanto, era necessário estabelecer outras parcerias a fim de que o projeto mantivesse os trabalhos com as crianças. Assim, a forma encontrada foi buscar parceiros/as a partir do jornal Diário de Canoas. Todos os eventos do projeto eram repassados para a redação do jornal que se responsabilizava em divulgá-los à sociedade canoense. O jornal Diário de Canoas foi, portanto, responsável, por atrair parceiros e parceiras para contribuir com o Projeto Trilhos Sonoros.

Os/as primeiros/as parceiros/as do projeto eram pessoas simples, residentes no bairro Mato Grande e em outros bairros de Canoas que ligavam para o coordenador parabenizando pelo trabalho e doando flautas, violão, teclado e roupas para as crianças. À medida que o grupo ia realizando apresentações na comunidade e fora dela, novos/as parceiros/as iam se interessando em contribuir com o projeto. Em pouco tempo multiplicamos o quantitativo de flautas e conseguimos confeccionar a primeira camisa para o grupo. A parceria estabelecida com o jornal Diário de Canoas atraiu também a atenção de algumas instituições que se sensibilizaram com o projeto e procuravam contribuir com o grupo de flautas fazendo doações de cadernos de música, lápis e outros materiais para as crianças. Em contrapartida, o grupo de flautas doces realizava pequenas apresentações para funcionários em algumas instituições parceiras, como lojas de instrumentos musicais, escolas de idiomas e restaurante. Essas apresentações objetivavam agradecer o apoio dado ao projeto. Aos poucos o Projeto Trilhos Sonoros foi construindo seu patrimônio com a contribuição desses/as parceiros/as.

Foto 26 – Apresentação do Grupo de flautas em instituição parceira



Fonte: Arquivo particular

As parcerias possibilitaram a ampliação do efetivo instrumental do grupo e o atendimento de uma maior demanda de alunos/as. Uma das matérias publicadas no jornal Diário de Canoas, (ANEXO 03) destacou que o Projeto Trilhos Sonoros prosseguia com seus trabalhos no bairro a partir das “doações da comunidade e do trabalho voluntário de várias pessoas”<sup>215</sup>. No ano de 2016, quando completou cinco anos de atividades, o jornal Diário de Canoas lembrou que tudo começou com doação de instrumentos, roupas e lanches e o apoio da comunidade.

Além das parcerias para a aquisição de materiais, algumas pessoas aproximaram-se do projeto para oferecer o apoio no que diz respeito ao compartilhamento de alguma habilidade pessoal. Assim, o projeto recebeu professores de flauta doce, pintura em tela e outros profissionais que foram se envolvendo com as crianças e compartilhando suas habilidades. Essas parcerias com profissionais de outras áreas potencializaram as ações desenvolvidas com as crianças. Já não se tratava, apenas, de ensino da música, mas de outras atividades que foram responsáveis em descobrir talentos em outras áreas, bem como orientar as famílias. Nessa perspectiva foram realizadas aulas de violino, violoncelo e

<sup>215</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas, em 29/07/2016, p. 9

guitarra com professores voluntários; aulas de libras com pedagoga, bem como palestras sobre violência doméstica e violência infanto-juvenil com profissional do direito.

O projeto recebeu, também, pessoas que se comprometeram a preparar o lanche das crianças aos sábados. Entre essas pessoas, destaco a participação de uma senhora de 62 anos que frequenta uma igreja evangélica em Canoas e fornece o lanche há cinco anos para as crianças. Ela relata que se aproximou do projeto a partir do engajamento do seu pastor junto a projetos sociais na periferia. Ela conta que esse pastor estimulava a participação dos/as membros/as e, então, ela começou a se envolver com o projeto. Para essa colaboradora, o seu envolvimento foi motivado pela sua convicção de que “a música transforma a vida das pessoas e tudo que envolve música agrega novos conhecimentos e faz com que as pessoas se sintam bem”<sup>216</sup>.

De acordo com essa colaboradora, são entregues 60 lanches todos os sábados para as crianças do projeto. Segundo ela “os lanches são entregues de acordo com o número informado de crianças. A gente prepara tudo e entrega no sábado de manhã”<sup>217</sup>. A colaboradora disse que o trabalho que desenvolve é uma ação voluntária. Ela diz que começou com um número grande de senhoras, mas “com a mudança de pastor as pessoas começaram a se afastar do projeto e apenas alguns poucos/as irmãos/ãs continuaram a apoiar o projeto”<sup>218</sup>.

---

<sup>216</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>217</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>218</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

Foto 27 – Momento do Lanche



Fonte: Arquivo particular

A colaboradora diz que pretende continuar contribuindo com o projeto porque acredita que é de Deus. Segundo ela, não é um projeto de pessoas, mas de Deus. Ela diz que viu isso no olhar das crianças quando saíram para uma confraternização de fim de ano. Segundo seu relato, “os olhos das crianças brilhavam de felicidade”<sup>219</sup>. Para ela, sem o projeto isso não seria possível. Ela acredita que seria necessário mais pessoas para ajudar no projeto. Ela finaliza dizendo que:

As pessoas da igreja não querem compromisso. São poucas que se oferecem para trabalhar e não abandonam. Fé é compromisso. Tu não pode dizer que tem fé em Deus e fica de braço cruzado, sabendo que tem muita gente precisando de apoio.<sup>220</sup>

Destaco, ainda, a colaboração de outra senhora de 71 anos que contribui há cinco anos com o projeto. Ela disse que sempre quis contribuir de uma forma mais

<sup>219</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>220</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

prática e enfatizou que sempre gostou de ajudar as pessoas mais carentes. A colaboradora II diz, ainda, que gosta muito do projeto e acredita que toda a igreja deveria se envolver mais com as pessoas carentes. Essa colaboradora de 71 anos concluiu dizendo que gosta muito do projeto e se sente muito bem fazendo o que faz. Para ela, “esse projeto deu a oportunidade de servir. A gente se reencontrou a partir do projeto”<sup>221</sup>. As colaboradoras supracitadas continuam fornecendo lanche para as crianças e, ao mesmo tempo, captando recursos para serem investidos no aperfeiçoamento técnico-musical dos alunos, na aquisição de uniformes e na confraternização de fim de ano do projeto.

Na perspectiva de contribuir com a construção de uma ampla rede solidária, foi elaborada uma proposta de intercâmbio solidário. O intercâmbio tinha por finalidade oportunizar que graduandos/as de diversas áreas pudessem contribuir com o Projeto Trilhos Sonoros. O projeto foi apresentado à Universidade do Estado do Pará – UEPA, instituição onde atuo como professor do curso de Licenciatura Plena em Música. A UEPA fez a divulgação nos jornais de ampla circulação do estado do Pará, bem como nas redes sociais (ANEXO 04). A partir de análise do currículo, a coordenação convidou professores de violino, violoncelo, guitarra, musicalização infantil e libras para contribuírem na realização do I e II Seminário de Música e Inclusão. De acordo com matéria publica no site G1, aos graduandos voluntários era garantida a “certificação da carga-horária, hospedagem e alimentação”<sup>222</sup>. Esse seminário contou, ainda, com a parceria da Prefeitura Municipal de Canoas, EMEF Assis Brasil e Comunidade Evangélica Luterana de Canoas, onde as aulas e recitais ocorreram. O evento tinha por finalidade democratizar o acesso de crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social ao aprendizado musical. Anualmente o Projeto continua recebendo graduandos/as e graduados/as em música que têm contribuído com o desenvolvimento técnico-musical das crianças.

---

<sup>221</sup> Entrevista com colaboradora 02 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 02.

<sup>222</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/02/projeto-musical-busca-voluntarios-para-intercambio-solidario.html>, acesso em 14/02/2017.

Figura 01 – Cartaz do II Seminário de Música e Inclusão



Fonte: Arquivo particular

Um dos objetivos do Projeto Trilhos Sonoros, na construção dessas parcerias, foi criar uma ampla rede de solidariedade. Muito embora a participação das instituições seja importante, precisamos contribuir com que os cristãos, independente de uma agenda institucional, movimentem-se ao encontro das crianças e adolescentes da periferia e contribuam para que essas crianças possam, concretamente, viver novos dias e renovem a esperança de um novo amanhã. A criação dessas parcerias foi fundamental para a continuidade do projeto e oportunizou que algumas pessoas vivessem ou (re) vivessem a experiência do serviço ao próximo.

**3.3 – A liturgia dos ensaios e apresentações:** proclamando o Evangelho e desenvolvendo os dons

Como seguidores/as de Cristo não podemos ficar alheios/as como expectadores/as de uma sociedade que pouco a pouco tem se destruído. A cada

novo dia, somos surpreendidos/as com novos dados sobre a violência, corrupção, impunidade, injustiça social, intolerância, maus tratos às crianças, adolescentes e idosos e outros males que assolam nosso povo. Os pobres da periferia são desprezados e os ricos continuam com todas as suas regalias. José Comblin escreveu que “os ricos têm direito a todas as regalias, mas nunca pagam. Tudo lhes é devido. Eles nunca devem. Então todo o peso dos impostos cai em cima dos pobres”<sup>223</sup>. Para Comblin, a diaconia é necessária porque “a democracia funciona para favorecer os poderosos e sacrificar os fracos. Ela está ali para restabelecer uma certa igualdade acrescentando a sua força à fraqueza das vítimas da injustiça institucionalizada”<sup>224</sup>. Dessa forma, é premente que os/as cristãos/ãs, enquanto comunidade de Jesus Cristo, de forma efetiva, contribuam com o bem estar social do nosso povo tão sofrido que padece com a violência, a pobreza, a corrupção e a falta de ética e, ao mesmo tempo, proclamem a mensagem de salvação de Cristo. Carlos Queiroz argumenta que se a Igreja for compreendida como “comunidade de Jesus Cristo, como povo alcançado pela bondade de Deus, e não apenas como estrutura institucionalizada, as possibilidades da missão tendem a ser ampliadas”<sup>225</sup>. Queiroz escreveu ainda que:

As instituições são limitadas, não possuem neurônios, sentimentos; logo, não são obrigatoriamente capazes de amar, e mesmo que, em dados momentos, sejam úteis ao Reino de Deus, podem, em outros momentos, prestar um desserviço ao Reino, dada a natureza institucional de existir para preservar-se a si mesma. Por isso, o amor deve ser o paradigma que não permite sacrificar as pessoas em benefício da instituição, seja pelo abandono ou proteção da instituição.<sup>226</sup>

Enquanto cristãos/ãs não devemos ficar reféns de uma agenda eclesial que defina em que tempo atuaremos na sociedade com vistas a uma participação mais efetiva a favor dos pobres. Adriano Sella afirma que Deus não pode ser trancado num único lugar, como se estivesse preso no espaço. Pelo contrário, Ele está presente em todo lugar<sup>227</sup>. Sella ressalta que:

---

<sup>223</sup> COMBLIN, José. *Diakonia na cidade*. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von. (orgs). **Diaconia no contexto nordestino: desafios – reflexões – práxis**. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 83.

<sup>224</sup> COMBLIN, 2003, p. 83.

<sup>225</sup> QUEIROZ, Carlos. *Missão e espiritualidade*. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von. (Orgs). **Diaconia no contexto nordestino: desafios – reflexões – práxis**. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 107.

<sup>226</sup> QUEIROZ, 2003, p.107.

<sup>227</sup> SELLA, Adriano. **Por uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial**. São Paulo: Paulus. 2010. p. 199.

O Deus de Jesus Cristo pode ser encontrado em Jerusalém, Samaria, em Roma, no Rio de Janeiro, no monte, na colina, na planície, na praia, numa casa, num barraco, numa fábrica ou num escritório, quer dizer, por toda a parte.<sup>228</sup>

É preciso considerar que há Deus fora da igreja institucionalizada. Dessa forma há, também, libertação, cura e salvação fora dessa igreja. “A verdadeira adoração e o encontro com Deus não têm a ver com o espaço exterior, geográfico, mas com o espaço interior, o do coração e da mente”<sup>229</sup>. Nessa perspectiva é oportuno pensar a Igreja de Cristo, não apenas em sua forma institucionalizada, mas, também, manifesta em cada crente e ações que esse/a produz a favor do Reino. É preciso pensar na Igreja de Cristo não apenas aos domingos, mas em uma igreja que se faz presente no dia a dia das pessoas pobres. Comblin argumenta que “o discurso da opção pelos pobres e pelos excluídos é rebatido, ainda hoje, com insistência e com certa veemência; mas isso não significa que a igreja, de fato, se encontre no mundo dos pobres e excluídos”<sup>230</sup>. Comblin afirma ainda que:

Se a igreja quiser ter alguma eficácia, alguma seriedade na sua opção pelos excluídos será necessário fazer muito mais do que simplesmente denunciar e condenar o sistema neoliberal em vigor, causador das situações reais de dependência, espoliação, pobreza, miséria e consequentemente de exclusão. Se o discurso da igreja já se tornou vazio e sua opção pelos pobres uma retórica, é urgente que ela parta para oferecer concretamente alternativas às vítimas. Para isso, ela deverá exigir que seu clero, educado e formado no mundo dos incluídos, abandone a cultura arcaica e se inculture no mundo dos excluídos. Nada que for implantado sobreviverá se não estiver bem integrado na cultura dos excluídos. Terá a Igreja visão, ânimo e despojamento para isso? De fato este é o grande desafio para a Igreja. Saberá ela e será capaz de se fazer presente de maneira eficaz, no mundo dos excluídos? Não basta mais oferecer paliativos, palavras de consolo, fazer de conta, através do discurso, que está do lado do pobre. Deve estar junto: agir junto, aprender junto, produzir junto, sofrer junto, conquistar junto, se elevar junto, fazer o caminho junto.<sup>231</sup>

Foi com o objetivo de caminhar junto com o pobre na periferia, anunciando-lhe a mensagem da salvação que o Projeto Trilhos Sonoros iniciou suas atividades na Vila Araçá. O trabalho começou com a perspectiva de que todas as ações pudessem, de alguma forma, revelar o amor Deus por aquelas pessoas. Assim, após criar os primeiros vínculos com a comunidade o projeto tratou de buscar

---

<sup>228</sup> SELLA, 2010, p. 199.

<sup>229</sup> SELLA, 2010, p. 199.

<sup>230</sup> COMBLIN, 2004, p.5.

<sup>231</sup> COMBLIN, 2004, p.5–6.

estratégias para a proclamação sistemática da Palavra de Deus entre as crianças e seus familiares. Dessa forma, o projeto começou a introduzir elementos litúrgicos como a oração e a leitura bíblica antes da realização das aulas e ensaios. Estava, portanto, iniciando o que se convencionou chamar de liturgia de aulas, ensaios e apresentações. Como visto anteriormente, o Projeto Trilhos Sonoros se propõe à proclamação da Palavra de Deus utilizando como instrumento a educação musical. Nessa perspectiva, as ações desenvolvidas no projeto não se limitaram ao ensino dos aspectos técnicos da música e nem a apresentações artísticas, mas buscaram oferecer às crianças e comunidade em geral uma experiência litúrgica desinstitucionalizada que provocasse a reflexão sobre o amor de Deus e ao próximo, gerasse questionamentos e contribuísse com uma transformação de vida para aquelas pessoas. Nesse sentido, as ações técnico-musicais, como aulas, ensaio e recitais programados revelaram-se como oportunidades para o compartilhamento do amor de Deus a partir do culto comunitário e, também, de proclamação da Palavra de Deus junto à comunidade.

Considerando que, conforme Sissi Georg, “o culto é por excelência o momento do encontro coletivo dos cristãos com Deus e entre si”<sup>232</sup>, o Projeto Trilhos Sonoros, desde a acolhida às crianças e seus familiares, procurou caracterizar aquele ambiente como local de encontro com Deus e com o próximo. Todas as crianças que procuravam as aulas de música eram aceitas sem nenhuma restrição ou imposição. O objetivo era que a comunidade percebesse aquele espaço como um local acolhedor e inclusivo. Assim, pouco a pouco as famílias foram se integrando àquela nova ação na comunidade. Sissi Georg ao falar sobre a acolhida como elemento litúrgico do culto cristão, escreveu o seguinte:

Acolher é aceitar pessoas estranhas no espaço e na comunhão culturais, sem impor a elas condições e quesitos, antes, oferecendo-lhas atenção, amizade e parte à mesa da comunhão. Receber bem as pessoas, acolhê-las e integrá-las é exercitar a hospitalidade cristã.<sup>233</sup>

Algumas crianças que chegam ao projeto não têm o hábito de frequentar uma igreja aos domingos. O vínculo criado com as mesmas permitiu a observação de que, em geral, as crianças da vila ficam em casa no domingo à noite ou na rua

---

<sup>232</sup> GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Centro de Recursos litúrgicos, 2006. p.152.

<sup>233</sup> GEORG, 2006, p. 153.

brincando com outras crianças. Com muito esforço, a tia Cleusa, pelo domingo de manhã, junta algumas crianças e as leva em seu carro para o culto dominical em uma igreja Evangélica de Canoas. No entanto, essa experiência litúrgica não acontece com as demais crianças da vila. Assim, com o objetivo de propiciar essa experiência às crianças e suas famílias, o Projeto Trilhos Sonoros buscou tornar as aulas e ensaios um momento em que as crianças experimentassem o culto a Deus a partir da oração, leitura bíblica, reflexão sobre a Palavra de Deus e comunhão. Dessa forma, para cada ação do projeto foi associada uma liturgia específica, descrita logo abaixo.

### **3.3.1 – Liturgia das aulas e ensaios**

As aulas e ensaios são espaços de crescimento técnico, mas também de crescimento social, pois a cada atividade as crianças experimentam o fazer musical de forma coletiva. Nessas ações elas absorvem conteúdos importantes para a vida social, como: a cooperação mútua, o respeito às diferenças, o estar em silêncio e ouvir o outro; o falar; o valorizar e respeitar seus colegas, entre outros. Comblin escreveu que:

A cultura tomada ativamente, ou seja, a produção de cultura, seja pelas artes, seja pelo esporte, seja pelos artesanatos, seja pela comunicação da palavra, cria relacionamento humano, cria intercâmbio, troca, enriquecimento mútuo, porque há comunicação de pessoas mediante os objetos, materiais ou simbólicos.<sup>234</sup>

Além de todo aprendizado musical social, as crianças e adolescentes têm a oportunidade de experimentarem um momento com Deus. Esse momento constitui-se como fundamental para que as crianças e suas famílias, bem como a comunidade em geral, tenham acesso à dinâmica do culto cristão sem o vínculo institucional.

Em geral, o Projeto Trilhos Sonoros recebe anualmente crianças, e adolescentes de diversas confissões religiosas. Isso, no entanto, não tem representado nenhuma dificuldade para a unidade do grupo, pelo contrário, todos/as os/as alunos/as e suas respectivas famílias respeitam esses momentos e valorizam a iniciativa como é possível perceber na fala de uma aluna que diz o seguinte: Nos

---

<sup>234</sup> COMBLIN, 2003, p. 85.

ensaios a gente aprende a ter mais a presença de Deus. Sempre no começo do ensaio a gente faz uma oração, lê a Bíblia e isso faz a gente ter mais intimidade com Ele <sup>235</sup>.

Outro aluno da oficina de flauta doce diz o seguinte a respeito dos ensaios: “nos ensaios eu aprendo a tocar e aprendo a Palavra de Deus. Eu aprendi que se a gente não tiver Deus, a gente não é nada”<sup>236</sup>. Para um aluno que integra a orquestra infanto-juvenil e, atualmente, é monitor <sup>237</sup>. do projeto, atuando em dois núcleos de cooperação, os ensaios são espaços de crescimento com Deus. Ele diz que: “em cada ensaio nós ouvimos uma mensagem sobre Deus e a principal mensagem que eu lembro é de amar a Deus e ao próximo”<sup>238</sup>. Esse aluno continua dizendo o seguinte:

No momento eu não frequento nenhuma igreja, porque não me identifico com nenhuma delas. Eu acho que não preciso ir à igreja tal pra dizer que eu acredito em Deus e que ele ama a gente. Antes eu era mais rebelde e não gostava muito da minha família. Mudou que eu sou mais grato a meu pai e minha mãe e o convívio da família ficou melhor. O projeto incentiva isso nos ensaios. <sup>239</sup>

A fala desse integrante da orquestra e monitor do projeto releva que as aulas e ensaios podem ser ricos espaços de compartilhamento do Evangelho. O lema do projeto de “servir a Deus e ao próximo por meio da música”<sup>240</sup>, foi bem assimilado pelos/as integrantes do projeto. Alguns alunos buscam o aperfeiçoamento para serem monitores/as nos núcleos de cooperação; os pais/mães oferecem suas casas e habilidades para cooperar com o projeto e, assim, o projeto vai avançando na força do Espírito. Esse impacto do Espírito de Deus na vida dos/as alunos/as e demais integrantes do projeto fica mais claro na continuidade da fala desse monitor da orquestra que diz o seguinte:

<sup>235</sup> Conversa informal com aluna integrante da orquestra, registrada em diário de campo, no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/conversa informal nº 15.

<sup>236</sup> Entrevista com aluno 01 de oficina de flauta doce, realizada no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Alunos/as da oficina de flauta doce nº 01.

<sup>237</sup> Os/As alunos/as que demonstram um maior desenvolvimento técnico-instrumental, bem como maior envolvimento e compromisso com o projeto, e, ainda, integram o projeto há, pelo menos, três anos, são convidados para auxiliarem os professores nas aulas.

<sup>238</sup> Entrevista com aluno 02 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada em 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra nº02.

<sup>239</sup> Entrevista com aluno 02 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada em 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra nº02.

<sup>240</sup> Essa divisa foi adotada no início das atividades e consta em todos os documentos relativos ao projeto.

O meu desejo é dividir aquilo que eu tenho aprendido com outras pessoas. É como tu falas que a gente tem que amar a Deus e ao próximo. Então eu acho que amar o próximo é dividir com ele aquilo que a gente tem. Eu pretendo ajudar o projeto dando aula para outras crianças.<sup>241</sup>

Essa consciência de amar a Deus e ao próximo é algo produzido pelo próprio Espírito de Deus, no entanto, é preciso que haja a proclamação da Palavra. A partir da proclamação da Palavra de Deus e do reconhecimento de Jesus como o Cristo dessa comunidade, o Espírito de Deus começa a se relacionar com as pessoas e se autorevelar. Assim, a liturgia das aulas e ensaios cumpre um papel fundamental no projeto que é o de propiciar todo um ambiente de autorevelação do Espírito de Deus. A acolhida das pessoas, a oração, leitura da Bíblia e comunhão cumpre, portanto, o papel de oportunizar o relacionamento dos/as alunos/as com Deus e do Seu Espírito com a comunidade numa fase posterior de autorevelação. Essa fase, por sua vez, é determinante para o reconhecimento de Jesus como o Cristo de Deus e culminará na consolidação daquela comunidade como uma Comunidade Espiritual impactada pelo Espírito de Deus, como veremos no próximo capítulo.

A liturgia das aulas e ensaios consiste nas seguintes etapas:

**A – Oração introdutória:** Nesse momento, o professor-celebrante faz uma oração junto com as crianças e adolescentes agradecendo a Deus pelo dia e por mais um momento de encontro para o ensaio. Nessa primeira oração o professor-celebrante intercede pelas famílias de todas as crianças da comunidade e por todas aquelas famílias que perderam um ente querido.

**B – Momento do Louvor:** O professor-celebrante convida previamente um/a aluno/a para conduzir algumas canções que podem ser de algum hinário cristão ou alguma canção do repertório popular que traga uma mensagem compreensível e edificante e que possa, ao mesmo tempo, gerar reflexões e questionamentos. Esse momento é acompanhado por todas as crianças e adolescentes, bem como, pelos responsáveis que acompanham os/as filhos/as. Essas canções, previamente escolhidas, podem ser acompanhadas pelos instrumentos da orquestra.

---

<sup>241</sup> Entrevista com aluno 02 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada em 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra nº 02.

**C – Reflexão bíblica:** A reflexão bíblica é realizada pelo professor-celebrante ou por outra pessoa indicada por este. Na reflexão bíblica procura-se relacionar o tema abordado à realidade dos/as alunos/as. Em geral, no momento da reflexão, algumas crianças costumam dar exemplos de fatos ocorridos no seu dia a dia. Quando o assunto é violência, obediência aos pais, conteúdos impróprios da internet, pobreza e morte há uma maior atenção e participação das crianças.

**D – Oração de confissão:** Todos/as os/as presentes são convidados/as para confessar a Deus os seus pecados. Essa oração é feita de forma pessoal e em silêncio. Todos/as são convidados a compartilhar suas limitações com Deus crendo que Ele escuta e perdoa as nossas faltas praticadas por pensamentos, palavras ou ações.

**E – Aperfeiçoamento dos dons (aula e ensaios):** Esse é o momento da aula e do ensaio propriamente ditos. Nesse momento as crianças e adolescentes são preparados teoricamente e nos seus respectivos instrumentos para o amplo domínio do repertório instrumental. As preleções realizadas no decorrer das aulas e ensaios visam orientar os/as alunos/as sobre a necessidade de uma rotina diária de estudo para o aperfeiçoamento do dom musical. Temas como disciplina de estudo, perseverança e compromisso são temas recorrentes nas aulas e ensaios.

**F – Espaço de Comunhão:** Por fim, mas não menos importante, as crianças são convidadas para o lanche coletivo servido pelos professores e parceiros do projeto. Nesse momento final as crianças interagem entre si e com os professores. A cada aula e/ou ensaio as crianças e adolescentes, bem como alguns pais/mães que acompanham seus filhos, têm a oportunidade de conhecer e participar dessa estrutura litúrgica. Importa, portanto, considerar que essa forma de reunião cristã des-institucionalizada pode contribuir, de forma efetiva, para a construção, (*oikodomé*), daquela comunidade. É importante destacar que essa liturgia, mesmo fora do contexto eclesial institucionalizado, tem possibilitado a reflexão sobre a fé cristã.

Foto 28 – Momento de reflexão bíblica na liturgia do ensaio



Fonte: Arquivo particular

### 3.3.2 - A Liturgia dos recitais

A liturgia dos recitais segue, em geral, a mesma dinâmica já descrita na liturgia das aulas e ensaios, no entanto, é realizada com toda a comunidade. O recital é um momento no calendário do projeto onde todos os alunos têm a oportunidade de compartilhar com a comunidade os seus dons. São realizados duas vezes ao ano, ao final de cada semestre letivo, e têm como objetivo oportunizar um espaço de encontro com Deus e com o próximo por meio das canções, do compartilhamento dos dons e da alegria de estarem juntos/as.

A liturgia dos recitais consiste nas seguintes etapas:

**A – Oração introdutória:** O professor-celebrante convida toda a comunidade para orar em gratidão a Deus pelas crianças e adolescentes que irão de apresentar no recital. Nesse momento o professor-celebrante agradece pelo dom da música dado a cada criança e pelas suas famílias que contribuem com o desenvolvimento do dom.

**B – Mensagem musical (louvor comunitário):** Nesse momento o professor apresenta uma mensagem musical para ser cantada por toda a comunidade.<sup>242</sup> Como na liturgia das aulas e ensaios, a canção pode ser de um hinário cristão ou do cancionário popular. O objetivo é que essa mensagem musical produza reflexão e questionamentos na comunidade. A mensagem musical é realizada com a projeção de imagens de caráter meditativo.

**C – Compartilhamento dos dons (primeira parte):** O compartilhamento dos dons é o momento em que todos/as os/as alunos/as apresentam à comunidade o que foi aprendido durante o semestre letivo. Em geral, esse compartilhamento inicia com a apresentação dos pequenos grupos, como: flautas doces, flautas transversais, violão e teclado. Todas as crianças, ao final das apresentações são aplaudidas como forma de valorização e estímulo para a continuidade dos estudos musicais.

**D - Reflexão bíblica:** Como na liturgia das aulas e ensaios, o professor- celebrante procura relacionar um tema bíblico à realidade onde está inserida aquela comunidade, bem como procura evidenciar o dom dado por Deus àquelas crianças e a necessidade de aperfeiçoamento contínuo desses dons com o fim de servir a Deus e ao próximo. Toda a comunidade é convidada a um posicionamento diante da oferta de Amor de Deus e das contínuas bênçãos dadas por Ele.

**E - Compartilhamento dos dons (segunda parte):** Os grupos maiores, como: grupo de metais e orquestra infanto-juvenil fazem suas apresentações seguindo a mesma dinâmica da primeira parte. Em geral, esse momento é de muita alegria para todas as famílias que podem assistir seus filhos/as tocando um instrumento. Esses grupos de alunos/as mais experientes executam um repertório bem mais eclético que vai de pequenos trechos sinfônicos a canções populares e tradicionais que geralmente são cantados pela assistência criando, assim, um ambiente de muita alegria.<sup>243</sup>

---

<sup>242</sup> Em geral, a mensagem musical é feita em *Power Point* e projetada em um telão.

<sup>243</sup> Uma dessas canções tradicionais é a Querência Amada do compositor gaúcho Teixeirinha. Em geral, o maestro da orquestra canta e convida a todos/as para cantarem.

**F - Manifestações espontâneas da comunidade:** Nesse momento as famílias são convidadas para se manifestarem no que diz respeito ao desempenho do/a aluno/a no semestre. Na oportunidade, em geral, as famílias expressam gratidão a Deus pelo projeto e, algumas, apresentam-se como colaboradores/as.

**G - Oração final:** O professor-celebrante ou outra pessoa da comunidade faz a oração de agradecimento a Deus.

**H - Espaço de comunhão:** Toda a comunidade é convidada para esse momento de comunhão onde os pais interagem entre si com as crianças e professores/as do projeto. Nesse momento, os/as parceiros/as e professores/as servem as crianças e suas famílias.

A liturgia dos recitais consiste, portanto, numa ação extra eclesial, onde a Palavra de Deus é proclamada, a libertação em Cristo é anunciada e a fé cristã é vivida no amor a Deus e ao próximo e os dons são aperfeiçoados. Os ensaios e recitais revelaram-se, portanto, ao longo desses seis anos, como espaços privilegiados para o compartilhamento do Evangelho. Muito mais do que espaço de aquisição e demonstração técnica, os ensaios e recitais se apresentaram como espaços revelatórios do amor de Deus. A liturgia dos ensaios e recitais tem contribuído para que o Projeto Trilhos Sonoros se consolide na periferia de Canoas como um projeto sóciocristão voltado a crianças e adolescentes.

Foto 29 – Momento de reflexão na Liturgia dos Recitais



Fonte: Arquivo particular

### 3.4 – Síntese

Este capítulo apresentou o Projeto Trilhos Sonoros e suas principais ações enquanto projeto sóciocristão desenvolvido com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social. Cabe, no final deste capítulo, uma pequena reflexão sobre o termo sóciocristão. O termo por si só já indica a combinação de dois elementos: o primeiro mais de ordem social onde concentram-se as necessidades mais elementares para a vivência de uma cidadania plena e o segundo vinculado a uma necessidade de ordem espiritual. Foi refletindo sobre isso que o Projeto Trilhos Sonoros iniciou sua trajetória na periferia anunciando o evangelho de Jesus Cristo, ao mesmo tempo em que atuava no sentido de contribuir com a ressignificação da vida social de crianças e adolescentes da periferia a partir da educação musical. Nessa perspectiva, desde o seu início, o Projeto Trilhos

Sonoros procurou desenvolver ações que oportunizassem o compartilhamento do Evangelho.

Dessa forma, o Projeto Trilhos Sonoros tratou de utilizar a educação musical como meio para criar vínculos com as crianças e comunidade em geral para, a partir de então, anunciar o amor de Deus. Cabem aqui alguns questionamentos: por que, apenas, não suprir as necessidades de ordem social das crianças e adolescentes da periferia providenciando-lhes roupas, alimentos, brinquedos e formação em alguma área com o objetivo de afastá-los da rua? Fazendo isso não estaríamos cumprindo nossa parte como cristãos/ãs? Por que temos que anunciar o evangelho? Ação social não é em si uma forma de proclamação do Evangelho?

O teólogo, fundador da ONG Rio de Paz, Antônio Carlos Costa responde a esses questionamentos da seguinte forma: “a evangelização é central na missão da Igreja. Não se discute que a maior necessidade humana é a reconciliação com Deus”<sup>244</sup>. Ensinar música e, assim, envolver as crianças numa atividade formativa, bem como doar-lhes tempo, roupas, comida e brinquedos constituem-se como ações comprometidas com o próximo e, também, cumprem propósitos divinos, no entanto, é preciso mais que isso. É necessário anunciar a salvação que há em Cristo Jesus. Costa enfatiza que:

A compaixão de Cristo pelo oprimido O levava a pregar-lhe o Evangelho. Por quê? Primeiro, porque o pobre precisa de perdão como qualquer outra pessoa. Ele faz parte da humanidade pecadora, que brinca com os céus e vive ferindo o seu semelhante. A vida na favela quebra qualquer romantismo com relação ao suposto caráter enobrecedor da pobreza.<sup>245</sup>

Costa destaca, também, outro aspecto importante da evangelização que é o seguinte: “o pobre precisa se livrar da favela que carrega em seu coração”<sup>246</sup>. Costa enfatiza ainda que:

Nesse sentido, sabemos com base em provas empíricas, que o evangelho liberta. A servidão a conceitos que escravizam é a realidade da vida de muitos moradores de localidades pobres. Certa vez eu conversava com lideranças comunitárias de uma região da favela do Rio de Janeiro, local onde os moradores tiveram seus barracos desfeitos pelo governo a fim de que pudessem morar em apartamentos construídos pelo poder público. Eles me relataram que houve casos de moradores daqueles mesmos apartamentos que os venderam e voltaram a morar na favela. Salta aos

<sup>244</sup> COSTA, 2015, p. 179.

<sup>245</sup> COSTA, 2015, p. 179.

<sup>246</sup> COSTA, 2015, p. 182.

olhos o fato de que alguns valores culturais dessas comunidades escravizam o pobre. [...] A evangelização, contudo, precisará ser acompanhada por um modelo de ensino que tenha por meta levar o pobre a conhecer as implicações práticas da assimilação do evangelho.<sup>247</sup>

Nessa perspectiva, a concepção do Projeto Trilhos Sonoros trata a proclamação do evangelho como seu objetivo principal. É necessário que a cada dia novos cristãos e novas cristãs se coloquem a disposição de Deus para, por meio de sua habilidade, contribuir para uma mudança efetiva no contexto da periferia. Costa destaca que “se os cristãos pararem de pregar o evangelho, ninguém mais o fará”<sup>248</sup>. A evangelização, contudo, não deve estar refém de uma agenda eclesial, mas precisa avançar a partir de homens e mulheres comprometidos/as com a *missio Dei*. Aproveitando o título do livro do teólogo Costa, é preciso fugir do templo e abraçar a periferia<sup>249</sup>.

O objetivo deste capítulo, portanto, foi descrever o Projeto Trilhos Sonoros não apenas como um projeto assistencialista na periferia ou um projeto de desenvolvimento técnico-musical, mas um projeto que avança na força do Espírito cumprindo o Ide de Jesus e anunciando a salvação que há em Cristo.

---

<sup>247</sup> COSTA, 2015, p. 182.

<sup>248</sup> COSTA, 2015, p. 180.

<sup>249</sup> O título do livro a que me referi é: COSTA, Antônio Carlos. **Convulsão protestante**: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. 1ªed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

#### 4 – A COMUNIDADE ESPIRITUAL E A *MISSIO DEI*: SUBSÍDIOS TEOLÓGICOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO DE DEUS NA PERIFERIA

*Feliz o dia em que de fato as pessoas tomem consciência de que a comunidade cristã é um ajuntamento de pecadores e não de perfeitos. Pois nesse caso ao invés de acusações caberia o perdão. Ao invés de medo caberia a confissão e arrependimento. Ao invés de segredos e hipocrisia caberia a cura. Ao invés de rótulos caberia a comunhão plena. Ao invés de justiças humanas e motivações deturpadas caberia a Palavra. E seríamos conhecidos por aquilo que mais interessa a Deus: o amor.*

*Tainah Ferreira*

Este capítulo procura compreender de que forma a Comunidade Espiritual está a serviço da *missio Dei* no mundo, realizando suas ações não apenas a partir de uma igreja institucionalizada, propriamente dita, mas, também, a partir de ações cristãs individuais ou coletivas que visam à proclamação do evangelho libertador de Cristo. Busco, portanto, a partir da reflexão, relacionar o Projeto Trilhos Sonoros, enquanto projeto sóciocristão, desenvolvido com os pobres na periferia, com a Comunidade Espiritual em seu estado manifesto que caminha na força do Espírito e é instrumento da *missio Dei*. Assim, este capítulo será dividido em três partes:

A primeira parte reflete sobre o conceito de Comunidade Espiritual a partir da Teologia Sistemática de Paul Tillich, especificamente, em sua quarta parte que trata, sobre a vida e o Espírito e sobre a Presença Espiritual e o Novo Ser na Comunidade Espiritual. Será utilizada a obra Teologia da Cultura, do mesmo autor, pontualmente sobre a dimensão religiosa na vida espiritual humana. Este capítulo procura refletir sobre o reconhecimento de Jesus como Cristo como a base sobre a qual a Comunidade Espiritual se evidencia. Dessa forma, este capítulo tratará sobre as características que marcam essa Comunidade fortemente impulsionada pela Presença Espiritual e discorrerei sobre a Comunidade em seu estado latente e manifesto.

Na segunda parte, o capítulo tratará sobre as mudanças de paradigma na teologia da missão; a missão como obra de Deus e a missão a partir da periferia do

mundo bem como as diversas crises pela qual passou e ainda passa a missão contemporânea e, ainda, a multidimensionalidade da missão a partir de Cristo.

A última parte destaca a missão na periferia procurando compreender os riscos de uma missão a partir de uma leitura bíblica e contextual reducionista e equivocada. A partir dos relatos nos evangelhos e da Teologia da Libertação se discutirá sobre a opção preferencial de Deus pelos pobres. Este capítulo será concluído com a tese de que o Projeto Trilhos Sonoros é uma Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei* que tem contribuído para o reconhecimento de Cristo como a verdade libertadora que produz vida abundante.

#### 4.1 – O reconhecimento de Jesus como Cristo: a base da Comunidade Espiritual

A Comunidade Espiritual é caracterizada por Paul Tillich como uma comunidade “invisível”, “oculta”, acessível somente pela fé, no entanto, real e presente de forma plena. Apesar de não estar, necessariamente, ligada a uma eclesiologia, a uma liturgia específica e nem a uma hierarquia eclesiástica a Comunidade Espiritual, enquanto obra do Espírito, atua na história humana e revela-se ao mundo de diversas formas. O Espírito dessa comunidade está nas diversas partes do mundo, revelando-se em todas as “religiões e movimentos sociais e culturais”<sup>250</sup>.

Tillich afirma que “a Comunidade Espiritual, também é Espiritual no sentido em que Lutero frequentemente emprega esta palavra, isto é, invisível, oculta, acessível tão somente à fé, mas, a despeito disto, real, irresistivelmente real”<sup>251</sup>. Ele continua dizendo que:

Isto é análogo à presença oculta do Novo Ser em Jesus e nas pessoas que foram instrumentos da preparação para ele. Do caráter oculto da Comunidade Espiritual segue sua relação “dialética” (de identidade e não identidade) com as igrejas, assim como a relação dialética de Jesus com o Cristo e, para citar um exemplo semelhante, da história da religião com a revelação também deriva do mesmo caráter oculto. Em todos os três casos, somente os “olhos da fé” veem o que é oculto, Espiritual, e os “olhos da fé” são criação do Espírito: só o Espírito pode discernir o Espírito.<sup>252</sup>

<sup>250</sup> GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2002. p.100

<sup>251</sup> TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 603.

<sup>252</sup> TILLICH, 2005, p. 603

A história da confissão de Pedro, por exemplo, como tantas outras histórias no Novo Testamento, ilustra muito bem o que Tillich argumenta. O reconhecimento de Jesus como Cristo, por Pedro, não é resultado de uma experiência natural, mas da forte Presença do Espírito Divino na sua vida que o capacita para reconhecer Jesus como o Cristo. O reconhecimento de Jesus como Cristo não é, portanto, obra humana, mas obra de Deus.

A partir dessa perspectiva é possível compreender que o Espírito divino, que cria a Comunidade Espiritual, é o Espírito que se relaciona com os membros dessa Comunidade, numa fase anterior, a fim de se auto revelar como Espírito de Deus. Assim, o Novo Ser em Cristo só é, efetivamente, reconhecido pela Comunidade a partir do momento em que os seus membros são impactados pelo Espírito que, imediatamente, desvenda seus olhos e aponta para o Cristo de Deus, porque “ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus”. (1 Co 2.11). Considerando o pressuposto de que a Comunidade Espiritual é criada para expandir o Reino de Deus no mundo, a *missio Dei*, por conseguinte, serve-se de todas as configurações humanas, relaciona-se, através do seu Espírito com a Comunidade e se identifica como o Novo Ser em Cristo. Essas etapas de formação da Comunidade Espiritual facilitam o entendimento de que o Espírito de Deus age de diversas formas e atua de maneira multidimensional no mundo. Há, no entanto, a necessidade de apresentação do Novo Ser. É preciso que essas Comunidades Espirituais ouçam falar sobre o Cristo, porque “... como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue”? (Rm.10.14).

O reconhecimento de Jesus como Cristo é, portanto, a base de **consolidação** da Comunidade Espiritual. Sem o reconhecimento de Jesus como o Novo Ser em Cristo, não há Comunidade Espiritual. “É essa base contra a qual os poderes demoníacos são impotentes e que Pedro e os demais discípulos representam”<sup>253</sup>. Essa Comunidade, de que trata Tillich, só está plenamente a serviço da *missio Dei* se estiver fundada sobre Cristo.

---

<sup>253</sup> TILLICH, 2005, p. 603.

## 4.2 – Características da Comunidade Espiritual: uma Comunidade impulsionada pelo Espírito

A Comunidade Espiritual é criada pelo Espírito divino da mesma forma como se manifestou no Novo Ser em Jesus como o Cristo. Tillich enfatiza que essa sua origem determina seu caráter:

Ela é a comunidade de fé e de amor. As várias qualidades inerentes a seu caráter exigem consideração especial por si mesma e porque fornecem os critérios para descrever e julgar as igrejas, pois as igrejas são, simultaneamente, a efetivação e a distorção da Comunidade Espiritual.<sup>254</sup>

Sendo uma comunidade do Novo Ser, a Comunidade Espiritual apresenta-se como uma comunidade de fé. Esse termo, “comunidade de fé” expressa, conforme Tillich, “a tensão entre a fé do membro individual e a fé da comunidade como um todo”<sup>255</sup>. Todavia, para Tillich essa tensão não acarreta ruptura na Comunidade Espiritual como frequentemente ocorre nas igrejas. “A Presença Espiritual mediante a qual o indivíduo é possuído no ato de fé transcende condições, crenças e expressões de fé individuais”<sup>256</sup>. Ênio Mueller ao discutir sobre o Espírito divino e as ambiguidades da vida, a partir de Tillich, afirma que “a relação do Espírito divino com o espírito humano não é de correlação, mas de imanência”<sup>257</sup>. O autor enfatiza ainda que:

O Espírito divino irrompe no espírito humano, elevando-o para fora de si mesmo. Este, continua a ser o que é, mas, ao mesmo tempo, sai de si mesmo sob o impacto do Espírito divino. Esta experiência é chamada por Tillich de “êxtase”. O estado de ser possuído pelo Espírito divino é chamado de Presença Espiritual. Quando ela se apodera do ser humano, cria vida sem-ambiguidade.<sup>258</sup>

Formada a partir do Novo Ser, a Comunidade Espiritual é uma comunidade fundamentada no amor. Considerando a tensão, já mencionada, entre a fé individual dos membros e a da comunidade, ela apresenta, de igual forma, “a variedade infinita

<sup>254</sup> TILLICH, 2005, p.607.

<sup>255</sup> TILLICH, 2005, p.607.

<sup>256</sup> TILLICH, 2005, p.607.

<sup>257</sup> MUELLER Ênio Ronald. O Sistema Teológico. In: MUELLER Ênio Ronald e BEIMS Robert. (Org). **Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar.** São Leopoldo. Sinodal, 2005. p. 89.

<sup>258</sup> MUELLER, 2005, p. 89.

de relações de amor e o *ágape* que une ser com ser na união transcendente de vida-sem-ambiguidade”<sup>259</sup>. Para Tillich:

Da mesma forma como a variedade de condições de fé não leva à ruptura com a fé da comunidade, assim também a variedade de relações de amor não impede que o *ágape* una os centros separados na união transcendente da vida-sem-ambiguidade. Embora seja amor multidimensional e fragmentário em vista da separação de todas as coisas no tempo e no espaço, constitui uma antecipação da união perfeita na Vida Eterna. Como tal, ele é o critério do amor dentro das igrejas, não ambíguo em sua essência, superando suas ambiguidades. A Comunidade Espiritual é santa, pois participa, através do amor, da santidade da Vida Divina e confere santidade às comunidades religiosas – as igrejas – das quais ela é a essência Espiritual invisível.<sup>260</sup>

Tillich diz que, a unidade e universalidade da Comunidade Espiritual “decorrem de seu caráter de ser comunidade de fé e de amor”<sup>261</sup>. A sua unidade é expressa de forma efetiva porque a tensão presente entre a infinita variedade de condições de fé não determina a ruptura com a fé presente na comunidade. A Comunidade Espiritual “pode suportar as diversidades de estruturas psicológicas e sociológicas, de desdobramentos históricos e de preferências quanto a símbolos e formas devocionais e doutrinários”<sup>262</sup>. Essa Comunidade Espiritual não está, portanto, isenta de algumas tensões, no entanto, não apresenta a quebra de sua unidade.

A Comunidade Espiritual não é, segundo Tillich, o Reino de Deus em sua plenitude, mas se efetiva nas diversas comunidades religiosas “como sua essência espiritual invisível”<sup>263</sup>. Tillich utiliza o relato de Pentecostes para enfatizar de forma clara quais são as principais características da Comunidade Espiritual. O autor destaca cinco elementos fundamentais para a compreensão dessa Comunidade:

#### 4.2.1 – O caráter extático da criação da Comunidade Espiritual

Esse caráter extático reforça a ideia de unidade entre estrutura e êxtase. Para Tillich, o Pentecostes é uma referência dessa unidade. Trata-se não apenas de um êxtase enquanto manifestação dos sentidos. O êxtase mencionado por Tillich une fé, amor, unidade e universalidade, um êxtase que impulsiona as pessoas a

<sup>259</sup> TILLICH, 2005, p. 607.

<sup>260</sup> TILLICH, 2005, p. 607.

<sup>261</sup> TILLICH, 2005, p.608.

<sup>262</sup> TILLICH, 2005, p. 608.

<sup>263</sup> TILLICH, 2005, p. 608

viverem um cristianismo de engajamento e resistência. Na concepção tillichiana, não existe Comunidade Espiritual sem êxtase.

Esse caráter extático mencionado pode, certamente, ser entendido como força propulsora. Ao lermos o relato de Pentecostes (Atos 1.8ss), percebemos que os apóstolos foram “energizados” pelo Espírito Santo com vistas à difusão do evangelho em todas as partes. Essa energização não foi algo passageiro e nem produto de uma emotividade circunstancial, mas significou, para os apóstolos, uma sobrecarga de poder, uma nova dimensão de poder para testemunhar o amor de Deus a todos os povos.

Jurgen Moltmann escreve que quem quiser conhecer a palavra veterotestamentária *ruah*, precisará esquecer a palavra ocidental espírito. Para o autor, quando falamos de Espírito de Deus estamos falando sobre algo que não possui corpo e que está localizado acima de tudo que é terreno. No entanto, quando usamos o termo hebraico *ruah Yahweh*, dizemos que “Deus é um furacão, uma tempestade, uma força no corpo e na alma, na humanidade e na natureza”<sup>264</sup>. O *ruah* de *Yahweh* ajuda na compreensão do relato de Pentecostes “... de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, [...] e todos ficaram cheios do Espírito Santo”. (At 2. 2a, 4a). Esse movimento do Espírito de Deus deu aos apóstolos uma nova dimensão de poder para testemunhar<sup>265</sup>. Movimentar-se na força do *ruah* de *Yahweh* é se movimentar como vento impetuoso que chega de forma súbita e traz vida ao que está morto. Moltmann escreve que:

No Antigo Testamento a palavra *ruah* ocorre cerca de 380 vezes. Em 27 passagens fala-se da *ruah Yahweh*. O sentido é tão variado, e as épocas de procedência dos escritos são tão diversas, que se torna impossível encontrar um padrão simples para o uso linguístico e formar um conceito único para as situações envolvidas. De início *ruah* certamente era uma palavra onomatopaica para o vento impetuoso, como por exemplo o vento que dividiu o Mar dos Juncos para o Êxodo de Israel do Egito (Ex 14,21). Sempre se está pensando em alguma coisa viva, que se opõe ao que é morto, em algo que está em movimento e que se opõe ao que é rígido. Aplicado a Deus, o vento impetuoso passa a ser uma parábola para

<sup>264</sup> MOLTSMANN, Jurgen. **O Espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Jurgen Moltmann ao refletir sobre Espírito enquanto força vital de Deus procura distinguir o termo ocidental “espírito” e o hebraico “*ruah*”. Para tanto, o autor dialoga com J. DANIELLOU, citado por CONGAR. Moltmann informa ainda que, para H. GUNKEL, a *ruah* representava “o poder vivificante e modelador de Deus”. (p.49).

<sup>265</sup> “A missão dos apóstolos de difundir o evangelho foi a razão principal para qual o Espírito Santo os capacitou. Esse acontecimento alterou dramaticamente a história mundial, e a mensagem do evangelho, finalmente, chegou a todas as partes da terra”. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Almeida Revista e atualizada. Barueri-SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p.1435.

descrever os efeitos irresistíveis da força criadora, da ira exterminadora e da graça vivificante de Deus (cf. Ez.13,13s; 36,26s).<sup>266</sup>

A partir dessas pistas, Moltmann descreve a *ruah Yahweh* como o acontecer da presença atuante de Deus, “que penetra até o mais íntimo da existência humana”<sup>267</sup>. No Salmo 139.7.23s isso é bastante esclarecedor “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? [...] Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos”. Nessa perspectiva, Moltmann compreende a *ruah* como o acontecer da Presença de Deus e, ao mesmo tempo, de forma invertida, o acontecer da Presença de Deus como *ruah*. Assim, “na força vital criadora, Deus se encontra presente. Toda presença atuante de Deus é determinada pela *ruah*”<sup>268</sup>.

Para Moltmann, no entanto, “esta fórmula teológica personificada para *ruah* como presença de Deus não é suficiente para designar a força pela qual tudo quanto é vivo tem vida”<sup>269</sup>. Ele explica:

A força criadora de Deus é comunicada às criaturas, de tal forma que quando falamos em *ruah* também estamos falando da força vital delas. Não é errado falarmos do espírito como do “impulso” e do instinto despertado por Deus. Por mais que a *ruah*, como *ruah Yahweh*, seja de origem transcendente, ela também atua de maneira imanente, como força de vida de tudo quanto é vivo é o lado imanente da *ruah*. A *ruah*, sem dúvida, só existe onde e quando Deus o quer, mas com sua vontade para a criação ela está presente em todas as coisas, conservando-as na existência e na vida. No tocante à *ruah*, podemos dizer que Deus está em todas as coisas e que todas as coisas estão em Deus, sem com isto estarmos equiparando Deus e todas as coisas.<sup>270</sup>

É a *ruah*, enquanto vento impetuoso, Espírito criativo, dinâmico, atuante, poderoso e encorajador de Deus que está presente na humanidade e cria a Comunidade Espiritual para cumprimento de seus propósitos.

As pistas reveladas até aqui por Tillich e Moltmann indicam uma Comunidade Espiritual que se movimenta pela força do Espírito e, nas suas andanças pelo mundo, espalha o Amor de Deus e promove a libertação. Essa força sobrenatural que acompanha essa Comunidade é tratada pelo Apóstolo Paulo da seguinte forma:

<sup>266</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 49-50.

<sup>267</sup> Moltmann apoia-se em H.J.KRAUS, e em M. Kahler e, de forma semelhante, em Heron, 9: “A *ruah* como presença divina”. (p. 51).

<sup>268</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 51.

<sup>269</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 51.

<sup>270</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 51.

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo. (2 Coríntios 10:4,5).

Essa força espiritual transcende a força, intelectualidade e a coragem humana. Trata-se de um poder capaz de fazer avançar mesmo em circunstâncias adversas. Foi o que aconteceu com os Apóstolos em suas primeiras jornadas missionárias. Eles tiveram seus corações inflamados de amor, impulsionando-os a pregar Cristo com ousadia, independente das circunstâncias e das consequências.

O Espírito de Deus não só cria a Comunidade Espiritual, mas a encoraja, alegra e sustenta. O vento impetuoso não passa apenas pelo mundo, mas, como no Pentecostes, provoca o êxtase, a mudança, o inconformismo e o desejo de compartilhamento da mensagem de salvação. Esse vento impetuoso, ao soprar nas diversas comunidades humanas, indica um novo caminho de paz, justiça e esperança.

#### **4.2.2 – Uma fé fortalecida**

O surgimento de uma fé que se encontrava ameaçada e praticamente desacreditada a partir da crucificação de Jesus representa para Tillich um segundo elemento que caracteriza a Comunidade Espiritual.

Se compararmos o relato de Pentecostes com o testemunho paulino a respeito das aparições do Cristo ressuscitado, veremos que, em ambos os casos, uma experiência extática reafirma a fé dos discípulos e os livra de um estado de incerteza total. Os discípulos que se dispersaram pela Galileia não eram uma manifestação da Comunidade Espiritual. Só depois que a Presença Espiritual se apoderou deles e restabeleceu sua fé é que eles se tornaram sua manifestação. À luz da certeza que vence a dúvida no relato de Pentecostes, devemos dizer que não existe Comunidade Espiritual sem a certeza da fé.<sup>271</sup>

A Comunidade Espiritual é impulsionada, permanentemente, a dar passos de fé. Esses passos caminham para o próprio Deus (Hb. 11.6) e, ao caminhar para Ele, encontra-se o próximo, às vezes cambaleante, caído na estrada, ferido e sufocado pela poeira do caminho. A fé que, para Tillich, “é o estado em que somos tomados pela preocupação suprema, [...] sendo o próprio Deus seu nome e

<sup>271</sup> TILLICH, 2005, p. 604

conteúdo<sup>272</sup>, promoverá um encontro com o Incondicionado, *prius* de todas as coisas, Supremo e Libertador. Esse encontro resultará em transformação e libertação.

Ao dar os seus passos de fé a Comunidade Espiritual promove a libertação, através do Cristo (des) institucionalizado e acessível a todos/as. O Espírito dessa Comunidade promove a união entre as pessoas, a solidariedade e a unidade de propósitos (At 2.44-46). As características de fé dessa Comunidade mobilizam e agregam outras pessoas em torno de Cristo. (At. 2.47).

Um dos grandes problemas das religiões, no que diz respeito ao caminhar, fundamenta-se numa caminhada sem fé. A fé vence os dogmas, vence o medo do contraditório, vence as diferenças, a opressão, o apego por prestígio, a incessante busca por *status* eclesiástico, as forças demoníacas que exercem poder sobre as almas e nações. Tillich afirma que:

se todos os que lutam em favor do Senhor da história, por sua justiça e verdade, se unirem, mesmo sob perseguição e martírio, a vitória eterna na luta entre tempo e espaço será visível uma vez mais com a vitória do tempo e do único Deus, Senhor da história.<sup>273</sup>

A convicção dessa Comunidade Espiritual não está centrada naquilo que se pode ver, mas, naquilo em que efetivamente se crê. É a certeza que vence o medo e impulsiona o caminhar por fé. É a fé como certeza daquilo que se busca, (Hb 11.1).

Considerando as grandes ambiguidades da vida, é natural que o ser humano viva em profundas incertezas e conflitos pessoais. Disso resulta a construção de relacionamentos frágeis e instáveis que apresentam dificuldades no caminhar juntos. As ambiguidades da vida separam as pessoas. Cada pessoa segue aquilo em que acredita e se distancia do/a outro/a que acredita no diferente. Dessa forma, as comunidades humanas são temporárias e pouco eficazes em suas abrangências e resultados. Essas comunidades, quando impactadas pelo Espírito Divino não apenas revelam a fé individual de cada membro/a, mas caminham impulsionadas por uma fé coletiva e viva que movimenta as pessoas e produz transformação onde se instala.

---

<sup>272</sup> TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 81.

<sup>273</sup> TILLICH, 2009, p.79.

A fé fortalecida dessa comunidade é potencialmente inconformada com as estruturas que aprisionam o ser humano. Ao ler o relato de Atos dos Apóstolos somos confrontados, enquanto igreja, a viver uma dinâmica de fé que realmente produza transformações no mundo. A Comunidade Espiritual com uma fé fortalecida é arauto da justiça, da igualdade, do amor, da fraternidade, do Reino que, embora ainda não seja pleno, já está entre nós.

Essa Comunidade Espiritual, movida por uma fé fortalecida, derruba as incertezas e avança como mandatário da *missio Dei*. As pessoas que são inseridas nessa comunidade têm suas vidas ressignificadas e impulsionadas a agregarem outras pessoas no Reino de Deus.

#### **4.2.3 – Um amor expresso em serviço mútuo**

Na história de Pentecostes é possível observar, ainda, um amor que é expresso em serviço mútuo, em especial àqueles mais vulneráveis, incluindo todos os estrangeiros que anteriormente se reuniam ao grupo inicial. Nesse sentido, não há como pensar em Comunidade Espiritual sem a expressão prática do amor que se doa pelo próximo sem distinção. Para David J. Bosch o amor ao próximo, em sua essência, é um compromisso ativo que é expresso em atos. Essa expressão prática do amor refere-se a uma ação indiscriminada que reconhece a todos/as como o próximo e estende-lhe a mão.

O exemplo de Cristo ao se entregar na cruz, por amor, deve motivar-nos à uma doação integral e permanente pelas pessoas. É inconcebível que esse amor seja cada vez mais banalizado entre as pessoas que desconhecem o seu significado prático. Na prática, o amor é incapaz de permitir que o/a outro/a padeça fome, pobreza e indiferença. O amor não se contenta em apenas ter, mas alegra-se em poder dividir.

O serviço mútuo demonstrado no Pentecostes é fruto da forte Presença Espiritual de Cristo que impulsiona a todos os seus seguidores/as a viverem uma relação de plena doação ao próximo. Em tempos atuais em que somos cada vez mais exigidos a produzir com vistas ao nosso próprio destaque, seja profissional, acadêmico ou ministerial, não nos sobra tempo para servir, em especial, aos mais vulneráveis que estão nas periferias, nos viadutos e nas feiras padecendo sem que, se quer, percebamos as suas existências. Quando somos impactados pela Presença

Espiritual de Cristo, vivemos um cristianismo prático, empunhamos uma bandeira teológica engajada com esses vulneráveis e lutamos pela justiça e dignidade.

Uma Comunidade Espiritual traz como marca característica a expressão permanente do amor de Deus e com esse amor acolhe a todos/as, seja o morador de uma mansão que tem tudo o que deseja, mas sofre por depressão, ou o pobre que mora sob lona e papelão e sofre pelo abandono; seja o intelectual que nas suas especulações filosóficas nega a Deus ou o iletrado que baseia seus argumentos religiosos num discurso suprracional; seja o membro de uma igreja evangélica, católica, ou o religioso do culto afro, enfim, o amor que caracteriza a Comunidade Espiritual agrega todos/as os/as diferentes:

Paulo coloca todos os demais mandamentos sob a perspectiva central de uma relação intrapessoal entre um “tu” e seu “próximo”. Ao mesmo tempo, ele universaliza a validade do mandamento do amor, além da comunidade de fé dos cristãos, para todas as pessoas.<sup>274</sup>

Segundo Starnitzke, para o apóstolo Paulo o “próximo” não é apenas aquele que compartilha da mesma fé, “mas potencialmente qualquer pessoa”<sup>275</sup>. Para este autor, o amor é “a oração principal, a partir da qual todas as demais orações são cumpridas”<sup>276</sup>. Quando Raniero Cantalamessa questiona a forma prática de demonstrar nosso interesse pelos pobres com conteúdo real e não apenas ideológico, este autor nos ajuda a refletir como podemos demonstrar de forma prática nosso interesse pelo próximo. Para este autor, o que devemos fazer de forma efetiva resume-se em três palavras: amá-los, socorrê-los e evangelizá-los. Cantalamessa ressalta que:

Amar aos pobres significa, sobretudo, respeitá-los e reconhecer sua dignidade. Neles, precisamente pela ausência de outros títulos e distinções acessórias, resplandece numa luz mais viva a dignidade radical do ser humano.<sup>277</sup>

Para Cantalamessa não basta apenas amar os pobres. É preciso traduzir esse amor em ações práticas. Para este autor, é preciso socorrê-los. Tiago nos

<sup>274</sup> STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica – concretizações éticas. Tradução de Martin Volkmann. – São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 86.

<sup>275</sup> STARNITZKE, 2013, p. 86.

<sup>276</sup> STARNITZKE, 2013, p. 86.

<sup>277</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **A Pobreza**. São Paulo: Ed. Loyola. 1997. p. 20.

lembra que não basta nós nos apiedarmos daqueles que passam necessidades sem, contudo, ajudá-los nas suas carências. Tiago, também conhecido como o justo, pela sua devoção à justiça, escreveu:

Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupas e necessitados do alimento cotidiano e qualquer dentre vós lhes disser; Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. (Tg 2, 15-17).

Esta passagem bíblica nos orienta de forma clara que o socorro ao necessitado está fortemente vinculado à fé e ao amor. Não há como viver a fé plena e o amor abundante sem o exercício intencional do socorro a todos/as que carecem.

Para Cantalamessa, além do amor e socorro aos pobres, é preciso também evangelizá-los. Para este autor, essa foi a missão que Jesus declarou como sua por excelência “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos”. (Lc 4. 18). E essa é, também, a missão confiada à igreja. Cantalamessa escreve que:

Não devemos permitir que nossa má consciência nos induza a cometer a enorme injustiça de privar da boa nova os que são os seus primeiros e mais naturais destinatários. Talvez aduzindo, como desculpa, o provérbio “saco vazio não para em pé”. Jesus multiplicava os pães e simultaneamente a Palavra, ou às vezes administrava por três dias seguidos a Palavra e depois se preocupava também com os pães. Não só de pão vive o pobre, mas também de esperança e de toda a Palavra que sai da boca de Deus. Os pobres têm o sacrossanto direito de ouvir o Evangelho integral, não em edição reduzida, adaptada e de ocasião.<sup>278</sup>

Amar, socorrer e evangelizar os pobres são necessidades prementes para a igreja contemporânea e, ao mesmo tempo, ações identitárias de um cristianismo vivo que caminha ao encontro de toda a humanidade, em especial daqueles/as que sofrem as dores da exclusão, indiferença e abandono.

---

<sup>278</sup> CANTALAMESSA, 1997, p. 23-24.

#### 4.2.4 – A criação de unidade

Tillich destaca que o quarto elemento presente no relato de Pentecostes é a criação de unidade. A forte Presença Espiritual uniu vários indivíduos de nacionalidades e culturas diferentes a ponto de reuni-los na refeição sacramental. “O falar extático em línguas foi interpretado como uma vitória sobre a desintegração da humanidade simbolizada na estória da Torre de Babel”<sup>279</sup>. A unidade verificada na narrativa de Pentecostes revela pistas de que não é possível pensar em Comunidade Espiritual sem o ajuntamento de todas as pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade.

É preciso considerar que a unidade tratada se refere ao ajuntamento de pessoas diferentes: culturas diferentes, formas diferentes de pensar sobre um determinado assunto. A unidade só é efetivamente expressa a partir da competência de perceber-se diferente no meio de tantos outros diferentes e da capacidade de aceitar-se e aceitar o/a outro/a diferente como parte integrante e imprescindível para a comunidade, sabendo que somos constituídos como Comunidade Espiritual e relevante no mundo não necessariamente por nossas semelhanças e diferenças, mas pelo Espírito Divino que age na comunidade e nos torna um corpo com membros diferentes, mas dependentes uns dos outros.

A ideia de unidade a partir da forte Presença Espiritual revela pistas de uma unidade objetiva e condicional. Objetiva porque, ao juntar várias pessoas de caminhadas diferentes em torno de Cristo, revela o amor de Deus para toda a humanidade e ao mesmo tempo espalha esse amor a todas as pessoas indistintamente. O Espírito Divino cria a Comunidade Espiritual a partir dessa unidade objetiva que alcança e envolve todas as pessoas. Não há, portanto, Comunidade Espiritual sem que esta tenha sido alicerçada nessa unidade objetiva. As diversas comunidades humanas encontram dificuldades na caminhada por não atentarem para essa unidade. O evangelista Marcos escreveu que: “Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir”. (Mc 3. 24-25).

---

<sup>279</sup> TILLICH, 2005, p. 604.

A unidade que aqui me refiro não é de ordem ideológica, mas espiritual, capaz de superar as grandes ambiguidades da vida. O apóstolo Paulo recomenda à igreja em Éfeso que persevere a unidade do Espírito:

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. (Efésios 4. 1-6).

Além de objetiva, essa unidade é condicional, ou seja, sem essa unidade não há Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei*. Quando amamos ao próximo de forma prática, é natural que procuremos a unidade. O amor verdadeiro une as pessoas. A *missio Dei* não separa as pessoas por bandeiras denominacionais, dogmas e outras ambiguidades da religião, mas as une. Sherron Kay George afirma:

O evangelho é universal – para todas as pessoas e a todas une. O tema da universalização da missão de Deus pode ser acompanhado ao longo do Evangelho de João, começando pelo prólogo. O Verbo que é vida e traz vida vem ao mundo como “a luz” (1.4). João testifica “a fim de todos virem a crer por intermédio dele (1.7). Deus assim amou o mundo (3.16), e o Messias é o “ Salvador do mundo” (4.42).<sup>280</sup>

Para George, o quarto evangelho utiliza duas metáforas corporativas quando se refere à igreja ou à vida compartilhada numa comunidade de culto missionária, que se apresenta ao mundo como testemunha por obras e palavras. As metáforas são “rebanho” (capítulos 10 e 21.15) e “ramos” (capítulo 15). Para esta autora, ambas estão diretamente ligadas à questão da unidade. George faz referência ao capítulo 10 de João onde Jesus declara ser “o bom pastor” (10.11,14). “Ele é o pastor-professor que chama, reúne, lidera, ensina e dá exemplo”<sup>281</sup>. Nesse capítulo Jesus diz ainda que veio “para que tenham vida e a tenham em abundância”. (Jo 10.10). George ressalta que Deus oferece plenitude de vida a todos e a todas. Foi para isso que Jesus deu sua vida pelas ovelhas (10.11,15, 17,18; 15.13). A autora continua afirmando que as ovelhas escutam e seguem o pastor em discipulado e

<sup>280</sup> GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça**: parceria na missão de Deus. Tradução Paul Tornquist, Márcia Sell e Márcia Formiga. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 39.

<sup>281</sup> GEORGE, 2006, p. 39.

missão. “Isso envolve entrar, sair, encontrar pastagem e trazer outras ovelhas (10.9,16)”<sup>282</sup>. As ovelhas vivem juntas em rebanhos e isso, inclusive, faz com que elas estejam mais fortes e ofereçam maior resistência a um eventual ataque. Elas não vivem uma vida solitária e individualista. Ainda comentando sobre a unidade, George afirma que:

As conotações ecumênicas ganham força quando Jesus anuncia “ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz ; então haverá um rebanho e um pastor (Jo 10.16). Enquanto não pudermos definir com precisão a natureza e a identidade das outras ovelhas, temos que estar abertos, respeitar e pressupor a presença de Deus em nosso próximo.”<sup>283</sup>

Para George, fica claro no quarto evangelho que da mesma forma como as pessoas da Trindade são uma na missão, da mesma forma a igreja tanto em sua adoração como na sua missão, deve ser um rebanho, uma comunidade ecumênica.<sup>284</sup> A ideia de “rebanho” que, conforme George, apresenta uma dimensão corporativa e universal da comunidade de culto missionária, é reforçada, em João no capítulo 15, pela metáfora da “videira” e dos “ramos”. George escreveu:

A parceria entre Jesus, a “videira”, e o Pai, o “vinheiro”, é evidente. A unidade entre Jesus e seus discípulos, os “ramos”, é surpreendente. Somos nutridos, corrigidos, fortificados ao “permanecer” e nos tornar participantes na missão de Jesus e de Deus de “produzir frutos”. Claramente os ramos não são somente dependentes da videira, mas intrinsecamente relacionados entre si. Não existem ramos solitários.<sup>285</sup>

É fundamental, portanto, que estejamos ligados à videira e relacionados com os diversos ramos. Essa ligação com a videira e com os outros ramos é uma condição *sine qua non* para que a ação missionária que realizamos seja, de forma efetiva, expressão do amor e cuidado de Deus e não fruto de nossos interesses pessoais. O fracasso de muitas ações missionárias começa a partir do momento em que se busca “membros” para serem ligados a uma determinada “denominação”

<sup>282</sup> GEORGE, 2006, p. 39.

<sup>283</sup> GEORGE, 2006, p. 39.

<sup>284</sup> George cita **O Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana (EUA)**, que afirma o seguinte: “A unidade da igreja é um dom do seu Senhor e encontra expressão em sua fidelidade à missão para a qual Cristo chama [...] Unidade visível, pela qual uma diversidade de pessoas, dons e entendimentos é reunida, é um sinal importante da unidade do povo de Deus [...] A Igreja Presbiteriana (EUA) [...] está disposta a procurar e manter comunhão e comunidade com todos os outros ramos da igreja una católica. GEORGE, 2006, p.40.

<sup>285</sup> GEORGE, 2006, p. 41.

cristã, ao invés de ir ao encontro das “pessoas” para ligá-las a Cristo. Nessa busca incessante por membros, acaba-se selecionando perfis, homogeneizando a membresia e excluindo todo/a aquele /a que não possui aquele perfil. Isso, por sua vez, acaba diluindo a identidade cristã no que diz respeito à unidade.

A institucionalização do cristianismo contribuiu substancialmente com a construção de igrejas desligadas da videira e, em decorrência disso, desligada dos outros ramos. Isso não é unidade! A igreja marcha num passo acelerado para uma total perda de identidade cristã. A falta de unidade não contribui com o crescimento do cristianismo, mas com sua descaracterização. O grande número de igrejas fundadas a cada dia, não expressa, necessariamente, o fortalecimento do cristianismo, mas pode indicar, também, a incapacidade de os cristãos viverem unidos em torno de um mesmo objetivo: servir a Deus e à humanidade. Que possamos, como bem aconselha George, “buscar com seriedade a prática do amor encarnacional e demonstrar a unidade de toda a igreja para a glória de Deus, que é uma comunidade-de-três”<sup>286</sup>.

#### **4.2.5 – A criação de universalidade**

O último elemento descrito por Tillich no relato de Pentecostes é a criação de universalidade. Esse elemento é expresso na motivação missionária das pessoas que foram cheias do Espírito e, a partir de então, começaram a anunciar aquilo que lhes tinha acontecido. A experiência com a Presença Espiritual criou naquelas pessoas um desejo irresistível de compartilhamento. Aquela Presença Espiritual impulsionou as pessoas a uma inclusão na Comunidade Espiritual. Assim, é possível dizer que não existe Comunidade Espiritual sem a inclusão de todas as pessoas, independente de suas crenças, culturas e tradições. A Comunidade Espiritual está aberta a todos/as, e àqueles/as que aceitaram o Novo Ser em Jesus enquanto Cristo devem ser motivados a integrar outras pessoas nessa Comunidade.

Ter uma experiência real com Cristo implica diretamente em mudança de atitude em relação ao próximo. Saulo de Tarso ao ter um encontro com Cristo na estrada de Damasco experimentou uma mudança real em relação a Deus e às pessoas. O relato bíblico diz o seguinte:

---

<sup>286</sup> GEORGE, 2006, p. 41.

Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. (At. 9.1-5).

Nessa perspectiva, é correto afirmar que a experiência de Saulo com Cristo oportunizou uma mudança real em relação aos seus intentos opressores e o colocou em nova posição diante de Deus. O encontro com Cristo ressignifica não só as ações, mas as motivações do coração. A partir do encontro com Cristo há um desejo de proclamar a libertação a todos/as. Aquele/a que se encontra com Cristo, que tem o impacto da Presença Espiritual, vive em constante peregrinação anunciando a Verdade que liberta e não é limitado, em suas ações, a um vínculo institucional, pelo contrário, busca relacionar-se com todas as pessoas numa compreensão correta de que a Presença Espiritual é geradora de unidade e não divisão.

Os elementos apresentados até aqui por Tillich, revelam as características de uma Comunidade Espiritual. Esses elementos advêm da própria imagem de Jesus como Cristo e do Novo Ser que se manifesta a partir d'Ele. Isso é revelado simbolicamente em Jesus como cabeça e da Comunidade Espiritual como seu corpo. Nesse sentido, a Presença Espiritual do Novo Ser em uma Comunidade Espiritual revela uma experiência de transcendência e encontro real com Cristo, o Senhor da Comunidade Espiritual. Esse encontro, por sua vez, repercute em ações inclusivas, universais e motivadas por amor e fé. O encontro com o Senhor da Comunidade Espiritual impulsiona uma caminhada de proclamação libertadora, resistência permanente e engajamento prático com a inclusão de outras pessoas na Comunidade Espiritual.

Essa inclusão não visa a formação de uma membresia institucional, mas, sobretudo, um envolvimento efetivo e prático com Cristo e com todas as pessoas. Sendo assim, podemos pensar que a Comunidade Espiritual, seja ela um grupo de pessoas que se reúne periodicamente para prestar ajuda ou uma igreja organizada, ambos, ao experimentarem, de forma plena, a Presença Espiritual do Novo Ser em Cristo, como no evento em Pentecostes, vivenciam uma ressignificação paradigmática no que diz respeito às suas concepções de fé: a assistência social, antes vista de forma isolada pelo primeiro grupo, é transformada num engajamento

que busca o resgate da imagem de Deus nas pessoas; os rituais religiosos tornam-se momentos de fortalecimento de fé para a caminhada; a formação de membresia institucional é convertida em ajuntamento de pessoas que visam o objetivo comum de compartilhar o Novo Ser com outras pessoas.

Ao apresentar esses cinco elementos que caracterizam a Comunidade Espiritual, em seu estado manifesto, Tillich nos dá pistas de uma comunidade de fé comprometida com a *missio Dei* e a serviço dela. Assim, esta Comunidade Espiritual, que se move na força do Espírito, assume importância fundamental na propagação do Novo Ser em Cristo e essa importância não está ligada a sua forma institucionalizada, mas em seu intento de ajuntar outras pessoas em torno de Cristo.

#### **4.3 – A Comunidade Espiritual em sua forma latente e manifesta**

Segundo Tillich, a Comunidade Espiritual é determinada pelo surgimento de Jesus como o Cristo, no entanto, esta comunidade não é semelhante às igrejas cristãs. A partir dessa tese Tillich questiona qual a relação dessa Comunidade Espiritual com as diversas comunidades religiosas existentes na história das religiões. A questão colocada por Tillich reformula a discussão a respeito do “problema da revelação universal e final da Presença Espiritual no período que antecedeu a manifestação central do novo Ser”<sup>287</sup>. Tillich afirma que:

Neste contexto, queremos descrever o aparecimento da Comunidade Espiritual em seu período preparatório e partimos do pressuposto de que onde atua a Presença Espiritual, e, portanto, ocorre revelação (e salvação), ali também deve haver Comunidade Espiritual. Se, por outro lado, o aparecimento do Cristo é a manifestação central do Espírito Divino, o surgimento da Comunidade Espiritual no período preparatório deve diferir do seu aparecimento no período de recepção.<sup>288</sup>

Tillich sugere que a diferença entre o surgimento da Comunidade Espiritual e o seu aparecimento no momento de recepção seja descrita como o período de latência e o período de manifestação. Essa distinção foi designada por Tillich, objetivamente, como igreja latente e igreja manifesta. A distinção foi aceita por um grupo e, naturalmente, rejeitada por outro. Os termos utilizados foram também

---

<sup>287</sup> TILLICH, 2005, p.605

<sup>288</sup> TILLICH, 2005, p.605

confundidos com os conceitos frequentemente utilizados de igreja invisível e igreja visível. No entanto, conforme Tillich, as duas dimensões se sobrepõem:

As qualidades invisível e visível devem ser aplicadas à igreja tanto em sua latência quanto em sua manifestação. A diferença entre Comunidade Espiritual e igrejas sugeridas aqui talvez seja útil para evitar possíveis confusões entre latência e invisibilidade. A Comunidade Espiritual é latente antes do encontro com a revelação central, e é manifesta depois deste encontro. Estes “antes” e “depois” têm um duplo sentido. Eles apontam para o evento da história universal o “*kairós* básico”, que estabeleceu definitivamente o centro da história, e também se referem aos *kairoi* sempre novos e derivados em que um grupo cultural-religioso tem um encontro existencial com o evento central.<sup>289</sup>

Tillich explica que o motivo principal para a distinção entre igreja latente e manifesta foi o seu encontro com vários grupos fora das igrejas devidamente organizadas. Esses grupos mostraram para ele “de uma forma impressionante, o poder do novo ser”<sup>290</sup>. Para Tillich, existem as associações de jovens, os grupos de amizade, os movimentos educacionais, artísticos e políticos e, ainda, grupos de indivíduos que não têm nenhuma relação visível entre si, onde é perceptível o impacto da Presença Espiritual. Esses grupos não pertencem a nenhuma igreja, no entanto, não estão excluídos da Comunidade Espiritual. Tillich escreve ainda que as igrejas não estão excluídas da Comunidade Espiritual, “mas seus oponentes seculares tampouco estão”<sup>291</sup>. As igrejas representam a Comunidade Espiritual numa autoexpressão religiosa manifesta, enquanto que os grupos descritos por Tillich representam a Comunidade Espiritual em latência secular.

Para Tillich, o termo latente diz respeito a um elemento positivo e outro negativo. “Latência é o estado de ser parcialmente efetivo, [...]; não podemos atribuir latência àquilo que é meramente potencial, por exemplo, a recepção de Jesus como o Cristo por pessoas que ainda não tiveram um encontro com ele”<sup>292</sup>. Nesse sentido, no estado de latência existem elementos efetivados e não efetivados, sendo isso que caracteriza a Comunidade Espiritual latente. É possível perceber o impacto da Presença Espiritual na fé e no amor, no entanto, o critério último da fé e do amor, “a união transcendente da vida sem ambiguidade tal qual se manifesta na

---

<sup>289</sup> TILLICH, 2005, p.605

<sup>290</sup> TILLICH, 2005, p.605

<sup>291</sup> TILLICH, 2005, p.606

<sup>292</sup> TILLICH, 2005, p.606

fé e no amor do Cristo, está faltando”<sup>293</sup>. É por isso que Tillich argumenta que existe uma Comunidade Espiritual latente em vários grupos humanos:

Existe uma Comunidade Espiritual na assembleia do povo de Israel, nas escolas dos profetas, na comunidade do templo, nas sinagogas da Palestina e da Diáspora e nas sinagogas medievais e modernas. Existe uma Comunidade Espiritual latente nas comunidades devocionais islâmicas, nas mesquitas e escolas teológicas e nos movimentos místicos do islamismo. Existe uma Comunidade Espiritual latente nas comunidades que adoram os grandes deuses mitológicos, nos grupos sacerdotais esotéricos, nos cultos de mistério da Antiguidade tardia, nas comunidades semi científicas, semi-rituais das escolas filosóficas gregas. Existe uma Comunidade Espiritual latente no misticismo clássico da Ásia e da Europa e nos grupos monásticos originados pelas religiões místicas.<sup>294</sup>

Em todos esses grupos é possível encontrar o impacto da Presença Espiritual e, em decorrência disso, a presença da Comunidade Espiritual. É possível perceber elementos de fé no sentido de serem possuídos “por uma preocupação última e elementos de amor no sentido de uma reunião transcendente daquilo que está separado”<sup>295</sup>. Mesmo assim, esses grupos representam a Comunidade Espiritual em sua forma latente. Segundo Tillich, o critério último, que corresponde à fé e o amor do Cristo, ainda não foi revelado àqueles grupos.

Para Tillich, é muito importante para a prática missionária considerar não apenas os que estão dentro da cultura cristã, mas os que estão fora também. É preciso considerar pagãos, humanistas e outras categorias como membros da Comunidade Espiritual latente e não como grupos totalmente estranhos convidados a partir de fora, a integrar a Comunidade Espiritual<sup>296</sup>.

#### **4.4 – Perspectivas conceituais para a missão:** reflexões sobre a missão de Deus

Desde a década de 1950, houve uma perceptível ascensão na utilização do termo “missão” no meio cristão. Essa ascensão foi acompanhada por uma resignificação conceitual do termo. Antes da década de 1950, David J. Bosch informa que “missão” designava o envio de missionários a um determinado território; as ações que esses missionários desenvolviam; a área geográfica onde os

---

<sup>293</sup> TILLICH, 2005, p. 606

<sup>294</sup> TILLICH, 2005, p.606

<sup>295</sup> TILLICH, 2005, p.607

<sup>296</sup> TILLICH, 2005, p. 607

missionários atuavam; a agência missionária que enviava; o mundo, chamado não cristão ou campo de missão e, ainda, “o centro a partir do qual os missionários operavam no campo de missão”<sup>297</sup>.

Outra designação muito frequente naquela época estava associada a uma determinada congregação local sem um pastor residente que dependia diretamente do apoio de uma igreja mais estruturada financeiramente que pudesse sustentar a “missão”. Por fim, não menos frequente, o termo missão estava associado também a vários serviços especiais que tinham por objetivo “aprofundar ou difundir a fé cristã, em geral num ambiente nominalmente cristão”<sup>298</sup>. Uma síntese teológica do termo “missão”, a partir das designações a ela atribuídas, pode ser parafraseada da seguinte forma: propagação da fé cristã; expansão do Reino de Deus; conversão dos povos pagãos e fundação de igrejas<sup>299</sup>.

Para Bosch, as conotações vinculadas à palavra missão, ainda bem familiares, são recentes em sua origem. “Até o século XVI o termo era usado exclusivamente com referência à doutrina da Trindade, isto é, ao envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho”.<sup>300</sup> Bosch relata ainda que foram os jesuítas os primeiros cristãos a utilizarem o termo em relação à propagação da fé cristã entre pessoas que não faziam parte da Igreja Católica, inclusive os protestantes. Nessa acepção jesuítica o termo está diretamente ligado à expansão colonial do ocidente, que passou a ser conhecido como Terceiro Mundo<sup>301</sup>.

Na introdução de sua obra “Missão Transformadora”, Bosch já esclarece que o termo “missão” pressupõe, imediatamente, alguém que envia, uma ou duas pessoas enviadas por quem envia, as pessoas para as quais o missionário é enviado, bem como uma incumbência. Bosch acrescenta que:

Toda a terminologia pressupõe, assim, que quem envia tem autoridade para fazer isso. Com frequência se sustentava que quem realmente enviava era Deus, que tinha a incontestável autoridade de decretar que pessoas sejam enviadas para executar sua vontade. Na prática, entretanto, a autoridade era entendida como sendo conferida à igreja ou a uma sociedade missionária, ou mesmo a um potentado cristão. Nas missões católicas romanas, em particular, a autoridade jurídica permaneceu sendo, durante

---

<sup>297</sup> BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão – São Leopoldo: Sinodal, 2002.p.17.

<sup>298</sup> BOSCH, 2002, p. 17.

<sup>299</sup> MUELLER *apud* BOSCH, 2002, p.17.

<sup>300</sup> BOSCH, 2002, p. 17.

<sup>301</sup> BOSCH, 2002, p.17.

muito tempo, o elemento constitutivo da legitimidade do empreendimento missionário.<sup>302</sup>

Em seu estudo, Bosch sustenta que a interpretação tradicional do termo missão foi progressivamente modificada durante o século XX. Ao fazer algumas observações introdutórias, o autor diz que a missão cristã, como tem sido usualmente interpretada e praticada, “está sendo atacada não só a partir de fora, mas também a partir de dentro de suas próprias fileiras”<sup>303</sup>. A partir dessa constatação o missiólogo cita alguns nomes, como Schutz (1930), Paton (1964), James Heissig, (1981) que, mais recentemente, fazem críticas incisivas a respeito da missão cristã, tendo este último a caracterizado como “a guerra egoísta”.

Para Georg Friedrich Vicedom (1903-1974), as antigas fundamentações da missão tinham os seguintes defeitos:

ou tentavam comprovar apologeticamente que a missão estaria justificada em virtude do pensamento missionário da Bíblia, e que seria possível e necessária entre os povos; ou fundamentavam missão secundariamente como tarefa da igreja, ou, inclusive, a derivavam da difusão da cultura “cristã”.<sup>304</sup>

Para Vicedom, a fundamentação apologética não faz jus à Escritura pelo fato de destacar a missão como obra especial desejada por Deus. No entanto, para este autor, a concepção geral da Bíblia apresenta apenas uma intenção de Deus: salvar as pessoas. Dessa forma, a ação missionária não pode ser derivada do serviço da igreja. Vicedom destaca que: “todo o serviço da igreja só tem sentido se levar à missão e nisso encontrar o seu objetivo último”<sup>305</sup>. Assim, para Vicedom, a não compreensão disso resulta no que chama de indolência missionária, bem como num equívoco sobre a missão que não consegue ser plenamente resolvido. O perigo está em considerar a igreja como ponto de partida da missão, o seu objetivo e, ainda, seu sujeito. Baseado nas Escrituras e, citando Andersen, Vicedom afirma que missão não é isso. O atuante na missão é o Deus triúno, que incorpora seus crentes em seu reino<sup>306</sup>. O autor destaca que a igreja é apenas um instrumento nas mãos de Deus e

<sup>302</sup> BOSCH, 2002, p. 18.

<sup>303</sup> BOSCH, 2002, p. 18.

<sup>304</sup> VICEDOM, Georg. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão – São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 15.

<sup>305</sup> VICEDOM, 1996. p. 15.

<sup>306</sup> ANDERSEN *apud* VICEDOM, 1996, p.15.

ela mesma é resultado da ação de Deus que envia e salva. A missão, portanto, nasce no próprio Deus, é conduzida e efetivada na humanidade por Ele. Para o leigo missionário comboniano<sup>307</sup> Valdeci Antônio Ferreira, Jesus instituiu a igreja para continuar a sua missão na história. Este missionário diz ainda que “ela é a comunidade dos que aceitam a mensagem e o caminho de Jesus e querem comprometer-se para que o Reino aconteça na vida de todos/as”<sup>308</sup>. O autor afirma ainda que:

Como Jesus é o missionário do Pai, a Igreja é a missionária de Cristo: nós, igreja, nós, povo de Deus, pelo batismo e pela força do Espírito de Cristo Ressuscitado, temos a grande vocação de sermos sinais e instrumentos do Reino. No desenvolvimento desta grande missão, a exemplo de Cristo “veio para salvar aquele que estava perdido” (Mt18.11), a Igreja dedica um amor particular e uma atenção privilegiada, na sua missão, às situações mais urgentes e graves. Trata-se da Missão “Ad Gentes”. A missão “Ad Gentes” não se limita simplesmente a acompanhar a vida pastoral das comunidades cristãs ou evangelizar comunidades e grupos humanos que perderam o sentido e a prática pelo Evangelho. Ela se dirige, com dinamismo próprio, aos que ainda não encontraram em plenitude a proposta da esperança de Cristo, dentro e fora da própria cultura. A missão “Ad Gentes” exige a opção pelos pobres, por todos os pobres. Em outras palavras, exige a opção pela periferia do mundo.<sup>309</sup>

Vicedom faz alusão à Conferência de Willingen<sup>310</sup> e ao conceito que esta Conferência adotou para *missio Dei*:

A missão não é somente obediência a uma palavra do Senhor, não é apenas o compromisso de congregar a comunidade; ela é participação na missão do Filho, na *missio Dei*, com o abrangente objetivo do estabelecimento do senhorio de Cristo sobre toda a criação redimida.<sup>311</sup>

---

<sup>307</sup> Os Leigos Missionários Combonianos (LMC) são cristãos que vivem a sua vocação no ambiente familiar, escolar, profissional e eclesial em que estão inseridos. Sentem o chamamento de seguir Jesus segundo um carisma específico: o carisma comboniano.

<sup>308</sup> FERREIRA, Valdeci Antônio. **A missão a partir da periferia do mundo**. São Paulo: Ave Maria, 2003. p. 11.

<sup>309</sup> FERREIRA, 2003, p. 12.

<sup>310</sup> Conferência organizada nesta cidade da Alemanha, em 1952, pelo Conselho Missionário Internacional, cuja tarefa consistiu em reformular o mandato missionário e revisar as políticas de missão tradicionais. Valeu-se para tanto do conceito central de *missio Dei*. A declaração final afirma que o movimento missionário tem sua origem na própria ação do Deus Triúno. A Igreja cristã e cada pessoa cristã são co-participantes dessa ação que visa a salvação do mundo. Elas são enviadas ao mundo para discernir os sinais dos tempos e proclamar o reinado oculto do Senhor. (VICEDOM, 1996. p.15).

<sup>311</sup> VICEDOM, 1996, p. 15.

Vicedom destaca que Deus é o Senhor, o doador da tarefa, o proprietário e o executante da missão. Ele age de forma ativa na missão. É interessante enfatizar que quando se entende missão a partir desta perspectiva, anula-se a condução humana e os reducionismos decorrentes dessa condução. De igual forma, quando a igreja entende que seu papel é, tão somente, obedecer a Deus no que diz respeito a sua instrumentalidade e colaboração na missão, a *missio Dei* é efetivada de forma plena na humanidade e o amor de Deus é compartilhado com todos os seres humanos pelos cristãos que cooperam com a *missio de Deus*:

Por sua *missio*, Deus se revela, ao mesmo tempo, como Senhor soberano. Ele não se deixa prescrever, nem por parte das religiões nem da incredulidade, o que pode e o que não pode. Faz parte da divindade de Deus o fato de não estar sujeito a nenhuma restrição humana. Desse modo ele dispõe de si de uma forma não mais acessível a nenhum conceito humano. O agir de Deus encontra-se *extra-nos*. Assim, justamente a *missio Dei*, como está estabelecida da doutrina da Trindade, se torna a expressão singular do governo de Deus.<sup>312</sup>

As ideias apresentadas por Bosch, Vicedom e Ferreira motivam uma retomada do debate no meio acadêmico, mas também um amplo debate nas diversas comunidades de fé. As várias modificações que o termo missão experimentou, de certa forma, fez diluir o verdadeiro sentido dele. Em geral, as igrejas argumentam que fazem missão, que são igrejas preocupadas com missão. Seja em congressos, conferências, concílios ou em sermões dominicais, o tema missão tem sido abordado de forma apaixonante nas igrejas. O fato é que, mesmo com tantas abordagens sobre o tema, existem algumas questões que, em geral, não são tratadas ou quando tratadas, são vistas de forma superficial: qual o objetivo da missão? Quem é o responsável pela missão? Em que momento se deve fazer missão? A missão está limitada à agenda da igreja? Em que grupo social a igreja deve fazer missão?

Desconsiderar essas questões ou tratá-las de forma superficial implicará diretamente num grave problema: a pulverização de uma prática missionária comprometida com o Reino. Digo isso pelo fato de que, a meu ver, essas questões representam o cerne da missão. Sem compreender essas questões a missão, de certo, avançará e o Reino de Deus será apresentado a toda a humanidade, no entanto, esse ou aquele grupo religioso terá dificuldades em se inserir na missão de

---

<sup>312</sup> VICEDOM, 1996, p. 17.

Deus. Dito de outra forma, a igreja precisa estar atenta e compreender que o objetivo da missão é o próprio Deus; o responsável pela missão é Deus. Somos apenas colaboradores na *missio Dei*. A missão de Deus é permanente e inclusiva e não é feita sazonalmente, mas, a todo momento age no sentido de alcançar a humanidade. A missão de Deus não escolhe grupos sociais, mas se apresenta a todos/as.

É surpreendente a declaração de alguns líderes religiosos quando falam sobre a “visão” da “sua” igreja: “nosso ministério tem outra visão, queremos alcançar as pessoas da classe média”<sup>313</sup>, ou, “pensamos em fazer missão, mas temos que nos organizar primeiro”<sup>314</sup>, e, ainda, “precisamos construir uma agenda missionária, mas precisamos de voluntários”<sup>315</sup>. Essas declarações nos surpreendem pelo fato de expressarem uma concepção missionária equivocada. Ao mesmo tempo, essas declarações representam uma grande oportunidade para discutirmos a missão.

As declarações citadas trazem consigo a ideia de que Deus está preso às organizações e critérios humanos. Ao aceitarmos Cristo como Salvador e sermos acolhidos em seu Reino nos tornamos proclamadores desse Reino de Amor, justiça e paz. Quando aceitamos, verdadeiramente, o evangelho nos tornamos, imediatamente, participantes do plano de Deus para a humanidade e proclamamos o Reino a todas as pessoas e em todos os lugares. Essa proclamação não está, limitada a agendas e planejamentos, mas é feita durante toda a caminhada de fé por todos/as aqueles/as que foram alvos do amor de Deus e compreenderam o verdadeiro sentido da missão. Não é a igreja que escolhe a quem deve ser anunciado o Reino de Deus. Não somos nós que dizemos onde o Evangelho deve ser anunciado. Mas, em postura de obediência, seguimos na caminhada semeando a boa semente, porque não conhecemos as obras de Deus. Salomão nos fala em Eclesiastes o seguinte:

---

<sup>313</sup> Fala de um líder evangélico quando questionado, no início do projeto, sobre a possibilidade de sua igreja contribuir com o Projeto Trilhos Sonoros, haja vista ser um projeto cristão voluntário sem vínculo institucional que precisava de parceiros para atuar junto à comunidade.

<sup>314</sup> Na visão desse líder evangélico a missão está condicionada a um planejamento. Ora, o planejamento é importante na caminhada, no entanto, não determina a missão visto que ela é planejada pelo próprio Deus e apenas executada pelos crentes. Isso quer dizer que a missão de Deus não está presa aos planejamentos e estratégias humanas.

<sup>315</sup> Para esta líder evangélica é preciso fazer uma agenda missionária anual antes de, efetivamente, fazer missão.

Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará. Assim como tu não sabes o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas. Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas (Ec. 11. 4-6).

Ao que parece, Salomão nos aconselha a trabalhar e confiar n'Aquele que comissiona para o trabalho, crendo que Ele conduz conforme sua soberania e vontade, não cabendo a nós parar e nem interferir na obra que é de Deus. Assim, é nosso dever, enquanto colaboradores do Reino de Deus, avançar disseminando o amor de Deus a todas as pessoas.

Quando a igreja, de forma efetiva, compreender que sua tarefa é colaborar com a missão e permitir o agir de Deus no mundo, poderemos ver o avanço do Reino entre as pessoas. Quando a igreja compreender que a missão é de Deus, que a igreja é resultado dessa missão e cada crente é um colaborador da *missio Dei* teremos, então, enquanto igreja, uma participação mais eficaz no mundo que expressará os verdadeiros valores do Reino.

Assim, considerando as diversas ressignificações do termo missão, compreendo como oportuna uma retomada das discussões teológicas a partir dessas diversas matrizes conceituais. Não podemos considerá-las, apenas, de forma negativa, mas é preciso que aproveitemos o momento para um repensar teológico sobre missão. Muito mais do que o repensar, o refazer missão, porque missão consiste em ação-reflexiva operada por Deus em nós que produz ações-transformadoras. Nesse sentido, urge a necessidade de uma ação missionária reflexiva que produza mudança não só nos alvos da missão, mas também naqueles que colaboram com ela. Porque a missão de Deus não é de via única, mas opera nas duas vias. A mudança que desejamos nos outros a partir do encontro com o Deus da missão é a mudança que o próprio Deus deseja para nós.

#### **4.5 – A crise e a oportunidade de ressignificação teológica da missão**

A crise pela qual passa a missão já justifica uma postura reflexiva a ser adotada pela teologia. É preciso, portanto, compreender que “faz parte da tarefa da teologia considerar criticamente a missão como uma das expressões (por mais

deformada que ela seja na prática) da fé cristã<sup>316</sup>. Nesse sentido, a missão não pode ser considerada como um apêndice da teologia, mas o seu campo real de atuação. Por isso deve ser tratada de forma séria e responsável.

Para Bosch, a crítica que se faz à missão não deveria nos surpreender. Sua argumentação parte do pressuposto de que a crise deveria ser normal para os cristãos. “A rigor, dever-se-ia dizer que a Igreja está sempre num estado de crise e que sua maior insuficiência é o fato de ela só estar consciente disso ocasionalmente<sup>317</sup>. Essa crise sob a qual vive a Igreja é sustentada por Hendrik Kraemer quando afirma que “a Igreja deve sempre estar ciente de sua condição de crise por conta da tensão permanente entre sua natureza e sua condição empírica<sup>318</sup>. Bosch questiona por que, então, raramente estamos conscientes a respeito dessa crise e tensão na igreja? Na tentativa de responder seu próprio questionamento Bosch afirma que “por muitos séculos a igreja tem sofrido muito pouco e tem sido levada a crer que é um sucesso<sup>319</sup>. Kraemer acrescenta que:

de acordo com o testemunho da história, a igreja sempre precisou do fracasso aparente e do sofrimento, a fim de tornar-se totalmente viva à sua verdadeira natureza e missão. Isso tem que ser mantido em mente, a fim de se obter a perspectiva correta da situação atual da igreja.<sup>320</sup>

A ausência de crises na igreja durante muitos séculos de existência não pode ser considerado, segundo Bosch, um fato normal. Para esse autor, agora sim, com as crises, estamos de volta ao normal e temos consciência disso. E se por acaso ainda existe a ausência de crise em algumas partes do Ocidente, podemos considerar como uma perigosa ilusão.

A bem da verdade, a crise a que Bosch se refere não está associada apenas à missão, mas à igreja como um todo e ao mundo em geral. Bosch sustenta que no que se refere à igreja, teologia e missão, a crise se apresenta a partir das seguintes evidências:

1. Avanço da ciência e tecnologia, bem como a secularização que tem possibilitado que a fé em Deus se torne redundante. “por que voltar-se à

---

<sup>316</sup>BOSCH, 2002, p.18

<sup>317</sup>KRAEMER *apud* BOSCH, 2008, p. 18.

<sup>318</sup>KRAEMER, Hendrik. 1947. *The Christian Message in a Non-Christian World*. London: Edingburgh House (1. Ed. 1938), p.24, (tradução nossa).

<sup>319</sup>BOSCH, 2002, p. 19.

<sup>320</sup>KRAEMER, Hendrik. 1947, p. 26, (tradução nossa).

religião, se nós mesmos temos formas e meios de lidar com as exigências da vida moderna?”<sup>321</sup>

2. O Ocidente e toda a sua base moderna da missão está lenta e, de maneira firme, sendo descristianizado. Como escreveu David Barret:

Na Europa e na América do Norte, 53 mil pessoas em média deixam permanentemente a igreja de um domingo até o seguinte, [...], a França havia se tornado mais uma vez um campo de missão, um país de neopagãos, de pessoas nas garras do ateísmo, secularismo, descrença e superstição.<sup>322</sup>

3. Não é mais possível dividir o mundo em dois blocos: cristãos e não cristãos que são separados pelo oceano. A partir da descristianização do Ocidente, bem como das várias migrações de muitas religiões, estamos vivendo agora num mundo plural no que se refere à religiosidade. A partir disso, cristãos, budistas, muçulmanos e praticantes de diversas religiões convivem cotidianamente. “Essa proximidade com outros forçou os cristãos a reexaminarem suas tradicionais visões estereotipadas dessas religiões”<sup>323</sup>.
4. O Ocidente, bem como os cristãos ocidentais, pelo fato de serem cúmplices na subjugação e exploração dos povos de cor, poderão, em decorrência disso, sofrer pela culpa. “Essa circunstância leva muitas vezes a uma incapacidade ou má vontade entre os cristãos ocidentais de prestar contas da esperança que têm (1Pe 3.15) a pessoas de outras persuasões”<sup>324</sup>.
5. O mundo está dividido de forma aparentemente irreversível entre os ricos e os pobres. Estamos conscientes também que, em geral, os ricos são aquelas pessoas que se consideram, ou são consideradas pelas pessoas pobres, como cristãos.

Ademais, e de acordo com a maioria dos indicadores, os ricos ainda estão ficando mais ricos e os pobres, mais pobres. Essa circunstância cria, por um

---

<sup>321</sup> BOSCH, 2002, p.19.

<sup>322</sup> BARRETT *apud* BOSCH, 2002, p.19

<sup>323</sup> BOSCH, 2002, p.20.

<sup>324</sup> BOSCH, 2002, p. 20.

lado, raiva e frustração entre os pobres e por outro, entre os cristãos afluentes, uma relutância em compartilhar a sua fé.<sup>325</sup>

6. Por fim, Bosch argumenta que durante séculos a teologia do Ocidente, bem como as práticas eclesiais do Ocidente foram normativas e incontestes, também no que diz respeito à missão, propriamente dita. Atualmente a situação é bem diferente. As novas igrejas não se submetem às regras e estão valorizando a sua autonomia. Bosch enfatiza que, além disso, a teologia feita no Ocidente é suspeita em várias partes do mundo:

Ela é muitas vezes tida como irrelevante, especulativa e produto de instituições que vivem numa torre de marfim. Em muitas partes do mundo está sendo substituída por teologias do Terceiro Mundo: teologia da libertação, teologia negra, teologia contextual, teologia *minjung*, teologia africana, teologia asiática e outras semelhantes. Essa circunstância também contribuiu para criar profundas incertezas em igrejas ocidentais, até mesmo sobre a validade da missão cristã como tal.<sup>326</sup>

Todos esses fatores não podem ser considerados de forma negativa pelo fato de que os mesmos possibilitam um repensar sobre aspectos fundamentais não só da missão da igreja, mas, sobretudo, sobre o cristianismo. A crise vivida pela igreja contemporânea deve ser vista como uma possibilidade de (re) construção, de discussão permanente e mudança de olhar, uma nova cosmovisão mundial capaz de pensar a missão para além dos interesses eclesiológicos, dogmáticos e institucionais, uma missão capaz de chegar plenamente ao ser humano, nos seus questionamentos existenciais, nas suas buscas, nas suas necessidades permanentes, nos seus medos e traumas.

As crises vivenciadas pela igreja em épocas passadas foram fundamentais para uma mudança de postura frente ao mundo. As exigências do mundo contemporâneo impõem para a missão um novo paradigma que, a meu ver, não se desfaz na inclusão de uma pessoa no rol de membros de determinada instituição religiosa, mas se ressignifica a cada abordagem realizada no mundo, sendo fortalecido pela força do Espírito Santo e produzindo um impacto real no mundo.

A atual agenda missionária da igreja precisa ser revisitada periodicamente. Seus pontos de pauta precisam ser rediscutidos a fim de recobramos a memória no

---

<sup>325</sup>BOSCH, 2002, p.20.

<sup>326</sup>BOSCH, 2002, p. 20.

que diz respeito ao verdadeiro objetivo da missão, seu fundamento e natureza. A oportunidade que o atual contexto de crise nos apresenta deve possibilitar para a igreja uma nova leitura do mundo que inclua a todos os homens e mulheres de todas as partes do mundo. Nessa nova leitura, que se destaque uma missão que, preocupada com o futuro eterno do homem, jamais negue o seu presente e todas as suas demandas contextuais. A reação da igreja frente a atual crise em que vive a missão oportunizará mudanças significativas de paradigma que repercutirão de forma impactante no mundo. “Em épocas anteriores a igreja reagiu imaginosa e a mudanças de paradigma; somos desafiados a fazer o mesmo em relação a nosso tempo e contexto”<sup>327</sup>.

A crise pela qual passa a missão é fato. As diversas ressignificações do termo, bem como a insistência na ideia de salvação da alma em detrimento de um comprometimento real com as pessoas com vistas a uma transformação integral, colaboraram com um entendimento parcial de missão e geraram um paradigma difícil de ser quebrado, principalmente, se consideramos que o capitalismo se serve, da melhor forma, da missão produzindo grandes assimetrias sociais, potencializando a opressão e dando visibilidade aos emblemas da dominação e exclusão. A título de exemplo podemos pensar nas megaigrejas como símbolos reais dessas assimetrias que reforçam uma missão comprometida com um sistema econômico dominador e excludente. Da mesma forma as diversas teologias, em especial a da prosperidade e triunfalista que propagam um modelo de vida hedonista e egoísta que visa a “conquista” e a “vitória permanente”.

Na esteira desse sistema econômico caminha a missão contemporânea: a formação de comunidades de fé transformou-se em implantação de igrejas e formação de membresia; o movimento cristão foi transformado em instituição com direito a estatuto, presidência, diretoria, conselho fiscal e membros; o pastor, antes visto como servo, que caminhava com as ovelhas se tornou o representante único e legal de Deus com o qual está o “direito” de arrogar para si as respostas absolutas para os diversos dilemas humanos, bem como o direito de definir a forma de atuação de Deus através de seu Espírito.

Sem deixar de considerar as diversas crises pela qual passou a missão cristã, acredito que vivemos um tempo bastante difícil para esse empreendimento

---

<sup>327</sup> BOSCH, 2002, p. 21.

cristão. A crise, portanto, pela qual atravessa a missão pode ser um indicativo prático para um novo olhar e a inclusão permanente do assunto nos círculos teológicos a começar pelas instituições de ensino teológico que formam pastores e líderes cristãos para a atuação eclesial.

Por fim, o conceito teológico de Reino de Deus carece de um maior aprofundamento pelo fato de ser o referencial da missão. E, neste caso, toda discussão sobre missão deve ser motivada pelo objetivo da proclamação do Reino.

Nessa perspectiva de crise em que se encontra a missão cristã, é possível construir alternativas ou, de acordo com Bosch, um novo paradigma impulsionado pelo Espírito de Deus. Nesse sentido, o Projeto Trilhos Sonoros pode representar um caminho a mais para a ação de Deus no mundo.

#### **4.6 – A multidimensionalidade da missão a partir de Cristo: o paradigma para a missão contemporânea**

Bosch ressalta que a missão precisa ser multidimensional a fim de ser fiel no que diz respeito às suas origens e caráter. Nesse sentido, o autor convida-nos a um exame a partir de seis eventos salvíficos descritos no Novo Testamento, a saber: a encarnação de Cristo, sua morte na Cruz, sua ressurreição ao terceiro dia, sua ascensão, o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes e a Parúsia. Sobre a encarnação, Bosch escreve que as igrejas protestantes, em sua maioria, têm uma visão subdesenvolvida sobre esse tema. As igrejas do Oriente, bem como os católicos romanos e os anglicanos sempre deram uma maior importância à encarnação, apesar de concentrarem-se na encarnação no contexto da preexistência da origem de Cristo. Apesar desse destaque, é a partir da Teologia da Libertação que tem surgido um novo entendimento sobre o Cristo encarnado. Bosch afirma o seguinte:

Jesus de Nazaré humano [...], exausto, trilhou os caminhos poeirentos da Palestina, onde se compadeceu das pessoas que estavam marginalizadas. Ele também se encontra ao lado dos que sofrem nas favelas do Brasil e das pessoas descartadas nas áreas de reassentamento na África do Sul. Nesse modelo, o interesse não está em um Cristo que oferece apenas salvação eterna, mas em um Cristo que sofre e sua e sangra junto com as vítimas da opressão.<sup>328</sup>

---

<sup>328</sup> BOSCH, 2002, p.611.

Conforme Bosch, esse modelo não apresenta um Cristo que oferece apenas a salvação eterna, mas que está interessado em oferecer vida abundante para todas as pessoas que sofrem, que são oprimidas e abandonadas.

Esse Cristo caminha, também, com as crianças, adolescentes e jovens em permanente estado de vulnerabilidade social, abandonadas nas diversas ruas do Brasil, esquecidas pelo poder público e invisibilizadas pela igreja, que vê, nessas pessoas, um grande perigo à ordem e paz social. Lamentavelmente, a inclinação da igreja contemporânea pelas pessoas socialmente “ajustadas”, emocionalmente maduras e financeiramente com boas condições tem obscurecido o cristianismo em sua essência. Cristo fez o contrário: se inclinou para os pobres. A esse respeito, Leonardo Boff escreveu o seguinte:

Comprometeu-se com os pobres de seu tempo; tomou-lhes sempre a defesa e não recusou, por causa disso a disputa e os conflitos, para defender o cego de nascença, os leprosos, a prostituta, a mulher que perfumou sua cabeça, considerada de má vida, os doentes, considerados pelos cânones do tempo pecadores públicos. [...]. Muito do conflito que o levou à morte fatal se deve à liberdade que Ele tomou em função dos marginalizados. Sua morte foi digna porque morreu pelos muitos que ninguém morre. E fê-lo por solidariedade, por nossa causa, como sublinha São Paulo. Seguir Jesus é prosseguir sua vida e sua causa, é “ ter os mesmos sentimentos que Ele teve” (Fl 2,5), que o levaram a assumir a situação do outro (Fl 2,6) que era pecador. Assumiu-a não para idealizá-la, mas para, a partir de dentro, superá-la, para infundir uma nova mentalidade que torne impossível o surgimento de ricos e pobres e pobres e opressores. Pobreza-compromisso constitui a forma mais alta do amor porque vai ao encontro do outro como outro e não como alguém da mesma classe ou prolongamento de nós.<sup>329</sup>

Existe uma crítica à igreja burguesa do Ocidente inclinada para o docetismo<sup>330</sup>, palavra que se origina do grego δοκέω [dokeō], e “para quem a humanidade de Jesus é só um véu encobrindo sua divindade”<sup>331</sup>. Para Bosch esse tipo de igreja tem um entendimento idealista de si mesma e é resistente a tomar partido, acreditando que consegue oferecer um lar para senhores e escravos, ricos e pobres, opressores e oprimidos. Essa igreja, ao negar sua prática de solidariedade

<sup>329</sup> BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 2014. p.343.

<sup>330</sup> Este termo tirado do verbo *dokein*, (“parecer”), designa uma concepção teológica partilhada por muitas heresias gnósticas, antes de ser também adotada pelo maniqueísmo: consiste em só admitir em Cristo Salvador uma simples “aparência” (*dokésis*) de corpo humano. É a reação de um pensamento helenístico marcado pelo dualismo e preocupado em salvaguardar a transcendência e a incorruptibilidade do divino frente à matéria, reputada como princípio contrário. Cristo, ser espiritual, não podia ter vindo na carne, mas só como espírito que tomou a aparência da carne. LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas:Loyola, 2004, p. 567.

<sup>331</sup> BOSCH, 2002, p.611.

com as vítimas, perdeu seu sentido e relevância. A partir do momento em que essa igreja se despojou de suas dimensões sociais e políticas do evangelho, ela o desfigurou por completo. A prática realizada por Jesus é, realmente, a referência de maior relevância para a natureza e o conteúdo da missão hodierna.

No que diz respeito à Cruz, Bosch enfatiza que a compreensão da maioria dos cristãos ocidentais, católicos e protestantes, sobre a essência do evangelho resume-se ao entendimento de que Cristo morreu por nossos pecados. A respeito disso não há nenhuma dúvida. Isso é asseverado inclusive em Mc 10.45 e, segundo Paulo, pode-se perceber que para muitos cristãos da igreja primitiva, Cristo era o novo lugar de expiação que substituía o templo. Bosch afirma que todos que o aceitam como Salvador têm os pecados perdoados. “Isso lhes abre o caminho para tornar-se membros de uma comunidade nova, salva, chamada igreja, um conjunto singular das pessoas com quem Deus tem uma relação especial”<sup>332</sup>.

No entanto, a morte de Jesus naquela cruz não deveria estar isolada de sua vida:

As próprias “introduções extensas” aos evangelhos já constituem histórias da paixão. A *kenósis* de Jesus, seu esvaziar-se, teve início com seu nascimento. E foi por causa de sua identificação com os que se encontravam na periferia e de sua recusa em agir conforme as convenções vigentes que ele foi crucificado. Mas há o que se agregar a isso. A cruz de Cristo é o que distingue, de forma única, a fé cristã. A cruz se contrapõe à natureza humana. Ela não é natural. E se, na era pós-moderna, a religião parece ser de novo, algo aceitável e natural é preciso que se sublinhe que uma religião da cruz não pode ser natural<sup>333</sup>.

Para Bosch, as cicatrizes do Senhor ressurreto não comprovam somente a sua identidade, mas indicam um modelo a ser seguido por aqueles a quem ele entregou esta incumbência: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21). Para Bosch é uma missão de auto-esvaziamento, de serviço humilde. Esse serviço humilde é para todos, sem nenhuma distinção. Keith J. White argumenta que a cruz é um símbolo de reconciliação que une as pessoas, independente de credo, identidade ou classe. A cruz, nesse sentido, é o lugar onde todos estão no mesmo lugar. O autor ressalta ainda que:

Mediante todas essas coisas, reconhecemos as implicações da cruz para nossa vida em Cristo. Porém, aqueles que são chamados para viver ao lado das crianças e entre elas são constrangidos a clamar em favor do

<sup>332</sup> BOSCH, 2002, p. 612.

<sup>333</sup> BOSCH, 2002, p. 612.

sofrimento de crianças de todas as culturas e economias ao redor do mundo. Elas estão sofrendo como ovelhas em silêncio nos altares dos nossos deuses. Como adultos, nos tornamos tão obcecados com nossas próprias ambições, receios e obrigações que permitimos o sofrimento de várias gerações de crianças. Nossas estruturas e instituições refletem isso. A cruz nos chama a identificar, acima de tudo, os oprimidos e os que sofrem cronicamente. As crianças inocentes que sofrem em nosso mundo encontram, em Jesus e na cruz, alguém que as entende mais do que qualquer um jamais poderia entender.<sup>334</sup>

É preocupante como essa missão foi corrompida e, ao invés de um serviço para todos, temos uma igreja que, com motivações distintas daquelas apresentadas nos evangelhos, exclui pessoas de seu alcance. Penso que essa é uma das razões pelas quais Bosch recomenda que “na presença da cruz, a igreja-em-missão deve arrepender-se antes que se engaje na missão”<sup>335</sup>. Na presença da cruz, a igreja consegue perceber a dimensão do amor de Deus em todas as pessoas. Não há diferença de cor, de cultura ou de posição socioeconômica. Há um novo olhar para as pessoas e um novo entendimento de missão enquanto ação permanente do próprio Deus em favor de todas as pessoas.

Nesse sentido, a cruz simboliza também a reconciliação entre os diversos grupos de pessoas, entre o opressor e o oprimido. Para Bosch, a reconciliação não significa apenas “uma mera harmonização sentimental de grupos em conflito”<sup>336</sup>. Bosch continua dizendo:

Ela exige sacrifício, de maneiras muito distintas, mas muito reais, tanto da parte do opressor quanto do oprimido. Requer o fim da opressão e da injustiça e o compromisso com uma nova vida de mutualidade, justiça e paz. [...] Além de reconciliação, portanto, a cruz – falando missiologicamente – também significa um ministério de amor aos inimigos, de perdão, [...] trata-se de uma assertiva dura, pois ela expressa o fim absoluto de qualquer tipo de pretensão de justiça própria.<sup>337</sup>

Bosch argumenta que a cruz se constitui também como uma categoria crítica que nos diz que a missão não é exequível quando nos apresentamos como fortes e confiantes, mas quando nos reconhecemos fracos e sem norte. Nesse sentido, é importante sempre lembrar que a missão é de Deus e nós somos seus cooperadores. Aqueles que receberam a incumbência de cooperar com a missão

<sup>334</sup> WHITE, Keith J. Redescobrir a criança no coração da missão. In: FASSONI, Klênia. *et al.* (Orgs.). **Uma criança os guiará**: por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010, p.35.

<sup>335</sup> BOSCH, 2002, p. 612.

<sup>336</sup> BOSCH, 2002, p. 613.

<sup>337</sup> BOSCH, 2013, p. 613.

são dirigidos pelo Espírito de Deus para o cumprimento dos planos do Senhor da missão.

Para Jorge A. León, cubano-argentino, reconhecido pela Comunidade Teológica do México, em junho de 2006 como o “Pai da psicologia pastoral latino-americana”, a cruz na evangelização traz a todos/as discípulos/as o real significado do negar-se a si mesmo (Marcos 8.34). Da mesma forma como Cristo assume a cruz e nega-se a si mesmo para obedecer ao Pai e efetivar a salvação de toda a humanidade, “o crente deve renunciar a seu ego orgulhoso e egoísta para cumprir sua missão no mundo”<sup>338</sup>.

Sobre a ressurreição, Bosch informa que nas igrejas do Oriente a ressurreição de Cristo é o evento salvífico de Deus por excelência. A morte de Jesus na cruz não teria nenhum sentido se Ele não tivesse ressuscitado. Este autor escreveu:

A síntese mais comum da mensagem missionária da igreja primitiva era seu testemunho da ressurreição de Cristo . Era uma mensagem de júbilo, esperança e vitória, as primícias do triunfo definitivo de Deus sobre o inimigo. E os crentes já podem compartilhar esse júbilo e essa vitória. É isso, entre outras coisas, que a igreja oriental expressa em sua doutrina da *theosis*, da divinização; ela representa o princípio da vida incorruptível. Na ressurreição de Cristo as forças do futuro já fluem para o presente e o transformam, mesmo que, aos nossos olhos, tudo pareça estar inalterado.<sup>339</sup>

Numa perspectiva missiológica, Bosch assevera que, o tema central da mensagem missionária é a ressurreição de Cristo e, em decorrência disso, a igreja é chamada para viver a vida da ressurreição no presente e ser uma marca real de “oposição às forças da morte e da destruição”<sup>340</sup>. Nesse sentido, o viver prático da ressurreição de Cristo está diretamente ligado ao combate a tudo o que degenera e mata as pessoas. A igreja é chamada para o combate a todas as forças e contextos que oprimem e matam: a pobreza que desfigura o rosto e o assemelha à morte deve ser combatida; o preconceito que mata a autoestima e fragiliza o ser psicológico e emocional deve ser destruído; a arrogância que destrói relações criando opressores e oprimidos deve ser aniquilada; a intolerância que divide os povos deve ser morta. A bandeira que a mensagem missionária deve erguer é a da ressurreição de Cristo

---

<sup>338</sup> LEÓN, Jorge A. **A caminho de uma evangelização restauradora** – São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010.

<sup>339</sup> BOSCH, 2002, p. 613s.

<sup>340</sup> BOSCH, 2002, p.614.

onde todas as forças de destruição e morte são substituídas por uma nova vida no Cristo ressurreto. White afirma que todas as situações podem ser transformadas pelo poder do Senhor ressurreto. Ele escreve que “ao vislumbrar a realidade de transformação do reino de Deus, podemos identificar e confrontar as forças da morte, exploração e destruição”<sup>341</sup>. White argumenta ainda:

Estamos preparados para nos tornar sementes, que morrem para que a vida de Deus possa ser revelada em toda a sua glória. Valorizamos cada pessoa na terra e cada relacionamento à luz do amor de Deus. Vemos além da vida humana, além das sepulturas e dos campos de morte. Em tudo isso nos identificamos com os irmãos em Cristo ao redor do mundo. No entanto, aqueles que trabalham ao lado e entre as crianças em risco são constrangidos a levar em conta as formas como elas nos falam sobre a ressurreição. Contemplamos, na capacidade e na resistência das crianças, no olhar de perda, no sofrimento e humilhação, o desejo de lutar por um mundo melhor – ressurreição em ação. Em nosso mundo as crianças são sinais da Páscoa, como galinhos verdes depois de um rigoroso inverno.<sup>342</sup>

Sobre a ascensão, Bosch afirma que é “o símbolo da entronização do Cristo crucificado e ressurreto. E é dessa perspectiva do reinado presente de Cristo que olhamos para trás, para a cruz e o sepulcro vazio, e para a frente, para a consumação de tudo”<sup>343</sup>. Bosch diz ainda que:

A fé cristã é marcada por uma escatologia inaugurada. Isso não vale apenas para a igreja – como se a igreja fora a corporificação presente do reinado de Deus – mas também para a sociedade, a história, que constitui a arena da atividade de Deus. A história da salvação não se opõe à história profana, nem a graça à natureza. Por consequência, decidir não participar da sociedade civil e estabelecer ilhotas cristãs é subscrever uma compreensão truncada e disjuntiva da atuação de Deus.<sup>344</sup>

Para Bosch, juntamente com a ênfase na encarnação essa tradição teológica exerceu grande influência sobre o ecumenismo. “Ela está comprometida com a concepção de que a ordem vital de Cristo já avança, vigorosamente, em todo o mundo”<sup>345</sup>. Nesse sentido, seria natural para os cristãos perceberem a missão como exercício pleno da justiça e paz no âmbito social. O reinado de Deus já está entre nós, é real, mesmo sendo incompleto. Não somos nós quem o inauguramos, no entanto, podemos mostrá-lo de forma mais clara e real ao mundo.

<sup>341</sup> WHITE, 2010, p. 36.

<sup>342</sup> WHITE, 2010, p. 36.

<sup>343</sup> BOSCH, 2002, p.614.

<sup>344</sup> BOSCH, 2002, p.614.

<sup>345</sup> BOSCH, 2002, p.614.

Somos chamados/as para integrar uma comunidade de pessoas comprometidas com os valores do reino de Deus. Somos vocacionados/as para um comprometimento real com todas as vítimas da sociedade que caminham às margens, nas periferias, nos becos e valados das grandes cidades. Somos chamados para “proclamar o juízo de Deus sobre aqueles que persistem em adorar os deuses do poder e do amor-próprio”<sup>346</sup>. Para White, “na história das missões outras visões moldaram, de forma inconsciente, a vida e a proclamação do reino de Deus”<sup>347</sup>. O autor escreveu:

De certo modo, poder e *status* foram mais valorizados do que o dom do amor e do servir. Esse reino exige que invertamos o *status quo*. As crianças são o centro da visão; isso é um contraste revolucionário com o reino político de hoje que, em suas preocupações com “questões adultas” e suas soluções, perdeu o contato com o “espírito da criança”. As crianças e a infância nos apresentam vislumbres da natureza e da dinâmica do reino de Deus, especialmente o “agora” e o “ainda não”. Isso é uma tensão criativa. Vemos uma criança e um cordeiro sacrificado no centro daquela visão. É um reino eterno onde cada aspecto da criação vive em harmonia, sem medo e sem dor.<sup>348</sup>

Bosch argumenta que, para algumas pessoas, após uma era da história eclesiástica onde se enfatizava Deus Pai, depois o Deus Filho, o começo do século XX inaugurou a era do Espírito. Nessa dispensação do Espírito as pessoas se empenharam “pela riqueza toda do céu e pelo êxtase incessante”<sup>349</sup>. Nessas comunidades há a reivindicação permanente de milagres e experiências sobrenaturais. Os membros desses grupos são, inclusive, motivados pela liderança à busca constante da “plenitude do Espírito”. Sem negar a validade dessa interpretação do Pentecostes, Bosch lança outro olhar para aquele evento: inicialmente “quando o Cristo ressurreto foi interrogado por seus discípulos sobre a restauração do reino de Israel (At 1.6), ele respondeu prometendo-lhes o Espírito do testemunho”<sup>350</sup>. (At 1.8). Ao analisar os escritos de Lucas, Bosch percebeu que o Espírito Santo apresentava-se como Espírito da ousadia (*parresia*), considerando as adversidades e oposições pelas quais os discípulos passariam na proclamação do Evangelho. Nesse sentido, a Igreja avança na missão de Cristo no poder de seu

---

<sup>346</sup> BOSCH, 2002, p.614.

<sup>347</sup> WHITE, 2010, p.37.

<sup>348</sup> WHITE, 2010, p. 37.

<sup>349</sup> BOSCH, 2002, p.615.

<sup>350</sup> BOSCH, 2002, p.615.

Espírito. É esse mesmo Espírito que age de forma incontestável na vida de todos/as aqueles/as que dizem sim ao chamado de Cristo. É na força do Espírito que diversos homens e mulheres proclamam às tribos, raças e nações o amor de Deus. É nessa força que missionários/as são enviados/as diariamente para várias partes do mundo para anunciar a mensagem de salvação.

É na força do Espírito que missionários/as sobem as favelas do Brasil e proclamam o amor de Deus entre os traficantes. Esse Espírito não age, no entanto, apenas a partir da igreja. Bosch argumenta que “o Espírito não pode ser sequestrado pela igreja, como se sua tarefa exclusiva fosse mantê-la e protegê-la contra o mundo exterior”.<sup>351</sup> Para White, “o Espírito de Deus é poderoso na vida e no testemunho do seu povo. O amor e a irmandade do povo de Deus são partes da mensagem que a igreja proclama”<sup>352</sup>. White afirma ainda:

A diferença dessa comunidade é que ela existe para os outros, para ser serva de toda a irmandade mostrando a retidão e a justiça em suas atitudes. A comunidade da igreja é um retrato do reino de Deus na terra, mas não o reino em si mesmo. É uma comunidade de seguidores de Jesus, no mover e em resposta aos planos, ao chamado e ao tempo de Deus. Nenhum cristão, sozinho ou em comunidade, existe independente da capacitação do Espírito e de sua *koinonia*. Cristo nos vê por meio do seu povo. Todos os que trabalham com crianças estão conscientes de que a igreja tem repetido com frequência crenças e costumes da cultura na qual está inserida, em detrimento do exemplo de Cristo. [...] Muitas vezes, como o menino Jesus, elas são postas em segundo plano. Incomoda-nos a questão do batismo infantil, da Ceia do Senhor e o fato de as crianças serem ou não salvas e em qual idade. [...] Tendemos a ver o trabalho com crianças como se estivesse fora do âmbito principal da igreja e da adoração. Precisamos reconhecer o chamado bíblico para repensar nossa pauta.<sup>353</sup>

Sobre a parúsia, Bosch destaca que, desde o século I, existem grupos adventistas que focalizam na segunda vinda de Cristo. Nessa perspectiva o reinado de Cristo é entendido como um evento futuro e este mundo como um lugar de dor e lágrimas. A partir desse modelo a igreja seria somente a antecâmara da eternidade. “Os fiéis fixam seus olhos no horizonte longínquo e nas nuvens, de onde Cristo retornará como Senhor para transformar tudo em um piscar de olhos”<sup>354</sup>. Para Bosch, a validade desse pensamento está no fato de que o futuro tem a primazia de

---

<sup>351</sup> BOSCH, 2002, p.615.

<sup>352</sup> WHITE, 2010, p.37.

<sup>353</sup> WHITE, 2010, p.38.

<sup>354</sup> BOSCH, 2002, p.616

forma efetiva. Assim, “a fé cristã vive da ressurreição do Cristo crucificado e se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso de Cristo”<sup>355</sup>.

Essa concepção foi aflorada em Bosch quando ele percebeu na teologia missionária do apóstolo Paulo que “a missão constituía uma resposta à visão do triunfo vindouro de Deus”<sup>356</sup>. “Em uma escatologia genuína, a visão do derradeiro reinado divino de justiça e paz serve como um magneto poderoso – não porque o presente seja vazio, mas exatamente porque o futuro de Deus já o adentrou”<sup>357</sup>.

Nessa síntese, Bosch, ao apresentar os seis eventos salvíficos cristológicos, recomenda que nenhum deles seja tratado de forma isolada. Na missão cristã há a necessidade de integrá-los em um todo que possa expressar de forma efetiva a ação de Deus em favor da humanidade:

Em nossa missão, proclamamos o Cristo encarnado, crucificado, ressurreto, exaltado, presente entre nós no Espírito e conduzindo-nos para seu futuro como cativos de sua procissão triunfal. [...] Cada um desses eventos exerce influência sobre os demais. Se não tivermos isso presente, transmitiremos ao mundo um evangelho truncado. A sombra do homem de Nazaré, crucificado sob Pôncio Pilatos, cai sobre a glória de sua ressurreição e ascensão, sobre a vinda do Seu Espírito e sua parusia. É o Jesus que caminhou com os seus discípulos que vive com seu Espírito em sua igreja; é o Crucificado que ressuscitou dos mortos; é Aquele erguido à cruz que ascendeu ao céu; é o Cordeiro sacrificado, mas vivo que consumará a história.<sup>358</sup>

A partir dessa concepção missiológica, Bosch questiona: “Mas quem, que igreja, que grupo de pessoas está à altura de tal vocação? (cf 2 Co 2.16).” O questionamento apresentado por Bosch é seguido, ao mesmo tempo, pela ideia de que a missão moderna está morta e que ela se apresenta como “o maior inimigo do evangelho”<sup>359</sup>.

Há uma grande crítica à missão contemporânea. Grande parte dos críticos entende que o empreendimento missionário ocidental se restringia em salvar almas, implantar igrejas e impor seus métodos e desejos aos outros. Nesse sentido, Bosch afirma que:

---

<sup>355</sup>MOLTMANN, Jurgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005. p.30.

<sup>356</sup>BOSCH, 2002, p. 616.

<sup>357</sup>BOSCH, 2002, p. 616.

<sup>358</sup>BOSCH, 2002, p. 617.

<sup>359</sup>BOSCH, 2002, p.617.

Jamais podemos, contudo, limitar a missão exclusivamente a esse projeto empírico; ela sempre foi maior do que o empreendimento missionário observável. É claro que tampouco se deve divorciá-la completamente dele. Antes, missão é *missio Dei* que procura englobar em si as *missiones ecclesiae*, os programas missionários da igreja. Não é a igreja que empreende a missão; é a *missio Dei* que constitui a igreja.<sup>360</sup>

Nessa perspectiva, a missão da igreja carece de ser ressignificada. É premente uma renovação constante e um repensar permanente sobre a missão com vistas a uma ação cristã efetivamente harmonizada com os valores do reino de Deus. Assim, a missão é, de forma objetiva, “a boa nova do amor de Deus, encarnado no testemunho de uma comunidade em prol do mundo”<sup>361</sup>.

Considerar essa multidimensão da missão a partir de Cristo significa qualificar a nossa própria parceria na *missio Dei*. É comum que os crentes se apresentem como parceiros da missão de Deus e construam suas próprias formas de proclamar o Reino a partir de determinada matriz teológica. Quando olhamos para os eventos salvíficos apresentados por Bosch, redimensionamos nossa própria atuação como parceiros/as de Deus na missão.

Não raro, alguns grupos religiosos constroem suas estratégias missionárias a partir de visões equivocadas e reducionistas sobre a missão. No desejo de fazer aquele grupo prosperar empreendem verdadeiros esforços para alcançar as pessoas, selecionando-as e moldando-as de acordo com a visão daquele grupo. Esse molde imposto para esse novo crente acaba por engessar suas ações numa possível parceria na missão de Deus, transformando-se em camisa de força que impede de abraçar, acolher, cuidar, consolar, proteger e oferecer vida abundante a outras pessoas que estejam fora daquele grupo ou possuam um perfil diferenciado. É, portanto, cada vez mais premente a necessidade de olharmos para Cristo como referência da missão de Deus.

Vicedom destaca que a partir de Jesus Cristo “Deus põe em ordem seu relacionamento com as pessoas a fim de livrá-las do juízo, (Jo 3.17s)”<sup>362</sup>. Este autor enfatiza que:

O amor de Deus converte o enviado em Salvador, em resposta a todas as perguntas das pessoas, naquele que traz a vida (Jo 6.6s) [...] Jesus se entende como enviado. Ele é a resposta de Deus (At 4.12). Visto que a

<sup>360</sup> BOSCH, 2002, p.618.

<sup>361</sup> BOSCH, 2002, p 619.

<sup>362</sup> VICEDOM, 1996, p. 106.

compaixão o enviou, ele próprio não pode fazer nada diferente daquilo que vê o Pai fazer (Jo 5.19) e é, por isso mediador dessa compaixão.<sup>363</sup>

Nessa perspectiva, é necessário ter por base de ação o próprio Cristo que em obediência ao Pai se entrega por completo a missão de Deus e, assim, oferece salvação plena a toda humanidade expondo o amor de um Deus misericordioso e justo. Ao olhar para Cristo compreendemos a missão de Deus e nos tornamos cooperadores dessa missão. Da mesma forma, quando deixamos de olhar para Ele e fixamos nosso olhar em critérios humanos, nos colocamos fora da *missio Dei* que continuará agindo no mundo independente de nós. A *missio Dei* tem vida própria e conta com cooperadores/as que estejam dispostos a viver a missão de forma plena a fim de ver a compaixão de Deus por todas as pessoas. Roberto E. Zwetsch faz a seguinte referência quando trata da compaixão de Deus:

Deus se compadeceu de nós. E se solidarizou definitivamente com nosso extravio. Em Jesus de Nazaré, ele se aproximou para sempre do seu povo, que caminha neste mundo, para conduzir-nos ao seu reino de amor, justiça e bem-aventurança. E isso em e através do tempo e não de maneira aistórica. A compaixão de Deus poderia ser a tradução da sua *missio* para os tempos modernos ou pós-modernos. Vivemos num tempo em que impera a objetividade do processo histórico, a insensatez da corrida pelo lucro a qualquer custo, o descalabro da destruição da natureza, a insensibilidade pelo sofrimento de milhões de pessoas, que não encontra limites ou remédio. Vivemos tempos incompassivos, duros, cruéis. Nessa situação, que alternativa se anuncia possível e viável diante das inseguranças do futuro neste século 21? Essa busca não é apenas de ordem política, econômica e social. Ela também desafia as igrejas e suas teologias frente aos sinais dos tempos. Daí a importância de pensar missão e teologia a partir da com-paixão.<sup>364</sup>

Zwetsch nos chama a atenção para a missão de Deus que nos convida a olhar para o Cristo que, por amor, se entregou a própria morte para que as pessoas pudessem ser incluídas em seu reino de justiça, amor e paz. Quando olhamos para este Cristo, não hesitamos em ir ao encontro dos necessitados, feridos, esquecidos e desprezados. O olhar para Cristo desvenda nossos olhos para a humanidade que sofre sem Deus.

É, fundamentalmente, a partir dessa perspectiva que a missão na periferia deve caminhar: em compaixão. Compaixão pelas pessoas que ali vivem em

<sup>363</sup> VICEDOM, 1996, p. 106.

<sup>364</sup> ZWETSCH, Roberto. E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 310-311.

condições precárias; compaixão pela criança que, desde cedo, mais precisamente, dentro do ventre materno já experimentou a dor de uma bala perdida e traz consigo a marca da violência; compaixão pela mãe alvejada por 07 tiros por causa do envolvimento do esposo com as drogas; compaixão pelos trabalhadores que sobrevivem em contato direto com o lixo e adquirem doenças; compaixão pela senhora parálitica que vê os ratos comendo os dedos do pé; compaixão pelo “Grilo”, um senhor de idade que morreu na solidão, no frio e no desprezo e só foi encontrado depois de 02 dias; compaixão pela criança que chora pela ausência do pai que foi preso; compaixão por inúmeros jovens que têm seus dias contados por conta do envolvimento com o tráfico; compaixão pela criança de um ano e seis meses que morreu ao comer pedras de crack na periferia de Bagé – RS.

Antônio Carlos Costa diz que a compaixão é uma consequência natural da conversão a Jesus <sup>365</sup> O autor questiona:

Você consegue imaginar uma pregação do evangelho que não conduza o marido a amar a mulher, a mulher a amar o marido e ambos a amar seus filhos? Por que haveríamos de separar a evangelização do amor pelo pobre?[...] um cristão que não ama o pobre é pura apresentação contraditória do evangelho. <sup>366</sup>

O olhar para Cristo aponta para o sofrimento, mas, também, para o Reino de Deus que prolepticamente se apresenta nas ações humanas que visam resgatar a *imago Dei* nas pessoas. De que forma temos dito sim ao chamado de Deus para aquele contexto urbano? Quais estratégias temos pensado para o anúncio do Reino naquele lugar? As ideias que seguem objetivam contribuir para uma mudança de atitude em relação à periferia e a um engajamento prático e intencional que possa produzir transformações profundas para essas comunidades.

#### **4.7 – A missão na periferia: uma hermenêutica do risco**

O objetivo deste tópico é destacar, ainda que de forma sucinta, alguns elementos que precisam ser considerados no desenvolvimento de uma ação cristã na periferia. Inicialmente será tratado sobre os riscos, frequentemente encontrados nas ações desenvolvidas na periferia; o perfil das pessoas que residem naquele

<sup>365</sup> COSTA, 2015, p. 179.

<sup>366</sup> COSTA, 2015, p. 179.

contexto, procurando, a partir da Teologia da Libertação, identifica-los como pessoas na ordem de prioridade de Deus. Por fim, refletirei sobre o Projeto Trilhos Sonoros enquanto ação cristã na periferia.

No que diz respeito ao trabalho realizado na periferia, não existem métodos fixos e apropriados. No entanto, é possível verificar que algumas setas indicadoras apontam para várias direções que serão escolhidas de acordo com a leitura que cada um e cada uma fazem do contexto. Essa leitura é resultado de uma formação humana e teológica, mas, principalmente, resulta de um envolvimento prático e direto com a periferia. Não é possível falar sobre ou atuar na periferia se não se vive a periferia com todas as suas demandas contextuais.

Além disso, é fundamental que o/a missionário/a tenha, de forma clara, a consciência de um chamado específico de Deus para a periferia. Não basta boa vontade, carisma e competência teológica. É preciso reconhecer o chamado de Deus para aquele contexto urbano. É esse chamado que potencializará as ações desenvolvidas, a paciência e a dependência de Deus e dará ousadia para avançar em meios às dificuldades específicas daquele contexto. León, afirma:

Do missionário urbano espera-se, antes de qualquer coisa, que ele tenha um chamado de Deus e a disposição para encarnar-se num contexto urbano específico no qual esse chamado pode ser concretizado. Pois a missão de Deus para uma pessoa, comunidade ou cidade não é a apresentação de qualquer mensagem. O evangelho a ser testemunhado ou o projeto a ser desenvolvido deve, primeiramente perpassar a vida do missionário em profunda sintonia com o contexto específico.<sup>367</sup>

Nessa perspectiva a missão na periferia requer homens e mulheres que se envolvam com a dor do desprezo, indiferença e invisibilidade que sofrem todos/as aqueles/as que vivem em contextos de extrema pobreza, violência e opressão. Quando se pretende fazer missão na periferia é preciso ter consciência de que aquele lugar não atrai os olhares da cidade no sentido de reverter o quadro degradante que vivem aquelas pessoas. Vivemos em um mundo, cada vez mais, individualista que busca o atendimento pleno de seus interesses em detrimento do “outro” que padece.

O poder público se aproxima da periferia, a partir de algumas ações, com vistas a conquistar eleitores; a igreja local avança definindo seu alvo evangelístico a

---

<sup>367</sup> LEÓN, 2010, p. 75.

partir de classes sociais com mais condições financeiras. Quando a igreja vai à periferia, objetiva dar concretude a uma agenda sócio-eclesial que, em muitos casos visa, tão somente, a imprimir coerência entre o discurso que se prega no domingo sobre o amor e a prática desse amor. Para tanto, a igreja recebe doações de roupas e alimentos para, conforme agenda anual, doar para alguma comunidade carente numa grande ação solidária. Isso é importante, no entanto, a missão na periferia deve ir além dessas ações assistencialistas. Marcos Orison Nunes de Almeida afirma que:

Abrir creches, escolas, clínicas, oferecer cursos técnicos, distribuir cestas básicas, roupas e medicamentos são serviços assistenciais que devem sempre existir no seio da igreja. Esses serviços devem até mesmo aumentar, mas as ações que podem transformar a situação dos necessitados e oprimidos sociais são as que interferem nos sistemas fundamentais. A missão urbana que opta pelo evangelho integral necessita acrescentar à sua teologia uma prática que integralize ações nas esferas fundamentais.<sup>368</sup>

Quando Jung Mo Sung discute o assistencialismo praticado por cristãos, toma como texto de referência a exposição feita pelos irmãos Leonardo e Clodovis Boff no livro *Como fazer Teologia da libertação*, como segue:

No assistencialismo a pessoa se comove diante do quadro da miséria coletiva: procura ajudar os carentes. Em função disso organiza obras assistenciais, como pão dos pobres, campanha do cobertor, chá beneficente, Natal da periferia, fornecimento gratuito de remédios, etc. Tal estratégia ajuda os indivíduos, mas faz do pobre objeto de caridade nunca sujeito de sua própria libertação. O pobre é considerado apenas como aquele que não tem. Não se percebe que o pobre é um oprimido e feito pobre por outros; não se valoriza aquilo que ele tem, como força de resistência, capacidade de consciência de seus direitos, de organização e de transformação de sua situação. Ademais, o assistencialismo gera sempre dependência dos pobres, atrelados às ajudas e decisões dos outros, não podendo ser sujeitos de sua própria libertação.<sup>369</sup>

Almeida entende que a missão da igreja vai além das doações e criação de oportunidades para os mais carentes. Para este autor, a igreja tem que ter uma voz ativa no planejamento de diretrizes econômicas. É preciso que a igreja denuncie a

<sup>368</sup> ALMEIDA, Marcos Orison Nunes de. A Missão integral no contexto urbano. In: KOHL, Manfred W; BARRO, Antônio Carlos. (Orgs). **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005. p. 212.

<sup>369</sup> BOFF & BOFF *apud* SUNG, Jung Mo. Assistencialismo, Reformismo e Libertação: Qual é o critério? In: ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 87.

desigualdade social, a exploração do pobre, o enriquecimento ilícito. A igreja, precisa questionar o poder público sobre os aglomerados humanos que se formam cotidianamente na cidade sem que seja tomada nenhuma providência. O papel, portanto, da igreja é, ao anunciar a libertação em Cristo, arregaçar as mangas e partir para o combate contra a desigualdade social. A igreja pouco tem investido na erradicação da pobreza na periferia. As ações realizadas são sazonais e assistencialistas. Na pesquisa de campo foi possível comprovar essa dura realidade de comunidades carentes mergulhadas no descaso e indiferença. Uma colaboradora do Projeto Trilhos Sonoros que fornece lanche para os alunos e ajuda na captação de recursos, disse em entrevista o seguinte:

Nossa igreja não está aberta para contribuir de uma forma mais efetiva com o Projeto Trilhos Sonoros. A visão da nossa igreja é para os ricos. A visão do pastor é alugar espaços dentro do shopping para desenvolver atividades para as pessoas de mais condições financeiras<sup>370</sup>

Esta senhora de 62 anos é voluntária no projeto e destaca que a sua participação não é incentivada pela igreja. Ela diz: “se dependesse da atual liderança eu não estaria ajudando o projeto”.<sup>371</sup>

Outra voluntária de 71 anos que contribui significativamente com o projeto, há três anos, diz o seguinte:

Tem coisas que eu não posso falar se não eles me matam: para que uma estrutura tão grande pra viver fechada? São seis salas e mais uma grande estrutura. Não pode ser usada porque são crianças carentes e eles têm medo disso. Eles dizem: como é que a gente vai deixar essas pessoas entrarem? Minha ideia era disponibilizar o espaço para que essas crianças pudessem desenvolver alguma atividade educativa. A igreja só quer pessoas selecionadas. A igreja não quer assumir compromisso com pessoas de baixa renda dos projetos sociais.<sup>372</sup>

Essa indiferença e, até mesmo, desprezo pelas pessoas mais carentes da periferia revela um desvio funcional da igreja. Esse desvio é fruto de uma leitura equivocada não só do texto sagrado, mas da relação que se estabelece entre o

<sup>370</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>371</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>372</sup> Entrevista com colaboradora 02 realizada no dia 25/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 02.

texto sagrado e o ser humano. Se considerarmos que o amor a Deus se efetiva, também, na relação de cuidado que estabelecemos com toda a sua criação, passamos a olhar para a pessoa pobre da periferia como irmão/ã alvo do amor e graça de Deus. Assim, amar o pobre é tratá-lo como irmão e, continuamente, pedir-lhe perdão pela nossa indiferença diante de sua situação. Cantalamessa diz o seguinte:

Amar o pobre significa pedir-lhe perdão. Perdão por não conseguir acolhê-los com autêntica alegria; pelas distâncias que, apesar de tudo, mantemos entre nós e eles. Perdão por viver de indignação reflexa e passiva em face da injustiça; pela demagogia a respeito deles; por preocupar-nos apenas com nós mesmos, procurando legitimar nossa vida tranquila, por sempre exigir a certeza matemática de não nos ver pessoalmente envolvidos antes de fazer um gesto qualquer em favor deles; por não reconhecer neles o tabernáculo vivo de Cristo pobre e menosprezado. Por não ser um deles.<sup>373</sup>

Amar os pobres que estão na periferia significa, também, o caminhar juntos para, no caminho, proclamar a libertação de todas as formas de opressão e apresentar a vida abundante que há em Cristo. Não há verdadeira e eficaz proclamação sem um caminhar real e contínuo. José Comblin escreveu:

Em primeiro lugar está claro que não há presença que não seja física. Trata-se de estar materialmente presente, compartilhando a vida do mundo dos excluídos. A vizinhança física é imprescindível. Assim como não se evangeliza o povo chinês permanecendo na Paraíba, não se evangelizam os excluídos vivendo no mundo dos incluídos.<sup>374</sup>

Caminhar com os pobres, na periferia, é caminhar em meio ao desconforto, perigo iminente e cenários degradantes. Talvez por isso as grandes igrejas que se estabelecem nos centros urbanos tenham dificuldades em transitar naquele contexto e de apoiar as pequenas igrejas que ali, a duras penas, se estabelecem. Um líder evangélico da vila onde o Projeto Trilhos Sonoros é realizado disse o seguinte: “Eu tenho muitos sonhos para desenvolver aqui na vila, mas não tenho condições e não tenho pessoas para fazer”<sup>375</sup>. Esse líder é membro de uma grande igreja evangélica

<sup>373</sup> CANTALAMESSA, 1997. p. 21.

<sup>374</sup> COMBLIN, José. **Desafios aos cristãos do século XXI**. São Paulo: Paulus. 2004. p. 17.

<sup>375</sup> Entrevista com líder 02 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 20/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 02.

que poderia, sem muita dificuldade, planejar uma ação mais efetiva naquela vila com vistas a uma contribuição mais significativa naquele lugar.

Desde quando o projeto se instalou na vila, aquela igreja permanece da mesma forma: abre regularmente às segundas e às quartas-feiras para o culto semanal, haja vista que no domingo o líder deve estar na igreja central, e realiza algumas reuniões de oração e estudo bíblico no lar durante a semana. Segundo esse líder, a igreja pouco tem contribuído com a mudança daquele cenário social. Ao ser questionado sobre o papel da igreja na mudança daquele contexto, ele diz: “Eu acho que o consumo de drogas e a violência têm aumentado. Semana passada mataram um homem aqui atrás da igreja, aqui nos trilhos, por causa de dívida de drogas”<sup>376</sup>. Embora esse líder diga que a igreja tem sido frequentada por consumidores de drogas e ex-presidiários, “os problemas com drogas e violência têm aumentado na vila”<sup>377</sup>.

Caminhar com os pobres na periferia é perceber as limitações impostas por um sistema excludente e buscar meios que possam promover àquela pessoa a um cidadão com plenos direitos e deveres. É preciso compreender que quem está na periferia, não está ali, necessariamente, por opção, mas por necessidade de sobrevivência numa sociedade injusta e cruel. É natural que os próprios moradores da periferia compreendam aquele espaço como um ambiente degradado e degradante que carece de ações permanentes capazes de apresentar-lhes uma nova perspectiva de vida para suas crianças.

Nessa perspectiva, os projetos sociais realizados na periferia apresentam-se normalmente como ações salvacionistas na medida em que oportunizam a ocupação do tempo ocioso da criança e adolescente e, ao mesmo tempo, os protege da sedução do tráfico, muito presente na periferia. Julio Ventura escreveu o seguinte:

Oferecer alternativas para crianças e adolescentes que estão em situação de risco é, em grande medida, a motivação central de muitos projetos

---

<sup>376</sup> Entrevista com líder 02 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 20/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 02.

<sup>377</sup> Entrevista com líder 02 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 20/03/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 02.

sociais que se instalam nas favelas [...] e oferecer vantagens e oportunidades que não lhes façam preferir a ilegalidade.<sup>378</sup>

Muitas crianças da periferia são obrigadas, desde cedo, a acompanhar seus pais/mães para o trabalho ou, em outros casos, ficarem sozinhas em casa sem o acompanhamento dos pais/mães. Isso acaba por afastar a criança do estudo e de outras atividades fundamentais para a sua formação cidadã, formação básica e formação para o mundo do trabalho. Outrossim, as escolas públicas localizadas em periferias muito pobres e violentas, em geral, enfrentam o afastamento de alguns professores e a desmotivação de outros por conta dos recorrentes casos de violência na escola. As famílias que resistem são obrigadas a conviver com a cultura da violência muito presente em escolas da periferia. E, em casos mais complexos, são obrigadas a lidar com a perda de suas crianças, vitimadas pelo tráfico. Ainda discutiremos este assunto no decorrer do trabalho.

A igreja na periferia deve estar atenta para essa realidade. A missão de Deus não se resume na proclamação de uma libertação para o futuro, mas anuncia um reino já entre nós de igualdade, justiça e amor entre as pessoas. A igreja, ao abrir suas portas para o pobre, na periferia, não deve concebê-lo/a apenas a partir de uma dimensão espiritual, mas ao receber o pobre com seu rosto sofrido, com sua fisionomia abatida, caminhar trôpego, vocabulário pobre, vestes sujas e gastas pelo tempo, deve apresentar-lhe uma nova perspectiva de vida para o hoje. A igreja não deve desprezar a história de vida de cada homem e mulher pobre que acessa o evangelho.

Pessoas com o perfil descrito acima são imediatamente taxados por alguns segmentos cristãos como pessoas violentas, viciadas e perigosas. Em minha caminhada cristã, várias vezes, ouvi comentários excludentes e preconceituosos sobre o perfil descrito e, até mesmo, comentários de rejeição a essas pessoas. Lembro-me com clareza de um pastor consultando-me a respeito de um casal pobre que foi convidado para o retiro de casais de uma igreja. Ele perguntou o seguinte: “Tu achas que vale a pena levar esse casal para o retiro? Vamos investir um valor alto na inscrição deles. A esposa não sabe nem assinar o nome”.

---

<sup>378</sup> VENTURA, Júlio. Constrangimentos ao sonho: sobre as perspectivas de futuro de crianças e adolescentes moradores de favelas. In: **A Escola e a Favela**. PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Orgs). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2009. p. 227.

A maneira como o missionário urbano compreende e se relaciona com a periferia vai determinar a sua forma de atuação e o alcance das ações que desenvolve. Para tanto, León destaca algumas questões necessárias para serem respondidas pelo missionário urbano:

1. O que a “minha” mensagem vai acrescentar a este povo em termos de qualidade de vida?
2. Que aspectos inovadores ela traz à comunidade ou à cidade?
3. Como vai se relacionar com a obra de Deus já existente?
4. Deus me deu compaixão, convicção e mandato para realizar o que estou me propondo a fazer?
5. Tenho convicção pessoal de que este é o lugar que o Senhor tem para mim?
6. O que estou por fazer é obra, sonho ou projeto pessoal, ou tenho uma vocação/revelação ou mandato para um ministério nesta cidade?<sup>379</sup>

A mensagem anunciada pelo missionário precisa fazer sentido naquele espaço urbano. É necessário que essa mensagem produza transformações profundas na comunidade não apenas no que diz respeito aos aspectos espirituais, mas também sociais. O missionário urbano, apesar de todas as dificuldades encontradas na periferia e certa hostilidade por parte de algumas pessoas precisa olhar para aquele contexto com grande compaixão e se engajar na luta em favor de uma libertação plena e de uma vida abundante em Cristo para aquelas pessoas.

A missão na periferia exige a reflexão sobre os seguintes aspectos: Eu tenho consciência do que significa *missio Dei*? Tenho clareza de que a missão na periferia está além da implantação de um ponto de pregação ou igreja? Entendo que a missão na periferia não visa a constituir uma membresia institucional? Reconheço que sou apenas colaborador da *missio Dei* e que ela continuará independente de mim? Tenho consciência da necessidade de criar vínculos afetivos com os pobres que vivem em situação de penúria? Estou ciente de que precisarei, em muitos momentos, priorizar as questões relacionadas à periferia em detrimento aos meus interesses pessoais? Estou disposto a criar vínculos com pessoas drogadas, catadores de lixo, mendigos, moradores de barracos ou quero ajudá-los apenas de longe, sem muito contato? Vou anunciar o evangelho de um palanque montado na comunidade ou desejo fazer isso a partir do envolvimento com as lutas diárias da periferia? Alguns outros aspectos poderiam ser acrescentados a essa lista, no

---

<sup>379</sup> LÉON, 2010, p 76.

entanto, acreditamos ser um bom começo para uma leitura assertiva da missão na periferia.

Por duas ocasiões fui orientado por pastores para ter cuidado com esse “tipo de gente” que mora na periferia. Na primeira vez me disseram “cuidado ao passar por aquele lugar! Só tem gente que não presta!” A segunda vez, em tom de repreensão um pastor me orientou: “já imaginou essas pessoas se relacionando com os nossos filhos?” A leitura que a igreja tem da periferia é uma leitura míope que não consegue olhar e perceber claramente que naquele espaço estão pessoas que precisam de Deus, paz e libertação. A igreja tem fechado as portas para essas pessoas e não tem ido ao seu encontro na periferia. Alguns jovens são tratados como irrecuperáveis e perigosos, as crianças e adolescentes como criminosos em potencial. Nesse sentido, é preciso ter claro o que significa missão na periferia. É inadmissível fazer uma leitura da periferia como um espaço que podemos prescindir e investimos, apenas, em programas mais seguros e com retorno certo como jantares de casais, show gospel e as concorridas noites temáticas.

A leitura apropriada da missão na periferia permitirá uma ação mais eficaz e harmoniosa com o verdadeiro propósito de Deus: a libertação e salvação humana. Assim, destaco alguns riscos decorrentes de uma leitura equivocada da missão na periferia:

#### **4.7.1 – A periferia não é o lugar de treinamento para a piedade cristã**

Apesar de ser um local onde os cristãos precisam estar inseridos pelo fato de ali existirem pessoas em busca de paz, libertação e vida abundante, a periferia não pode ser entendida como o lugar onde os cristãos devem ir para se aperfeiçoarem na piedade. Essa concepção assistencialista do evangelho tem permitido uma ação de caráter reducionista e reforçado a exclusão. A ideia de que a periferia e toda sua demanda excludente e opressora devem permanecer a fim de que os cristãos tenham trabalho para realizar constitui-se como um dos grandes riscos para a missão na periferia. O (des) serviço dessa concepção está no fato de que além de ser mantenedora das assimetrias sociais, proclama um evangelho fragmentado e centrado nos aspectos materiais. León, enfatiza que:

Há quem afirme que a pobreza é uma instituição divina a fim de que os cristãos possam exercitar sua piedade através das boas obras. Essa interpretação não é certa na perspectiva bíblico-teológica e é monstruosa na dimensão humana. Como é possível acreditar em um Deus que coloca alguns seres humanos na miséria para que sirvam de treinamento para a piedade dos outros? Esse não é o Deus que Jesus Cristo nos revelou. Essa interpretação também é defeituosa na dimensão divina e não faz jus ao texto e nem ao contexto, nem à atitude que Jesus assume em relação aos pobres.<sup>380</sup>

De forma recorrente os pobres são visitados no mês de dezembro. Várias campanhas solidárias são realizadas, roupas e alimentos arrecadados e vários discursos proferidos em defesa dos pobres. No entanto, essas ações, que ocorrem por ocasião do Natal e final de ano, não constituem a verdadeira dimensão da missão na periferia. Em primeiro lugar, é preciso considerar que a missão na periferia é permanente. A missão na periferia não pode, apenas, estar vinculada a uma programação anual da igreja, mas incorporada no seu *modus vivendi* com vistas a uma real transformação. O grande risco de um entendimento incorreto sobre a missão na periferia está em produzir uma ideia equivocada nos/as crentes aproximando-os/as da periferia apenas nesses momentos quando a mídia, através de suas campanhas comerciais, massificam a ideia da solidariedade. Terminantemente, não é isso que defendemos. A missão na periferia é impulsionada pelo Espírito de Deus que age em nós e nos faz caminhar com o pobre da periferia com o objetivo precípua de produzir libertação. Enquanto cristãos/ãs, não podemos estar conformados com a permanência desses contextos urbanos. É necessário caminhar com os excluídos da periferia com o objetivo de resistir a opressão imposta por uma elite dominante e, ao mesmo tempo, traçar planos no sentido de erradicar com todas as feridas sociais daquele lugar e não apenas usar paliativos para aliviar-lhes as dores .

Outrossim, a periferia não pode ser vista como um lugar para os/as crentes visitarem em determinada época do ano, mas um lugar para criação de fortes vínculos afetivos e fraternos construídos no dia a dia. No entanto, a presença física dia após dia na periferia não basta por si só, porque essa presença não fala é apenas uma condição para falar. José Comblin questiona qual a mensagem que deve ser pregada para os excluídos. O próprio autor responde:

---

<sup>380</sup> LEÓN, 2010, p. 103.

Em primeiro lugar a palavra será o testemunho de vida. Para ter credibilidade precisa dar testemunho de uma vida em Cristo. Testemunhar que o Reino de Deus já está aqui presente: na alegria de viver num mundo novo, apesar de todas as circunstâncias exteriores; uma vida de ressuscitados, apesar dos sinais de morte. Essa vida de ressuscitados é aberta aos outros. Não está preocupada em fazer proselitismo. Preocupa-se em mostrar com fatos, antes que com palavras, o que é vida de cristão.<sup>381</sup>

Se a primeira mensagem para os excluídos é o testemunho de vida, não há como fazer isso distante da periferia. O próprio Comblin já vaticinou que não há como fazer evangelismo na periferia sem a presença física. Não há como criar métodos de evangelismo, campanhas solidárias e outras metodologias, sem o compartilhamento das necessidades reais das pessoas. Para isso acontecer, de fato, é preciso estar inserido/a naquele contexto e conhecer a cultura da periferia. Comblin continua afirmando que:

É necessário aprender a conhecer. Não há somente o negativo, o crime, a sujeira, o mal. Deus está aí também e o Espírito atua nesse ambiente. É preciso descobrir essa presença, uma vez que a atuação do missionário parte dessas sementes de salvação aí existentes. O missionário não pode ir com a sua cultura, isto é, com os seus programas de pastoral e propostas já concebidas. Deve chegar com pobreza total de ideias e projetos. O que se fará será dito pelos próprios excluídos e pelos sinais da presença de Deus aí presentes.<sup>382</sup>

Alguns projetos missionários na periferia tornam-se inconsistentes pelo fato de serem construídos em desacordo com as necessidades reais daquele contexto urbano. Dessa forma, produzem pouco ou nenhum impacto efetivo na vida das pessoas. Comblin destaca que o conhecimento da cultura dos excluídos expressa o saber como os mesmos conseguem viver humanamente na situação em que estão e por que conseguem. Para este autor, sem o conhecimento da cultura dos excluídos, podem-se criar novidades, instituições e programas, no entanto, nada disso funcionará se não estiver integrado na cultura dos excluídos. Comblin enfatiza:

A gente pensa que conhece a cultura dos excluídos porque projeta sobre ela uma ideologia. Sempre é preciso desfazer-se de ideologias e conhecer por contato direto, imediato, vendo e, sobretudo, escutando. A experiência de outros serve pouco. Ela serve sobretudo para criar ou reforçar uma ideologia. Cada um deve aprender de novo a partir do começo.<sup>383</sup>

<sup>381</sup> COMBLIN, 2004, p. 17-18.

<sup>382</sup> COMBLIN, 2004, p. 20.

<sup>383</sup> COMBLIN, 2004, p 20-21.

É fundamental, portanto, aprender de novo, a partir do começo, que a missão na periferia não deve ser para o exercício da piedade cristã, mas para, permanentemente, se viver um cristianismo desejado pelo Deus da missão. Não é dos gabinetes pastorais e nem das salas de aulas das faculdades teológicas que se planeja a missão para a periferia, mas a partir do envolvimento prático e vivencial com os excluídos. Só assim a missão na periferia repercutirá em mudanças efetivas no espaço geográfico, na dimensão social, política e econômica; nos relacionamentos entre vizinhos, na esperança de dias melhores e na inclusão no Reino de Deus.

#### **4.7.2 – O ide de Jesus não é implantar igreja na periferia e sim anunciar o Evangelho**

Outro risco para a missão na periferia está no fato de alguns segmentos cristãos entenderem a *missio Dei*, exclusivamente, como implantação de igrejas. Como bem escreve Calvani:

é preciso falar primeiro de Reino de Deus e só depois da Igreja, enfatizar o caráter escatológico da missão e o papel provisório da igreja como agente do reino. Na América Latina, a chave hermenêutica para compreender a missão, não é a igreja enquanto instituição, mas o reinado de Deus. A igreja não inicia nem controla a missão de Deus, pois ela é também resultado dessa missão. Portanto, a implantação de igrejas em todos os lugares ou o crescimento da denominação numa sociedade, por mais desejável que seja não é o fim último da missão. “O mandato de Jesus é “Ide e pregai” ... e não ‘ide e implantai igrejas.<sup>384</sup>

Tem sido uma tônica na periferia a implantação de vários ministérios cristãos. Por vezes, é possível enxergar disputas acirradas desses ministérios por novos membros. Para cada novo ministério inaugurado, há outro a ser implantado. Existe uma constante disputa entre as igrejas que já atuam na periferia há um longo tempo e aquelas com uma inserção recente na periferia. A existência desses grupos cristãos distintos tem resultado, de um modo geral, em tensões que provocam um certo mal entendido sobre o verdadeiro objetivo da missão.

Para alguns segmentos cristãos há uma necessidade premente de implantar igrejas para anunciar o Reino de Deus. Essa visão condiciona o anúncio das Boas

<sup>384</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da Arte**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010. p.159.

Novas à construção de templos e similares. No entanto, é preciso compreender que a igreja cristã, mesmo sendo a agência que representa o Reino de Deus na história, não é, porém, o Reino de Deus, mas sua antecipação fragmentária<sup>385</sup>.

Nessa perspectiva, constitui-se como um sério risco para a missão na periferia a ideia de que o anunciar as Boas Novas tem como exigência a implantação de novas igrejas. A proclamação das Boas Novas é realizada no dia a dia da comunidade, no compartilhamento das dores, dificuldades, esperança e perspectivas. O espaço para a atuação do Espírito de Deus não está refém dos templos, mas pode ser percebido nas casas, no mercado, na conversa de rua, nas manifestações culturais da comunidade, enfim, “o vento assopra onde quer” (Jo 3.8).

Como herdeiros de uma cultura clerical, pressupomos que a missão na periferia está diretamente ligada a uma base religiosa institucionalizada onde o pastor ou o padre planejam as ações e estratégias de combate e enviam os/as cristãos/ãs, tal qual uma base militar onde o comandante da operação envia os soldados para guerrear. No entanto, é preciso libertar a missão na periferia dessa concepção reducionista que forja nos/as crentes uma postura de passividade e dependência organo-funcional e compreendê-la como missão efetiva do próprio Deus que age, independentemente dessa organização, criando circunstâncias para anunciar o Seu Reino, usando homens, mulheres jovens e crianças em espaços informais, sem placas denominacionais ou símbolos religiosos e liturgias tradicionais.

É preciso compreender que o Deus da missão age nas cooperativas de catadores de papéis da periferia, nos grupos de senhoras que produzem artesanatos, nas ações voluntárias junto às crianças e adolescentes, nos projetos sociais instalados na periferia, basta, para isso, estar ali um/a cristão/ã disposto/a a cooperar com a *missio Dei* e anunciar o Reino de Deus. Não estou, com isso, descredenciando a igreja institucional e nem diminuindo seu valor. Tenho convicção que essa igreja tem um papel importante na periferia, no entanto, a missão de Deus não para de atuar quando a instituição religiosa deixa de anunciar.

Dizer que o ide de Jesus não é de implantar igreja na periferia e sim anunciar significa dizer que qualquer um de nós, impactados pelo Espírito de Deus, deve ter o compromisso e disposição em viver um cristianismo peregrino de anúncio do Reino e denúncia de tudo aquilo que aprisiona o ser humano independente das

---

<sup>385</sup> CALVANI, 2010, p. 136.

iniciativas e formalidades institucionais. Dentro dessa perspectiva, a missão na periferia está atenta ao gemido do mundo. Sua preocupação não está em formar membra institucional, aumentar o número de membros de sua denominação religiosa e nem fazer proselitismo. Seu objetivo é anunciar as boas novas aos pobres; proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos (Lc 4.18).

O proselitismo é um constante perigo na vida da igreja. Para Adriano Sella, o proselitismo está relacionado ao “evangelizar tendo como primeiro objetivo fazer sequazes, pondo de fato a conversão e o seguimento de Jesus Cristo em segundo plano, ainda que continue o primeiro no nível da intenção”<sup>386</sup>. Sella continua:

Este perigo é reforçado hoje em dia também pela gratificação que vem do número, isto é, da lógica da audiência: o que conta é encher as igrejas. Se são meio vazias, então significa fracasso. Conta a quantidade das conversões ou das presenças. Assim como acontece no mundo midiático: um programa televisivo não tem futuro se não tem uma boa audiência, ainda que no nível qualitativo seja bom e muito educativo, ao passo que um outro programa, mesmo não sendo nada educativo nem de qualidade, continua existindo porque tem boa ou ótima audiência. O proselitismo religioso se põe nesta linha: sempre preocupado com os números, por isso faz de tudo, sem dúvida de modo camuflado, contanto que leve as pessoas para a igreja. De fato, a síndrome da audiência está presente também na vida da Igreja, tanto no nível do vértice eclesial como no da qualidade da realidade paroquial, dando muita importância à quantidade de batismos, crismas, matrimônios, ou às igrejas lotadas, aos grupos paroquiais numerosos e às realidades pastorais de grande afluência.

O proselitismo serve-se, ainda, de ações sociais realizadas para os pobres. Há certa concorrência entre as igrejas no que diz respeito ao maior número de atendimentos sociais realizados no ano. Mais uma vez o pobre é usado para auferir vantagem pessoal e/ou denominacional. A igreja que faz uma determinada ação social entre os excluídos acaba atraindo os olhares da sociedade e isso, por sua vez, no que diz respeito à inclusão de novos membros, acaba sendo positivo para essa instituição religiosa. O discurso de proteção e cuidado ao pobre se tornou um discurso corriqueiro em determinados meios religiosos. No entanto, o discurso não acompanha a prática. Os excluídos da periferia, “são lembrados na hora dos documentos oficiais, mas desaparecem na hora da vida diária. A Igreja funciona como se eles não existissem”<sup>387</sup>. Comblin continua:

<sup>386</sup> SELLA, Adriano. **Por uma Igreja do Reino**: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial. São Paulo: Paulus, 2010. p. 212.

<sup>387</sup> COMBLIN, 2004, p. 26.

As paróquias funcionam muito bem e multiplicam as atividades. O mesmo se dá nas dioceses, que multiplicam as comissões e as pastorais. Muito esforço é dispensado na organização. Todavia, os excluídos estão fora dessas atividades. A Igreja está situada num outro mundo – ainda que proclame nos documentos ser a Igreja dos pobres.<sup>388</sup>

Muito mais do que falar sobre os pobres, a missão na periferia assume as lutas dos excluídos. A implantação de igrejas na periferia só repercutirá eficazmente quando, dessa implantação, resultar em mudança de paradigma no que diz respeito aos seus propósitos e plena transformação na maneira de ver e se relacionar com o mundo e seu Criador. A implantação de igrejas na periferia deve assumir novas lutas socioespirituais e isso implica em denunciar o pecado, mas, também, a maneira indigna e degradante que vivem aquelas pessoas. É fundamental que líderes, verdadeiramente dispostos a anunciar o Reino de Deus, sejam capacitados/as para espalharem a semente da salvação entre os pobres, sem necessariamente fundar novas igrejas.

#### **4.7.3 – A missão na periferia só é plena quando alcança todas as dimensões do ser humano**

L. Boff levanta a seguinte questão a respeito da libertação a partir de Cristo: “Como anunciar, de forma significativa para o homem de hoje, a libertação trazida por Cristo?”<sup>389</sup> A pergunta de Boff reveste-se de grande importância se considerarmos que uma interpretação equivocada dessa libertação pode resultar em grandes riscos para a missão na periferia. Boff desenvolve sua tese afirmando:

O homem de hoje não é um universal abstrato, mas o homem que vive como nós na América Latina num regime mais ou menos geral de catividade, na periferia dos centros onde se tomam as grandes decisões sobre ele, em termos culturais, econômicos, políticos e religiosos, e que por isso se sente marginalizado. O homem de hoje, concreto que sofre com as esperanças frustradas de uma mudança estrutural no sentido de viver e de se relacionar com os bens e com os homens, que tem que contar com o fato oneroso de que sua geração não verá ainda a emergência de um mundo mais fraterno e justo, mas terá de conviver num sistema global gerador de pobres e ricos, de periferia e centro, violência e opressão, coloca a pergunta: A libertação de Jesus Cristo é só para o fim do mundo e para a outra vida?<sup>390</sup>

<sup>388</sup> COMBLIN, 2004, p. 26.

<sup>389</sup> BOFF, 2014, p. 231.

<sup>390</sup> BOFF, 2014, p. 231 -232.

Entender a libertação que Cristo oferece ao ser humano como algo para os últimos dias constitui-se como risco à missão pelo fato de, ao considerar a libertação só para a eternidade, negar a libertação para o presente mantendo o ser humano aprisionado às forças opressoras do mundo. “Será que a libertação de Jesus Cristo não se inaugura já aqui dentro do conflito deste mundo e começa a germinar no interior da própria opressão?”<sup>391</sup> Para Boff, “a fé apresenta-se como matriz de sentido da história e não como sobre estrutura que nada mais tem a nos dizer”.<sup>392</sup> Para este autor, os cristãos devem, constantemente, no aqui e agora dar as razões de nossa esperança, conforme 1Pd 3-15 e “tentar traduzir para nós mesmos e para os outros a mensagem libertadora da fé em Jesus Cristo, morto na opressão e ressuscitado na glória”.<sup>393</sup> Boff entende que a libertação em Cristo abrange o ser humano de uma forma plena. O autor continua afirmando que “somente é legítima aquela que plenifica de sentido nossa vida, critica-a, acrisola-a e lhe permite experimentar o que significa realmente a libertação de Jesus Cristo”<sup>394</sup>. Boff enfatiza que:

Toda leitura é orientada por um interesse existencial ou social, também aquela que interpreta a redenção de Cristo como satisfação substitutiva ou como sacrifício expiatório ou como outras tantas imagens testemunhadas no Novo Testamento e na tradição teológica. Unicamente desta forma Cristo é inserido em nossa vida e atualiza no mundo sua libertação. O importante é conscientizar tal procedimento hermenêutico inevitável. Caso contrário, decaímos para posturas ideológicas que absolutizam leituras e imagens devedoras de um determinado contexto cultural, congelando-as no tempo e tentando fazê-las significativas para todos os tempos. É assim que surgem os discursos abstratos e vazios sobre a redenção, sobre a morte, sobre os comportamentos do Jesus histórico e sobre o valor intramundano de sua ressurreição.<sup>395</sup>

A vida abundante que Jesus oferece (Jo 10.10) alcança o ser humano em todas as suas dimensões; representa a liberdade plena de todas as formas de opressão e possibilita um novo olhar para o mundo. A igreja em sua missão precisa contribuir para esse novo olhar. A igreja como parceira na *missio Dei* precisa oportunizar às pessoas um olhar para o mundo a partir do olhar de Cristo, uma leitura da periferia e das pessoas que ali residem, a partir do olhar do Servo sofredor

---

<sup>391</sup> BOFF, 2014, p. 232.

<sup>392</sup> BOFF, 2014, p. 232.

<sup>393</sup> BOFF, 2014, p. 232.

<sup>394</sup> BOFF, 2014, p. 233.

<sup>395</sup> BOFF, 2014, p. 233.

(Is 53) e não uma leitura a partir do modelo socioeconômico e cultural que, não raras vezes, afeta as ações diaconais na periferia e lança sobre os pobres um olhar míope e desfocado da vida abundante em Cristo.

É preciso que a missão realizada na periferia reflita uma libertação contextual e transcendente. Essa missão, ao proclamar o evangelho, atualiza o Reino de Deus e atrai as pessoas para uma inclusão efetiva nesse Reino porque essa libertação trazida por Cristo, “não foi tanto uma doutrina que anunciou; foi, antes de tudo, uma práxis que inaugurou”. Essa ação concreta de libertação ao mesmo tempo que desaliena, (res)significa a vida e repercute nas relações sociais e em todos os contextos humanos.

A missão na periferia deve estar atenta a essa libertação. Embora continue anunciando o Reino vindouro de Cristo, é preciso que se revele um Reino já disponível entre nós onde todas essas pessoas excluídas da sociedade têm valor e são recebidas por amor e graça. Boff desafia-nos a uma dupla tarefa: mostrar que a libertação de Cristo aconteceu de forma concreta para um mundo muito semelhante ao nosso da América Latina: corruptos foram libertos de suas práticas delituosas, cegos voltaram a ver, coxos andaram, pobres e pecadores sentaram-se à mesa com o filho de Deus e pessoas deprimidas e posses foram libertas; outrossim, temos a tarefa de “detectar dentro desta libertação concreta uma dimensão que transcende esta concreção histórica e que, por isso, interessa a nós que vivemos depois e numa outra situação”<sup>396</sup>.

Existem pessoas na periferia oprimidas e desorientadas em busca de libertação. A pobreza, violência e desprezo em que vivem são geradoras de estados permanentes de depressão e consumo de drogas que visa a fuga permanente daquela realidade de opressão em que vivem. Muitas famílias acostumaram-se ao estado degradante em que se encontram porque, acreditam, não há o que fazer. Em meio a essa opressão e desprezo, essas pessoas aguardam ansiosamente por uma libertação efetiva. A libertação concreta oferecida por Cristo é suficientemente capaz de dar uma nova dimensão de vida para essas pessoas. Não se trata de uma libertação apenas para o futuro, mas uma libertação concreta para hoje com repercussão para a eternidade. É preciso, portanto, que a missão na periferia desenvolva um olhar mais atento para a realidade de opressão presente naquele

---

<sup>396</sup> BOFF, 2014, p. 235.

contexto e atue no sentido de proclamar uma libertação plena na periferia. Boff argumenta que:

A libertação lograda por Jesus Cristo possui um alcance universal e transcendente. Entretanto, essa universalidade e transcendência se mediatiza e se viabiliza em passos libertadores concretos; faz-se história e se corporifica em modificações libertadoras do homem. Cristo mesmo traduziu a libertação universal numa caminhada libertadora dentro de sua situação. Nós outros devemos, semelhantemente, reverter praxisticamente a libertação universal em situações libertadoras dentro da situação na qual Deus nos faz viver. Só destarte a libertação de Jesus Cristo se torna significativa para nossa vida.<sup>397</sup>

Por fim, a libertação oferecida por Cristo, segundo Boff, é muito mais que sociopolítica, mas é também sociopolítica. Boff argumenta que “uma verdadeira teologia será por um lado muito concreta, pois verá na política e na economia justas e humanas as mediações atuais da salvação de Jesus Cristo para o nosso tempo”.<sup>398</sup> Por outro lado, essa teologia vai além, porque a libertação oferecida por Cristo “é mais do que a dimensão política e econômica; ela alcança mais longe: inclui tudo, é universal e implica principalmente a libertação daquilo que vicia todos os projetos humanos (pecado) e a superação da morte”<sup>399</sup>.

#### **4.8 – É na periferia que estão os pobres:** opção de Deus

Falar sobre os pobres como opção de Deus pode causar uma série de tensões, pelo fato de que Deus não faz acepção de pessoas. Ama a todos/as. No entanto, é preciso refletir que essa opção diz respeito a um cuidado de Deus, especialmente por aqueles/as que são cotidianamente violentados/as em seus direitos, são excluídos/as do convívio social, são vítimas da opressão.

A igreja que surge do Concílio Vaticano II mostrou uma mudança radical no seu foco. O Espírito de Deus que agiu naquele Concílio motivou a criação de uma igreja comprometida com toda a humanidade. A igreja, a partir do Concílio, “conscientizou-se de sua vocação de servidora da humanidade”<sup>400</sup>. A partir dessa visão de serva da humanidade, a igreja foi convocada por Deus a levantar-se de

<sup>397</sup> BOFF, 2014, p. 235 -36.

<sup>398</sup> BOFF, 2014, p. 271

<sup>399</sup> BOFF, 2014, p. 271

<sup>400</sup> DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 16.

forma especial em favor de todas as pessoas que sofrem e padecem a dor do descaso e invisibilidade. Domezi afirma o seguinte:

Já durante o evento conciliar, clamores que chegavam das margens da humanidade, do chamado Terceiro Mundo, fizeram o Concílio acrescentar uma particularidade a essa opção pelo homem moderno, formulando-a como uma opção, sobretudo pelos pobres e por todos os que sofrem.<sup>401</sup>

Domezi conclui que a opção preferencial pelas pessoas pobres, na América Latina, é impulsionada pelo espírito do Concílio Vaticano II. É importante destacar, no entanto, que, inicialmente, essa opção pelos pobres não foi uma unanimidade entre os conciliares. Os mesmos enfrentaram uma série de discordâncias até compreenderem a Igreja como serva da humanidade, em especial das pessoas pobres. Para Domezi, durante pelo menos um milênio e meio, a igreja se apresentou como um império que se preocupava especialmente consigo mesma. Esta autora é enfática ao afirmar que, na sua hierarquia patriarcal, a Igreja preocupou-se pelos privilégios e por ser servida, “enquanto se tentava esconder sob a indumentária medieval o afastamento do Evangelho”.<sup>402</sup> Domezi escreve:

Entretanto, nem todos os padres conciliares queriam a renovação da igreja. Ela continuaria a ser entendida, [...], como uma entidade puramente espiritual, acima do mundo e fora da história. E entre os muitos que queriam a sua renovação, nem todos manteriam o olhar nos milhões de pessoas empobrecidas e oprimidas nas periferias do mundo. Porém, ali estava um segmento bastante convicto, empenhado em fazer a Igreja ser dos pobres para ser de todos.<sup>403</sup>

João XXIII, antes da abertura do Concílio, convocou toda a igreja a ser servidora de todas as pessoas e não só atender os interesses da igreja. Sua origem pobre e sua experiência missionária e pastoral o credenciou para lançar o tema: a Igreja dos pobres, que consistia efetivamente no serviço que a Igreja deveria prestar a todos/as oportunizando a igualdade plena de direitos, a defesa da família e a responsabilidade social. Domezi afirma que o termo “Igreja dos Pobres” foi “a maior contribuição de João XXIII”<sup>404</sup>. Nessa perspectiva, João XXIII objetivava que a igreja se identificasse plenamente com os pobres.

---

<sup>401</sup> DOMEZI, 2014, p. 17

<sup>402</sup> DOMEZI, 2014, p. 17

<sup>403</sup> DOMEZI, 2014, p. 22.

<sup>404</sup> DOMEZI, 2014, p.25.

A atenção e o cuidado com os pobres tem sido, a partir de então, um tema bastante recorrente na igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II. Igrejas evangélicas históricas também têm se apropriado do tema e oportunizado discussões acerca do tema. No entanto, na prática, os pobres continuam, cada vez mais, mergulhados no descaso e indiferença. A periferia continua expandindo seu território para outras áreas; as marcas da periferia continuam separando as pessoas, produzindo violência e injustiça, e as perguntas que me ocorrem é: o que está faltando? O que estamos fazendo, além de muito falar sobre os pobres e a periferia? O que nos falta, como colaboradores da *missio Dei* para entendermos a periferia como campo branco para a colheita? (Jo 4.35). Andrade argumenta o seguinte:

a opção pelos pobres, vista à luz da lei natural, é sua tradução em um dos valores éticos mais básicos: a solidariedade efetiva com o que sofre, com o que não tem possibilidades de manter uma vida digna, e é injustiçado pelo simples fato de lhe serem negadas tais condições em um mundo onde o supérfluo de muitos é o necessário que falta a uma multidão.<sup>405</sup>

Na perspectiva da fé cristã encontramos outras motivações que devem nos impulsionar frequentemente a ter uma opção pelos pobres. Por causa da nossa fé, “somos convocados à solidariedade com os pobres”<sup>406</sup>.

Jesus é o Deus da misericórdia que, ao se aproximar dos excluídos e marginalizados, causou escândalo aos fariseus que não entendiam a lógica do amor e misericórdia que ia de encontro à lógica do mérito. O Deus de misericórdia é, portanto, aquele que ouve o seu povo e vai ao seu encontro. Socorre os aflitos e produz libertação para os oprimidos. Proclama a Boa Nova aos pobres, “[...], não porque estes tenham algum mérito espiritual que os tornem melhores do que os outros, mas por sua situação de necessidade, por sua dignidade negada, desfigurada”<sup>407</sup>.

Se olharmos para os evangelhos perceberemos que Deus escolheu um contexto pobre para o nascimento de Jesus. Conforme Lucas 2.7 Maria “deu à luz a seu filho primogênito, envolveu-o em panos, e o deitou numa manjedoura, porque

---

<sup>405</sup> ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.). **Opção pelos pobres no século XXI**. São Paulo. Paulinas, 2011. p.160.

<sup>406</sup> ANDRADE, 2011, p.160.

<sup>407</sup> ANDRADE, 2011, p. 167.

não havia lugar para eles na hospedaria”<sup>408</sup>. Segundo Léon, duas palavras nesse texto podem ser destacadas para revelar a dimensão da pobreza em que Jesus nasceu: hospedaria e presépio.

Hospedaria é a tradução para a palavra grega *catálima*. Para traduzir tal palavra se usou pousada ou hospedaria, mas também significa quarto para convidados. Esses quartos costumavam ter um compartimento para os animais trazidos pelo viajante. Não havia parede divisória, mas o chão era mais baixo na parte dedicadas aos animais. Assim eram as casas dos humildes; um único quarto para humanos e animais. Para os viajantes era uma morada temporária; para os pobres era a vida cotidiana.<sup>409</sup>

A partir dessa descrição é possível entender que o nascimento de Jesus aconteceu em uma *catálima*, no entanto, no espaço destinado para os animais, porque segundo o texto, “não havia lugar no *catálima*” Léon continua sua tese argumentando que “a palavra que se traduz por presépio, *fátne*, vem do verbo comer”<sup>410</sup>. Nesse sentido, o lugar onde Jesus esteve deitado em seu nascimento foi “um tipo de cocho onde se colocava o alimento para que os animais comessem”<sup>411</sup>.

Cantalameça afirma que a história do nascimento de Jesus nos faz distinguir dois cenários em permanente contraste. Um deles é descrito pela hospedaria e o outro pelo estábulo onde Jesus nasceu. No primeiro cenário tudo é alegria. As pessoas comem, bebem, se divertem e desfilam com suas roupas suntuosas. No relato de Cantalameça, fica claro que as pessoas que frequentam o primeiro cenário são pessoas de posses que “trazem ao cinto pesadas bolsas de moedas”<sup>412</sup>. No segundo cenário, o perfil é diferente. Pouca luz, frio e desconforto são as características do lugar onde uma senhora acompanhada pelo seu esposo, quase à dar a luz, sem nenhuma outra opção, é forçada a dividir com os animais “a mesa, o aposento e o leito”<sup>413</sup>.

Quando reflito sobre o contraste desses cenários procuro estabelecer uma relação com o cristianismo de nossos dias. Imediatamente o que me vem à mente são os suntuosos templos com seus púlpitos ornamentados, suas poltronas estofadas, ambiente refrigerado, vestes sacerdotais, o tapete vermelho ao centro por

<sup>408</sup> **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea. São Paulo: Vida. 1990.

<sup>409</sup> LÉON, 2010, p. 99.

<sup>410</sup> LÉON, 2010, p.99.

<sup>411</sup> LÉON, 2010, p.99.

<sup>412</sup> CANTALAMEÇA, 1997, p. 49.

<sup>413</sup> CANTALAMEÇA, 1997, p. 49.

onde as pessoas fazem questão de passar para exibirem seus trajes, o equipamento de som e iluminação de alta qualidade e uma liturgia do êxtase coletivo. Esse cenário é estabelecido como padrão de fé e de bênção de Deus. A ordem de prioridade é invertida: ao invés de priorizar o Pai e as pessoas, se prioriza o patrimônio e as programações em detrimento dos primeiros. Ao mesmo tempo, vejo outro cenário: uma casa simples sem muita luz, que para chegar nela tem que passar por ruas escuras e cheias de lama e lixo, com bancos duros de madeira, apenas um microfone, uma caixa de som, um violão sem instrumentista que possa tocá-lo, uma sensação permanente de insegurança, pessoas pobres que vêm ao culto com a mesma roupa de trabalho, crianças descalças que sentam no primeiro banco sem se importarem com que os outros vão falar e alguns cachorros que acompanham seus donos até a entrada da casa. Alguns conseguem furar o bloqueio e se instalam debaixo dos bancos até o final da reunião.

A pergunta que me vem à mente é: Onde Jesus nasceria, hoje? Será que Jesus nasceria nos grandes condomínios de luxo ou nas coberturas dos grandes edifícios? Jesus teria um baby “chá”? Seus pais estariam nas colunas sociais? Não quero ser precipitado na resposta, mas, conforme a descrição do nascimento de Jesus é possível pensar que o Salvador da humanidade nasceria na periferia das grandes cidades, entre os desvalidos, nos barracos na periferia e não nos grandes e suntuosos cenários sociais. Cantalamessa escreveu:

Ora, sabemos que Jesus sempre vem de novo ao mundo. O Natal não é só um aniversário, mas também um mistério; nele a cada ano, alguma coisa acontece, ele não é somente celebrado. Ainda hoje, entrando em nosso meio, Jesus encontra, ou melhor, cria esse contraste. Sua simples presença revela dois mundos diferentes. E nós somos chamados a nos posicionar, a resolver a qual dos dois mundos queremos pertencer, não só de direito, mas também de fato: o dos ricos- poderosos-fartos e o dos humildes-pobres, cujo protótipo são Maria, José, e, sobretudo, Jesus. O primeiro, para nos dissociarmos dele e ajudar os outros a fazer o mesmo; o segundo, para aderir a ele com renomado ardor.<sup>414</sup>

Segundo Léon, Maria e José se apresentaram na condição de pobres no templo para cumprir as exigências da lei. Na apresentação do menino Jesus, ofertaram conforme as possibilidades que tinham como pessoas pobre. (Lc 2.24). Conforme a lei, se os ofertantes não tivessem condições de oferecer um cordeiro,

---

<sup>414</sup> CANTALAMESSA, 1997, p. 49-50.

poderiam oferecer um par de rolas e dois pombinhos sendo que um seria para o sacrifício e o outro para oferta pelo pecado (Lv 12.8). Léon avança em sua descrição afirmando que José não tinha condições financeiras para enviar Jesus para a escola dos escribas. Esse fato deixava os judeus admirados porque percebiam que Jesus, mesmo sem ter estudado, tinha grande conhecimento (Jo 7.15). “O próprio Jesus afirmou que não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 28.20)”.

Para Jesus, o menino pobre que nasceu num lugar reservado aos animais, o serviço realizado para os pobres e necessitados na periferia, constitui-se como atualização do amor de Deus pelo ser humano.

Agenor Brighenti argumenta que, na América Latina e no Caribe, a modernidade representou benefícios para uma minoria e a exclusão para a maioria. Para este autor, há, entre nós, “ilhas de prosperidade rodeadas de um mar de pobreza”.<sup>415</sup> Essa cultura do capitalismo não atinge, segundo Brighenti, somente os 20% privilegiados, mas a todos. O autor explica:

A modernidade e sua crise atingem a todos, mas de maneira distinta. Para a minoria, até a crise da modernidade é um bem, pois significa mais autonomia para a subjetividade, mais independência face às instituições, maior bem estar pessoal já no presente, enfim, a possibilidade de reconstruir a própria identidade a partir de valores que mais lhe convém. Para essa minoria, a subjetividade marca um distanciamento das instituições, inclusive das religiões institucionalizadas, porque não só podem como também lhes convém e podem viver longe delas. Já para a grande maioria, a modernidade e sua crise não repercutem assim. Para a grande maioria excluída, o distanciamento diante das instituições não é de flutuação, autonomia e maior espaço de liberdade para a subjetividade, mas de submersão e desamparo. Não é proteção e promoção de identidades que se dão ao luxo de internalizar decisões, mas sentimento de orfandade e rejeição. Pois trata-se de subjetividades, sim, mas não de sujeitos; ao contrário, são subjetividades massificadas, fragmentadas, massa sobrança, das quais o sistema e os 20% de privilegiados prescindem. Antes nem existissem, pois deixariam de ser ameaça a seus privilégios.<sup>416</sup>

Brighenti chama nossa atenção para o fato de que essa modernidade que privilegia uma minoria é a mesma que exclui e massacra a maioria, aqui chamada de massa sobrança. O autor enfatiza que:

Para essa massa sobrança, submersa pela sociedade organizada e suas instituições, as religiões institucionais, com seus inúmeros requisitos, são

<sup>415</sup> BRIGHENTI, Agenor. **A missão evangelizadora no contexto atual**: realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 28.

<sup>416</sup> BRIGHENTI, 2006, p. 28-29.

também um luxo para poucos. Dado o que ela é e onde está, não há como integrar-se a elas.<sup>417</sup>

As religiões institucionais refletem a cultura do capitalismo e reforçam a exclusão social a partir da tentativa de homogeneização de uma membresia composta, essencialmente, por aqueles que detêm condições reais para o seu sustento e manutenção. A despeito dessa “mudança de foco” da igreja institucionalizada, o Deus da missão cria comunidades e expande o seu Reino com vistas a alcançar essas pessoas que, em geral, são marginalizadas pelas instituições religiosas. A criação desses espaços alternativos de encontro com Cristo revela e atualiza, indubitavelmente, o amor de Deus pelos pobres.

#### 4.9 – Síntese

Este capítulo tratou sobre a Comunidade Espiritual e a *missio Dei*, buscando relacionar esses temas ao Projeto Trilhos Sonoros. Os projetos sociais desenvolvidos com crianças e adolescentes, na periferia, em geral, são nomeados de projetos de inclusão social. O termo inclusão social está diretamente ligado à possibilidade de formação básica e cidadã e preparação para o mundo do trabalho. Essas dimensões da inclusão social são fundamentais para crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social que residem na periferia. No entanto, este capítulo, ao refletir sobre Comunidade Espiritual e a *missio Dei*, procurou contemplar outra dimensão dos projetos sociais desta feita, vinculados à proclamação do Evangelho transformador de Cristo. Nessa perspectiva, este capítulo organizou ideias com o objetivo de compreender o Projeto Trilhos Sonoros como uma Comunidade Espiritual em seu estado manifesto e a serviço da *missio Dei*. A estruturação deste capítulo revelou que o projeto desenvolvido há seis anos na periferia da cidade de Canoas-RS, com crianças e adolescentes, tem repercutido para além das dimensões sociais citadas acima. Assim, este capítulo constituiu-se como principal base teórica para o entendimento da Presença Espiritual que impulsiona o Projeto Trilhos Sonoros enquanto ação cooperadora da *missio Dei* na periferia.

---

<sup>417</sup> BRIGUENTI, 2006, p. 29.

A opção de Deus pelos pobres, revelada nas Escrituras, constituiu-se como diretriz de ação e forte motivação para o aprofundamento de estudos empíricos na periferia. Sobre a imersão no ambiente onde vivem os pobres, Costa diz o seguinte: “isso nos ajuda tanto a conhecer a realidade sem mediações que distorcem os fatos quanto desperta a misericórdia na vida de quem ainda não perdeu a alma”.<sup>418</sup> Este autor diz ainda que:

Paredes rachadas, tetos furados, esgoto na porta, ratazanas subindo pelas paredes, corpo ensanguentado aguardando remoção, crianças nadando em rios poluídos, cabelos desgrehados, pais desempregados, angústia de quem clama e não é ouvido....tudo isso exerce pressão que perturba, angustia, deprime, causa raiva e pode levar à ação, mais que qualquer tipo de livro ou pregação feita no púlpito de uma igreja.<sup>419</sup>

Assim, este capítulo, ao tratar também sobre o pobre como opção de Deus, revelou que a *missio Dei*, a despeito da instituição religiosa que, em muitos casos, trata esse tema de forma indiferente e irresponsável, cuida do pobre e o guia em direção a uma libertação plena, bem como usa grupos e circunstâncias diversas para atualizar o seu amor por todos/as aqueles/as que sofrem as opressões impostas pelo pecado.

---

<sup>418</sup> COSTA, 2015, p. 69.

<sup>419</sup> COSTA, 2015, p. 69.

## 5 – A MÚSICA E A *MISSIO DEI* NA PERIFERIA: A EDUCAÇÃO MUSICAL EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS A SERVIÇO DA *MISSIO DEI*

*Milhares de pessoas cultivam a música; poucas, porém, têm a revelação dessa grande arte.*

*Ludwig van Beethoven*

A proposta deste capítulo é substanciar a pesquisa no que diz respeito à educação musical e sua relação com a *missio Dei*. Nessa perspectiva, procura-se refletir sobre uma vivência músico-teológica mais rica e plena capaz de produzir profundas transformações no meio em que for praticada, em especial, com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social que residem na periferia. Neste capítulo, a música é apresentada não apenas enquanto aquisição técnica ou tão somente como fonte de deleite estético, mas como experiência socioespiritual a partir da criação de vínculos fraternos, do desenvolvimento da solidariedade e de habilidades sociais e da construção coletiva de uma comunidade que se ergue a partir do encontro com o Deus da missão. Dessa forma, é feita, inicialmente, uma breve reflexão sobre a música e sua função social procurando enfatizar o seu caráter divino e sua força no que diz respeito a agregar as pessoas e oportunizar um ambiente fraterno e solidário. Outrossim, destaca-se a relevância da música para os/as cristãos/ãs em seus trabalhos missionários. O tópico seguinte trata sobre a educação musical na periferia e seu impacto junto às crianças e adolescentes em risco pessoal e social. Por fim, o capítulo apresenta elementos para uma reflexão sobre a educação musical em missão e a necessidade de um novo olhar para a educação musical enquanto instrumento da *missio Dei*. Apesar de uma bibliografia exígua que amplie essa discussão, o objetivo é lançar um olhar mais atento para a música enquanto meio e fim utilizado por Deus para criar vínculos com a humanidade e revelar sua grandeza, amor e cuidado por todos/as.

## 5.1 – Breve reflexão sobre a função antropológica e religiosa da música: a força social da música

A música está presente na vida dos seres humanos de forma incontestável. Todas as civilizações, de todos os tempos, se apropriaram dessa arte das mais diversas formas: do canto ritualístico, da execução instrumental, dos grandes coros polifônicos, da dança, ou simplesmente a partir do assovio de uma melodia ou da batida de um determinado ritmo, as pessoas se expressaram, se relacionaram, se articularam e buscaram forças, em favor de uma causa social e/ou espiritual, enfatizando, assim, a importância da música na sociedade. Aurora Ferreira escreveu:

O homem sempre soube expressar-se musicalmente, e o fazia antes mesmo de saber ler e escrever. Em qualquer parte do mundo, em todas as épocas, a música e o homem sempre viveram juntos. Atribui-se ao homem primitivo a descoberta dos primeiros sons musicais ao soprar um canudo, bater com os pés e com as mãos em troncos e superfícies. Supõe-se, também, que estes primitivos descobriram os próprios recursos vocais ao imitar os sons da natureza: o canto dos pássaros, o ruído do trovão, o sussurrar das folhagens, o sibilar do vento e muitos outros sons. O homem primitivo criou instrumentos, como os tambores, construídos com troncos de árvores, flautas e apitos feitos de bambu ou com ossos de animais.<sup>420</sup>

Os gregos acreditavam que a música tinha origem divina. Para eles, a arte das musas tinha poderes mágicos através da qual “as pessoas pensavam que eram capazes de curar doenças, purificar o corpo e o espírito e operar milagres no reino da natureza”<sup>421</sup>. Para os gregos a doutrina do *Etos* consistia nas qualidades e efeitos morais da música. Essa doutrina integrava-se na concepção de Pitágoras sobre a música enquanto microcosmo que representava um sistema de sons e ritmos regidos pelas leis matemáticas que atuavam no conjunto de tudo aquilo criado, visível e invisível. Grout afirma:

A música, nesta concepção, não era apenas uma imagem passiva do sistema ordenado do universo; era também uma força capaz de afetar o universo – daí a atribuição dos milagres aos músicos lendários da mitologia. Numa fase posterior, mais científica, passaram a sublinhar-se os efeitos da

<sup>420</sup> FERREIRA, Aurora. **Arte, escola e inclusão**: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 100.

<sup>421</sup> GROUT, Donald J. PALISCA, Claude V. **História Ocidental da Música**. Lisboa, Gradiva, 2007. p. 20.

música sobre a vontade e conseqüentemente, sobre o caráter e a conduta dos seres humanos.<sup>422</sup>

Para Aristóteles, a música imitava diretamente os estados da alma: brandura, ira, coragem, temperança, assim como os seus opostos. Para Platão e Aristóteles era possível contribuir com o desenvolvimento de pessoas boas a partir de um conjunto de ações públicas onde os dois elementos fundamentais seriam a ginástica e a música, a primeira contribuindo com o desenvolvimento do corpo e a segunda contribuindo com o espírito.

A despeito dos reducionismos recorrentes em torno à arte musical enquanto grande força social, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura”<sup>423</sup>. Nesse sentido, a música não é concebida como algo que se esgota nela mesma, mas que, ao estabelecer relações com outros aspectos da cultura, adquire um poder capaz de nortear e ressignificar a própria vida.

O trabalho com música numa comunidade pode aproximar as pessoas e criar um ambiente fraterno entre elas. Sofia Cristina Dreher diz que as pessoas são aproximadas pela música. Essa aproximação não acontece, segundo esta autora, pelas posses ou roupas de marca que as pessoas vestem, mas pela beleza “que a sua voz, que o seu instrumento, somado aos demais, proporciona à comunidade e, por que não, à sociedade”<sup>424</sup>. Dreher continua:

A dinâmica musical exige de nós que estejamos conectados uns aos outros, indo contra o pensamento individualista que impera em nossa sociedade. O cada um por si não encontra espaço nos movimentos musicais.<sup>425</sup>

O estar juntos em torno da música cria a ideia de unidade e potencializa o sentimento orgânico de corpo. Assim sendo, o fazer música coletivamente constitui-se como uma forma privilegiada de escutar e ser escutado; de desenvolver a tolerância; de respeitar as diferenças, de valorizar o/a outro/a. George Snyders escreve:

---

<sup>422</sup>GROUT, 2007, p. 20.

<sup>423</sup>HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete, 1999. p. 6.

<sup>424</sup>DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner. (Org) **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. Porto Alegre: Coordenadoria de música da IECLB, 2010. p.155.

<sup>425</sup>DREHER, 2010, p.155.

Trata-se de coletivos que, ao mesmo tempo, perseguem um objetivo musical e o projeto de se construir, de se vivificar como grupo solidário; os participantes se rejubilam com o poder e a emoção coletivos; estruturas e regras se criam pouco a pouco e estabelecem assim sua validade; em resumo, há uma diversidade que tende à unidade, na qual cada parte acha apoio nas outras e se fortalece com as outras.<sup>426</sup>

Outrossim, a força da música não se reduz à *performance* em si e nem a uma contemplação estética, mas é capaz de subverter velhas rotinas de vida e construir novos valores e perspectivas. Costumo dizer que a força da música não se encerra com o apagar das luzes da sala de concerto. A repercussão dela na vida humana vai além do show. Alcança o ser humano de forma integral e produz transformações emblemáticas em sua vida.

No contexto cristão a música está diretamente associada ao canto com vistas à adoração a Deus, fortalecimento de fé, encorajamento e ações de graças. É bem presente, também, na história da música sacra, a música instrumental que visa criar um ambiente espiritual propício para a apreensão da mensagem falada. Domingos Alaleona afirma:

Uma religião de caráter tão ideal e de fé tão profundas como o Cristianismo não podia deixar de associar as suas preces e ao seu culto a música, uma das mais primitivas e férvidas linguagens das aspirações espirituais do homem.<sup>427</sup>

A partir dessa perspectiva a música cristã pode ser facilmente identificada como uma arte funcional que se relaciona diretamente com aqueles/as de dentro do contexto eclesial. Seja a partir do canto litúrgico ou das intervenções instrumentais, a música na Igreja serve aos cristãos para incutir-lhes os valores eternos de Deus. Donald Hustad argumenta que a música na igreja é uma arte funcional. Para este autor, “ela é criada por seres humanos para servir aos propósitos de Deus e da Igreja, particularmente na expressão coletiva da adoração congregacional, sua comunhão e seu trabalho missionário”.<sup>428</sup> Mauro Batista de Souza diz que as pessoas que trabalham com música nas comunidades, desempenham um papel muito importante no que diz respeito à pregação da Palavra de Deus. Souza diz que:

<sup>426</sup> SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 91.

<sup>427</sup> ALALEONA, Domingos. **História da música**. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1984. p. 58.

<sup>428</sup> HUSTAD, Donald. p. Jubilate: **A Música na Igreja**. São Paulo: Vida Nova 1986, p.32

[...] a música é uma forma privilegiada de pregar a Palavra de Deus. Seus elementos sonoros e rítmicos, e mesmo poéticos, (no caso das músicas letradas), possuem bem mais atrativos do que as palavras planas pronunciadas através da voz.<sup>429</sup>

Souza questiona ainda: quem nunca se arrepiou ao ouvir o introito de um culto de Pentecostes executado por um coral de trombones?<sup>430</sup> É muito comum ouvirmos as pessoas falarem que determinada música toca o seu coração. Quando se trata, então, da união letra e música fica mais evidente um convite à transcendência. As músicas sem palavras, como no prelúdio instrumental, feito por um órgão ou um conjunto de cordas e sopros podem despertar uma reação espiritual nas pessoas. É possível que as melodias executadas favoreçam a expressão de emoções. Essa reação emocional não está ligada a nenhum pensamento teológico específico, mas é resultado de uma sensibilização por meio da música executada, é uma fatalidade que ocorre sem prévio conhecimento. É uma contemplação desinteressada que transcende o ser racional.

Agostinho confessou, no século V, o seguinte:

Como chorei abundantemente durante os Teus hinos e cânticos, profundamente comovido pelas vozes da Tua Igreja, que fala tão docemente” As vozes penetraram em meus ouvidos, e a verdade foi derramada em meu coração, de onde transbordou a agitação da minha piedade, e as minhas lágrimas correram, e ali eu fui abençoado.<sup>431</sup>

Souza reconhece que a música, ao ser apreendida pelos ouvidos e poros, junta-se à razão encontrando morada no coração. Cita Aristóteles que acreditava que “nada está no intelecto que não tenha passado primeiro nos sentidos”<sup>432</sup>. A música tem o poder de atrair as pessoas porque fala direto ao coração. Por sua dimensão transcendente, cria novas experiências e (re) elabora projetos de vida, constituindo-se como instrumento de libertação.

O evangelista D. L. Moody, do século XIX, afirmou que a música é um dos agentes mais eficazes para o bem e para o mal. Por conta dessa sua convicção, Moody deu grandes espaços para a música nas suas evangelizações em massa na

<sup>429</sup> SOUZA, Mauro Batista de. **Prédica e Música**. In: EWALD, Werner. (Org). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. Porto Alegre: coordenadoria de música da IECLB, 2010. p. 43.

<sup>430</sup> SOUZA, 2010, p. 43.

<sup>431</sup> HUSTAD, 1986, p.35.

<sup>432</sup> SOUZA, 2010, p.43.

Inglaterra e nos Estados Unidos entre os anos de 1873 e 1899. “Sob a direção musical de Ira D. Sankey, os cânticos evangelísticos daquela época se entrincheiraram firmemente como um dos veículos de evangelização”<sup>433</sup>.

Apesar de a Bíblia não mencionar abertamente a utilização da música pelos cristãos em sua propagação do evangelho pelo mundo conhecido da época, as epístolas do Novo Testamento apresentam muitos hinos cristológicos que, sem dúvida, eram utilizados para expressar a nova fé e, conforme Donald Hustad, eram possivelmente conhecidos em Éfeso, Corinto, Colossos em outras partes no século I. Hustad relata que na obra *The Gospel in Hymns* de Albert Edward Bailey é mencionada a história de Niceta de Remesiana que pregou o Evangelho no sudeste da Europa principalmente cantando hinos sobre a cruz.

Na segunda metade do século XX, T. W. Hunt<sup>434</sup> pesquisou sobre a música em missões e apresentou uma lista com as principais funções da música em missões, a partir do relato de diversos missionários:

1. Música é a expressão mais natural de alegria cristã; todos os cristãos cantam.
2. A música quebrou a barreira contra a manifestação das mulheres em algumas culturas.
3. A música atrai segmentos da população que são hostis ao cristianismo evangélico; o evangelho cantado, muitas vezes, dá ao evangelho pregado uma chance de ser ouvido.
4. A música tem um fator de velocidade em atrair a atenção; isto é experimentado por todo o mundo.
5. A música é uma ajuda em termos de relações públicas para a denominação e para o cristianismo evangélico. Ela frequentemente quebra barreiras que nada mais pode quebrar. Ela também amplia a esfera de influência das igrejas locais.
6. A música integra a mensagem cristã com a vida diária em muitas partes do mundo.
7. A expressão musical cristã pode suplantar um costume pagão.
8. A música é adaptável para ser usada em qualquer esfera de esforço missionário( trabalho com estudantes, trabalho médico, ensino, etc.).
9. A música ajuda a expressar e a entender a cultura. A expressão musical é uma das expressões mais importantes e características da natureza de uma determinada cultura.
10. A música funciona como artifício mnemônico que ajuda a memória a aprofundar o significado de um texto.<sup>435</sup>

O relevante relato dos missionários mostra que a música era compreendida como elemento fundamental e, até mesmo, norteador no que diz respeito à

<sup>433</sup> HUSTAD, 1986, p. 37.

<sup>434</sup> Importante autoridade em música nas missões estrangeiras, conforme Hustad, 1996, p.221.

<sup>435</sup> HUSTAD, 1996, p. 221.

propagação da fé cristã. A conclusão preliminar que chegamos, a partir desses relatos, é que a música tem um papel primordial para a missão, seja na criação de vínculos com determinada comunidade resistente ao evangelho, seja como instrumento para tranquilizar o aflito, seja no fortalecimento dos relacionamentos humanos e, ainda, na interação do evangelho com a vida diária das pessoas, a música revela-se como ação direta de Deus em favor da humanidade.

No caso específico da missão de Deus na periferia a música pode:

1. Ser fundamental no primeiro contato com determinada comunidade periférica com alto índice de violência. Nas comunidades de periferia é recorrente casos de assassinato, roubo e confronto de traficantes com a polícia. Por isso, de forma legítima, muitos se reservam o direito de nem passar perto daquela comunidade. No entanto, o Evangelho precisa ser anunciado. A música pode contribuir com o ajuntamento de um pequeno grupo de crianças que juntas formam os primeiros grupos de música na comunidade. Seja um grupo de flautas, um grupo de capoeira, roda de samba, etc. A partir da visibilidade desse trabalho e envolvimento dos próprios pais/mães, é possível a realização de um trabalho evangelístico mais sistemático naquela comunidade. É isso que é feito no Projeto Trilhos Sonoros.
  
2. A música, a partir de um repertório selecionado para aquela comunidade, pode ser a própria proclamação da Palavra de Deus, produzindo libertação e novas perspectivas de vida. Por meio da música aquela comunidade pode experimentar o amor e a misericórdia de Deus. Lutero recomenda o uso sistemático da música:

Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humildes os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados de ódio, (...) que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar? <sup>436</sup>

3. Reorganizar e fortalecer os vínculos familiares. A participação da criança ou adolescente em apresentações artísticas na comunidade e fora dela costuma ser uma aliada na (re) aproximação de casais e outros membros da família que

---

<sup>436</sup> SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música**: paradigmas de louvor. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p.14.

começam a acompanhar a criança em suas inserções artísticas. Isso favorece o estar juntos, o compartilhar experiências de reconstrução familiar. Essa (re) construção pode revelar-se como oportunidade de uma nova vida, em Cristo. Nos próximos tópicos apresentaremos exemplos reais dessa reconstrução a partir da música.

4. Oportunizar o desenvolvimento técnico em determinado instrumento. O domínio da técnica instrumental pode representar o início de uma preparação diaconal específica por meio da música. Não raras vezes encontramos relatos de músicos que iniciaram suas formações musicais e, posteriormente, começaram a frequentar determinado grupo musical cristão e servir a comunidade por meio da música.
5. Favorecer que a Palavra de Deus seja lembrada por meio das canções entoadas. Souza argumenta que “a maioria das pessoas pode não se lembrar da prédica que ouviu no culto, mas, certamente, se lembrará das músicas e hinos que cantou”<sup>437</sup>.

Georges Snyders argumenta que na relação entre a música e o divino, a música é percebida como testemunho de que, realmente, existe “outra coisa” anunciando que a experiência meramente terrena não encerra a totalidade daquilo que existe, que é real. Ao mesmo tempo, a música representa “uma via de acesso a este além e uma força de atração em direção a ele. Trata-se de um eco do divino, de uma incursão do divino”<sup>438</sup>. Snyders continua:

Os sons não parecem estar submetidos ao mundo material, parecem ressoar livres de todo o peso físico – seria isto presença do Espírito? A música tem outros recursos além da ordem dos limites da lógica – e é talvez por isso que dá a impressão de dirigir-se ao Ilimitado, ou mais ainda, de emanar dele. A força absoluta da música leva-nos a sentir que ela nos conduz ao absoluto: a alegria em música é tão diferente das outras alegrias que ressoa como apelo, aspiração, promessa do que seria a alegria extraterrena.<sup>439</sup>

---

<sup>437</sup> SOUZA, 2010, p. 44.

<sup>438</sup> SNYDERS, 2008. p.114.

<sup>439</sup> SNYDERS, 2008, p. 115.

Considerando essa força indômita e multidimensional da música, a educação musical desenvolvida na periferia para crianças e adolescentes em permanente risco social, pode constituir-se como instrumento da *missio Dei*. Nesses contextos, mesmo que a igreja enquanto instituição religiosa não esteja presente, de forma prática, o vento do Espírito sopra e produz transformação e libertação pela música. Esses lugares de violência e exclusão, onde o discurso de fé muitas vezes é assumido de forma proselitista e, em muitos casos, opressor, podem constituir-se como cenário para a libertação por meio da música.

A partir daqui é proposta uma reflexão mais atenta sobre a educação musical em contextos periféricos. Sugiro, então, que possamos pensar juntos/as numa educação musical que, além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e psicomotor, a aquisição técnica e a sociabilidade da criança, contribua com a inclusão dessa criança no Reino de amor, justiça e paz de Deus, oportunize a proclamação e o desenvolvimento dos valores desse Reino e promova profundas transformações naquele contexto urbano tão marcado pelo abandono e indiferença.

## **5.2 – A educação musical na periferia: o impacto da música na vida de crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social**

A música tem sido utilizada, em diversos projetos sociais, como forma de inclusão de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Seja em sua forma vocal, instrumental e/ou corporal, ela tem possibilitado a transformação social de comunidades periféricas, marginalizadas e esquecidas pelo poder público. Essa transformação social resulta da possibilidade que a música tem em dignificar o ser humano, despertando-lhe, em linhas gerais, para a sua capacidade de ser criativo, de viver harmoniosamente em grupo, de ser ouvido, de ser valorizado, de sensibilizar e de contribuir com a alegria de outras pessoas.

A ideia de transformação social está vinculada, diretamente, ao conceito de desenvolvimento transformador. Zeeland argumenta que, o conceito de desenvolvimento transformador “dialoga com o conceito de desenvolvimento humano. Um dos princípios básicos que fundamentam a compreensão de

desenvolvimento transformador é a centralidade da dignidade humana<sup>440</sup>. Para esta autora, o desenvolvimento transformador concentra-se nas pessoas como agentes de mudança<sup>441</sup>. A autora informa:

A concepção do desenvolvimento transformador foi adotada pela aliança ACT a partir de um processo participativo, partindo das práticas dos membros na área de desenvolvimento. A ACT é uma aliança de 140 organizações de base ecumênica e igrejas, que trabalham em 100 países com desenvolvimento, ajuda humanitária e incidência política. O conceito de desenvolvimento transformador está baseado nos valores cristãos de dignidade humana, justiça e equidade, e reconhece que todas as pessoas têm o direito e a capacidade de viver de forma justa, humana e digna em comunidades sustentáveis. O desenvolvimento transformador visa promover mudanças positivas e duradoras na vida das pessoas afetadas pela pobreza e pela injustiça, identificando-as como os principais atores da sua própria mudança.<sup>442</sup>

Nesse sentido, o fazer música coletivamente não representa apenas uma ação de desenvolvimento técnico, mas um meio de transcendência, libertação e desenvolvimento de habilidades sócioespirituais que não se encerram no apagar das luzes do teatro, mas permanecem na vida e repercutem na família e na comunidade em geral, tornando-se, assim, uma ação fundamental para o desenvolvimento humano. Sobre isso, Maria de Lourdes Sekef, escreveu o seguinte:

Por todo o seu alcance, a música vê-se dotada de um poder que beneficia a todos, [...]. Por essa razão, o trabalho musical bem planejado e o repertório musical bem selecionado sempre beneficiam o educando, resultando em desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual, educação do pensamento, educação dos sentimentos e consciência de cidadania.<sup>443</sup>

A educação musical na periferia, o executar um instrumento e, por meio dele, fazer os outros felizes; o ser aplaudido e valorizado na própria comunidade e fora dela reacende na criança a esperança de uma nova vida. Nesse sentido, a educação musical apresenta-se como forte ação solidária, de compromisso real com o outro. Ação que não se reduz, apenas, à inclusão em um grupo artístico-musical, nem a apresentações musicais, mas, sobretudo, desperta na criança a consciência de seu valor e da sua potência enquanto ser criado e cuidado por Deus. O fazer

---

<sup>440</sup> ZEELAND, Angeliqne J.W.M. van. Desenvolvimento transformador num contexto de mudança. In: BOCK, Carlos G; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nornberg. (Orgs.). **Fé e transformação: papel e relevância das organizações de base ecumênica**. – São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p.98.

<sup>441</sup> ZEELAND, 2016, p. 98.

<sup>442</sup> ZEELAND, 2016, p. 98.

<sup>443</sup> SEKEF, 2007, p. 85.

musical possibilita, ainda, que essas crianças estejam inseridas em outros cenários sociais e estejam em contato permanente com outras pessoas dos mais variados segmentos da sociedade. Essa multiplicidade de espaços sociais e de relacionamentos possibilita, por sua vez, o descortinar de novos horizontes que vão sendo visualizados de forma mais límpida a cada ensaio, aula ou apresentação.

Sofia Cristina Dreher afirma que a música auxilia as pessoas que foram marginalizadas e desacreditadas<sup>444</sup>. A partir da educação musical elas voltam a acreditar que podem proporcionar alegria a seus pais/mães e à comunidade, bem como podem ser queridos/as e admirados/as em seu meio social. Rose Satiko Gitirana Hikiji escreveu que:

É inegável que a *performance* pública do conhecimento adquirido mexe com o *performer*. Suas habilidades estão sendo exibidas para um público amplo, que pode incluir seus familiares, que até então só tinham ouvido tímidos ensaios individuais. Ao levar a público seu conhecimento musical, o jovem está indo lá e mostrando que é capaz.<sup>445</sup>

Crianças e adolescentes rejeitados/as pela sociedade vencem tão grande mal que lhes é imposto, com o bem (Rm 12. 21). Não raras vezes temos visto crianças e adolescentes pobres e excluídas demonstrando um grande virtuosismo em determinado instrumento e sensibilizando seus ouvintes. Por meio da música que fazem, seja individual ou coletiva, subvertem a ordem excludente que as tornam invisíveis e produzem alegria e transformação social. Isso porque na música ou para música o critério não é ser rico ou pobre, branco ou negro, pentecostal ou reformado, mas ser fiel mordomo dessa maravilhosa dádiva de Deus que é a música e usá-la como ferramenta de libertação. Vladimir Rodrigues Soares<sup>446</sup>, professor da Orquestra Villa-Lobos e ex-aluno desse projeto social situado na Lomba do Pinheiro, periferia de Porto Alegre, afirma o seguinte:

As aulas de música, os ensaios e as apresentações do clube de flautas eram as atividades que eu mais gostava. O tempo foi passando e cada dia

<sup>444</sup> DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. *In*: EWALD, Werner. (Org). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. Porto Alegre: coordenadoria de música da IECLB, 2010. p. 165.

<sup>445</sup> HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. **A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.p. 157.

<sup>446</sup> Vladimir Rodrigues Soares iniciou sua trajetória musical no projeto Villa- Lobos e logo se destacou como instrumentista, monitor e professor da orquestra. Mestre em música pela Universidade de Música de Stuttgart (Alemanha) sob a orientação do Professor Hans-Joaquim Fuss, Vladimir é uma referência como intérprete da flauta doce.

eu estava mais certo de que no futuro eu viveria de música. Hoje, como professor, músico profissional da área da música e, acima de tudo, ex-aluno da Orquestra Villa-Lobos, percebo que este trabalho musical é agente transformador na vida de seus integrantes.<sup>447</sup>

A fala do professor Vladimir revela o impacto da educação musical em sua vida e reforça a ideia de que a educação musical na periferia pode redimensionar a vida de crianças e adolescentes. O projeto sociocultural Villa-Lobos contribuiu significativamente com a construção de um novo caminho para o Vladimir. Para a educadora musical e professora de Vladimir, Cecília Rheingantz “a educação musical de qualidade é aquela que promove o aluno a cidadão”<sup>448</sup>.

Além de Vladimir, a professora da Orquestra Villa-Lobos Keliezy Conceição Severo iniciou seus estudos musicais na periferia e relata que o projeto foi marcante em sua vida e que seu desejo é contribuir com a construção de muitas outras histórias das crianças que chegam ao projeto para aprender música. A professora Keliezy diz o seguinte:

As vivências e experiências que passei dentro do Grupo de Flautas foram desde a formação musical aos valores humanos. Assim, a cada ano fui me motivando e me envolvendo cada vez mais com a música. [...] O projeto Orquestra Villa-Lobos, me projetou como profissional, me tornou uma pessoa sensível, responsável e íntegra.<sup>449</sup>

Além de competente instrumentista da Orquestra Villa-Lobos, a professora Keliezy exerce com dedicação e competência a função de professora das Oficinas de Flauta Doce atendendo, aproximadamente, 250 crianças nas oficinas de flauta. Para a professora, poder contribuir com o aprendizado musical das crianças e acompanhar a construção de suas histórias é uma grande realização. A professora Keliezy relata que através de sua história de vida acredita que a música “pode contribuir e transformar expressivamente a realidade e a vida das crianças e adolescentes da nossa comunidade”<sup>450</sup>.

A Orquestra Villa-Lobos é utilizada como referência neste trabalho por se tratar de um projeto realizado na periferia e, sobretudo, por ser um projeto de

<sup>447</sup> SOARES *apud* RHEINGANTZ, Cecília. (Org). **Orquestra Villa-Lobos: música que transforma.** Porto Alegre. EMEF Heitor Villa-Lobos, 2012. p. 21.

<sup>448</sup> RHEINGANTZ *apud* SOUTO, 2013. p.77.

<sup>449</sup> KELIEZY *apud* RHEINGANTZ, 2012, p.22.

<sup>450</sup> KELIEZY *apud* RHEINGANTZ, 2012, p.23.

inclusão social, por meio da música, plenamente consolidado na cidade de Porto Alegre e com profundos impactos na comunidade onde está inserido. O projeto Orquestra Villa-Lobos nasceu numa vila da periferia de Porto Alegre em 1992 com um pequeno grupo de crianças e adolescentes tocando flauta doce na EMEF Heitor Villa-Lobos e, conforme o Frei Luciano Bruxel, diretor do centro de promoção da criança e do adolescente São Francisco de Assis, esta ação social “é um projeto que transforma muitas vidas”<sup>451</sup>. Sofia Cavedon, vereadora de Porto Alegre afirmou o seguinte a respeito do projeto:

Quem ouve a Orquestra Villa-Lobos imagina uma enorme estrutura física, muito investimento, alunos selecionados numa “peneira” na cidade, os melhores de cada região, grande equipe de profissionais... tamanha a qualidade técnica, a quantidade e a diversidade de obras apresentadas, o sucesso e a popularidade que obteve. Mas não; com poucos recursos, pouquíssimos espaços, superando muitas e renovadas barreiras, a Orquestra alcançou uma dimensão só possível de calcular se observarmos o impacto na vida de centenas de crianças, adolescentes e jovens, na transformação da comunidade da Vila Mapa e na construção do conceito de educação integral, transformadora, libertária, que nasce e se recria.<sup>452</sup>

O impacto desse projeto realizado na periferia de Porto Alegre repercute ainda em outras falas. Como exemplo, a pesquisadora Virgínia Crivellaro Sanhotene relata que “a experiência proporcionada pela Orquestra transforma vidas de maneira irreversível, através do desenvolvimento de novas sensibilidades, vivências, competências e habilidades”<sup>453</sup>.

O impacto da música, contudo, não alcança apenas a criança, mas a família de um modo geral. A educação musical na periferia pode contribuir até mesmo com a união de famílias separadas ou em via de separação. Dreher escreveu que “observamos crianças que iniciam com aulas de instrumento na comunidade e acabam trazendo seus pais de volta para o convívio da mesma, por algum motivo anterior interrompido”<sup>454</sup>. Em entrevista realizada com os responsáveis por uma criança que integra a orquestra infanto-juvenil foi registrado o seguinte relato:

Augusto, tu sabe que quando eu te procurei pra colocar a minha filha no projeto, nós estávamos separando. Nós começamos a levar a nossa filha para os ensaios e apresentações e começamos a nos aproximar de novo. O

<sup>451</sup> RHEINGANTZ, 2012, p.23.

<sup>452</sup> RHEINGANTZ, 2012, p.34.

<sup>453</sup> RHEINGANTZ, 2012, p.75.

<sup>454</sup> DREHER, 2010, p. 154-155.

projeto foi usado por Deus pra salvar o nosso casamento. A gente jamais pensou que nossa filha tinha algum talento para música, mas quando ela começou a tocar e se destacar na música, aí a gente viu que tinha alguma coisa de Deus no projeto. A nossa filha não dava nenhum sinal de talento na música. Quando tu começastes a ensinar aqui no bairro nós procuramos logo colocar ela pra aprender música, mas não sabíamos que ela ia desenvolver tão rápido e isso chamou a nossa atenção. A nossa casa está sendo edificada a partir do projeto. Esse projeto tem dado fruto não só na questão da música, mas entre nós da família. Para mim, o bom é que minha filha tenha consciência disso e tenha consciência de amar a Deus e ao próximo.<sup>455</sup>

Para essa mãe, o impacto do Projeto Trilhos Sonoros repercutiu diretamente na sua família e produziu transformações significativas no seu relacionamento conjugal. Da mesma forma, essas transformações que ocorreram no seio familiar têm contribuído com o desenvolvimento da competência musical da pequena instrumentista que se destaca a cada ensaio. Isso acontece pelo fato de o bom relacionamento entre pais/mães e a interação pai/mãe/filha atuarem de forma motivacional para a criança. Bruner, afirma que:

Existem evidências consideráveis de que um dos meios mais cruciais de auxílio ao crescimento intelectual se dá através das interações entre pai/mãe e a criança, considerando-se que as interações não sejam ameaçadoras para o conceito de autoestima da criança.<sup>456</sup>

O impacto da educação musical pode ser percebido ainda no desenvolvimento satisfatório das relações interpessoais. Isso porque a educação musical favorece a construção de habilidades sociais<sup>457</sup> fundamentais para o convívio social, como: o respeito ao próximo, a cooperação mútua, o desenvolvimento da solidariedade, a disciplina e organização, o planejamento e a superação de eventuais dificuldades. Georges Snyders escreveu:

---

<sup>455</sup> Entrevista com responsável 01 de integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada no dia 22/02/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/integrante da orquestra. n° 01.

<sup>456</sup> BRUNER *apud* DAVIDSON, Jane *et al.* **Fatores ambientais no desenvolvimento da competência musical durante a vida.** Oxford: Oxford. 1997. p. 9.

<sup>457</sup> De acordo com Zilda e Almir Del Prette, as habilidades sociais (HS), constituem uma classe específica de comportamentos que um indivíduo emite para completar com sucesso uma tarefa social. Tarefas sociais podem incluir entrar num grupo de colegas, iniciar e manter conversação, fazer amigos, brincar com os amigos etc. DEL PRETTE, ZILDA A. P. e DEL PRETTE, Almir (Orgs). **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações.** Petrópolis: Vozes, 2009. p.19.

A aula de música constitui uma ocasião bastante privilegiada de colocar-se em uníssono com os outros, de escutar uns aos outros, com as habituais ressonâncias de conhecer-se, apreciar-se, aceitar-se.<sup>458</sup>

Os ensaios podem ser espaços emblemáticos onde o conteúdo musical pode ser utilizado para o desenvolvimento das habilidades sociais. A leitura de uma partitura de forma orientada com vistas ao desenvolvimento dessas habilidades é significativa na vida de uma criança com *déficits de sociabilidade*. O próprio fato de a criança ser ensinada a esperar por sua vez na interposição de uma determinada melodia que, somada a outras melodias, formará o arranjo musical de uma forma integral, ensina a criança a desenvolver a capacidade de escutar os/as outros/as e, mesmo com uma melodia diferente, ser integrada no todo. Isso ensina também o respeito ao próximo e a habilidade de ouvir, refletir e, então, posicionar-se frente a vários temas da vida. Teca de Alencar Brito ao relatar a experiência realizada pelo educador musical Koellreutter afirmou o seguinte:

Aprender a escutar, a dialogar, a controlar a ansiedade e esperar o momento certo para colocar uma ideia nova, assim como reconhecer que é possível melhorar a atuação sempre, em todos os níveis, demanda, esforço e dedicação. Nesse aspecto, a vivência do trabalho em grupo tornou-se, sem dúvida, experiência significativa e fundamental.<sup>459</sup>

O desenvolvimento dessas habilidades sociais ocorre no ensino coletivo de instrumentos e nos ensaios programados oportunizando que cada criança e adolescente construa um repertório de habilidades que repercutirão significativamente na sua vida adulta favorecendo uma inserção satisfatória não apenas no projeto, mas nos diversos grupos sociais em que transitar. Desde a afinação até o concerto, as ações desenvolvidas, a partir da educação musical em grupo, podem contribuir com a aquisição de um repertório social amplo. Assim sendo, inserir as crianças e adolescentes em grupos musicais pode ter um impacto social bem abrangente repercutindo não só na escola, mas na família e comunidade. O trabalho com essas habilidades, a partir da educação musical, pode ser responsável pela diminuição de eventuais transtornos para a criança e adolescente. Del Prette informa que:

---

<sup>458</sup> SNYDERS, 2008, p. 91.

<sup>459</sup> BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001. p. 73.

Praticamente todas as teorias do desenvolvimento humano abordam a questão da socialização e da importância das interações e relações sociais enquanto fatores de saúde mental e de desenvolvimento. Alguns autores como Bellack e Herse, (1977); Matson, Sevin e Box (1995), têm expressado preocupação com as consequências desenvolvimentais dos *déficits* de habilidades sociais em etapas formativas da vida do indivíduo, reconhecendo que eles podem comprometer fases posteriores do seu ciclo vital. Essa preocupação, é reforçada pelas evidências de correlação entre esses *déficits* e uma variedade de problemas psicológicos como a delinquência infanto-juvenil, o desajustamento escolar, o suicídio e os problemas conjugais, além de síndromes clínicas como a depressão e a esquizofrenia”.<sup>460</sup>

O objetivo deste trabalho não é ampliar a discussão sobre o desenvolvimento das habilidades sociais, no entanto, é preciso destacar que o impacto da educação musical na periferia pode ser percebido no desenvolvimento dessas habilidades entre crianças e adolescentes. Durante esta pesquisa, foi possível perceber que alguns comportamentos antissociais trazidos pelas crianças e adolescentes eram decorrentes de uma série de fatores vividos na própria comunidade onde as crianças residem e nas famílias onde estão integradas. Casos de agressão física, elevação da voz como forma de intimidação, desrespeito aos colegas com ofensas e palavrões, falta de disciplina nos ensaios e apresentações, comprometendo a concentração dos/as colegas, timidez, dificuldade em administrar as emoções, dificuldades em aceitar a opinião do outro, foram comportamentos perceptíveis no decorrer desta pesquisa durante as atividades do projeto. Esses comportamentos, conforme Del Prette, decorrem de uma multiplicidade de fatores que interagem e potencializam efeitos negativos a curto, médio e longo prazo, caracterizando uma trajetória de risco. Del Prette destaca ainda que:

Em curto prazo, podem gerar rejeição dos colegas e dos adultos, baixo rendimento acadêmico ou indisciplina. A médio e longo prazo, tais comportamentos podem aumentar a probabilidade de fracasso escolar, evasão, delinquência, drogadição, alcoolismo, participação em gangues, criminalidade e finalmente, dependência das instituições sociais de assistência e maiores taxas de morte e doença.<sup>461</sup>

---

<sup>460</sup> DEL PRETTE, Zilda A.P. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 17.

<sup>461</sup> DEL PRETTE *apud* SOUTO C.A.P. **Igreja e Intervenção Social em Belém: o desenvolvimento das habilidades sociais através da educação musical com crianças em estado permanente de risco pessoal e social no bairro do Benguí**. 59 f. Especialização (Ciências da Religião) – Faculdade Teológica Batista Equatorial – FATEBE, Belém/Pa. 2012. p. 34.

Assim, a inclusão da criança e do adolescente em outros grupos sociais, onde as habilidades sociais sejam efetivamente vivenciadas, oportunizarão uma ampliação significativa dessas habilidades e a construção de relacionamentos interpessoais satisfatórios. Isso porque essa diversidade de interlocutores e de novas referências possibilitam à criança e ao adolescente o exercício de novos papéis e habilidades sociais. Del Prette enfatiza que “a vivência de situações extrafamiliares impõe, a todo instante, novos desafios interpessoais”<sup>462</sup>. A criança, conforme, Del Prette, “precisa adaptar-se a novas demandas sociais, a diferentes contextos, a novas regras, com papéis bem definidos, necessitando, portanto, de um repertório ampliado de comportamentos sociais”<sup>463</sup>.

A educação musical na periferia pode representar para a criança um novo contexto, onde novas demandas sociais lhe são apresentadas e um novo repertório social é construído. Por isso, essa educação pela música constitui-se de fundamental importância para crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social, pois pode representar para as mesmas o desenvolvimento de novas habilidades sociais capazes de romper com um ciclo de comportamentos antissociais e, ao mesmo tempo, oportunizar novas inserções em outros grupos sociais.

A amplitude das questões tratadas neste tópico indica que a educação musical realizada na periferia pode ser impactante para as crianças e adolescentes, do ponto de vista do desenvolvimento das habilidades sociais, no entanto, é necessário que o/a educador/a musical compreenda que não basta apenas inserir as crianças em atividades musicais programadas. É preciso que esses/as educadores/as possam encaminhar procedimentos que vão de encontro a esses *déficits* sociais trazidos pelas crianças. Para que isso ocorra é necessário um envolvimento mais efetivo e prático com as crianças, bem como um olhar mais atento para a multiplicidade de demandas antissociais que contribuem negativamente para a formação das mesmas. É preciso lembrar que atrás de um instrumento ou técnica existe um ser humano com todas as peculiaridades que o constituem. Trataremos mais amiúde sobre isso no próximo tópico.

---

<sup>462</sup> DEL PRETTE, 1999, p. 21.

<sup>463</sup> DEL PRETTE, 1999, p. 21.

### **5.3 – O educador musical em missão na periferia: a educação musical a serviço da *missio Dei***

Quando o educador musical se propõe a desenvolver um trabalho na periferia, com crianças e adolescentes, ele precisa estar consciente de que será integrado num contexto urbano perverso e opressor. À medida que esse educador vai se relacionando com a comunidade, uma nova demanda degradante é descortinada. São demandas sociais que, em geral, não são trabalhadas em sala de aula, portanto, é no próprio contexto, a partir das relações sociais estabelecidas na periferia, que o educador musical conhecerá as diversas situações e construirá possíveis caminhos que orientarão na tomada de decisões que favoreçam essa comunidade.

Contudo, é preciso destacar que a vivência na periferia, a partir dos vínculos criados, requer do educador musical um objetivo claro em sua atuação. É preciso que o próprio educador musical em missão saiba o porquê de sua atuação naquele lugar. Da mesma forma, é imprescindível que a comunidade reconheça o educador musical, não apenas como um professor de música que ensina algumas melodias, toca e vai embora, mas como um amigo confiável a serviço da comunidade, com o qual se possa contar nos momentos de dificuldades e construção de sonhos. Assim, o educador musical em missão atua como professor de música, procurando capacitar as crianças e adolescentes para o fazer musical, mas, sobretudo, serve-se das diversas circunstâncias para a proclamação do Reino de Deus.

Cada criança traz consigo uma história de vida marcada fortemente pelo contexto em que está inserida. Em se tratando especificamente de crianças da periferia, é preciso que o/a educador/a musical em missão compreenda que o desempenho satisfatório, nas atividades propostas, bem como o estabelecimento de relações interpessoais sólidas serão conquistadas a partir de uma relação confiável entre educador/a e aluno/a e educador/a e família do/a aluno/a. É importante que, além de criar fortes vínculos com a criança, o/a educador/a aproxime-se da família.

Nessa relação é preciso demonstrar, de forma prática, a disposição em estar ao lado desse/a aluno/a e de sua família como amigo/a que conhece as dificuldades que o/a mesmo/a vive em seu ambiente familiar e social e que procura unir-se a ele/a na resolução dessas demandas que comprometem não apenas o aprendizado musical, mas o convívio social e os seus direitos enquanto cidadão/ã.

Algumas crianças que chegam aos projetos sociais trazem consigo um histórico familiar bastante complexo e revelam, no decorrer das aulas, algumas dificuldades de aprendizagem e relacionamento. Nesses casos, é imprescindível se aproximar da família e conhecer um pouco mais sobre a realidade em que vivem os seus membros. A leitura social da família e de todo o contexto circundante possibilita entender o porquê das dificuldades da criança. São recorrentes os casos, na periferia, de crianças com famílias em permanente conflito. Nos projetos sociais essas crianças podem viver uma outra ideia de família. É nesses projetos que, em muitos casos, elas têm o primeiro contato com o conceito de solidariedade, de respeito, tolerância, cooperação, entre outros que vão contribuir com sua formação. Por isso, é fundamental que o educador musical em missão construa sua forma de atuação, ou seu plano de ensino, considerando não apenas os conteúdos musicais, mas, sobretudo, privilegie esses conceitos.

Em geral, os casos bem presentes nas comunidades periféricas são os seguintes: violência doméstica, histórico de abuso sexual na família, ausência do pai que está preso por envolvimento com o tráfico, ausência da mãe que passa a maior parte do dia no trabalho, condições de higiene e conforto precários, baixa escolarização de pais/mães, entre outros. A partir dessa leitura do contexto é possível compreender de uma forma mais holística aquela criança que chega ao projeto e, assim, redimensionar a sua participação nas atividades.

Crianças que apresentam histórico de baixa autoestima, violência doméstica e ausência dos pais, em geral, respondem negativamente às cobranças técnicas feitas pelo/a educador/a musical. É preciso exercitar a empatia frequentemente a fim de perceber a situação que a criança vive naquele momento. Dreher, ao comentar sobre o papel dos profissionais da música na reconstrução de relações verdadeiras e sólidas, recomenda que o primeiro passo seja observar as pessoas com as quais estamos envolvidos em determinado trabalho. A observação, sugerida por Dreher, expressa a necessidade de um envolvimento prático com a dor do outro. Se algo não vai bem em casa, na escola, na vizinhança ou com suas próprias emoções, obviamente esse/a aluno/a terá dificuldades em avançar nas atividades relacionadas à música, bem como apresentará dificuldades para um relacionamento mais sólido. Dreher continua afirmando que:

Quando um membro do coral ou do grupo instrumental, não consegue seguir em frente, devemos parar e refletir o que está impedindo que ele o faça. Isso exige de nós profissionais que tenhamos um conhecimento maior sobre os locais em que esse sujeito está inserido. Ele cresceu em meio à dor ou sua família convive em um ambiente harmonioso? [...] Existe algum parente adoentado? Essa “investigação” pode parecer trabalhosa, mas é de fundamental importância para o entendimento daquele ser com o qual estamos trabalhando, convivendo. Diversos teóricos afirmam que, para entender verdadeiramente um sujeito, precisamos juntar esses diversos “papéis” que ele exerce e procurar juntar essas diversas cenas nas quais ele vive e convive. Vivemos em uma teia de relações – a teia da vida- , ou seja, tudo está interligado. Se estamos passando por dificuldades no meio familiar, isso irá interferir em nosso trabalho, por mais cuidado que tomemos. Da mesma forma, as pessoas com as quais convivemos também serão afetadas pela angústia que estamos passando. Por esse motivo, precisamos conhecer um pouco mais sobre a dinâmica das pessoas com as quais estamos trabalhando em nossa comunidade.<sup>464</sup>

O envolvimento efetivo com o/a aluno/a e sua respectiva família norteará as ações e posturas do educador musical. Um exemplo bastante marcante na minha trajetória de educador musical foi o dia em que questionei alguns alunos de outro projeto social sobre a presença efetiva dos pais nas reuniões para tratarmos assuntos referentes às nossas programações do ano. Ao perguntar a uma criança sobre a ausência do pai, ela me respondeu: “o meu pai já morreu.” Aquela resposta, dada por uma criança órfã, me deu a noção exata da realidade em que eu estava inserido. Essa mesma criança, no decorrer de seu envolvimento com o projeto, evidenciou um comportamento bastante violento, chegando a bater em outra aluna com uma flauta e a gritar em tom de ameaça para seus colegas. Comportamentos como esse evidenciam um *déficit* de habilidades sociais para lidar com as crises de relacionamento que ocorrem frequentemente num grupo social. Isso precisa ser trabalhado sob pena de repercutir significativamente na vida adulta dessa criança.

O/A educador/a musical em missão precisa estar atento para essas realidades. Suas ações precisam fortalecer os vínculos familiares e oportunizar uma mudança de comportamento da própria criança no convívio familiar que resulte numa mudança comportamental da própria família em relação a todos os seus membros. Por isso, é fundamental que na aula de música ou mesmo no ensaio do grupo, o educador musical em missão perceba as nuances de cada criança e seja capaz de produzir uma ação emblemática não necessariamente do ponto de vista musical, mas no que diz respeito ao tratamento de situações trazidas de casa, pelas crianças. É plenamente possível produzir musicalmente e, ao mesmo tempo, criar

---

<sup>464</sup> DREHER, 2010. p. 159.

um ambiente que favoreça a reflexão sobre situações vividas na família e até mesmo no contexto da periferia, como: violência, falta de amor, respeito, solidariedade e outros temas imprescindíveis para o desenvolvimento da criança.

A orquestra infanto-juvenil do Projeto Trilhos Sonoros sempre executa uma música chamada “Cativar”. Essa música é tocada e cantada com as crianças pela linda mensagem que traz. Sua poesia é um convite à solidariedade, amor ao próximo e compaixão. Ela diz o seguinte:

Uma palavra tão linda  
 Já quase esquecida me fez recordar  
 Contendo sete letrinhas e  
 Todas juntinhas se lê cativar

Cativar é amar  
 É também carregar  
 Um pouquinho da dor  
 Que alguém tem que levar

Cativou disse alguém  
 Laços fortes criou  
 Responsável tu és  
 Pelo que cativou

Num deserto tão só  
 Entre homens de bem  
 Vou tentar cativar  
 Viver perto de alguém.<sup>465</sup>

O impacto dessa canção na vida de uma criança é muito mais forte do que podemos imaginar. A palavra cantada, junto com as notas que soam, a partir de seu instrumento, repercute para além da sua própria execução. A canção fixa na mente da criança e pode funcionar como princípio normativo para sua conduta social. Uma das crianças do projeto, de apenas 07 anos, fez o seguinte comentário enquanto tocávamos essa música: “sor, essa música é muito linda. Nunca eu vou esquecer ela”<sup>466</sup>. Não sei o que se passou na mente daquela criança enquanto executávamos a música, mas o fato é que, de alguma forma, aquela canção encontrou um lugar

<sup>465</sup> Música Cativar. Grupo Arte Nascente. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gan-grupo-arte-nascente/cativar-2.html>. Acesso em 25/10/2016.

<sup>466</sup> Conversa informal com aluno da oficina de flauta doce registrada em diário de campo, no dia 21/02/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Diário de Campo/Conversa informal nº 16.

especial em seu coração. Algumas conjecturas, no entanto, são possíveis: aquela criança vive em um contexto familiar onde a violência é corriqueira. Por várias vezes essa criança presenciou cenas de violência e de morte onde mora. Quando se fala em “Cativar”, “Cativar é amar”, “viver perto de alguém”, “carregar um pouquinho da dor do outro” é possível que essa criança tenha enxergado um novo mundo e uma possibilidade real de viver nesse novo mundo. O comentário dessa criança responsabiliza-nos, enquanto educadores musicais em missão, a dar as mãos a ela e caminhar ao encontro desse mundo. É importante que o educador musical em missão se perceba como parceiro de caminhada dessas crianças e de suas famílias. A educação musical em missão é a forma de caminhar com essa comunidade. Todos/as são acolhidos/as e convidados/as a caminhar nos trilhos da educação musical para um encontro real com Cristo, o Senhor dessa Comunidade Espiritual. Por isso, não há espaço, nessa educação, para avaliações técnicas excludentes e nem para formação de grupos de “vacionados”.

### **5.3.1 – A educação musical em missão:** uma educação para a vida e não apenas para a aquisição técnica

Um dos problemas da educação musical tecnicista é considerar o/a aluno/a apenas pelas respostas musicais que ele/a pode dar, sem considera-lo/a de forma integral, valorizando-o/a como ser humano independente do seu pronto retorno no que diz respeito ao domínio técnico-musical. Maurice Martenot propõe o desenvolvimento integral do ser humano pela música. Martenot entende o ensino e a aprendizagem da música, como “área do conhecimento que envolve e desenvolve o ser humano em sua totalidade”<sup>467</sup>. A música, enquanto arte, deve repercutir no todo e não em partes específicas. O próprio conceito de arte aponta para a integralidade do ser humano. Ernst Fischer, escreveu que: “a arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total”<sup>468</sup>. Este autor continua dizendo que “a arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não

---

<sup>467</sup> FIALHO, Vânia Malagutti, ARALDI, Juciane. Maurice Martenot: educando com e para a música: In MATEIRO, Teresa. ILARI, Beatriz. (Orgs.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011, p. 159.

<sup>468</sup> FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. São Paulo. Círculo do livro, 1959. p. 57.

só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade”<sup>469</sup>.

A educação musical em missão em todos os seus aspectos precisa ser inclusiva. Diferente da educação musical tecnicista, a educação musical em missão, embora se utilize da técnica musical, não usa essa técnica como critério último para a inclusão da criança nas atividades propostas. Portanto, é preciso que o educador musical em missão tenha plena consciência que algumas crianças apresentarão dificuldades na execução instrumental ou mesmo na decodificação musical. Isso, no entanto, não deve servir como elemento de exclusão, mas como elemento norteador para a produção de caminhos alternativos pelos quais essa criança possa trilhar e descobrir-se como ser capaz e plenamente acolhido naquele meio social. Para Eliana Cristina Caporale Barcellos,

A visão tecnicista, ainda presente no âmbito escolar, na qual os conteúdos são compartimentados e sem sentido, acaba por gerar dificuldades para o desenvolvimento de uma prática educativa, que estimule educandos e educandas a pensar de forma reflexiva e crítica.<sup>470</sup>

Para a autora, é importante que se considere “a possibilidade de uma educação que contemple não só a técnica, mas também princípios humanizadores que promovam o desenvolvimento de profissionais éticos e justos, para uma sociedade em mudanças”<sup>471</sup>. Para José Heber de Souza Aguiar,

Num mundo plural como o que vivemos, com tantos direcionamentos que interferem na formação dos seres humanos, a educação tem especial relevância e deve, assim, estar atenta aos movimentos que atuam na formação humana, primando por perspectivas que atendam a interesses sociais amplos, solidários e coletivos.<sup>472</sup>

Uma educação musical em missão trabalha com o pressuposto de que atrás de um instrumento está um ser humano que precisa, primeiramente, estar bem, sentir-se acolhido e valorizado. Como aprender a tocar um instrumento se a família

<sup>469</sup> FISCHER, 1959. p. 57

<sup>470</sup> BARCELLOS, Eliana Cristina Caporale. Currículo: valores e princípios para uma formação cidadã. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, V3, 2016. p.119. Disponível em <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/749/462>. Acesso em 06/06/2017.

<sup>471</sup> BARCELLOS, 2017, p. 121.

<sup>472</sup> AGUIAR, José Heber de Souza. Educação emancipadora e docência: desafios. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/764/480>. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. p. 225. Acesso em 06/06/2017.

está desajustada, a autoestima está em permanente baixa e as perspectivas para o futuro são cada vez mais pessimistas? Muitas crianças procuram os projetos na periferia como forma de sair de uma rotina opressora em que vivem. Por isso, esses projetos precisam estar mais preocupados com o ser humano de uma forma integral do que simplesmente com o desenvolvimento de uma determinada técnica musical.

Na formação acadêmica do educador musical, no entanto, há um considerável *déficit* desses conteúdos afetivo-espirituais. A ideia de amor ao próximo, cuidado e ternura não são conteúdos sobre os quais se debruçam professores e alunos das licenciaturas em música no Brasil. Esses conteúdos não cabem nos programas acadêmicos e nem são estimulados pelos/as professores/as. Cada vez mais esses conteúdos são sufocados pelos conteúdos tecnicistas. Luís Carlos Restrepo, quando discorre sobre o direito à ternura, afirma o seguinte:

Os professores atuam como autênticos marechais de campo, seja no momento de enunciar sua verdade ou quando se aprestam a qualificar a aprendizagem. Desde as precoces experiências da escola, adentra-se a criança num saber de guerra que pretende uma neutralidade sem emoções, para que adquira sobre o objeto de conhecimento um domínio absoluto, igual ao que pretendem obter os generais que se apossam das populações inimigas sob a divisa de terra arrasada. A ciência, com seu esquematismo alienado da dinâmica vital, nos fez crer que só podemos conhecer o outro decompondo-o, [...] metodologia que aplicamos diariamente tanto na pesquisa biológica como na social, estendendo-a além disso à vida afetiva e à nossa relação com os outros. O que resta, no final de um período de formação acadêmica, não é só um conjunto de conhecimentos, mas também, e de maneira muito especial, um conjunto de hábitos, de escrúpulos morais e comportamentos rotineiros que acabam exercendo um grande poder de regulamentação cognitiva sobre o educando.<sup>473</sup>

A formação em educação musical, ávida por esgotar um programa de ensino eivado de conteúdos sem muito sentido vivencial para o aluno, acaba por reduzir a educação musical à educação de habilidades para as quais uns servem mais do que outros. Dessa forma, os conteúdos mais ligados à afetividade são desprezados, afinal, para a concorrência no mundo do trabalho o que vale não são os conteúdos afetivos que o/a aluno/a possui, mas a capacidade de responder satisfatoriamente às exigências reais do mercado, que não inclui a afetividade. Assim, Restrepo conclui que:

---

<sup>473</sup> RESTREPO, Luís Carlos - **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 14-15.

Sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros, campo em que qualquer uma das culturas chamadas exóticas ou primitivas nos supera de longe.<sup>474</sup>

Quando as crianças procuram pelos projetos sociais na periferia, não objetivam, necessariamente, o domínio da linguagem musical num primeiro momento, mas buscam por novas e marcantes experiências. O que as crianças querem, inicialmente, é relacionarem-se com outras crianças. A música, nesse sentido, é o elemento que possibilita o estar juntos/as. Sobre isso, John Sheperd escreveu que: “as pessoas aprendem música para relacionarem-se, para estarem juntas”<sup>475</sup>.

É nesse sentido que a educação musical em missão pode ser compreendida: como forma de oportunizar que as crianças vivam profundas transformações na família e na comunidade em geral por meio de atividades musicais. Sherron Key George afirma que “A missão de Deus converte e transforma indivíduos, igrejas, comunidades, estruturas sociais, o mundo e toda a criação”.<sup>476</sup> A educação musical, como instrumento da *missio Dei* deve promover essas transformações no seio da comunidade. “Assim, reconciliação, solidariedade desenvolvimento comunitário são componentes essenciais da missão”<sup>477</sup>. Portanto, uma educação musical que promova o descomprometimento com o outro, a indiferença aos problemas sociais da comunidade e a busca hedonista pela autopromoção acadêmica e/ou social em detrimento do bem-estar coletivo, não contribui com a transformação social, mas estimula o individualismo e a injustiça social.

É fundamental que o educador/a musical em missão compreenda que o objetivo final de sua inserção na periferia não é necessariamente a formação de orquestras ou grupos correlatos muito embora isso, provavelmente, ocorra porque o processo de criação de vínculos por meio da música oportunizará o desenvolvimento de habilidades musicais entre as crianças, no entanto, o que será emblemático para

---

<sup>474</sup> RESTREPO, 2000, p.19.

<sup>475</sup> Palestra ministrada por John Sheperd por ocasião do II Simpósio Brasileiro de pós-graduandos em música – SIMPOMM, *apud* SOUTO, 2013, p. 55.

<sup>476</sup> GEORGE, 2006, p. 120.

<sup>477</sup> GEORGE, 2006, p. 120.

a vida dessas crianças e de suas respectivas famílias é a experiência com uma transformação mais abrangente que repercute em todas as áreas de sua vida.

Como educador musical cristão tenho constatado, ao longo de 20 anos de atuação como docente no curso de Licenciatura Plena em Música, que a configuração social da periferia associada à formação do educador musical no Brasil tem contribuído para um esvaziamento de ações práticas naquele cenário urbano. Ao que parece, isso ocorre porque a formação acadêmica do educador musical visa o mercado e não o ser humano. O objetivo da educação musical brasileira limita-se a uma formação de habilidades musico-pedagógicas em detrimento de uma formação mais integral que possa, de forma efetiva, produzir transformação no contexto onde está inserida e promover os alunos a cidadãos. Marta Herr, ao comentar sobre a formação de um músico, afirma o seguinte: “a grande falha do sistema de educação musical é a de criar tocadores de instrumentos e não músicos com uma formação abrangente”<sup>478</sup>.

Quando o educador musical cristão se compreende como colaborador da *missio Dei* e atende ao chamado de proclamar o Reino de Deus a todas as pessoas, suas habilidades musicais e formação acadêmica são colocadas à disposição do Reino. Não obstante toda a orientação tecnicista que o educador musical brasileiro recebe, bem como a necessidade premente de um engajamento no mercado de trabalho, há que se orientar os educadores musicais cristãos a respeito de uma educação musical que sirva aos propósitos do Reino e não reforce a exclusão social.

Ao longo de minha caminhada de educador musical cristão tive o contato com diversas comunidades periféricas extremamente carentes e violentas. De norte a sul do Brasil desenvolvi projetos missionários por meio da educação musical. Nesses projetos tive contato com crianças e adolescentes e suas respectivas famílias que viram a música como forma de viver um momento diferente em suas vidas. Essas crianças queriam viver algo novo, encontrar pessoas novas, fortalecer relacionamentos e sonhar com novas perspectivas de vida. Essas experiências me mostraram a necessidade de uma (re) orientação teológico-missionária para os educadores musicais cristãos na periferia. Uma (re) orientação que apresente a

---

<sup>478</sup> HERR, Martha. A formação de um músico. In: SUZIGAN, Geraldo de Oliveira; SUZIGAN, Maria Lúcia Cruz. (Orgs). **Educação Musical**: um fator preponderante na construção do ser. São Paulo: CRL Balieiro, 1996. p.36.

música como uma forma privilegiada de anunciar uma vida abundante em Cristo a essas comunidades.

Essa (re) orientação passa pelo entendimento de que o saber musical a partir de uma educação musical inclusiva e missionária, não deve centrar seus esforços no adestramento de pessoas para o domínio técnico-performático, mas deve cativá-las e uni-las em torno de um ideal libertário. Quando digo que o saber musical não deve adestrar as pessoas, me refiro à ideia, muito presente nesse tempo do espetáculo performático, de uma formação tecnicista que, pelo seu rigor, acaba por excluir aqueles/as ditos/as não vocacionados para a música. Para Maurice Martenot, o ensino da música “não pode ser reservado a uma parcela da sociedade que possui um desempenho musical acima da média e que, com pouco estudo, chega a um nível profissional”<sup>479</sup>. Para Martenot, a educação musical é para todos/as, bem como é preciso investir nessa arte, entendendo-a como possibilidade real de o ser humano ter qualidade de vida. É importante enfatizar que essa qualidade de vida não está ligada, necessariamente, ao processo de mecanização musical, mas, exatamente, a uma subversão de formas de mecanização capaz de envolver um desenvolvimento mais abrangente do ser social e espiritual. Assim, a educação musical em missão deve estar atenta para não incorrer no equívoco de priorizar processos de mecanização em detrimento de processos humanizadores capazes de provocar verdadeiras e emblemáticas transformações na vida da criança. Alberto B. Souza, afirma que:

A educação é um fenômeno global e não parcial, por a criança – objeto da educação – ser um ser total, único, holístico. Ela não é composta por uma série de pequenas partes, como uma manta de retalhos, não podendo por isso a educação ser reduzida a uma série de disciplinas curriculares separadas (com maior ou menor ligação interdisciplinar), unicamente voltadas para a transmissão do saber, olvidando a formação do ser. Deste modo, em vez de um ensino de música, a educação pela música procura utilizar esta como meio, como método de formação global. [...] O objetivo final não é ser um bom músico, mas o ter uma personalidade equilibrada.<sup>480</sup>

Ampliando a discussão de Sousa, podemos considerar que a educação musical em missão deve focar na criança e no estabelecimento de relacionamentos sociais que favoreçam uma participação cidadã equilibrada e comprometida com Deus e com o próximo. E, ainda, que essa educação pela música favoreça a

---

<sup>479</sup> FIALHO, 2011, p. 159.

<sup>480</sup> SOUSA, 2003, p. 20.

construção de novos relacionamentos e a criação de uma rede de solidariedade. Não estamos propondo, com isso, que os aspectos técnicos da formação musical sejam prescindidos, mas que eles não representem o critério último para inclusão. A bem da verdade, não há como separar a técnica da educação musical. Elas caminham juntas. O problema está em tornar a técnica o alvo a ser alcançado. Sousa enfatiza que “o objetivo da educação pela música é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento da sua personalidade”<sup>481</sup>. Calvani observa que, para Tillich, “a razão técnica, apesar de competente em aspectos lógicos e metodológicos, desumaniza o homem quando separada da razão ontológica”<sup>482</sup>. Discorrendo sobre a observação de Tillich, Calvani afirma que “a própria razão se empobrece e se corrompe quando não se nutre continuamente da razão ontológica”. Assim, é preciso compreender o ser humano de forma holística e a educação musical como fenômeno multidimensional capaz de repercutir não apenas na dimensão da razão técnica, mas na razão ontológica<sup>483</sup>.

Em minha trajetória pela periferia, tive a oportunidade de presenciar pais que traziam seus filhos para o projeto, mas com receio de não serem acolhidos por conta de alguma deficiência do/a filho/a. Entre os vários casos, lembro-me de um recente, quando uma criança com apenas um dedo na mão esquerda chegou para participar das aulas. A inclusão de uma criança com apenas um dedo na mão esquerda, em uma oficina de flauta doce, não é uma tarefa fácil. No entanto, o que está em jogo não é, necessariamente, se aquela criança vai ou não conseguir tocar algumas notas e se apresentar no recital como as demais crianças, mas se ela conseguirá superar aquela deficiência e viver de forma digna. O educador musical em missão precisa ter um olhar para além da *performance*. É claro que essa criança pode ser inserida no ensaio e apresentações desde que o educador musical contribua para que ela própria busque formas alternativas de tocar a flauta no grupo. Foi exatamente assim, buscando formas alternativas, que a criança com apenas um dedo, conseguiu ser inserida nas atividades de ensaios e apresentações.

O rigor técnico-musical é excludente porque busca pessoas em perfeitas condições para o domínio instrumental. Crianças com deficiência física ou mental,

---

<sup>481</sup> SOUSA, 2003, p. 18.

<sup>482</sup> CALVANI, 1998, p. 82.

<sup>483</sup> Para Tillich, conforme observado por Calvani, a razão ontológica é a estrutura da mente que a capacita a abarcar e transformar a realidade e pode ser definida como estrutura capaz de compreender e estruturar essa realidade. p. 82.

problemas de comportamento agressivo e *déficit* de atenção não são, em geral, as crianças alvo da educação musical tradicional. Muito embora programas sazonais sejam realizados com esse público, a educação musical brasileira ainda prioriza os ditos “com aptidão musical”. Nessa perspectiva, a educação musical na periferia apenas reforça a ideia de exclusão limitando o acesso ao aprendizado musical. No entanto, a educação musical que serve aos propósitos do Reino busca alcançar a todos/as sem, necessariamente, pensar em resultados performáticos espetaculares e imediatos. Ao invés disso, a educação musical em missão procura contribuir para que o/a aluno/a protagonize a sua própria construção enquanto sujeito.

A metodologia do Projeto Trilhos Sonoros é integralmente inclusiva. Todas as crianças e adolescentes que procuram pelo projeto são incluídos desde o primeiro dia. A criança senta junto às crianças mais experientes, brinca na hora de lazer com as outras crianças e participa do lanche com todos/as. Ao participar do ensaio, mesmo em caráter de ouvinte, a criança estabelece novos relacionamentos, ouve as melodias ensaiadas educando, assim, a percepção auditiva e potencializando a memória musical; participa de apresentações do grupo; é valorizada quando veste o mesmo uniforme das crianças mais antigas no projeto; é aplaudida como se já estivesse há muito tempo no grupo e observa e analisa todas as orientações dadas pelo educador. Tudo isso contribui para que essa criança construa fortes relacionamentos no projeto e esteja, de forma efetiva, vinculada às atividades. Outrossim, essa forma inclusiva facilita o aprendizado de aspectos técnicos pelo fato de a criança não se sentir menor que os demais. Ao longo de sua trajetória no projeto ela própria vai descobrindo o seu papel no grupo e sua capacidade para aprender música.

Temos um caso bem emblemático de um aluno que iniciou nessas condições: participou como ouvinte das aulas, interagiu com os/as demais colegas, foi incluído nas aulas de flauta doce, demonstrando habilidade no instrumento, iniciou no estudo do violino e atualmente é monitor das aulas de flauta doce. Ao conversar com sua mãe, registrei o seguinte relato:

O meu filho tem o sonho de dar aulas de música. Depois que ele começou a aprender flauta e violino ele não quer mais parar. Semana passada ele tava tocando o começo da música de casamento pra tocar na igreja para a prima dele. Ele nunca aprendeu essa música no projeto. Eu não sei como esse

guri pega essas músicas! Ele diz que depois que ele aprender bem ele vai ajudar outras crianças e ainda vai fazer eu me orgulhar dele.<sup>484</sup>

O depoimento dessa mãe é comovente e, ao mesmo tempo, chamou-me a atenção para o fato de que a metodologia inclusiva, utilizada no projeto, deu ao aluno condições, não apenas de construir novos relacionamentos e ser valorizado entre seus pares e familiares, mas de perceber-se como ser capaz. Isso faz a diferença para uma criança pobre da periferia que, por possuir um problema de estrabismo, sofreu, conforme relato da mãe, várias situações de *bullying* na escola, o que resultou numa baixa autoestima e comportamento agressivo, conforme relata a mãe:

Ele não é um menino de estar na rua, mas ele se sentia muito só em casa e as vezes ficava muito irritado. Eu acho que os coleguinhas mexiam com ele por causa do problema dos olhos dele, né? Mas lá no projeto ele não quer faltar nem um dia, porque ele gosta de lá e ninguém fica perturbando ele. Ele adora tá no projeto e disse que as pessoas ainda vão ver ele num palco tocando muito. É o sonho dele. Agora, quando tá irritado, ele pega o violino e se tranca no quarto, daí a gente nem incomoda ele. Melhor tá aqui tocando do que tá fazendo besteira na rua, né?<sup>485</sup>

Assim, importa considerar que a educação musical tradicional e toda sua estrutura funcional reflete um mundo muito diferente daquele que está bem perto de nós, na periferia. Essa educação musical contribui com a criação de uma ideia segregacionista que acaba impedindo a universalização do aprendizado musical e, até mesmo, o exercício da cidadania por meio da música. A realidade presente nas periferias é muito diferente daquela apresentada nos currículos tradicionais de formação do educador musical.

A educação musical brasileira, cópia fiel da tradição europeia, tem dificuldades em lidar com a cultura da periferia. Nos seus currículos figuram disciplinas com abordagens distantes daquela realidade. A esse respeito, Koellreutter afirma o seguinte:

---

<sup>484</sup> Entrevista com responsável 02 de integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada no dia 06/03/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/integrante da orquestra. nº 02.

<sup>485</sup> Entrevista com responsável 02 de integrante da orquestra Trilhos Sonoros, realizada no dia 06/03/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/integrante da orquestra. nº 02.

Acontece que os nossos estabelecimentos de ensino musical ainda se orientam pelas normas e pelos critérios em que estavam baseados os programas e currículos dos conservatórios europeus do século passado, revelando-se instituições alheias à realidade social brasileira, na segunda metade do século XX, e servindo, dessa maneira, a interesses que não podem ser os interesses culturais do nosso país.<sup>486</sup>

O que Koellreutter chama atenção é para o fato de os estabelecimentos de ensino musical no Brasil ainda serem orientados por princípios excessivamente tecnicistas que impedem uma formação para a vida e centram esforços para uma formação apenas para o mercado da *performance*. Assim, qual a contribuição efetiva da educação musical num país com tantas desigualdades? Nesse sentido, há que se dizer que o fato de um/a aluno/a avançar no domínio técnico-musical e, com isso, ser inserido/a profissionalmente no meio musical, não quer dizer necessariamente que o mesmo contribua com ou protagonize uma efetiva transformação social. Conheço muitos músicos que iniciaram seus estudos em um projeto social na periferia e, pela necessidade de um aperfeiçoamento técnico começaram a frequentar os espaços formais de ensino da música, foram assimilados profissionalmente e, atualmente, carregam consigo as insígnias da mesma elite que antes os oprimia. Então, a aquisição do domínio técnico, bem como as inserções profissionais não representam, necessariamente, a maior contribuição da educação musical para a sociedade. O que precisa então? De que forma a educação musical brasileira pode protagonizar uma virada epistemológica do seu campo curricular que possa, efetivamente, produzir transformações sociais e diminuir a desigualdade social? Para responder esses questionamentos, proponho uma reflexão que considere a educação musical a partir do amor Deus, do amor ao próximo e como instrumento da *missio Dei*.

### 5.3.2 – A educação musical a partir do amor de Deus

Ao olhar para Deus e seu amor pela humanidade, o/a educador/a é constrangido/a a utilizar o conhecimento adquirido na academia em favor de todos/as, em especial daqueles/as que vivem de forma indigna e oprimida. Isso

---

<sup>486</sup> KOELLREUTER *apud* BRITO Teca Alencar de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis,2001. p. 42-43..

significa dizer que independente da situação financeira, física, emocional/psicológica, religiosa, o educador musical tratará de perceber a todos/as numa perspectiva de inclusão no Reino de Deus.

Quando pensamos, em geral, na educação musical imediatamente imaginamos crianças cantando, tocando flauta e/ou outros instrumentos e sendo aplaudidos/as em um recital programado. Não é proposto, neste tópico, um abandono dessa ideia, mas, da mesma forma, não é proposto tratar a educação musical em missão de uma forma reducionista que se encerre exatamente na apresentação dos resultados musicais. Geraldo Suzigan, ao tratar sobre as bases psicológicas da educação musical, afirma o seguinte:

Há que se desconfiar dos resultados tão somente pela prática instrumental, pois são superficiais e dão mais resultados do que os que podem ser mantidos. Como uma planta que recebe mais flores do que podem suportar as raízes, [...] a música não está a serviço do instrumento, este sim é que deve estar a serviço da música e ela a serviço da expressão humana. Não basta treinar o bater de coquinhos, apitar de flautas doces etc. Estaríamos apenas adestrando.<sup>487</sup>

O que Suzigan propõe é um investimento maior do educador musical no processo. É no processo que os relacionamentos são construídos, a afetividade é potencializada, a tolerância e o respeito são exercitados e os vínculos fortalecidos. Isso implica em priorizar os momentos que novas crianças chegam às aulas e, mesmo, sem nunca terem executado um instrumento, são acolhidas e valorizadas no grupo; implica, ainda, em acolher aquela criança, trazida pelo/a responsável, que apresenta alguma deficiência física, mental ou psicológica e procurar inseri-la nas atividades, contribuindo para que essa criança se perceba, mesmo com suas limitações, capaz de criar rotas alternativas para sua própria inserção.

O entrave da educação musical, nesse sentido, é priorizar a formação de instrumentistas virtuosos. Há uma preocupação excessiva com os resultados práticos e pouco investimento no processo que é construído a partir do aprendizado musical. Em outras palavras, tudo gira em torno da aquisição técnico-musical. No entanto, há uma teia de relações construídas e em construção no aprendizado musical que não podem ser prescindidas. Caso contrário, a educação musical potencializará uma formação fundamentalmente técnica sem consciência humana,

---

<sup>487</sup>SUZIGAN, 1996, p. 9.

solidária e afetiva. Formará, assim, instrumentistas com grande competência técnica, no entanto com *déficit* de competências sócioespirituais e de sensibilidade. Hugo Assmann afirma que “o mais urgente, portanto, parece ser uma profunda revolução pedagógica, voltada, para uma espécie de cultura de sensibilidades”<sup>488</sup>. Nesse sentido, e acompanhando o raciocínio de Assmann sobre a necessidade de reinvenção da humanidade, é preciso pensar na reinvenção do educador musical e de suas atribuições.

Em se tratando de educação musical em missão, é imprescindível que o educador musical se revele às crianças como uma pessoa muito próxima que compreende suas limitações, mas, ao mesmo tempo, de forma empática, se dispõe a caminhar com ela na construção de seus sonhos. Ao longo de minha inserção como educador musical foi possível acompanhar situações em estabelecimentos formais de ensino da música em que crianças e adolescentes foram excluídos da atenção e acompanhamento do professor, por apresentarem alguma dificuldade que compromettesse a *performance* do grupo. Enquanto a educação musical for concebida como uma educação voltada apenas para o espetáculo, jamais conheceremos sua real abrangência enquanto arte divina capaz de instruir, libertar e transformar.

A inclusão pela música não deve ser, necessariamente, pelos resultados espetaculares e virtuosísticos, mas pelos processos construídos no dia a dia. Os processos descortinam realidades que não são reveladas nos recitais e outras apresentações. Nos processos conhecemos os verdadeiros rostos daquelas crianças e adolescentes e suas respectivas famílias que procuram ajuda. É nos processos que as histórias de vidas são compartilhadas. Paulo Freire afirma que:

Quanto mais as pessoas participam do processo de sua própria educação, maior será sua participação no processo de definir que tipo de produção produzir, e para que e por que, e maior será também sua participação no seu próprio desenvolvimento.<sup>489</sup>

---

<sup>488</sup> ASSMANN, Hugo. Ampliar e aprofundar sensibilidades: elementos para uma pedagogia do terceiro milênio. In: ASSMANN, Hugo, SUNG, Jung Mo. **Deus em nós**: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010. p. 17.

<sup>489</sup> FREIRE *apud* BELL, Brenda; GAVENTA, John; PETERS, John. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 6. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.p. 149.

Nos processos, as transformações, decorrentes da ação de Deus, são compartilhadas. Os resultados visam testemunhar para o mundo o que se viveu no particular dos processos. Por isso é tão importante que o educador musical em missão valorize os processos. Estes nortearão a conduta que esse educador assumirá em relação a cada criança. Os bons resultados são decorrentes de processos bem construídos. Algumas crianças, por terem passado por processos de aprendizado musical condicionantes e, até mesmo, frustrantes acabaram desenvolvendo uma resistência em relação à música, ao mesmo tempo em que criaram a ideia de uma incapacidade para a arte musical. Isso é traumático para a criança que acaba se afastando não somente das atividades musicais, mas das relações sociais criadas durante o processo. Esses processos repercutem na vida de um modo geral e contribuem para o sentimento de inferioridade e de exclusão.

As crianças que procuram aulas de música em projetos sociais, na periferia, já trazem consigo a ideia de um aprendizado para a *performance*. Isso cria na criança e em seus responsáveis a ideia de que as horas empreendidas no estudo individual do instrumento são mais importantes do que as horas das práticas coletivas onde é possível viver experiências musicais a partir das relações interpessoais. Essas relações interpessoais fortalecem não somente a aquisição do saber musical, mas, também, a alteridade, afetividade e o engajamento social. Ao educador musical em missão cabe oportunizar espaços de aprendizado musical de forma coletiva onde, além do conhecimento musical os alunos tenham a oportunidade de trabalhar aspectos como: a cooperação, a construção coletiva de novas perspectivas de vida, o conhecimento de seu papel enquanto sujeito de transformação social e o encontro prático com Deus e com o próximo.

As crianças que são incluídas em processos de aprendizado musical nos projetos na periferia, muitas vezes, conseguem um engajamento artístico-profissional a partir da inclusão em grupos musicais como orquestras e coros, mas não conseguem desenvolver, por exemplo, uma consciência solidária e o amor a Deus e ao próximo. Isso significa que a aprendizagem musical foi tão somente com vistas à *performance*. Não estamos, com isso, negando a importância da *performance* musical, mas é preferível entender o aprendizado musical a partir de uma outra perspectiva: como oportunidade para aquisição de saberes que vão além da *performance* repercutindo em outras áreas da vida e para a eternidade.

O forte apelo midiático tem produzido processos de ensino da música voltados para o entretenimento e distantes da realidade social de carência que vivem as crianças e adolescentes na periferia. A educação musical, que poderia servir para fins de libertação e protagonismo, acaba se tornando instrumento de entorpecimento e apatia frente às demandas de exclusão social. Por isso, um (re) pensar atento no amor de Deus representa para o educador musical em missão uma oportunidade de perceber que a educação musical na periferia não trata apenas de formar instrumentistas, mas de contribuir para que as crianças e adolescentes se reconheçam como alvo desse amor.

O (re)pensar no amor de Deus desvenda, também, os olhos do educador musical em missão fazendo-o enxergar uma realidade de miséria, opressão e indiferença que não existe na academia e nem dentro da igreja e precisa ser transformada. Ao compreender o amor de Deus, o educador musical vê o Servo sofredor que se doa até a morte para garantir vida abundante para os/as outros/as. Conhecer o amor de Deus significa perceber que a zona de conforto não deve existir para o cooperador da *missio Dei* e que a periferia com toda sua demanda degradante é lugar de vida e de ação permanente de Deus. Refletir sobre esse amor, por fim, faz da periferia a casa de Deus e o lugar onde o educador musical em missão deseja, permanentemente, estar.

### **5.3.3 – A educação musical como instrumento da *missio Dei* a serviço do próximo**

Pensar a educação musical a partir do amor ao próximo implica em estar a serviço de todos/as, em especial, daqueles/as que historicamente são alvos da exploração e do descaso. Nesse sentido, a periferia representa o lugar onde estão essas pessoas, no entanto, quem é que busca uma formação para atender à periferia? Quem busca uma formação para servir os pobres? Quem está disposto a conviver diuturnamente com a insegurança e medo da periferia?

Somos empurrados desde cedo para o mercado de trabalho e acabamos adquirindo uma visão de mundo limitada em relação ao próximo. Tudo gira em torno do que podemos ter a partir da formação que adquirimos. Vivemos em um mundo cada vez mais individualista e indiferente ao próximo. Roberto E. Zwetsch escreveu

que “a atual sociedade de consumo prioriza o poder do dinheiro e das coisas materiais em todas as áreas da vida”<sup>490</sup>. Zwetsch continua:

Esses são os valores dominantes que regem a vida de milhões de pessoas. O objetivo básico do sistema é a acumulação. O consumismo responde a essa motivação básica. Tudo pode ser comercializado nesse sistema: desde ideias até objetos ou pessoas. O filósofo alemão Jurgen Habermas descreveu essa realidade como a “colonização das formas de viver”.<sup>491</sup>

Essa “colonização das formas de viver”, recuperada por Zwetsch, está presente, ao que parece, desde a mais tenra idade. Está presente na formação básica da criança, se estende e é potencializada no ensino médio e superior, consolidando-se na vida profissional onde nos tornamos escravos do mercado e protagonistas de um sistema assimétrico e opressor.

Quando repensamos nossa relação com o próximo, a partir do amor de Deus, colocamos o que temos, dons e habilidades a serviço do Reino. Isso implica em estar permanentemente dispostos/as a servir ao próximo com aquilo que temos e para onde fomos chamados, seja na periferia de minha cidade, nas periferias do meu país ou nas periferias dos confins da terra. Cooperar com o próximo implica, portanto, em um desprendimento permanente dos interesses pessoais em favor dos interesses daqueles que padecem numa sociedade desigual e injusta. Maria Cecília Domezi escreveu que os primeiros cristãos aprenderam que só é possível amar a Deus amando o próximo<sup>492</sup>. Nessa perspectiva, o amor a Deus é demonstrado de forma prática e intencional nas relações que são estabelecidas com o próximo. Na prática, a relação com o próximo é permanente e não sazonal. Tem um caráter de resgate da *imago Dei*, não sendo apenas ações assistencialistas. Servir ao próximo não é uma postura que deve ser estimulada apenas na igreja, mas na formação básica, no ensino médio e superior e em todas as instâncias sociais. Essa postura produzirá um redimensionamento de ações que culminarão na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

---

<sup>490</sup> ZWETSCH, Roberto. E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 189.

<sup>491</sup> ZWETSCH, 2008. p. 189. Zwetsch cita a formulação “colonização das formas de viver” de Habermas lida em um jornal e traduzida para o português. O autor informa não ter encontrado mais a referência.

<sup>492</sup> DOMEZI, 2014. p.19.

Considerar a educação musical a partir do amor de Deus e do próximo oportunizará uma reflexão sobre a minha parte enquanto educador musical cristão cooperador da *missio Dei*. Quando recebemos a Cristo, somos chamados a cooperar com a missão de Deus no mundo. Esse chamamento se dá por amor. O Pai envia o filho e os dois enviam o Espírito Santo que age nas pessoas e encoraja-as a uma caminhada de proclamação do Reino. Essa proclamação ocorre a partir das diversas habilidades que o próprio Deus dá a cada um e a cada uma. Portanto, a educação musical do ponto de vista do Reino é uma forma que pode ser plenamente desenvolvida em favor da humanidade. Essa educação musical como instrumento do Reino não visa tão somente a preparação técnica e performática, mas, sobretudo visa à inclusão das pessoas no Reino de justiça, amor e paz.

Pensar a educação musical para o mercado é reduzi-la drasticamente à condição de mero elemento de qualificação profissional e projeção social. É preciso pensar a educação musical para além disso. A música como dádiva de Deus é instrumento de libertação. O educador musical, por sua vez, ao entender sua parte na *missio Dei*, proclama o Reino por meio da educação musical. Bill H. Ichter afirma que “talvez não possuamos outra dádiva de Deus que possa ser tão divulgada e entendida por pessoas de todos os idiomas. A música pode transmitir mensagem de amor, de esperança e segurança a uma sociedade multilíngue”<sup>493</sup>. Quando Charles Gary escreveu no *Music Journal* em janeiro de 1955 ressaltou o seguinte:

A música é religiosa, por dar a todos os que a amam um vislumbre da bondade pura através da beleza. Educação musical faz parte de uma crença, e os educadores são provisosores de uma verdade. Eles estão espalhando as Boas Novas do bem e da alegria que a música traz ao homem, os seus benefícios terapêuticos, seu poder social e o seu serviço condescendente, ao apaixonado, ao patriota, ao homem religioso.<sup>494</sup>

A educação musical na periferia, a partir de um repertório selecionado para aquela comunidade, pode ser a própria proclamação da Palavra de Deus, produzindo libertação e novas perspectivas de vida. Através da música aquela comunidade pode experimentar o amor, perdão, paz e a misericórdia de Deus. Onde

---

<sup>493</sup> GARY *apud* ICHTER, Bill H. (Org). **A música e seu uso nas igrejas**. Colaboração de W. Morris Ford, Delcy Gonçalves, Bennie May Oliver, Gamaliel Perruci e Fred Spann. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1977. p. 23.

<sup>494</sup> GARY *apud* ICHTER, 1977, p. 23.

quer que trabalhe o educador musical em missão, podemos estar convictos de que a música terá um papel preponderante na vida daquele povo.

#### 5.4 – Síntese

Neste capítulo procurou-se desenvolver a ideia de uma educação musical vinculada diretamente aos propósitos da *missio Dei*. Foi tratado sobre o/a educador/a musical como cooperador/a da *missio Dei*. Nesse sentido, o/a educador/a musical que diz sim a um chamado específico para a periferia deve viver, de forma prática e intencional, o amor pela comunidade onde está engajado/a e buscar incessantemente a justiça social. O processo de ensino e aprendizagem da música deve repercutir na criança, na sua família e na própria comunidade de uma forma integral. George contribui lembrando que:

Quando compreendemos que a transformação e a conversão são, ao mesmo tempo, algo pessoal e social, individual e plural, não há mais debate sobre a prioridade da evangelização ou da justiça social. Evangelização, compaixão e justiça social são todos imperativos na missão holística de Deus. Deus está continuamente transformando, convertendo e libertando pessoas, paróquias, denominações, comunidades e sociedades. A participação na missão de Deus, ao mesmo tempo, exige e resulta em mudanças na visão de mundo e no estilo de vida, tanto pessoais quanto coletivos. Confessar Jesus Cristo como Salvador e Senhor pessoal é o início de uma transformação vitalícia da pessoa toda, abrangendo todos os aspectos da vida, por meio do discipulado e do testemunho no contexto da comunidade.<sup>495</sup>

De igual forma, há uma necessidade premente de os/as educadores/as musicais desenvolverem a sensibilidade humana diante do quadro opressor presente na periferia. Penso não apenas no que diz respeito à melhoria dos aspectos sociais e econômicos, mas, sobretudo, numa libertação que transforme integralmente a realidade daquelas pessoas. Muitas pessoas que ali estão já se entregaram à própria sorte. Em decorrência do projeto que desenvolvo na periferia, tenho contato permanente com pessoas soropositivos e viciados no *crack* que perambulam nas ruas e reviram os lixos sem nenhuma preocupação em contrair doenças. O que vale a vida para essas pessoas? Conheço o caso de uma senhora

---

<sup>495</sup> GEORGE, 2006, p. 121.

que entregou o seu próprio esposo para manter relações sexuais com uma jovem soropositivo, em troca de algumas pedras de *crack*.

Jorge A. León afirma que:

Necessitamos desenvolver nossa sensibilidade humana diante da realidade da pobreza em todas as suas manifestações. Não podemos resolver todos os problemas. Certamente Jesus também não resolveu todos os problemas de sua época, mas não cruzou os braços, não deixou de se solidarizar com os humildes em seu sofrimento. É necessário que a igreja tome consciência da realidade de todas as misérias humanas, tanto as econômicas como as não econômicas, não para transformar-se num partido político ou em algo desse tipo, mas para tentar influir na comunidade a fim de solucionar dificuldades.<sup>496</sup>

O processo de desenvolvimento dessa sensibilidade só pode ser iniciado a partir do momento em que se vive a realidade da periferia. A violência, sujeira, extrema pobreza não devem servir de obstáculos para uma ação efetiva naquele lugar. O evangelho precisa ser anunciado e vivido com as pessoas que moram na periferia. Não se trata de falar de longe, mas de envolver-se plenamente. Como cristãos não podemos passar ao largo da periferia, indiferentes e desatentos à situação degradante de humilhação e sofrimento que vivem aquelas pessoas. Nem, tampouco, falar sobre os pobres ou sobre a periferia dos gabinetes pastorais.

O que é proposto neste capítulo, portanto, é que coloquemos nossas habilidades a serviço desse povo e, ao servi-los, proclamemos o Evangelho libertador de Jesus Cristo. Para isso acontecer de forma plena, é preciso que estejamos lá. É preciso desenvolver ações na área da saúde, na educação, na higiene, na promoção dos direitos e deveres sociais, na teologia e tantas outras áreas que possam oportunizar a criação de vínculos com a comunidade contribuindo significativamente com a sua libertação e real protagonismo.

É na periferia, portanto, que a educação musical pode protagonizar uma mudança efetiva nas vidas das pessoas. Esse protagonismo não acontece, todavia, com discursos teóricos e distantes da realidade das pessoas, mas a partir de uma prática transformadora e envolvente. Assim, essa educação musical deve privilegiar a libertação de todas as formas de exclusão e pré-conceito, a proclamação da justiça, igualdade e paz entre as pessoas, a proteção, o cuidado com o meio

---

<sup>496</sup> LEÓN, 2010. p. 105.

ambiente, a tolerância e o amor a Deus e ao próximo. Esses elementos devem constituir a base de ação do/a educador/a musical em missão, na periferia.

## 6 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: PISTAS REVELADAS NA PESQUISA – AÇÃO

Embora muitos dados levantados na pesquisa apareçam desde o primeiro capítulo da tese, este capítulo apresenta uma síntese dos resultados provenientes da pesquisa qualitativa. São analisadas e interpretadas, a partir de reflexões teóricas, as impressões das crianças, dos responsáveis, líderes cristãos e colaboradores/as sobre o Projeto Trilhos Sonoros. O objetivo, portanto, é conhecer de que forma o projeto tem repercutido na comunidade. A análise e interpretação dos dados, levantados em campo, oportunizará, sobretudo, que a intervenção proposta ao final da pesquisa ocorra em sintonia fina com os anseios da comunidade atendida pelo projeto.

Para Gil, a análise e interpretação dos dados na pesquisa-ação é um tema bastante controvertido. O autor informa que algumas pesquisas adotam procedimentos semelhantes ao da pesquisa clássica e isso implica considerar os mesmos passos: categorização, codificação, tabulação, análise estatística e generalização<sup>497</sup>. Gil argumenta ainda que

Há, porém pesquisas em que se privilegia a discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorre a interpretação de seus resultados. Dessa discussão participam pesquisadores, participantes e especialistas convidados. Muitas vezes o trabalho interpretativo é elaborado com base apenas nos dados obtidos empiricamente. Há casos, entretanto, em que contribuições teóricas tornam-se muito relevantes. Por exemplo, nas pesquisas sobre migração e movimento sindical, que envolvem muitas variáveis não manifestas, as contribuições teóricas são muito importantes. Só com base nelas é que os dados obtidos podem ser organizados segundo um quadro de referência que lhes empresta significado.<sup>498</sup>

Para Dionne, a pesquisa-ação, enquanto técnica de intervenção, tem uma “maior importância na medida em que permite conhecer os resultados obtidos acerca da mudança desejada. Permite também abrir caminhos para a continuidade da ação, se necessário”<sup>499</sup>. Este estudo, portanto, reúne dados obtidos de forma sistemática, desde o início do projeto e sistemática, a partir da definição do Projeto Trilhos Sonoros enquanto pesquisa-ação. Os dados levantados, *in loco*,

---

<sup>497</sup> GIL, 2009, p. 146.

<sup>498</sup> GIL, 2009, p. 146

<sup>499</sup> DIONNE, 2007, p. 113.

revelam pistas de que o Projeto Trilhos Sonoros tem contribuído significativamente com as crianças e adolescentes da Vila Araçá no bairro Mato Grande em Canoas–RS, bem como indicam a continuidade do mesmo a partir da implementação de novas ações decorrentes da participação dos sujeitos da pesquisa e do aprofundamento teórico sobre o tema pesquisado e, em decorrência disso, uma intervenção mais sistemática e, continuamente, reflexiva. Sobre essa permanente relação da ação com a reflexão, Clodovis Boff afirma o seguinte:

É nesta articulação entre as mãos (agir) e a cabeça (pensar) que se dá o trabalho com o povo no sentido de mudar as relações sociais. Esta é a “junta” que puxa o carro da história. A união da prática e da teoria é a relação motora do trabalho popular. Uma prática sem teoria é uma prática cega ou, no máximo, míope. Não enxerga bem ou não enxerga longe. Enfia os pés pelas mãos e não vai à raiz dos problemas. Isto é: degrada-se em ativismo e, na melhor das hipóteses, em reformismo (muda coisas do sistema, mas não muda o próprio sistema).<sup>500</sup>

Boff argumenta, ainda, que os problemas em determinado contexto popular não são resolvidos apenas com o esforço, luta e compromisso. É fundamental que haja a “inteligência da situação para ver as possibilidades de ação”<sup>501</sup>. Portanto, defende o autor, “todo trabalho popular necessita dessas duas coisas, ligadas entre si: teoria (reflexão, estudo, análise, compreensão) e *práxis* (ou prática, ação, compromisso, luta)”<sup>502</sup>. Nesse sentido, a análise dos dados levantados nesta pesquisa, bem como a reflexão teórica permanente e, ainda, a participação efetiva de todos os sujeitos, permitem a visualização de novas ações que permanecerão após a pesquisa.

### **6.1 – Análise dos dados:** o que as crianças e adolescentes dizem sobre o Projeto Trilhos Sonoros?

As entrevistas foram realizadas com dois alunos e uma aluna da oficina de flauta doce e três alunos da orquestra infanto-juvenil que já integram o grupo há mais de três anos. As crianças e adolescentes convidados/as para a pesquisa demonstraram interesse em participar e foram autorizados/as pelos responsáveis. O

---

<sup>500</sup> BOFF, 1986, p. 52.

<sup>501</sup> BOFF, 1986, p. 52.

<sup>502</sup> BOFF, 1986, p. 53.

perfil social das crianças entrevistadas é homogêneo. As três crianças da oficina de flauta doce estudam em escolas públicas, moram em casas muito humildes, com a mãe, avó e os irmãos. Cabe aqui dizer que, considerando a vulnerabilidade dessas crianças e adolescentes optou-se por chamá-los/as, na pesquisa, de aluno ou aluna da oficina de flauta doce. Para os/as alunos/as que integram a orquestra infanto-juvenil, optou-se por chamá-los/as de alunos/as integrantes da orquestra.

No levantamento de dados, seja a partir das entrevistas, conversas informais ou grupo focal, os/as alunos/as da oficina de flautas destacaram o entendimento que eles/as têm sobre a importância da música em suas vidas e sobre a oportunidade que o projeto tem dado de conhecer novas pessoas e novos lugares. Aos três alunos/as da oficina de flautas foi pedido que elaborassem uma pequena carta falando um pouco sobre o Projeto Trilhos Sonoros. O objetivo dessa carta era complementar as entrevistas realizadas. Procurou-se manter a escrita original das crianças. A primeira criança escreveu o seguinte:

Eu quero seguir em frente porque eu sei que esse vai ser um grande futuro que eu vou ter pra frente. Conhecer gente nova, lugar novo, tocar pras pessoas novas. Eu tenho interesse em aprender cada dia mais eu quero ser um grande Trilhos Sonoros...<sup>503</sup>

A segunda criança disse que o que mais gosta no projeto é “tocar flauta e carrilhão e de sair para as apresentações com o grupo e conhecer novas pessoas”.<sup>504</sup> Para a terceira criança estar no projeto é bom porque ela conhece vários lugares e pessoas que a tratam bem. Ela disse ainda que:

Eu me sinto bem e amo tocar violino e flauta e os professores são muito legais para seus alunos e legais para os pais dos alunos e gosto que conhecemos vários lugares que marcaram nossas vidas e nunca esqueceríamos.<sup>505</sup>

As falas das três crianças indicam a importância do Projeto Trilhos Sonoros no sentido de oportunizar a inserção em outros cenários sociais e o contato com

---

<sup>503</sup> Entrevista com aluno 01 de oficina de flauta doce, realizada no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Alunos/as da oficina de flauta doce nº 01.

<sup>504</sup> Entrevista com aluno 02 de oficina de flauta doce, realizada no dia 20/02/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Alunos/as da oficina de flauta doce nº 02.

<sup>505</sup> Entrevista com aluna 03 de oficina de flauta doce, realizada no dia 13/02/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Alunos/as da oficina de flauta doce nº 03.

outras pessoas. Além disso, as cartas revelam a preocupação dessas crianças com o futuro e a relação que fazem desse futuro com a música. Considerando a realidade social em que essas crianças estão inseridas, conhecer novos espaços sociais representa uma oportunidade de viver realidades até então não vividas. Representa também acessar espaços construídos para receber outra classe social e se sentir igual aos outros que ali estão. Em geral, as crianças sentem-se valorizadas quando frequentam esses espaços.

Por ocasião do Fórum Mundial de Educação em Canoas, e do Congresso Internacional de Teologia na Faculdades EST, em São Leopoldo, onde estiveram presentes pessoas de várias nacionalidades, era comum observar as crianças aproximarem-se dos/as participantes para ouvi-los/as conversar em outro idioma. Ao serem anunciadas pelos cerimonialistas, as crianças demonstraram muita alegria e surpresa. Nesse sentido, quando as crianças relatam que gostam de sair para tocar e conhecer outros lugares e pessoas, o que dizem, também, é que se sentem acolhidas e valorizadas naqueles cenários sociais e isso é muito relevante para elas que vivem em um contexto sociocultural estigmatizado e esquecido pela sociedade. A participação dessas crianças nesses cenários amplia os seus repertórios socioculturais e gera nas mesmas esperança em relação ao futuro. Há uma ampliação na visão de mundo dessas crianças a partir da inserção em outros cenários sociais e no contato com outras pessoas. Há, de igual forma, um sentimento de que a música pode ser responsável por uma mudança significativa em suas vidas.

Durante a pesquisa, em nenhum momento essas crianças trataram o projeto como algo com pouco significado. Em nenhum momento ouvi das crianças que o Projeto Trilhos Sonoros era apenas um passatempo. Pelo contrário, o significado atribuído ao projeto era de que se tratava de algo muito importante que tinha mudado suas rotinas. Isso foi perceptível nos momentos de inserção na vila onde era possível escutar trechos de melodias sendo executadas na flauta ou no violino e seus questionamentos sobre o dia da próxima apresentação. Já não se tratava apenas de estar na rua brincando com outros/as colegas, mas reunidos/as para ensaiar uma música para uma determinada apresentação. Com isso, a própria paisagem sonora daquele contexto foi alterada.

As três crianças, da oficina de flauta doce, continuam vinculadas ao projeto participando, ativamente, de todas as atividades. A primeira criança iniciou na flauta

doce e atualmente está sendo orientada na flauta transversal; a segunda criança tem feito parte da orquestra tocando carrilhão e estuda flauta doce e a terceira criança iniciou na oficina de flauta doce e, posteriormente, iniciou na turma de violino e, atualmente, integra a orquestra no naipe de cordas.

Participaram também das entrevistas, conversas informais e grupo focal os alunos que integram a orquestra infanto-juvenil. O primeiro aluno já está há três anos no projeto e tem 13 anos. Este aluno conheceu o projeto por intermédio de um colega que, segundo conta, “convidou para ir à tia Cleusa onde tinha um núcleo, daí eu fui lá e ouvi as músicas e gostei porque falaram a palavra de Deus e tocavam músicas bonitas”<sup>506</sup>. Para este aluno, o apoio dos pais/mães tem sido fundamental. Segundo relata, “o pai e a mãe acham legal eu ir para a aula de música e disseram que no futuro eu vou ser um bom instrumentista”<sup>507</sup>. O aluno complementa dizendo: “eu acho que um dia eu posso ser um grande músico”<sup>508</sup>. Para este aluno a importância do projeto reside na possibilidade que o mesmo dá às crianças e adolescentes de profissionalização por meio da música. Assim como as crianças da oficina de flautas, esse aluno vincula, de certa forma, o projeto ao seu futuro. A percepção desse aluno a respeito do Projeto Trilhos Sonoros revela pistas do significado que o mesmo tem para sua vida. Considerando esse significado, é perceptível o seu desenvolvimento técnico-instrumental e sua capacidade de liderança entre os demais alunos. Apenas com 13 anos esse aluno já desenvolve ações de ensino com outros alunos de violino. Nesse sentido, é correto dizer que o desenvolvimento de sua competência técnica está diretamente ligado ao significado que ele atribui ao projeto. Isso revela o potencial do projeto no que diz respeito a oportunizar novas perspectivas para essas crianças e adolescentes. Considerando que naquele contexto sociocultural não há outra ação direcionada àquelas crianças, o Projeto Trilhos Sonoros apresenta-se como real oportunidade de trilhar um novo caminho em direção ao futuro.

Para outro aluno que integra a orquestra, o Projeto Trilhos Sonoros apresenta-se como oportunidade de profissionalização e visibilidade social. Para este aluno que iniciou aos 14 anos no projeto e atualmente tem 19 anos, o projeto

---

<sup>506</sup> Entrevista realizada com aluno 01 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 01.

<sup>507</sup> Entrevista realizada com aluno 01 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 01.

<sup>508</sup> Entrevista realizada com aluno 01 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 01.

possibilita às crianças um distanciamento das ações delinquentes, muito comuns naquele contexto social. Este aluno foi o primeiro de uma família com cinco filhos e uma filha. A partir do seu engajamento todos os outros irmãos e irmã foram inseridos/as no projeto. O aluno relata que “gostou bastante quando soube que haveria um projeto de música no bairro”<sup>509</sup>. Ele complementa que: “nessa época eu não tinha nenhum conhecimento de música. O pai gostou de conversar contigo e resolveu colocar todos os meus irmãos no projeto”<sup>510</sup>.

Para este aluno, o projeto é uma ação que contribui para que as crianças saiam da rua. Atualmente este aluno atua como monitor do projeto ministrando aula de violino. Para ele “o projeto tem uma função cristã e assistencialista”.<sup>511</sup> O aluno diz ainda que “no bairro não tem opção para essas crianças. O Projeto Trilhos Sonoros é o único aqui no bairro”<sup>512</sup>. De acordo com este aluno, além de contribuir com a proteção da criança e adolescentes das ações marginais que ocorrem no bairro, o Projeto Trilhos Sonoros contribui para uma boa visibilidade do bairro que, historicamente é visto como local de pobreza e violência. O aluno enfatiza que:

O projeto Trilhos Sonoros é conhecido e o pessoal da periferia pode ser conhecido e valorizado pela sociedade. Todo mundo conhece a gente que toca na orquestra. A chance de mudança de vida é bem maior. A gente passou a ser conhecido através do projeto.<sup>513</sup>

Outro aluno integrante da orquestra relata que inicialmente não queria entrar no projeto. Conforme declara, apenas atendeu o desejo dos pais e, com a insistência e o apoio dos mesmos, começou a ter interesse pela música. Para este aluno, o projeto é um lugar de desenvolvimento da solidariedade. O aluno diz ainda que:

A gente podia estar na rua fazendo outra coisa, mas o projeto Trilhos Sonoros representa o meu crescimento, o meu pensar e tem me ajudado espiritualmente. O projeto me passa uma mensagem de ajudar o próximo. E

<sup>509</sup> Entrevista realizada com aluno 03 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 03.

<sup>510</sup> Entrevista realizada com aluno 03 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 03.

<sup>511</sup> Entrevista realizada com aluno 03 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 03.

<sup>512</sup> Entrevista realizada com aluno 03 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 03.

<sup>513</sup> Entrevista realizada com aluno 03 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 13/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 03.

agora eu estou aprendendo a dividir o conhecimento com outras pessoas. Quando eu dei aula e recebi um certificado na igreja Luterana eu senti que estava ajudando os outros. Eu senti que isso era um reconhecimento.<sup>514</sup>

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo a intervenção sistemática, a partir de ações práticas, naquele contexto, o projeto tem trabalhado ao longo desses cinco anos no sentido de formar multiplicadores para darem continuidade às ações. Assim, é válido enfatizar que os alunos 02 e 03 da orquestra têm atuado em outros núcleos de cooperação e têm demonstrado elevado grau de envolvimento, competência e compromisso com as crianças e adolescentes do projeto. Atualmente, o aluno 02 coordena as aulas de flauta doce. É possível recordar sua chegada à primeira aula: confuso, desinteressado, indiferente às atividades. No começo não parecia que ele continuaria no projeto. Seu desinteresse pelas aulas era muito perceptível até mesmo para seu pai. No entanto, à medida que o projeto foi se desenvolvendo houve uma mudança emblemática de comportamento que, inclusive, foi responsável pela sua inserção como monitor nas aulas de flauta doce. À medida que o tempo foi passando este aluno foi se envolvendo em níveis maiores de responsabilidade se tornando professor de flauta doce e flauta transversal.

Com base nos relatos dos alunos sobre a importância do projeto em suas vidas e família e, ainda, na percepção prática e real a cada ensaio e apresentação a análise possível é que o Projeto Trilhos Sonoros representa para as crianças e adolescentes uma nova perspectiva de vida. Não seria exagero dizer que o projeto, não apenas no que diz respeito ao desenvolvimento da competência técnica, mas, no desenvolvimento de uma cidadania plena, tem contribuído com essas crianças da Vila Araújo. A resignificação de suas rotinas familiares, culturais e, até mesmo, religiosas tem sido declarada em cada conversa com os pais/mães, vizinhos e familiares.

O grupo focal realizado com todas as crianças e adolescentes revelou que elas têm consciência do Projeto Trilhos Sonoros enquanto espaço de proclamação da Palavra de Deus. Isso ficou muito claro nas respostas dadas após a apresentação dos temas: Segue abaixo as proposições temáticas e as respostas:

---

<sup>514</sup> Entrevista realizada com aluno 02 integrante da orquestra Trilhos Sonoros, no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas-integrante da orquestra. nº 02.

**Moderador:** O que é igreja?  
**Criança 01:** Um lugar de orar e ouvir a Palavra de Deus  
**Criança 02:** Eu sou uma igreja.  
**Criança 01:** É onde Deus está  
**Moderador:** Por que a igreja é importante para nós?  
**Criança 03:** Se a igreja não fosse importante ninguém serviria a Deus.  
**Moderador:** Por que você gosta de ir à igreja?  
**Criança 02:** Porque eu gosto de ouvir louvores e a Palavra de Deus.  
**Moderador:** Vocês vão à igreja?  
**Criança 04:** Sim, mas só quando eu estou na casa da minha avó.  
**Criança 03:** não, porque aos sábados eu venho para o projeto.  
**Moderador:** Por que você vem para o projeto?  
**Criança 02:** Para aprender música  
**Moderador:** O projeto Trilhos Sonoros é diferente da igreja?  
**Adolescente 01:** A diferença é a placa, porque aqui também nós oramos, lemos a Palavra e fazemos devocional.  
**Moderador:** E o que é preciso para ser igreja?  
**Adolescente 02:** É preciso estar reunido em comunhão com Deus.  
**Adolescente 01:** E é preciso ter pessoas, o Espírito Santo, fé em Deus e amizade.  
**Criança 02:** Tem que ter símbolos de Deus.  
**Criança 04:** Tem que ter pastor, paz, união e oração.  
**Moderador:** Então o projeto Trilhos Sonoros pode ser uma igreja?  
**Criança 03:** Sim, porque nós sempre usamos a Bíblia.  
**Criança 04:** E eu venho para o ensaio porque posso ouvir a Palavra de Deus aqui e não só na igreja.<sup>515</sup>

O grupo focal realizado com as crianças e adolescentes, embora traga informações fundamentais para esta tese, é apenas um esboço do que podemos chamar de teologia das crianças. As crianças têm um olhar teológico para o Projeto Trilhos Sonoros. Isso não pode ser desprezado. White escreveu que “muitas vezes menosprezamos o lugar e ajuda das crianças. Pensamos sinceramente que não temos nada a aprender com elas”<sup>516</sup>. White continua:

Fomentamos sociedades nas quais os adultos, o poder, a riqueza e os bens parecem valer quase tudo, e os ensinamentos de Jesus sobre vender tudo o que temos, para muitos é inconcebível. O “ser criança” se perdeu, ou ficou restrito à vida adulta, por causa de nosso comercialismo e dos programas adultos de educação. As crianças estão em segundo plano no sistema político. Elas sofrem imensamente, e a ira de Deus parece não ter nos comovido a fazer a coisa certa.<sup>517</sup>

Não pretendo discorrer neste estudo sobre a abordagem feita pelo Movimento da Teologia da Criança (*Child Theology Movement*, CTM), que inclui teólogos e teólogas, bem como lideranças que cuidam de crianças. Mas é

<sup>515</sup> Registro do grupo focal realizado com as crianças e adolescentes no dia 16/04/2016. Arquivo eletrônico da pesquisa de campo. Doc: Grupo Focal – Crianças e adolescentes. nº 01

<sup>516</sup> WHITE. 2010, p. 32.

<sup>517</sup> WHITE, 2010, p. 32.

importante enfatizar que essa abordagem procura colocar a criança no “meio” de uma forma diferente dos outros grupos. Collier ressalta que essa abordagem:

reconhece a variedade de teologias da criança e o fato de que cada uma está construída com base na Bíblia, em textos reconhecidamente valiosos em várias tradições, em pesquisas das ciências sociais e biológicas e nas experiências de várias comunidades de fé e culturas locais.<sup>518</sup>

Este autor, que é secretário-geral do Movimento Teologia da Criança, argumenta que existem abordagens teológicas a respeito das crianças que enfatizam a vulnerabilidade e necessidades delas. No entanto além dessas questões, é preciso enfatizar, também, os seus dons e capacidades. Nessa perspectiva não basta apenas desenvolver programas para ensiná-las é preciso dar liberdade a elas para questionarem. O autor continua afirmando que:

Jesus colocou uma criança no meio dos discípulos no momento em que eles estavam engajados num debate teológico sobre grandeza no reino de Deus. Fica claro que Jesus julgou que a presença de uma criança daria aos discípulos uma pista com relação à verdade essencial que eles não conseguiam compreender. De vez em quando, durante séculos, a criança tem incomodado os teólogos em suas pesquisas, mas ela nunca esteve na posição de dar forma à teologia de maneira consistente. A TC nos convida a observar atentamente a criança em nosso meio no ato de pensar sobre, de e com Deus, em Cristo. [...] A TC serve à Palavra de Deus no Evangelho porque volta a nossa atenção para a criança como um sinal do reino de Deus. Ela serve à pesquisa teológica porque contribui com novos capítulos sobre a criança, tomando-a como assunto teológico, e desenvolve a teologia como um todo à luz da criança. [...] Ela serve à criança porque explora os fundamentos teológicos dos direitos da criança, a importância de todas as iniciativas educacionais e ministérios de cuidado infantil e a integralidade transcendente da criança no ministério de Deus.<sup>519</sup>

O grupo focal, realizado com as crianças e adolescentes, foi uma forma de dar-lhes a oportunidade de se juntarem de forma efetiva ao processo de construção de ações em prol delas próprias e da comunidade onde estão inseridas. Não se tratou, portanto, de apenas uma conversa informal, mas de reflexões sobre temas que nortearão a continuidade do projeto. Ouvir as crianças indicou rotas importantes para a continuidade do projeto e nessa continuidade das ações, “os principais participantes são os membros da situação ou da organização sob observação”<sup>520</sup>.

<sup>518</sup> COLLIER, John. Redescobrimo a criança no coração da missão. In: FASSONI, Klênia. *et al.* (Orgs). **Uma criança os guiará**: por uma teologia da criança. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 32.

<sup>519</sup> COLLIER, 2010, p. 259. (tradução de Matthew Jones)

<sup>520</sup> THIOLENT, 2008, p. 75.

## 6.2 – E os responsáveis pelas crianças: o que pensam sobre o projeto?

A participação dos/as responsáveis nesta pesquisa teve como objetivo compreender as suas percepções sobre o projeto, bem como sobre a repercussão das ações na vida familiar e comunitária das crianças. O perfil sócioeconômico dos/as responsáveis é bem homogêneo. São famílias com renda salarial média de um a três salários mínimos que residem em construções irregulares e trabalham como diaristas, cuidadora de idosos, secretária, marceneiro, pedreiro e serviços gerais. Os/as responsáveis apresentam o seguinte perfil de escolaridade: uma com ensino superior incompleto, uma nunca estudou, duas fundamental incompleto, um ensino médio completo e um ensino médio incompleto. Em geral, essas famílias são sustentadas pelas mães e avós. As mães relatam que o Projeto Trilhos Sonoros tem contribuído com a formação de seus/as filhos/as no que diz respeito à disciplina e organização em casa. Uma das mães disse o seguinte:

Quando ele vai para o projeto é muito bom. Ele era muito complicado aqui em casa. O comportamento dele era bem difícil com as outras crianças. Quando ele tá com instrumento em casa ele toca e as gurias pedem para ele tocar. Ele é muito organizado nas coisas do projeto. Ele se arruma cedo e vai e quando tem apresentação ele fica ansioso e se arruma desde cedo.<sup>521</sup>

Durante as atividades de aulas e ensaios foi observado, pelos professores, que este aluno se envolvia, frequentemente, em brigas com outros colegas. À medida que o tempo foi passando o aluno demonstrou uma maior maturidade no que diz respeito aos conflitos com os colegas e tem conseguido superar as suas dificuldades de relacionamento. Nos ensaios e apresentações foi solicitado que ele ficasse responsável pelas pastas da orquestra e ele prontamente atendeu ao pedido e tratou essa tarefa com muita responsabilidade. Depois de ter aprendido flauta doce, o aluno foi inserido na oficina de trompete e tem demonstrado compromisso com essa nova fase. Infelizmente a realidade familiar, considerando as diversas visitas realizadas na sua residência, não possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais satisfatórias. A mãe considera que o comportamento agressivo do filho é resultado dos remédios controlados que tomou na sua gravidez, no

---

<sup>521</sup> Entrevista com responsável 03 dos alunos da oficina de flauta doce, realizada no dia 08/01/2016. Arquivo eletrônico da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 03.

entanto, o ambiente familiar tem servido como estímulo a certos comportamentos agressivos. Todas as vezes em que foi chamada a atenção do aluno no ensaio, imediatamente ele atendeu às orientações e mudou seu comportamento frente determinada situação. Nesse sentido, a música, a partir dos ensaios e apresentações, tem oportunizado a aquisição de novas habilidades sociais.

Em geral, os/as responsáveis entendem o Projeto Trilhos Sonoros como ação que, ao possibilitar o aprendizado das crianças, garante que as mesmas não estejam na rua envolvidas em ações delinquentes e, ao mesmo tempo, não estejam vulneráveis à violência. Isso é percebido nas falas dos/as responsáveis. Por essa razão há o apoio permanente deles/as. Independente da ação e do lugar onde a orquestra realiza as atividades, os pais/mães autorizam seus filhos/as a participarem porque reconhecem a importância do projeto e o cuidado dispensado a eles/as quando estão participando das atividades.

A maioria dos/as responsáveis respondeu, ainda, que o Projeto Trilhos é importante pelo fato de evitar que as crianças estejam fazendo “coisas erradas”. Uma das mães disse o seguinte: “essa fase é a pior que tem, né? Deixando ela no projeto é deixar ela com o que se ocupar”<sup>522</sup>. Essa mãe enfatiza que a comunicação com a filha em casa é muito difícil, ela disse ainda que: “a gente quase não conversa, mas eu sei que lá ela está bem porque se ensina sobre Deus”<sup>523</sup>.

A percepção dos/as responsáveis tem contribuído substancialmente para que o projeto tenha continuidade no bairro. O esforço que os mesmos têm feito no sentido de levar e buscar os filhos aos ensaios e apresentações tem indicado o significado atribuído por eles/as às ações do projeto.

### **6.3 – Sobre os líderes cristãos: onde está a Igreja naquele contexto?**

Quando o projeto iniciou na Vila Araçá sempre houve um questionamento sobre o papel da igreja naquele contexto. Além das duas igrejas da vila, havia outras no entorno. Chamou a atenção o fato de que nenhum trabalho era feito junto aquela comunidade. O que havia eram algumas ações assistencialistas realizadas em algumas épocas do ano. Inicialmente esses questionamentos foram represados por

---

<sup>522</sup> Entrevista com responsável 02 dos alunos da oficina de flauta doce, realizada no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 02.

<sup>523</sup> Entrevista com responsável 02 dos alunos da oficina de flauta doce, realizada no dia 14/01/2016. Arquivo da pesquisa de campo. Doc: Entrevistas- responsável/aluno flauta doce, nº 02.

conta do envolvimento contínuo com atividades voltadas para as crianças. No entanto, a reflexão sobre a *missio Dei* e a Comunidade Espiritual por ocasião das diversas discussões nas aulas do PPG – EST, oportunizou um novo olhar para aquela realidade. Foi a partir de então que a reflexão teórica começou a substanciar as ações desenvolvidas junto às crianças e adolescentes.

Nesse sentido, começamos a pensar no próprio Projeto Trilhos Sonoros como lugar de proclamação do Reino de Deus. Passamos a refletir que o projeto poderia alcançar àqueles/as que a igreja, enquanto instituição, tinha esquecido. Nessa perspectiva, sentimo-nos desafiados/as a “fazer pessoas pobres, negligenciadas, e desprezadas ficarem de pé novamente tendo recuperado sua humanidade plena perante Deus e as pessoas”<sup>524</sup>. Afinal, esse era o movimento cristão dos primeiros séculos: radicalmente revolucionário. Sobre isso, Bosch escreveu:

A natureza revolucionária da missão cristã primitiva manifestava-se *inter alia*, nos novos relacionamentos que surgiram na comunidade. Judeus, romanos, gregos e bárbaros, livres e escravos, ricos e pobres, mulheres e homens aceitavam uns aos outros como irmãos e irmãs. Era um movimento sem analogias, na verdade “uma impossibilidade sociológica”.<sup>525</sup>

No entanto, conforme Bosch, a comunidade de Jesus foi perdendo sua identidade e tornou-se, apenas, uma nova religião, “um novo princípio de divisão entre a humanidade. E assim permanece até hoje”<sup>526</sup>. Segundo o autor, a igreja deixou de ser um movimento e tornou-se uma instituição. A crítica que Bosch aponta não é necessariamente que o movimento tenha se institucionalizado, mas que, ao ocorrer isso, perdeu seu entusiasmo e criatividade. Para Bosch, “suas incandescentes convicções, derramadas nos corações dos primeiros adeptos, esfriaram e tornaram-se códigos cristalizados, instituições solidificadas e dogmas petrificados”<sup>527</sup>.

Com base nessas reflexões foi importante investigar o que as igrejas do entorno da Vila Araçá consideravam ser igreja, Reino de Deus, salvação e quais ações realizavam junto àquela comunidade. Foram entrevistados seis líderes sendo três mulheres e três homens. Em geral, os líderes entrevistados pontuam que, além

---

<sup>524</sup> BOSCH, 2002, p.56

<sup>525</sup> BOSCH, 2002, p.56

<sup>526</sup> BOSCH, 2002, p.74.

<sup>527</sup> BOSCH, 2002, p.74.

de contribuir com a vida espiritual das pessoas, a igreja deve se preocupar, também, com as questões materiais. Isso, na visão desses líderes, inclui desenvolver ações como doação de roupas e doação de alimentos. Sobre a questão da violência e uso de drogas na vila, nenhum líder relatou alguma ação prática desenvolvida para prevenir a violência e o consumo de drogas. Um líder evangélico disse o seguinte:

Ao possibilitar novas oportunidades, novas vivências, novas experiências e novos relacionamentos cremos que uma nova visão de mundo e de si mesmo se torna possível. Como igreja cremos que o amor de Deus transforma realidades, essa transformação ao alcance das pessoas cria possibilidade da superação da violência e vivência da paz. Isso é viabilizado através das ações e projetos. O amor de Deus é o que permeia todas as iniciativas.<sup>528</sup>

Foi perceptível nas falas dos/as entrevistados/as que a igreja estimula o engajamento social, no entanto, na prática, ao serem questionados sobre quais trabalhos sociais desenvolviam junto às comunidades carentes e, em especial, na vila Araçá, responderam que essas atividades se resumem a visitas de caráter assistencialista e cultos. Não há, nas declarações dos/as líderes, nenhum trabalho mais sistemático desenvolvido nesses lugares de extrema pobreza e violência. Um dos líderes diz que, em geral, é realizada uma pequena reunião de estudo bíblico e de oração na casa de algum morador da vila e feita, ainda, algumas doações de alimentos e roupas. Outro líder declarou que realiza assistência espiritual por meio de ensino bíblico e aconselhamento

Tudo isso é importante e deve ser estimulado cada vez mais, no entanto, há uma necessidade maior que não se encerra num prato de comida ou na doação de uma roupa e nem na visita periódica para aconselhamento. Como disse um dos líderes, é verdade que o amor de Deus transforma realidades, no entanto, essa transformação diz respeito, também, a mim enquanto cooperador/a da *missio Dei*. Nesse sentido, o amor de Deus, ao mesmo tempo em que chega ao coração da pessoa, capacita e motiva o/a crente para se engajar na luta do povo. O amor de Deus, dessa forma, é instrumentalizado por meio de ações práticas com vistas a uma libertação integral. Há uma necessidade premente de atualização do amor de Deus junto a essas pessoas no que diz respeito à luta permanente contra essas assimetrias sociais opressoras e, ao mesmo tempo, um trabalho de conscientização

---

<sup>528</sup> Entrevista com líder 06 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 30/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 06.

e de formação política que oportunize que elas próprias percebam a opressão em que vivem e busquem a própria libertação. Uma libertação integral que repercuta já nesta vida e para a eternidade com Deus.

As declarações da maioria dos líderes pontuam que, apesar de entenderem que a igreja precisa estar envolvida em trabalhos sociais, não dispõem de pessoas dispostas e disponíveis para o desenvolvimento desses trabalhos. Outro ponto destacado por alguns líderes é que essas pessoas que residem naquele contexto periférico são excluídas da sociedade e é necessário realizar ações no sentido de oportunizar a inclusão social delas. Para a líder evangélica que atua há 11 anos no bairro, “as pessoas que residem na Vila Araçá são pessoas que são excluídas, são deixadas de lado dentro da própria igreja e isso não deve existir! É preciso conseguir auxiliar essas pessoas”<sup>529</sup>.

Considerando as entrevistas realizadas com os líderes, bem como as conversas com os membros dessas igrejas, é possível perceber uma distância entre o discurso e a prática. A igreja do entorno da Vila Araçá pouco tem feito no sentido de oportunizar uma mudança emblemática naquele contexto degradante e opressor.

#### **6.4 – Sobre os/as colaboradores/as: por que contribuem com o projeto?**

O Projeto Trilhos Sonoros é um projeto comunitário que conta com a participação voluntária das pessoas. No decorrer de seus seis anos algumas pessoas foram se aproximando do projeto com o objetivo de contribuir com as ações desenvolvidas. O envolvimento dessas pessoas decorre, segundo relatam, da convicção de que o projeto beneficia as crianças e precisa de apoio. Um dos colaboradores diz o seguinte: “contribuo com o projeto porque acredito no poder de inclusão que o projeto proporciona”<sup>530</sup>. Este colaborador diz ainda que:

O projeto é importante não porque ensina música, mas porque proporciona aos participantes a oportunidade de desenvolvimento intelectual, proporciona também a oportunidade de desenvolver relacionamentos com outros participantes. Considero importante para a sociedade porque

<sup>529</sup> Entrevista com líder 04 de igreja evangélica do entorno dos trilhos, realizada no dia 21/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Líderes evangélicos. nº 04.

<sup>530</sup> Entrevista com colaborador 03 realizada no dia 19/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 03.

desenvolve um trabalho que valoriza o ser humano e faz o trabalho de inclusão social deixado de lado pelo poder público.<sup>531</sup>

O colaborador argumenta que tem percebido “que o evangelho tem sido anunciado de uma maneira sutil e responsável. Deus tem trabalhado e tem abraçado as pessoas que participam do projeto”<sup>532</sup>. Aos poucos as pessoas que se integram no projeto percebem que não se trata apenas do ensino regular de música, mas que há uma preocupação em que os participantes do projeto sejam crianças, responsáveis e até mesmo as pessoas que ajudam, tenham acesso ao Evangelho transformador. Nessa perspectiva, os/as colaboradores/as que permanecem cooperando nas ações relataram nas entrevistas e conversas informais, algumas já transcritas nos capítulos anteriores, que têm o interesse em permanecer vinculados/as ao projeto. Duas colaboradoras declaram que o projeto permite que elas, mesmo depois dos 60 anos, continuem a se envolver com a diaconia mesmo se tratando de uma diaconia extra-ecclesial. Segundo essas duas colaboradoras o projeto tem permitido que as mesmas sirvam a Deus e ao próximo e isso, tem sido muito importante para elas pelo fato de que, em geral, “as pessoas dessa faixa etária são colocadas de lado na igreja”<sup>533</sup>.

Rodolfo Gaede Neto, ao tratar a diaconia como ação salvífica de Deus que impulsiona as pessoas, a partir da fé, a prestarem um serviço a todos/as aqueles/as que estão sofrendo e vivendo na pobreza e injustiça, chama a atenção para uma diaconia que se efetive em ações práticas e relevantes do ponto de vista pessoal e social. Para o autor essas ações devem acontecer, conscientemente, a partir da ação social e política, bem como “da atuação pelo amor, da aceitação mútua, inteira libertadora e curativa visando transformar uma situação de sofrimento ou injustiça, visando que os pobres resolvam seus problemas e visando um estado de justiça”<sup>534</sup>. Na mesma linha, Gisela Beulke ao tratar sobre diaconia e responsabilidade social

---

<sup>531</sup> Entrevista com colaborador 03 realizada no dia 19/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 03.

<sup>532</sup> Entrevista com colaborador 03 realizada no dia 19/01/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 03.

<sup>533</sup> Entrevista com colaboradora 01 realizada no dia 05/04/2016. Arquivo da pesquisa. Doc: Entrevistas/Colaboradores/as. nº. 01.

<sup>534</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo: Paulus Editora, 2001. p. 33.

argumenta que: “quem se denomina cristão está a serviço de Cristo e do próximo”<sup>535</sup>.

Além das senhoras e do senhor que contribuem com o lanche para as crianças, a orquestra infanto-juvenil tem dois colaboradores que fazem arranjos para o efetivo instrumental e editam as partituras do grupo. (ANEXO 05). Um dos arranjadores, ao fazer a doação de uma música para o projeto, disse o seguinte: “esse arranjo é para a orquestra como forma de solidariedade ao projeto. Não tem nenhum custo. Fico feliz em ajudar as crianças”<sup>536</sup>. As manifestações espontâneas de pessoas que surgem de vários lugares para contribuir com o projeto têm criado uma corrente de solidariedade que tem beneficiado as crianças e suas famílias em vários aspectos.

Seja por meio de doações de novas flautas doces, estantes, cadernos de música e lápis, camisas ou lanches, as pessoas têm se aproximado do projeto e declarado que essa aproximação decorre da percepção que os/as mesmos/as têm sobre a importância do projeto para a vida daquelas crianças. Os discursos apresentados de forma constante entre esses/as colaboradores/as é que o projeto precisa continuar e que todos precisam ajudar. Os depoimentos, revelados na pesquisa, apontaram, portanto, para o fato de que o Projeto Trilhos Sonoros, além de contribuir com as crianças e adolescentes da periferia, tem oportunizado que as pessoas que contribuem possam praticar a solidariedade e desenvolver a diaconia extra-eclesial por meio de suas habilidades.

## 6.5 – Sobre a situação atual do projeto Trilhos Sonoros

No ano de 2017 o Projeto Trilhos Sonoros completou seis anos de atividades no bairro Mato Grande em Canoas/RS. A realidade atual é bem diferente da que existia no início do projeto. Atualmente o Projeto conta com um efetivo instrumental de, aproximadamente, 60 instrumentos musicais, desde a flauta doce até o violoncelo sendo que parte desses instrumentos é cedida aos alunos por meio de cautela assinada pelos/as responsáveis. Com isso, as crianças e adolescentes têm a oportunidade de desenvolver a técnica musical na própria casa ou em outros

---

<sup>535</sup> BEULKE, Gisela. **Diaconia em situação de fronteira**: um exemplo chamado Balsas. São Leopoldo: Sinodal. Centro de Estudos Bíblicos, 2001. p. 81.

<sup>536</sup> Relato do arranjador e editor de partituras que contribui com o projeto Trilhos Sonoros, por ocasião da doação da partitura.

locais a partir de grupos musicais, populares ou religiosos. Isso tem facilitado a continuidade das atividades de ensaio e apresentações após o recesso de final de ano. A coordenação do projeto tem estimulado os/as alunos/as a frequentarem outros grupos musicais e, por isso, cede o instrumento para aqueles/as que demonstram interesse no desenvolvimento musical. A cessão do instrumento cumpre, ainda, um papel fundamental no que diz respeito à valorização e a confiança depositada na criança e na família. Em geral, no ensino formal de música o/a aluno/a tem que comprar seu próprio instrumento ou usar o instrumento do curso no momento das aulas. Não é permitido, portanto, nesses espaços o empréstimo de instrumento.

A cessão dos instrumentos cumpre, também, o papel de contribuir com o desenvolvimento da disciplina de estudos diários e com a responsabilidade pelo cuidado e manutenção do instrumento. De forma recorrente alguns responsáveis procuram a coordenação para relatar que os/as filhos/as têm feito a manutenção do instrumento de forma regular e que têm dedicado, em torno de, uma hora para o estudo diário no instrumento. É possível perceber, ao longo desses seis anos, que a participação dos pais e mães no desenvolvimento técnico musical das crianças, foi fundamental para a criação dessa disciplina de estudo. Percebe-se, ainda, que as crianças e adolescentes que têm o apoio dos pais/mães e realizam estudos individuais na própria casa, têm um maior desenvolvimento musical e isso tem oportunizado que esses/as alunos/as atuem como monitores/as no ensino de instrumentos para outras crianças.

O projeto continua desenvolvendo suas atividades de aulas e ensaios na casa do coordenador, bem como nos Núcleos de Cooperação localizados na casa da tia Cleusa e Comunidade Minha Terra I. O Jornal Diário de Canoas, em matéria publicada no dia 03 de março de 2017, (ANEXO 06), diz o seguinte sobre o projeto:

Existe um projeto em Canoas que desde 2011 ensina gratuitamente música clássica para as crianças e adolescentes das comunidades carentes. Os pequenos aprendem a tocar violino, violoncelo, flauta, clarinete, saxofone. Aprendem a apreciar Mozart e Beethoven, Vivaldi e Tchaikovsky; Haendel e Bach. Exercitam a disciplina. E tudo de graça. Seria perfeito se não fosse um problema: não existe sala de aula. O projeto Trilhos Sonoros tem acontecido com as cadeiras e instrumentos na casa do professor Augusto Souto. [...] Embora atendendo acerca de 30 alunos de comunidades carentes, Souto ainda não conseguiu parceria para conseguir uma sede

para as crianças. Mas será que é tão difícil assim achar um lugar onde os pequenos possam ensaiar?<sup>537</sup>

Após uma apresentação realizada na redação do jornal, foi relatado para todos os presentes que o Projeto Trilhos Sonoros estava disponibilizando novas vagas para o ano de 2017 na certeza que neste ano conseguiríamos uma sede para o projeto. Após o relato, a coordenação foi procurada por um dos diretores informando que no dia seguinte faria uma matéria de capa para buscar ajuda. No dia seguinte, como informado, o jornal de Diário de Canoas publicou a seguinte chamada: “Sobra talento e violino: Projeto Trilhos Sonoros busca uma sede para ensinar música clássica para as crianças”<sup>538</sup>. Na tentativa de agregar novos/as parceiros/as para o projeto, o jornal Diário de Canoas informa o seguinte: “desde que foi criada em junho de 2011, a iniciativa busca por parcerias para viabilizar um local fixo para as aulas, no entanto, ninguém pareceu se interessar muito pela ideia até agora”<sup>539</sup>.

O fato objetivo é que mesmo sem uma sede fixa o Projeto Trilhos Sonoros, por meio de seus núcleos de cooperação, continua realizando as atividades nos locais de maior periculosidade do bairro Mato Grande e na casa do coordenador aos sábados pela manhã. No final de 2016 a coordenação foi procurada para iniciar mais um núcleo de cooperação no bairro Mathias Velho. Esse bairro, de acordo com o Observatório de Segurança Pública de Canoas<sup>540</sup>, é um dos bairros mais violentos da cidade. O bairro Mathias Velho tem o maior quantitativo de crianças de 0 a 14 anos, conforme informativo nº 2 do instituto Canoas de junho de 2011<sup>541</sup>. Naquele ano, a pesquisa registrava um total de 12.105 crianças nessa faixa-etária. Os dados referentes à violência e a vulnerabilidade de crianças e adolescentes apontam para a criação de mais um Núcleo de Cooperação naquele bairro. Assim, em tratativas com o líder comunitário, ficou acordado que o Projeto Trilhos Sonos desenvolveria atividades de musicalização infantil com 20 crianças do bairro. As aulas seriam desenvolvidas em espaço cedido pela comunidade e contaria com a coordenação de

<sup>537</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas, no dia 03 de março de 2017. p.4-5.

<sup>538</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas, no dia 03 de março de 2017. p.4-5.

<sup>539</sup> Matéria publicada no jornal Diário de Canoas, no dia 03 de março de 2017. p.4-5.

<sup>540</sup> Disponível em <http://sistemas.canoas.rs.gov.br/observatorio/public/>. Acesso em 16 /02/2017.

<sup>541</sup> Disponível em [http://canoas.rs.gov.br/uploads/paginadinamica/18865/InformativoCanoasemDados\\_n2.pdf](http://canoas.rs.gov.br/uploads/paginadinamica/18865/InformativoCanoasemDados_n2.pdf). Acesso em 16/02/2017.

parceiros/as que atuam há mais de três anos no projeto. As aulas de musicalização infantil, por meio da flauta doce e violino, poderiam ser conduzidas pelos alunos do projeto com experiência nos instrumentos e que tenham frequentado as aulas de formação musical. Dessa forma, o Projeto Trilhos Sonoros assume, como meta, o atendimento de 100 crianças no ano de 2017.

De acordo com o Diário Oficial do Município de Canoas de 09/12/2016, (ANEXO 07), o Projeto Trilhos Sonoros foi aprovado na Análise do Mérito do certame e obteve a nota máxima no julgamento final. A proposta apresentada foi de ampliação e modernização do Projeto Trilhos Sonoros que previa a aquisição de arquivos de aço, cadeiras, armários, quadros brancos, cadeiras para ensaios, entre outros equipamentos que potencializarão as ações desenvolvidas pelo projeto. Ocorre que, como as aulas são desenvolvidas nas casas, não há espaço para o depósito de todo esse material. Isso indica uma necessidade premente de um espaço físico maior que possa comportar todo o patrimônio do projeto, bem como os ensaios de maior monta que serão realizados por ocasião dos concertos anuais que contarão com a participação de todos os núcleos do Projeto. Por isso, a aquisição de uma sede própria com amplo espaço é um grande desafio para o projeto no ano de 2017.

Embora o Projeto Trilhos Sonoros tenha conseguido vários/as colaboradores/as, que têm contribuído significativamente junto às ações realizadas, há uma carência no que diz respeito a um corpo estável de educadores musicais voluntários para o desenvolvimento das oficinas de música nos núcleos do projeto. Desde 2013, a coordenação busca firmar parcerias com instituições de ensino superior que tenham o curso de Licenciatura Plena em Música. Essas parcerias institucionais possibilitariam que o projeto recebesse graduandos/das e graduados/as devidamente preparados/as para o ensino da música.

O Projeto Trilhos Sonoros não conta, ainda, com esse nível de parceria, mas avança multiplicando os talentos das crianças e adolescentes com o objetivo de oportunizar que os/as próprios/as alunos/as tornem-se professores nos núcleos do projeto. Atualmente o projeto conta com um total 04 professores atuando nos núcleos sendo o coordenador e três alunos do projeto. Por se tratar de um trabalho voluntário há uma dificuldade em encontrar profissionais disponíveis e dispostos para os trabalhos do projeto.

A concepção do Projeto Trilhos Sonoros privilegia o voluntariado como forma prática de servir às crianças e adolescentes da periferia. É nessa perspectiva que o Projeto Trilhos Sonoros pretende avançar no serviço ao próximo. Prestes a completar sete anos de efetivas atividades no bairro Mato Grande em Canoas o projeto tem cultivado a ideia da solidariedade e amor prático e intencional pelas pessoas por meio da música. Portanto, a perspectiva é que novos professores sejam agregados ao projeto e que os alunos avancem no estudo da música a fim de que possam servir outras crianças e adolescentes multiplicando, assim, essa rede solidária.

## **6.6 – O Projeto Trilhos Sonoros como ação cristã na periferia**

As ideias apresentadas revelam pistas sobre o Projeto Trilhos Sonoros que vão além de um projeto assistencialista ou de uma escola especializada em música. Se considerarmos que a *missio Dei* é soberana e autônoma que conta com colaboradores/as e não age, necessariamente, a partir da igreja institucionalizada e, ainda; que a Comunidade Espiritual em seu estado manifesto é aquela comunidade que caminha na força do Espírito e reconhece Jesus como Novo Ser em Cristo, é possível compreender que o Projeto Trilhos Sonoros é uma Comunidade Espiritual em seu estado manifesto a serviço da *missio Dei* que atua na periferia.

Em termos práticos, o que isso quer dizer? Em primeiro lugar o Projeto Trilhos Sonoros não é uma igreja como aquela que estamos habituados, mas, ao mesmo tempo, é Corpo de Cristo, igreja invisível, Comunidade Espiritual e colaborador da *missio Dei*. Em segundo lugar, o Projeto Trilhos Sonoros, enquanto fragmento do Reino de Deus na terra, busca a inclusão de todas as pessoas nesse Reino de amor, justiça e paz. Para tanto, todas as atividades do projeto são norteadas pelo Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo. Nessa perspectiva, o projeto desenvolve suas ações nas periferias com vistas a uma transformação geradora de vida em abundância como prometida por Cristo.

Como já visto, a periferia é um lugar de carência econômica que dificulta uma inserção social satisfatória, através do consumo dos bens materiais, culturais e sociais. A periferia é um lugar onde as ações do poder público são, em geral, ausentes, possibilitando que as pessoas que ali residem permaneçam alienadas e excluídas. A periferia onde atua o Projeto Trilhos Sonoros, por exemplo, é um lugar

extremamente sujo e sem a mínima infraestrutura que possibilite uma vida com o mínimo de dignidade. Apesar de estar perto do centro urbano, o local está cravado num grande buraco onde, frequentemente, as pessoas passam de carro e param, não para ajudar, mas para depositar lixo nas imediações. A periferia é, também, um lugar onde o consumo de drogas é permanente e conhecido pela própria comunidade. O acesso a esses lugares é perigoso porque os viciados se tornam assaltantes para conseguirem manter o vício e, em alguns casos, esses assaltantes tornam-se assassinos. Assim, o trabalho desenvolvido nesse lugar, constitui-se como um desafio para os cristãos.

Sabemos que Deus amou o mundo de tal maneira que enviou seu único filho para morrer para que ninguém percesse (Jo 3.16). Esse amor inclui a todos/as. Os que residem nos grandes centros urbanos e nas periferias são alvos desse amor. Como cristãos precisamos atualizar esse amor de Deus por todas as pessoas. O trabalho realizado pelo Projeto Trilhos Sonoros na periferia constitui-se, portanto, como uma forma de dizer que Deus as ama e se preocupa com elas e, ao mesmo tempo, denunciar a opressão e pobreza que as pessoas vivem naquele contexto.

O Projeto Trilhos Sonoros enquanto ação cristã visa resgatar a imagem de Deus nas pessoas que ali residem oportunizando, não apenas a inclusão social, mas, sobretudo, contribuindo para que essas pessoas possam ter um encontro com a verdade que liberta (Jo 8.32). Nesse sentido o Projeto Trilhos Sonoros tem atuado em regiões específicas da cidade de Canoas – RS, onde há uma grande demanda de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. O trabalho sistemático por meio da música pode abrir as portas para que aquelas crianças e suas respectivas famílias tenham a possibilidade de viver de forma plena o amor e o cuidado de Deus.

Já foi dito que o Projeto Trilhos Sonoros não é uma igreja semelhante às demais. Nele não há fachada com nome da igreja, espaço físico que identifica que ali funciona uma igreja; liturgia tradicional; púlpito e pastor. No entanto, como Comunidade Espiritual em sua forma manifesta tem proclamado Cristo como o Novo Ser e percebido que a proclamação da Libertação que Cristo traz não está condicionada à implantação de templos, estatutos e liturgias formais, mas pode ser verificada em outras ações cristãs, não necessariamente vinculadas a uma igreja local.

É importante, considerando tudo o que já foi tratado anteriormente, destacar que o soprar de Deus alcança os lugares mais inóspitos possíveis. Sua soberania e seu desejo de que todos vivam de forma abundante alcança plenamente aqueles/as que estão na periferia, também. Deus não abandonou a periferia. Nós sim!

## 6.7 – Síntese

Neste capítulo foram realizadas as devidas análises e interpretações sobre os dados colhidos a partir da pesquisa-ação. Os dados levantados confirmam as hipóteses iniciais de que o Projeto Trilhos Sonoros se constitui como *locus* de ação da *missio Dei*, a despeito da ausência das *missiones ecclesiae*, bem como se constitui como Comunidade Espiritual em seu estado manifesto. A análise e interpretação dos dados colhidos indicam, ainda, que o Projeto Trilhos Sonoros é uma Comunidade Espiritual e está a serviço da *missio Dei* na periferia contribuindo com a libertação e transformação daquele cenário urbano. Outro elemento importante para destacar a partir da análise e interpretação dos dados é que a educação musical, enquanto ação prática do Projeto Trilhos Sonoros, pode ser utilizada como estratégia de criação de vínculos com determinada comunidade periférica para a propagação do Evangelho. Por fim, a presente pesquisa indicou que, na percepção das crianças e adolescentes, pais, colaboradores/as e líderes cristãos/ãs, o Projeto Trilhos Sonoros, embora não sendo uma igreja institucionalizada, apresenta-se como uma ação preponderante no sentido de oportunizar à comunidade o contato com a Palavra de Deus. Nesse sentido as análises contribuem para o desenvolvimento de novas ações com vistas à continuidade do Projeto Trilhos Sonoros enquanto uma forma (des) institucionalizada de igreja na periferia.

## 7 – PROPOSTA DE AÇÃO: CONTINUIDADES A PARTIR DA PESQUISA – AÇÃO

*Há muita gente boa disposta a cuidar desses por cuja vida Cristo sente compaixão. É para esses que me dirijo agora, com uma proposta real de atitudes que geram transformação.*

*Antônio Carlos Costa*

O objetivo deste capítulo é propor ações que repercutam de forma mais efetiva e transformadora junto à comunidade atendida pelo Projeto Trilhos Sonoros, bem como, em se tratando de uma pesquisa em Teologia Prática, propor ações cristãs mais próximas do/a pobre, na periferia. Nesse sentido, a pesquisa constitui-se de fundamental importância para um repensar teológico sobre o/a pobre na periferia. Inicialmente será tratado sobre a necessidade de avaliação e planejamento enquanto ações basilares para a continuidade do projeto. Neste tópico, é proposta a criação do Grupo de Avaliação e Planejamento – GAP que tem por atribuição a avaliação periódica e o planejamento das ações do projeto, bem como a continuidade do ato reflexivo/político da comunidade. A criação do GAP oportunizará uma (re) definição do público alvo do Projeto Trilhos Sonoros, a avaliação sobre as formas de captação de recursos e o estabelecimento de parcerias institucionais. Nos tópicos seguintes é proposta a criação de Grupo Multidisciplinar e a continuidade da Pesquisa-ação em outras áreas. Por fim, são apresentadas propostas de ações para uma ação diaconal na periferia a partir da educação musical.

### 7.1 – Avaliação e planejamento: ações basilares para a continuidade do projeto Trilhos Sonoros

Hugues Dionne escreve que “como a pesquisa-ação consiste em processo de intervenção, é evidente que a questão da continuação da ação sempre deve ser colocada”<sup>542</sup>. Dessa forma e, considerando todo o estudo desenvolvido junto aos/às integrantes do Projeto Trilhos Sonoros, foi perceptível a necessidade de uma maior sistematização das ações a fim de que a continuidade das mesmas alcancem novas famílias e contribua, efetivamente, com as comunidades periféricas de Canoas.

---

<sup>542</sup> DIONNE, 2007, 121.

Assim, este tópico apresenta uma proposta de ação que nasce a partir da reflexão teórica e das discussões e questionamentos apresentados no decorrer da pesquisa.

Dionne afirma que “uma maneira adequada de efetuar a avaliação em colaboração com os participantes consiste em voltar a discutir os critérios para medir o caminho percorrido entre a situação inicial e a nova situação”<sup>543</sup>. Nesse sentido, a pesquisa-ação desenvolvida indicou que a continuidade do projeto exige uma discussão permanente sobre a avaliação das ações já realizadas e daquelas que ainda serão efetivadas na comunidade. A avaliação dos processos já realizados abrirá caminhos para a continuidade das ações.

Para iniciar um trabalho de intervenção em determinada comunidade é fundamental discutir com a própria comunidade os caminhos que serão percorridos. No início do projeto, ainda quando não havia nenhuma pesquisa associada, procurei conversar com as crianças e os responsáveis para sondar a viabilidade de um projeto de educação musical na vila. A avaliação favorável da comunidade indicou, portanto, que o projeto poderia ser realizado naquele local. A necessidade de cuidar das crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social, no entanto, era mais urgente do que reunir para avaliar e planejar com a comunidade. Assim, no início do projeto não houve nenhuma avaliação sistemática e planejamento junto com a comunidade.

À medida que a reflexão teórica foi incorporada àquela ação, foi percebida a necessidade premente de avaliar e planejar de forma mais sistemática com a comunidade. Foi a partir de então que as reuniões com os responsáveis e colaboradores do projeto começaram a ser frequentes. Em geral, era feita uma reunião no início do semestre para avaliar e planejar as ações. Além dessas reuniões eram realizados outros encontros com os/as colaboradores/as do projeto.

Foi em uma reunião de avaliação e planejamento com os pais/mães, por exemplo, que se decidiu pelo aluguel de um prédio para o projeto, haja vista o mesmo ter agregado novas crianças. A partir das reuniões de avaliação e planejamento houve uma maior participação dos/as responsáveis. Nas reuniões eram discutidas, com os/as responsáveis e colaboradores/as, as necessidades do projeto para ampliar as ações. As principais necessidades apresentadas foram:

---

<sup>543</sup> DIONNE, 2007, 121.

1. Espaço físico;
2. Professores/as voluntários/as;
3. Elaboração de termo de voluntariado baseado na lei do voluntariado;
4. Alimentação das crianças nas aulas e ensaios;
5. Participação dos/as responsáveis nas reuniões;
6. Autorização dos responsáveis para que os/as filhos/as participassem de apresentações e recitais pelo turno da noite na cidade e em outros municípios;
7. Uniforme para as crianças;
8. Aquisição de novos instrumentos;
9. Cessão de instrumentos para os alunos;
10. Termo de compromisso para os responsáveis pela utilização dos instrumentos.

Essas demandas foram discutidas com a comunidade e oportunizaram uma maior sistematização das ações. Além disso, a regularidade de reuniões com a comunidade legitimou o projeto enquanto ação popular democrática. A comunidade começou a perceber que tinha acesso e voz nas decisões referentes ao projeto. C. Boff, afirma que:

Tudo começa com a participação na palavra, no diálogo, nas decisões. Numa reunião de reflexão não há apenas um treino ou preparação à vida política. Já se dá aí vida política na medida em que acontece a partilha do saber, do pensamento e dos projetos. Independente dos conteúdos (se são diretamente políticos ou não), uma reunião deve mostrar, por sua dinâmica participatória, que se trata de democracia, do poder popular. E isso mesmo, quando se cuida de programar uma procissão ou um piquenique.<sup>544</sup>

Considerando, portanto, a importância da avaliação e do planejamento junto com a comunidade, bem como o engajamento de responsáveis e colaboradores/as nessas ações apresentamos, a partir daqui, uma proposta com vistas a aperfeiçoar as ações de avaliação e planejamento já desenvolvidas.

---

<sup>544</sup> BOFF, 1986, p.63.

### **7.1.1 – Criação de Grupo de Avaliação e Planejamento – GAP**

Este grupo terá por atribuição a avaliação periódica e o planejamento das ações do projeto, bem como a continuidade do ato reflexivo/político da comunidade. Composto por coordenador, responsáveis e colaboradores/as esse grupo se reunirá ordinariamente uma vez por semestre e extraordinariamente conforme a necessidade e convocação do coordenador. O GAP criará uma agenda de trabalho para as atividades de avaliação e planejamento anual.

Mesmo com o projeto consolidado, é fundamental que esse grupo reflita e discuta as estratégias de alcance do projeto para que, além de manter as demandas atuais, possa abranger outras comunidades periféricas da cidade. Para que haja uma eficácia nessas ações, é necessário desenvolver estratégias claras e pontuais com vistas ao alcance dos objetivos propostos pelo projeto, a saber: criar vínculos com as comunidades periféricas de Canoas a partir da educação musical, com vistas à proclamação do Evangelho de Cristo.

Compartilhar as decisões com a própria comunidade e com aqueles/as que colaboram com o projeto potencializará as ações desenvolvidas ao mesmo tempo em que valorizará cada um e cada uma e, ainda, contribuirá para a formação de um ambiente plural onde as decisões são tomadas coletivamente. Esse ambiente plural servirá de ponto de partida para a continuidade do projeto.

Na primeira reunião de avaliação e planejamento do ano de 2017, quando estiveram presentes os responsáveis e alguns colaboradores/as, foi solicitado dos/as mesmos/as um maior engajamento a fim de que houvesse uma continuidade das ações. Como resposta prática, um responsável apresentou-se para atuar no projeto na condição de coordenador de Núcleo de Cooperação. De igual forma, um colaborador e uma colaboradora se apresentaram para fazer parte da equipe que avaliará e planejará as ações. A fala naquela reunião foi no sentido de que o Projeto Trilhos Sonoros precisava do engajamento efetivo de mais pessoas. Assim, foi enfatizado que o projeto não poderia continuar sendo avaliado e planejado apenas por uma pessoa. Nesse sentido e, considerando a trajetória de seis anos do projeto, foi pontuado que, apesar das dificuldades, foi possível caminhar até aqui, no entanto, a continuidade e ampliação das ações dependerá, em grande parte, do engajamento de outras pessoas.

A criação do GAP possibilitará, portanto, que responsáveis e colaboradores/as contribuam na avaliação, discussão e planejamento dos seguintes itens descritos abaixo:

#### **7.1.1.1 – (Re) definição do público alvo do Projeto Trilhos Sonoros**

Como ação inclusiva, o Projeto Trilhos Sonoros tem oportunizado que todas as crianças, independente de perfil socioeconômico ou religioso, que moram no bairro e, até mesmo, em outros tenham acesso às ações educativo-musicais. No entanto, há uma demanda de procura bem maior do que a capacidade estrutural do projeto. Em virtude dessa falta de estrutura, há uma sobre carga para os professores, que se revezam entre aulas de teoria, prática e ensaios da orquestra, e o desenvolvimento de aulas em espaços improvisados que acabam comprometendo o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o GAP, fará uma avaliação sistemática sobre o perfil majoritário das crianças e adolescentes atendidos/as nesses seis anos, bem como o público de maior vulnerabilidade social. Essa avaliação contribuirá para que um novo planejamento seja feito apontando de forma sistematizada a demanda exata que o projeto atenderá em virtude de sua capacidade estrutural e urgência social. A partir dessa avaliação o projeto refletirá sobre o seguinte:

- Quantitativo de alunos que poderá ser atendido por semestre;
- Perfil socioeconômico que será atendido;
- Ações que serão desenvolvidas;
- Resultados esperados;
- Profissionais envolvidos nas ações.

#### **7.1.1.2 – Formas de captação de recursos**

O GAP avaliará, ainda, as formas de captação de recursos que vêm sendo praticadas no projeto e planejará outras ações com vistas ao atendimento das necessidades estruturais. Como já informado, o Projeto Trilhos Sonoros tem desenvolvido suas ações a partir da aprovação em editais culturais como o Microcrédito Cultural e Programa de Incentivo à Cultura – PIC da Prefeitura

Municipal de Canoas.. Esses editais, que destinam verba para os projetos culturais, oportunizaram a compra de instrumentos e equipamento de som para o projeto. Além disso, o projeto conta com os/as colaboradores/as que contribuem para aquisição de uniforme e alimento para as crianças. Uma avaliação sistemática sobre essas formas de captação de recursos e outras possíveis e viáveis, envolvendo a comunidade, indicará alternativas que contribuirão para o desenvolvimento das ações.

### **7.1.1.3 – O estabelecimento de parcerias institucionais**

O papel do GAP será fundamental na avaliação e discussão de possíveis parcerias institucionais para o projeto. A participação dos/as responsáveis e colaboradores/as avaliando, discutindo e planejando essas parcerias junto com a coordenação oportunizará que as mesmas representem um clamor popular em favor da comunidade atendida pelo Projeto Trilhos Sonoros, que poderá ser convertido em ações práticas e permanentes para as crianças, adolescentes e respectivas famílias que integram o projeto. Dessa feita, será possível a implementação de parcerias junto às Faculdades, Igrejas, ONGs e o poder público municipal, objetivando, entre outras ações, a discussão e planejamento de políticas públicas para a periferia.

A título de exemplo, destacamos o projeto intercambio solidário que foi desenvolvido com a Universidade do Estado do Pará – UEPA. Essa parceria foi fundamental para o Projeto Trilhos Sonoros porque oportunizou que alunos graduados e graduandos daquela IES colaborassem com o projeto por meio de aulas e palestras para as crianças e adolescentes. O aperfeiçoamento dessas parcerias depende, portanto, de uma discussão permanente com a comunidade, avaliação e (re) planejamento.

### **7.1.2 – Criação de Grupo Multidisciplinar**

Considerando que a criação de vínculos com algumas comunidades periféricas constitui-se como primeiro grande desafio para a proclamação do Evangelho em decorrência da violência, consumo de drogas e outras mazelas sociais, é fundamental a criação de um grupo multidisciplinar de profissionais cristãos voluntários que possam atuar naquele cenário a partir de ações diversas

para a comunidade. Quando o Projeto Trilhos Sonoros entrou pela primeira vez na comunidade, a única ação disponível para a comunidade era a música, materializada em uma flauta doce. Foi com a música que os primeiros vínculos foram criados. No entanto, há muitas outras formas de se chegar nessa comunidade e criar fortes vínculos com a mesma.

Esse grupo multidisciplinar poderá oferecer à comunidade outras ações que sirvam como estratégias práticas de criação de vínculos. Dentre as ações necessárias, evidenciadas por ocasião das diversas visitas realizadas no cenário da pesquisa, destaco as seguintes:

- Assistência social com o objetivo de realizar o levantamento de dados referente ao perfil sócioeconômico das famílias, bem como acompanhar e orientar casos permanentes de crianças fora da escola, violência doméstica, abuso sexual, e outros casos bem presentes na periferia e, ainda, encaminhar situações para o conselho tutelar, Centro de Referência da Assistência Social – CRAS e Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS.
- Orientação jurídica com o objetivo de esclarecer e orientar a comunidade nos encaminhamentos dos seus direitos.
- Ações na área da saúde com vistas a orientar a comunidade no que diz respeito às implicações da manipulação do lixo sem a devida proteção básica, cuidados com a infestação de insetos decorrente do lixo, manipulação de alimentos e higiene pessoal e social.
- Ações pedagógicas que fortaleçam o aprendizado das crianças, bem como crie estratégias de alfabetização de adultos na comunidade.
- Educação Musical com crianças e adolescentes com vistas a dar continuidade aos trabalhos de musicalização infantil já realizados com a comunidade.

A execução dessas ações possibilitaria a criação de novos vínculos na comunidade e com outras comunidades, conforme planejamento do GAP.

### 7.1.3 – A continuidade da Pesquisa-ação em outras áreas

A criação de um grupo multidisciplinar cristão apontará para construção de novos projetos de pesquisa-ação junto à comunidade. A pesquisa-ação para Dionne “pretende fundamentalmente reduzir a distância que se criou, em vários campos, entre reflexão teórica e prática profissional”<sup>545</sup>. Dionne continua afirmando que:

Explicar essa distância não é simples. Por exemplo, como explicar a defasagem, muitas vezes profunda entre as teorias psicossociais e as práticas de intervenção psicossocial? A resposta fácil consiste em declarar que os autores vivem em “torres de marfim” e que atores não têm tempo para refletir. Precisamos superar esses estereótipos, se quisermos compreender o alcance reflexivo e a prática da pesquisa-ação. A separação entre teóricos e práticos, entre o pesquisador e o profissional-ator (às vezes, designado como “consultor”), se acentuou progressivamente em uma divisão de trabalho intelectual pela profissionalização das tarefas sociais, (um tipo de “taylorização” do trabalho intelectual). Os ofícios de profissionais-pesquisadores, de um lado, e de profissionais-atores, por outro, desenvolveram-se, muitas vezes de modo isolado, ou com poucos vínculos.<sup>546</sup>

A ideia, portanto, de continuidade da pesquisa-ação em outras áreas do saber humano oportunizaria a produção de novos conhecimentos, bem como a continuidade de intervenções sistemáticas naquele contexto social. É importante enfatizar que, em geral, as pesquisas realizadas nas comunidades periféricas após passarem por todo um rito acadêmico, não retornam para o povo em ações transformadoras. O que é proposto, a partir da continuidade da pesquisa-ação na comunidade, é que outros saberes, inclusive o teológico que muito tem discutido sobre o pobre, a *missio Dei*, diaconia extraeclesial e teologia prática, possam desenvolver pesquisas que retornem para a comunidade e contribuam efetivamente com a transformação integral daquelas vidas que residem naquele lugar.

A pesquisa-ação nesse sentido é uma forma de tornar a academia instrumento efetivo da *missio Dei* a serviço dos oprimidos. A produção intelectual serve, de igual modo, para criar estratégias pontuais de combate às injustiças sociais e à opressão imposta aos pobres. Dessa forma, portanto, a continuidade da pesquisa-ação em outras áreas do saber oportunizará não apenas a aquisição de novos conhecimentos sobre a periferia, mas contribuirá de forma efetiva para que

---

<sup>545</sup> DIONNE, 2007, p. 31.

<sup>546</sup> DIONNE, 2007, p. 31.

essa realidade de miséria e abandono tão presente em nosso país e na América Latina como um todo diminua sem, necessariamente, depender das escassas ações governamentais. Será a Igreja de Cristo marchando e produzindo profundas transformações por onde passa. Antônio Carlos Costa ressalta que “a igreja não pode estar aquém desse sonho”<sup>547</sup>. Para este autor, “devemos lutar por um mundo que seja o mais adequado possível para a existência desses seres maravilhosos, que o cristianismo declara serem feitos á imagem e semelhança de Deus”<sup>548</sup>.

Adriano Sella escreve que há uma valorização predominante apenas na dimensão formativa e conceitual da pessoa. Este autor argumenta que o grande esforço reside na capacidade de “pôr em prática o que se aprendeu, de concretizar todas as informações recebidas e as motivações ouvidas”<sup>549</sup>. Após a aquisição de determinado conhecimento, há uma dificuldade de vincular todo esse abarrotamento teórico a determinado contexto social de modo que possa produzir mudanças no mesmo. A respeito dessa dificuldade, Sella chama a atenção que é preciso passar dos cursos aos percursos<sup>550</sup>. O autor continua seu argumento:

O percurso privilegia não só a formação, mas também sua concretização na vida, porque se baseia na experiência vital mais do que na formação conceitual. [...] Percurso significa, pois, traduzir em experiência de vida a recepção intelectual, ou seja, resolver o dilema entre teoria e prática. No nível teórico é ainda fácil chegar a uma clareza sobre aquilo que devemos fazer para responder ao chamado de Deus; mas depois permanece a turbulência da prática, no momento em que se tenta viver os valores evangélicos tornando-os estilos de vida para poder responder à complexidade da realidade.<sup>551</sup>

Nessa perspectiva, há que se fazer um caminho com o pobre da periferia não apenas estudando-o/a procurando conhecer sua realidade, mas, sobretudo, um caminho onde haja um real engajamento com sua realidade. Nesse sentido, a pesquisa-ação resgata essa conciliação entre a teoria e a prática real e possibilita que nós, seguidores de Cristo façamos pesquisas transformadoras e emblemáticas para as pessoas.

---

<sup>547</sup> COSTA, 2015, p.227.

<sup>548</sup> COSTA, 2015, p.227.

<sup>549</sup> SELLA, 2010, p. 228.

<sup>550</sup> SELLA, 2010, p. 228.

<sup>551</sup> SELLA, 2010, p. 228.

#### 7.1.4 – Proposta para uma diaconia extra eclesial na periferia a partir da educação musical

Dierk Starnitzke relata que em uma ordem eclesiástica da Síria do século V, há a seguinte orientação: “se o diácono atua numa cidade localizada junto ao mar, ele deve investigar cuidadosamente a praia para ver se as ondas do mar não trouxeram o corpo de um marinheiro naufragado. Ele deve vesti-lo e sepultá-lo”<sup>552</sup>. Starnitzke aponta, ainda, que havia uma preocupação, expressa nessa ordem eclesiástica, em que o diácono estivesse atento para verificar se na hospedagem para estrangeiros havia pessoas doentes, pobres ou mortas para que a comunidade fosse informada e se ocupasse com as necessidades de cada um<sup>553</sup>. De igual forma, Gaede Neto informa que:

Em uma carta conservada por Eusébio, o bispo Dionísio de Alexandria (falecido em 265) escreve sobre a peste que atingiu sua cidade e relata que os cristãos cuidaram dos doentes, sem fazer distinção entre cristãos e não cristãos. Segundo seu relato, os pagãos fugiam das pessoas infectadas, inclusive dos seus familiares, abandonavam os moribundos e deixavam os mortos jogados. Muitos cristãos morreram nesses cuidados, inclusive presbíteros, leigos e diáconos. Tomavam os moribundos no colo e no momento da morte “fechavam-lhes os olhos e a boca”. Preparavam os corpos com banho e os enterravam, e, muitas vezes, os sucediam na morte.<sup>554</sup>

A ordem da vida eclesiástica da Síria do século V, bem como a postura assumida pelos cristãos de Alexandria expressa a atenção e o cuidado com as pessoas de fora. Para Starnitzke “um dos sentidos fundamentais da diaconia consiste, desde o início até os dias atuais, em estabelecer para a igreja relações externas junto àquelas pessoas que não se encontram na igreja”<sup>555</sup>.

Assim, a presente pesquisa revela a necessidade de um repensar a diaconia para além dos serviços de dentro da igreja, para a periferia onde estão as pessoas pobres, enfermas e desprezadas pela sociedade. Como já visto no decorrer deste trabalho, há que se pensar numa diaconia efetivamente engajada nos contextos

<sup>552</sup> STARNITZKE, 2013, p.46.

<sup>553</sup> STARNITZKE, 2013, p.46.

<sup>554</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v55, p.316-322, julho. 2015. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/2615/2408](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2615/2408). acesso em 06/06/2017.

<sup>555</sup> STARNITZKE, 2013, p.46.

periféricos que possa, efetivamente, a partir do evangelho, produzir profundas transformações naqueles contextos. No entanto, como já discutido anteriormente, não bastam reflexões. Há uma necessidade premente de ações que materializem essas reflexões. Assim e, em se tratando de pesquisa-ação, apresento abaixo algumas contribuições para uma ação diaconal na periferia a partir da educação musical.

#### **7.1.4.1 – Inserção na periferia: conhecer e criar vínculos**

O primeiro passo para uma ação diaconal na periferia é conhecer o local onde serão desenvolvidos os trabalhos. Conhecer o local não é uma ação feita a distância, mas no dia a dia da periferia. Por isso é fundamental que o/a diácono/a após definir a periferia onde se inserirá, comece a levantar dados sobre aquele contexto, sobretudo no que diz respeito aos lugares mais violentos e de maior vulnerabilidade infanto-juvenil. Além disso, é importante levantar dados sobre igrejas, centros comunitários e outros espaços na comunidade que podem abrigar possíveis atividades. Com esses dados levantados o/a diácono/a iniciará o processo de inserção real na comunidade. Essa inserção visa conhecer realmente a comunidade e levantar as necessidades mais urgentes daquele contexto.

Após esse levantamento de dados, o/a diácono/a começará a criar os primeiros vínculos com a comunidade. Essa criação de vínculos não obedece, necessariamente, uma agenda com dias e horários para estar na comunidade, mas deve acontecer naturalmente por meio da inserção nos mesmos cenários sociais, como: supermercado, lanchonetes, bares e outros que identifiquem o/a diácono/a como pertencente àquele lugar.

Em se tratando de um trabalho diaconal por meio da educação musical, o/a diácono/a poderá realizar algumas apresentações artístico-musicais na comunidade com o objetivo de apresentar um projeto voltado às crianças e adolescentes, bem como criar os primeiros vínculos. Essa etapa é fundamental para a realização de uma ação na periferia, pois definirá o público alvo a ser alcançado e, ainda, o local das atividades.

É fundamental que o/a diácono/a atente para o fato de que esse primeiro passo não está associado à implantação de uma igreja local, formação de membresia e a cultos evangélicos, mas reuniões com os responsáveis pelas

crianças para discutir sobre ações de prevenção à violência, reuniões com a comunidade e parceiros do projeto para discutir sobre as ocupações irregulares e políticas públicas de habitação, reuniões de ensaios com as crianças para preparar recital na comunidade e etc. Sobre isso Starnitzke escreve que “os motivos de reunião não precisam ser necessariamente cultos; também podem ser outros encontros, que, num sentido bem amplo acontecem em nome de Jesus Cristo”<sup>556</sup>. O autor continua afirmando que se trata de todos os tipos de encontros a que se refere a promessa de Jesus em Mt 18:20 : “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles”<sup>557</sup>.

Dito de outra forma, a igreja de Cristo estará presente naquele lugar e é a Presença Espiritual que impulsionará as ações daquela comunidade, independente de placas e liturgias. Por isso, é fundamental que o/a diácono/a se perceba como cooperador da *missio Dei* e compreenda que o trabalho a ser realizado naquele local tem o objetivo de atualizar o amor de Deus por aquelas pessoas e é missão do próprio Deus. A missão de Deus não depende da instituição religiosa, muito embora conte com ela. São inúmeras as igrejas localizadas na periferia ou próximas dela. Adriano Sella afirma:

Igrejas de paredes não faltam; ao contrário, temos muitas, pouquíssimo utilizadas ou até fechadas, que requerem despesas para a manutenção sempre mais cara, e que utilizam pessoas que lá estão somente para guardar o imóvel.<sup>558</sup>

É possível que o/a diácono/a, ao se inserir na periferia, perceba a existência de várias igrejas naquele contexto, no entanto, a presença de uma igreja local não quer dizer, necessariamente, que o evangelho de vida abundante (Jo 10.10) está sendo proclamado de forma integral. Dessa forma, o/a diácono/a não deve considerar como último critério, para uma ação na periferia, a existência de igrejas locais.

Por fim, a partir da inserção e criação de vínculos com a comunidade o/a diácono/a iniciará, de forma efetiva, as ações que visam à aprendizagem musical com as crianças e adolescentes e nessas atividades perceberá, com mais clareza, a realidade vivencial de cada criança que chega para aprender música.

---

<sup>556</sup> STARNITZKE, 2013, p.47.

<sup>557</sup> STARNITZKE, 2013, p.47.

<sup>558</sup> SELLA, 2010, p. 176.

#### **7.1.4.2 – O processo de ensino-aprendizagem da música e os recitais programados na comunidade:** proposta metodológica

Após a definição do público alvo e do local onde as atividades serão desenvolvidas, o/a diácono/a iniciará o processo de ensino musical. É importante lembrar que esse processo não visa, exclusivamente, o desenvolvimento de competências técnicas no instrumento ou o desenvolvimento da musicalidade, mas tem como objetivo principal criar fortes vínculos com os/as alunos/as e comunidade geral, bem como participar da vida da comunidade conhecendo seus problemas e participando de suas lutas e desafios.

As atividades de ensino musical podem, a critério do/a educador/a, iniciar com a flauta doce ou outro instrumento melódico, percussivo ou harmônico. Em geral, a flauta doce é utilizada como principal instrumento de musicalização infantil pelo seu baixo custo e pela sua eficácia no desenvolvimento da percepção musical. No entanto o/a educador/a musical pode utilizar outro instrumento disponível ou instrumentos confeccionados com materiais alternativos e, também, a própria voz. Independente do instrumento a ser utilizado é fundamental que o/a educador/a musical procure vincular pequenos textos aos ritmos e melodias extraídas dos instrumentos. É importante que o/a educador/a converse com as crianças sobre temas bem presentes na periferia e construa pequenas melodias com textos apresentando possíveis soluções para o enfrentamento dos problemas levantados. Cito como exemplo duas canções criadas para serem trabalhadas com crianças da periferia. A primeira, considerando sua complexidade rítmica pode ser cantada pelas crianças e demais pessoas da comunidade e acompanhada por grupo instrumental mais experiente; a segunda, por ser de fácil digitação na flauta doce pode ser tocada pelo grupo de flautas das crianças e acompanhada ao violão pelo/a educador/a. O/A educador/a musical poderá intercalar momentos para as crianças cantarem e tocarem na flauta doce.

Segue abaixo as duas partituras criadas para serem desenvolvidas com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social. As canções criadas com as crianças cumprem o propósito de abrir um diálogo franco com a comunidade sobre esses temas e oportunizar a fixação de valores que balizarão uma inserção social satisfatória das crianças e adolescentes.

# Novo Mundo

GM 05 Carlos Augusto

C G F C C G F C

C G F C C G F C

5

1. No - vo mun - do ,só ri - ma com a paz Vi - o - lên - cia e ó - dio nun - ca mais

C G F Dm G

1. Pa - ra um no - vo mun - do é pre - ci - so u - ni - ão! Sem vio - lên - cia e ó - dio te - mos  
2. Na mi - nha fa - mi - lia eu vou se - me - ar a paz! Vou obe - de - cer e a - gra - dar os

G7 C C C7 Dm

paz no co - ra - ção! Sim so - mos cri - an - ças e aju - damos tam - bém  
meus pais! Na mi - nha es - co - la o a - mor o - fe - re - cer

C Am G7 C C G F C

15

a plan - tar o a - mor a jus - tiça e o bem! No - vo mun - do ,só ri - ma com a paz  
e ao ne - ces - si - ta - do mi - nha mão es - ten - der!

C G F C F C

19

Vi - o - lên - cia e ó - dio nun - ca mais ó - dio nun - ca mais

F C

23

ó - dio nun - ca mais

## “NOVO MUNDO”

Letra: Carlos Augusto  
Música: Carlos Augusto

### Refrão

Novo Mundo, só rima com a paz  
Violência e ódio nunca mais

### 1ª Estrofe

Para um novo mundo  
É preciso união  
Sem violência e ódio  
temos paz no coração  
Sim, somos crianças  
E ajudamos também  
A plantar o amor  
A justiça e o bem

### 2ª Estrofe

Na minha família  
Eu vou semear a paz  
Vou obedecer  
e agradar os meus pais  
Na minha escola  
O amor oferecer  
E ao necessitado  
Minhas mãos estender

Na música “Novo Mundo” é possível trabalhar vários assuntos, como: união, paz, obediência, amor, justiça e o bem. Esses temas podem ser discutidos com as crianças antes da execução da música. É preciso dar voz às crianças e possibilitar que elas expressem o entendimento sobre aquilo que será cantado. Após ouvir as crianças e desenvolver cada tema, o/educador/a musical tratará de preparar a música para que as crianças apresentem para a comunidade. Nessa fase as crianças não apenas terão aprendido a letra da canção, mas, seguramente, terão fixado alguns valores fundamentais para o exercício de uma cidadania plena.

## SI

Letra: GM 05 Carlos Augusto

Música: GM 05 Carlos Augusto

G Bm G G

1. Si si

1. Pe - ço a - ten - ção

Bm G G

6 pro qu'eu vou mos - trar Só com u - ma no - ta

Bm G

11 eu pos - so to - car É a no - ta "SI" de sin - ce - ri - da - de

G Bm G G

17 "SI" de sim pro.a - mor de sim pa - ra ver - da - de Sem o.a - mor na vi -

Bm G G

22 - da não da pra vi - ver Sem sin - ce - ri - da - de

Bm G G C D

27 eu não vou cres - cer

G Em D D7 G

32

1. 0

2

SI

G Bm G G

37

1. "SI" vai me lem brar \_\_\_\_\_ to da si tu ação \_\_\_\_\_ que a pa - la - vra

Bm G G

42

ami - ga a - cal - ma o co - ra - ção Que a Vi - da vale a pe - na sim -

Bm G G Bm G

47

pá - tic - co eu vou \_\_\_\_\_ ser Si - len - ci - oso an - dan \_\_\_\_\_ do eu na - da vou per - der

G Bm G

52

\_\_\_\_\_ Cri - an - ça ou a - dul - to de qual - quer i - da - de

G Bm G G

57

É pre - ci - so an - dar com sim - pli - ci - da - de Isso é um Si - nal

Bm G G

62

\_\_\_\_\_ de ma - tu - ri - da - de ca - mi - lhe - mos jun - tos

Bm G G Bm

67

pra - ti - can - do bem - si - ga - mos em fren - te eu e vo - cê tam - bém

G Bm G

72

\_\_\_\_\_ Si si si si si \_\_\_\_\_ si si si si si \_\_\_\_\_

1. 2.

**“Si”**

Letra: Carlos Augusto  
Música: Carlos Augusto

**Refrão**

Si, si, si,si, si,si  
Si,si,si,si,si (2x)

**1ª Estrofe**

Peço atenção, pro qu’eu vou mostrar  
Só com uma nota eu posso tocar  
É a nota “Si” de sinceridade  
“si” de sim pro amor,de sim para a verdade  
Sem o amor na vida, não dá pra viver  
Sem sinceridade eu não vou crescer

**2ª Estrofe**

O “si” vai me lembrar, em toda situação  
Que a palavra amiga, acalma o coração,  
Que a vida vale a pena, simpático eu vou ser  
Silencioso andando, eu nada vou perder  
Criança ou adulto de qualquer idade  
É preciso andar com simplicidade  
Isso é sinal de maturidade  
Caminheemos juntos, praticando o bem  
Sigamos em frente eu e você também

A música “Si” foi composta para ser executada pelas flautas doces com o acompanhamento de instrumentos harmônicos e de percussão. Nessa música, as crianças desenvolverão a digitação na flauta, começando com a nota “si” e aprenderão sobre alguns comportamentos sociais assertivos, como: sinceridade, simpatia, simplicidade, entre outras. Como a melodia é simples, em geral, no terceiro ensaio as crianças já mostram resultados satisfatórios tanto no aprendizado técnico no instrumento quanto no aprendizado da letra para ser cantada.

Outros temas podem ser trabalhados pelo/a educador/a musical com vistas a possibilitar o diálogo com as crianças e comunidade geral. O/A educador/a musical, aos poucos pode construir pequenas melodias, com as crianças, vinculando pequenos trechos bíblicos. É importante, contudo, que as crianças participem dessa construção trazendo para o processo de ensino-aprendizagem da música elementos presentes no seu cotidiano. Esses elementos apontarão o caminho que o/a educador/a musical trilhará no auxílio àquela comunidade. Ressalto que o/a

educador/a musical não vai à periferia para observar apenas o que acontece com vistas a uma atuação. Ele/a atua observando e observa atuando. Não há uma postura inicialmente passiva frente às demandas existentes para posteriormente uma ação.

Após os primeiros ensaios, o/a educador/a musical tratará de agendar os recitais programados onde as crianças compartilharão o que aprenderam. Os recitais cumprem um papel fundamental no sentido de legitimar e consolidar as ações junto à comunidade. Nos recitais, como já foi visto nos capítulos anteriores, em geral, as famílias reúnem-se para prestigiar seus filhos e filhas. É nos recitais que as crianças ganham notoriedade da família e da comunidade em geral. Assim, os recitais abrem as portas para uma real participação na vida da comunidade.

O/A educador/a musical organizará o recital procurando enfatizar os valores trabalhados com as crianças. As músicas podem ser anunciadas e, até mesmo, comentadas pelas crianças e/ou adolescentes previamente escolhidos para este fim. Da mesma forma, o/a educador/a musical poderá franquear aos responsáveis pelas crianças uma oportunidade para falar sobre o desenvolvimento de seu filho ou filha. Isso é importante porque, além de valorizar e dar voz àquelas famílias, aproxima-as do projeto.

É importante que no recital o/a educador/a musical assumam-se junto àquela comunidade como diácono/a a serviço da *missio Dei*. Para tanto, não é necessário explicar o que isso significa, no entanto, o/a educador/a assumirá posturas que indiquem não apenas algumas práticas sócio-educativas, mas, também religiosas. Clodovis Boff escreve que “além das práticas sociais em que a fé se desenvolve, existem as práticas religiosas ou eclesiais”<sup>559</sup>. Boff diz continua:

Há, pois, duas esferas distintas: a esfera eclesial e a esfera social, ambas com suas práticas próprias, embora relacionadas entre si. Por isso, a questão, nesse nível, não é desdobrar, mas antes combinar as duas esferas, ou seja: a comunidade eclesial e outras associações do povo.<sup>560</sup>

Assim, é fundamental que nos recitais o/a educador/a musical comece pouco a pouco introduzir alguns elementos da esfera eclesial. A oração ou prece no início e final do recital, bem como a leitura de um texto bíblico e, ainda, uma

---

<sup>559</sup> BOFF, 1986, p. 109.

<sup>560</sup> BOFF, 1986, p. 109.

pequena reflexão que relacione o texto lido com a vida real da comunidade revelará uma ação que vai além do aprendizado musical ou ações assistencialistas.

Por fim, a partir dos recitais, é possível criar vínculos não apenas com os moradores daquela periferia, mas, também, com outras pessoas de fora que ouvirão os relatos das crianças, das famílias e do/a próprio/a educador/a musical, além de escutarem as crianças tocando. Essas novas pessoas, de fora da periferia, poderão vir a ser colaboradores/as daquela ação potencializando, assim, as atividades desenvolvidas com as crianças. Sobre isso falaremos no próximo tópico.

#### **7.1.4.3 – Criação de uma rede solidária de apoio: somar forças**

Foi dito no tópico anterior que os recitais cumprem, também, o propósito de criar vínculos com outras pessoas de fora da comunidade. A criação desses vínculos visa garantir a manutenção e a ampliação das atividades desenvolvidas. Por isso, é necessário planejar recitais semestrais a fim de que as ações possam ganhar visibilidade social e atrair possíveis colaboradores/as para o projeto. É fundamental que o/a diácono/a dê visibilidade às ações desenvolvidas junto às crianças e adolescentes. Para tanto, além da organização dos recitais, o/a diácono/a poderá sugerir uma pauta de reportagem para os jornais da cidade e redes sociais. Essa divulgação cumpre o papel de chamar a atenção da sociedade para aquele trabalho.

Boff escreve que “para uma comunidade avançar, além de unir as forças de dentro, é preciso se unir com outras forças fora dela. Isso se dá em várias direções”.<sup>561</sup> Sobre essas direções, Boff diz ainda que é importante ligar-se a outros grupos populares, como associações de moradores, clubes de mães e sindicatos e, ainda, envolver todo o bairro nas ações.<sup>562</sup> A divulgação das ações nos jornais da cidade, bem como nas redes sociais oportunizará que o próprio poder público e as empresas locais se interessem em colaborar com o projeto.

Pouco a pouco, com a notoriedade social do projeto desenvolvido com as crianças, aparecerão colaboradores e colaboradoras, instituições públicas e privadas que contribuirão com o fornecimento de instrumentos, materiais didáticos, uniformes e outros materiais necessários para o desenvolvimento das atividades, bem como

---

<sup>561</sup> BOFF, 1986, p. 97.

<sup>562</sup> BOFF, 1986, p. 97.

auxiliarão a comunidade no suprimento de suas necessidades básicas de moradia e alimentação.

Outra forma de atrair colaboradores e colaboradoras é sugerindo apresentações musicais nas instituições públicas e privadas. A partir do momento em que as crianças reunirem condições técnicas elementares, o/a educador/a musical poderá formar grupos musicais específicos para as referidas apresentações.

É comum que algumas pessoas de diversas confissões religiosas procurem o projeto para prestar ajuda seja com material ou com mão de obra. É importante que o/a diácono/a esteja aberto a essas contribuições sem, contudo, perder o objetivo central proposto inicialmente e sem deixar sua coordenação ser fragilizada por interferências de fora da comunidade. Segundo Boff

uma questão delicada é quem articula quem, ou seja: a direção dessas forças conjuntas. Evidentemente, é preciso que a coordenação seja representativa das forças em questão. Ora, a direção se determina a partir da própria ação, bem como da escolha por todos os envolvidos. Em particular, nos acordos com outras classes ou com o governo, importa ao povo “sair ganhando”.<sup>563</sup>

É fundamental que o/a diácono/a apresente aos/às colaboradores/as os objetivos do projeto a fim de que todos e todas avancem numa mesma direção e oportunizem que esses objetivos sejam alcançados a partir dessa rede de solidariedade. Por fim, a soma de forças contribuirá para a construção de uma rede solidária que favorecerá a continuidade e ampliação do projeto com capacidade para atender um quantitativo maior de crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social na periferia.

## 7.2 – Síntese

Este capítulo apresentou algumas propostas de ações para a continuidade do Projeto Trilhos Sonoros. A pesquisa indicou a necessidade de uma maior participação da própria comunidade na condução do projeto. Para tanto, será criado o Grupo de Avaliação e Planejamento – GAP que tem por objetivo reunir periodicamente com a coordenação para avaliar e traçar os planos para o desenvolvimento e ampliação do projeto. A criação de Grupo Multidisciplinar e a

---

<sup>563</sup> BOFF, 1986, p. 98.

continuidade da pesquisa-ação em outras áreas figura, de igual forma, como ação relevante na continuidade do projeto, pois reunirá outros e outras profissionais de diversas áreas com o objetivo de dar seguimento ao projeto. Em se tratando de uma pesquisa na área da Teologia Prática, este capítulo tratou, também, de apresentar uma contribuição para a diaconia extraeclesial na periferia. Assim, foi apresentada uma proposta de ação para a periferia onde o/a diácono/a se inserirá naquele contexto com o objetivo de conhecer de forma prática a realidade em que vivem aquelas pessoas. Essa inserção deve, por sua vez, oportunizar a criação de fortes vínculos com as crianças e comunidade em geral. O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da música foi tratado, neste capítulo, como meio para trabalhar outros conteúdos que favoreçam o desenvolvimento das habilidades sociais com o objetivo de promover uma cidadania plena entre as crianças. A criação de parcerias com pessoas e instituições públicas e privadas favorecerá a continuidade do projeto e a ampliação do mesmo, possibilitando que novas crianças e famílias da comunidade sejam alcançadas.

## CONCLUSÃO

Após quatro anos de reflexões sobre o Projeto Trilhos Sonoros, enquanto comunidade a serviço da *missio Dei* na periferia, sou encorajado a fazer minhas considerações finais sobre a pesquisa. Ao final da pesquisa clássica, a conclusão representa o final de uma longa trajetória de investigação informando, analisando e discutindo os dados levantados. Na pesquisa-ação o pesquisador, além de analisar os dados a partir de uma matriz teórica e discuti-los, apresenta um plano de ação com vistas a uma transformação em dado contexto social.

A pesquisa-ação realizada, portanto, a partir do Projeto Trilhos Sonoros, indicou a continuidade das ações e, em decorrência disso, de novas reflexões, novas matrizes teóricas, novos problemas científicos e hipóteses. Penso, portanto, que a presente pesquisa aponta para um começo, um novo começo. Novo começo pelo fato de que, sendo construída a partir de uma ação cristã desenvolvida na periferia de Canoas com crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade social, encontrou na pesquisa-ação a conciliação de uma prática já realizada junto aos pobres na periferia com uma teoria para os pobres na periferia.

Dessa forma, esse estudo inicia, efetivamente, em sua conclusão. Inicia pelo fato de, agora, ser uma ação-reflexiva muito mais do que uma ação motivada pelo ativismo social e/ou religioso. Não que isso seja, no todo, ruim, mas a ação sem reflexão tem alcances limitados. Por sua vez, a ação fruto de reflexões, tem um maior alcance e é permanentemente renovada. Isso porque a ação-reflexão tem novos olhares, não se limita a uma leitura superficial de mundo, mas expande sua visão a partir dos novos olhares lançados para o contexto onde está inserida, para o conhecimento produzido pela pesquisa e para outros referenciais teóricos disponíveis.

Assim, a pesquisa-ação ao indicar continuidade(s) de ações, democratiza o conhecimento ao mesmo tempo em que incentiva novas ações com vistas à transformação local e, ainda, oportuniza que novos saberes sejam agregados à pesquisa inicial. Já foi dito anteriormente que minha intenção inicial não era produzir uma tese doutoral, mas contribuir, de forma prática, com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. No entanto, a Teologia Prática me chamou atenção e me ocupou em profundas reflexões sobre *missio Dei*, Comunidade Espiritual, Diaconia, opção pelo pobre, liturgia, entre outros assuntos. Algumas ações desenvolvidas na

periferia começaram gradativamente a se relacionar diretamente com os assuntos tratados pela Teologia Prática. A pesquisa-ação, por sua vez, representou o caminho que eu deveria percorrer para, a partir da aquisição de novos conhecimentos, aperfeiçoar as ações desenvolvidas na periferia.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa foi refletir sobre o Projeto Trilhos Sonoros enquanto comunidade a serviço da *missio Dei* e intervir, por meio de ações sistemáticas, junto à comunidade conforme as necessidades apresentadas no decorrer da pesquisa contribuindo, assim, a partir do consentimento consciente da comunidade, com a mudança daquele cenário social. Nesse sentido, Thiollent afirma que “no plano ético, não é mais possível impor mudanças modernizadoras que não fazem sentido na cultura de determinados grupos sociais”<sup>564</sup>.

O objetivo, portanto, era que aquela ação iniciada com flautas doces se tornasse um meio pelo qual as famílias, que residem naquela comunidade, pudessem conhecer o Evangelho transformador de Cristo e pudessem experimentar a vida abundante que há n’Ele e, em torno de Cristo, essa comunidade empobrecida, sofrida e abandonada experimentasse um novo tempo em suas vidas. A intenção era que a comunidade tivesse consciência da importância do projeto não apenas no que diz respeito ao desenvolvimento da competência musical de seus filhos/as, mas no que se refere a uma mudança integral de vida. No entanto, “o projeto de pesquisa-ação não impõe uma ação transformadora aos grupos de modo predefinido”<sup>565</sup>. Thiollent entende que:

A ação ocorre somente se for do interesse dos grupos e concretamente elaborada e praticada por eles. O papel do pesquisador é modesto: apenas acompanhar, estimular, catalisar certos aspectos da mudança decidida pelos grupos interessados. [...] de modo geral, deve-se abandonar a ideia de mudar os comportamentos dos outros. São os próprios atores que podem decidir se querem ou não mudar.<sup>566</sup>

Dito de outra forma, Thiollent chama a atenção para o fato de que o pesquisador não contribui com a transformação de determinado contexto se não houver o engajamento prático e permanente com comunidade. A bem da verdade, a pesquisa-ação não visa uma determinada mudança de forma impositiva. O

---

<sup>564</sup> THIOLLENT, 2008, p. 121.

<sup>565</sup> THIOLLENT, 2008, p. 122.

<sup>566</sup> THIOLLENT, 2008, p. 122.

pesquisador não vai à comunidade e ao final da pesquisa diz para o povo como será dali em diante.

Essa forma de pesquisa caminha com a comunidade e permite que ela própria reflita, discuta e proponha as ações que contribuirão com a mudança daquele contexto social. Nessa perspectiva, desde seu início, essa pesquisa-ação procurou ouvir aos/às integrantes do projeto seja via conversas informais, entrevistas, grupos focais ou mesmo nas reuniões semestrais que eram realizadas com o objetivo de sistematizar as ações. Cabe ressaltar, que durante a pesquisa-ação os/as participantes não trataram de responder apenas o roteiro de perguntas preestabelecidas pelo pesquisador, mas deram contribuições relevantes que serão agregadas nas ações futuras do projeto. As reuniões de avaliação e planejamento foram, de igual forma, oportunidades em que a própria comunidade por meio dos responsáveis e colaboradores/as puderam dar sugestões para o aperfeiçoamento das ações.

Na minha avaliação, houve a construção de uma parceria entre pesquisador e comunidade a partir da qual, foi evidenciado que os significados atribuídos ao projeto estão diretamente ligados a uma compreensão de que o Projeto Trilhos Sonoros está para além de um projeto social ou uma escola de música. A pesquisa indicou que há um novo entendimento a respeito do Projeto Trilhos Sonoros relacionado ao desejo dos/as responsáveis em que os filhos/as estejam em contato com as “coisas” de Deus. Isso foi claramente evidenciado nas conversas informais e entrevistas com as mães que, em geral, diziam que gostavam que seus filhos/as estivessem no projeto porque lá se falava sobre Deus, se ensinava sobre o caminho de Deus, e a Bíblia era estudada.

Foi percebido ainda, durante a pesquisa, que algumas mães não incentivavam o estudo individual em casa com vistas ao desenvolvimento técnico, nem tampouco, demonstraram interesse em que seus/as filhos/as seguissem a carreira de musicistas, no entanto, essas mesmas mães estimulavam a participação nos ensaios e aulas de instrumentos. O que podemos inferir, a partir das falas, é que há uma preocupação das mães no sentido de mantê-los/as em atividades regulares que possibilitem o afastamento da violência e das ações delinquentes presentes no bairro e, ao mesmo tempo, que os/as mesmos/as estejam inseridos/as em contextos sociais que contribuam com a formação de valores éticos e morais.

No decorrer do projeto, na condição de coordenador e pesquisador, percebi que, regularmente, novas crianças chegavam e algumas que haviam saído do projeto retornavam. Inferir sobre a motivação das novas crianças não era tarefa difícil. Em geral, queriam aprender a tocar um instrumento para tocar na igreja, ter outra atividade cultural para realizar ou, simplesmente, ocupar seu tempo no sábado de manhã. Difícil foi entender o porquê de algumas crianças terem se afastado e desejarem retornar. Talvez se a ação continuasse a ser desenvolvida sem uma reflexão, a resposta para aquelas crianças seria que não havia mais possibilidade de retornar, visto que a turma já estava adiantada e qualquer inclusão implicaria no replanejamento das aulas. No entanto, a pesquisa apontou para as seguintes reflexões: O que somos? O que pretendemos? Como faremos? A partir dessas perguntas, decorrentes da pesquisa-ação, houve um novo entendimento sobre o projeto. Esse novo entendimento indicava que as aulas de música eram apenas estratégias para criar vínculos com as crianças e adolescentes e, nessa perspectiva, todos esses alunos que entravam e saíam permanentemente eram bem-vindos/as em qualquer época do ano. Afinal, o que precisávamos era nos aproximar dessas crianças e estabelecer com elas uma relação de amizade e confiança.

Sob uma perspectiva crítica, é necessário destacar que no ensino formal da música, em geral, os caminhos são outros. As instituições de ensino formal possuem uma organização que impede que condutas como essa sejam aceitas dentro do processo ensino-aprendizagem. O argumento usado é simples de entender: se faltar não vai aprender. Situação análoga acontece dentro da igreja enquanto instituição formal. Pessoas que passam muito tempo afastadas são orientadas a serem mais frequentes sob pena de saírem da relação de membros. No entanto, o objetivo do Projeto Trilhos Sonoros, enfatizado ao longo da pesquisa, não estava preso, refém dessa formalidade. Por isso, as crianças que retornavam e ainda retornam ao projeto são acolhidas e reinseridas no grupo.

A pesquisa com as crianças e adolescentes atendidas pelo Projeto Trilhos Sonoros oportunizou a reflexão sobre a opressão em que vivem nossas crianças e adolescentes da periferia do mundo. São crianças maltratadas, sofridas, abandonadas, usadas e descartadas pelos adultos. Qual o sentido de se estudar música se, na verdade, quando o que se pretende é, apenas, desenvolver competências técnicas e não acolher e cuidar dessa criança? Qual o sentido de

contar-lhes historinhas bíblicas se, na verdade, o que se pretende é entretê-las enquanto o/a adulto/a é o centro das atenções e preocupações?

Essas reflexões surgiram a partir da pesquisa. Não basta o ensino da música, as ações assistencialistas e nem, tampouco, a recreação e as historinhas. É preciso muito mais. Considerar o Projeto Trilhos Sonoros como Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei* na periferia implica em estar a serviço de todos/as, mas, em especial, dos pobres, das crianças e adolescentes. Importa olhar para essas crianças e percebê-las como filhas de Deus dignas de respeito, cuidado, oportunidades e vida abundante em Cristo. O impacto dessa Comunidade Espiritual sustentada e conduzida pelo Espírito Divino está diretamente ligado à continuidade das ações. No início da pesquisa, me ocupei com a seguinte questão: E depois da pesquisa? O que fazer com todas essas crianças? Direi que acabou a pesquisa? Falarei que o projeto acabou? Provavelmente se a ação continuasse fundamentada na própria ação, na força do braço, essas seriam as respostas que seriam dadas às crianças e às suas famílias. No entanto, fui percebendo ao longo da pesquisa que a Comunidade Espiritual é sustentada, conduzida e cuidada pelo Espírito de Deus. É o próprio Deus que cuida da sua missão. Somos apenas cooperadores/as. Nessa perspectiva, o Espírito do Deus da missão foi agregando e capacitando novas pessoas para a atuação no projeto.

Decorridos seis anos da primeira ação juntos às crianças e quatro anos do início da pesquisa, o projeto prossegue em suas ações objetivando que novas crianças sejam incorporadas ao projeto e que as ações possam ser efetivamente no sentido de dar-lhes a oportunidade de uma nova vida em Cristo. White escreveu que “o chamado para mudar o mundo de acordo com os padrões do reino de Deus é nosso”<sup>567</sup>. O autor continua:

Os cristãos não podem aceitar o *status quo* e devem ser sal e luz em todos os níveis; vivendo de uma maneira diferente, desafiando o mal, o poder e as tradições. [...] Cristãos que trabalham com crianças em risco precisam desafiar as preferências e os conceitos dos adultos e as influências do mercado que corrompem as crianças e a infância. O padrão e o entendimento das famílias e dos pais precisam ser repensados.<sup>568</sup>

---

<sup>567</sup> WHITE, 2010, p. 39-40.

<sup>568</sup> WHITE, 2010, p. 40.

Nessa perspectiva o Projeto Trilhos Sonoros tem se posicionado no bairro Mato Grande, periferia de Canoas, como ação engajada com as crianças e adolescentes e suas respectivas famílias. Conforme o relato dos/as cooperadores/as e líderes cristãos/ãs do bairro, é notório que aquelas crianças precisam de ajuda. É, de igual forma, evidenciado que poucas ações são realizadas no sentido de oportunizar opções inclusivas para aquelas crianças e famílias. Na fala dos líderes cristãos/ãs é admitido que a igreja pouco tem feito pelas crianças e adolescentes do bairro. Essas crianças não são o centro das ações das igrejas participantes da pesquisa. White afirma que “precisamos redefinir o centro e as margens da igreja, [...], que sempre se renova. E o centro é claramente definido nas Escrituras: viúvas, órfãos, estrangeiros e os pequeninos”<sup>569</sup>. Para este autor, “se quisermos estar na vanguarda da obra de Deus, temos um grande trabalho a fazer”<sup>570</sup>.

A análise e interpretação dos aspectos levantados nessa pesquisa-ação apontam para a compreensão de que o Projeto Trilhos Sonoros, considerando sua ação bíblico-reflexiva, pode ser compreendido como uma Comunidade Espiritual a serviço da *missio Dei*. Nesse sentido, é correto afirmar que esse projeto, tendo em vista os relatos dos/as participantes da pesquisa, tem oportunizado uma ressignificação de rotinas familiares, comunitárias e sociais para as crianças e adolescentes do projeto, bem como para suas famílias.

A criação do Grupo de Avaliação e Planejamento – GAP, se revelou, a partir das conversas informais, entrevistas e grupos focais com os/as responsáveis e colaboradores/as, como ação que possibilitará de forma prática a continuidade do projeto. Mas não só isso. A continuidade com a preservação da consciência coletiva, afetiva, acolhedora, inclusiva, espiritual e transformadora.

Por fim, como contribuição para a Teologia Prática, essa pesquisa indica setas diretas para uma ação real junto aos pobres na periferia. Não falo sobre uma ação, necessariamente, a partir da implantação de novas igrejas, (elas já estão lá), mas, sobretudo, na criação de vínculos com os/as pobres, no cuidado, no caminhar junto, na busca por libertação, na proclamação do Evangelho de Cristo a partir de conversas informais, na construção conjunta de oportunidades com vistas à dignidade e na efetiva atualização do amor de Deus pelos/as pobres na periferia.

---

<sup>569</sup> WHITE, 2010, p. 39.

<sup>570</sup> WHITE, 2010, p. 39.

Para o educador musical essa pesquisa cumpre o papel de lhe dizer que a educação pela música, na periferia, tem um papel muito maior do que o desenvolvimento de competências técnicas em determinado instrumento ou o desenvolvimento da musicalidade. A educação musical na periferia pode ser utilizada como forma de proclamação do Evangelho. A criação de vínculos, o acolhimento, o cuidado e a construção de alternativas libertadoras favorecem a revelação do próprio amor e cuidado de Deus pelos/as pobres na periferia.

Como já dito, essa pesquisa nasceu a partir de um engajamento prático com crianças e adolescentes da periferia. Considerando todas as reflexões teóricas e as ações já desenvolvidas, é possível afirmar que o projeto Trilhos Sonoros se potencializa a partir dessa pesquisa. Dessa forma, compartilhar essa pesquisa-ação com outros teólogos/as e educadores/as musicais tem por objetivo o desenvolvimento de novas ações que possam ser realizadas nas diversas periferias que existem bem próximas de nós.

O discurso de preferência pelos pobres precisa se converter em ação cada vez mais presente na periferia; o anúncio do Evangelho que liberta precisa estar diretamente vinculado ao “Já” e ao “Ainda não”. O amor e cuidado de Deus pelos/as pobres precisa ser atualizado por nós, seguidores e seguidoras de Cristo, no dia a dia na periferia e não apenas em longos estudos sobre o pobre.

Não pretendi com essa pesquisa apresentar um manual de ações para a periferia a partir da educação musical, mas provocar uma reflexão sobre o nosso papel enquanto educadores/as musicais, teólogos e teólogas na contribuição efetiva para uma mudança desse cenário degradante e opressor que existe, se multiplica em nossas cidades e insiste em nos lembrar: Estamos aqui! O que vocês podem fazer por nós?



## REFERÊNCIAS

**A BÍBLIA SAGRADA.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

AGUIAR, José Heber de Souza. **Educação emancipadora e docência:** desafios. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/764/480>>. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. Acesso em 06/06/2017. p. 224-230.

ALALEONA, Domingos. **História da música.** Tradução ampliada e capítulos originais sobre Música contemporânea e a Música no Brasil de João C. Caldeira Filho. São Paulo: Ricordi Brasileira. 1984.

ALMEIDA, Marcos Orison Nunes de. A Missão integral no contexto urbano. In: KOHL, Manfred W; BARRO, Antônio Carlos. (Orgs.). **Missão integral transformadora.** Londrina: Descoberta, 2005. p. 201-224.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.). **Opção pelos pobres no século XXI,** - São Paulo : Paulinas , 2011. p. 157-179.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Pequenos Bandidos:** um estudo sobre a gestação dos meninos infratores na cidade de São Paulo. São Paulo: Global. 1983.

ASSMANN, Hugo; Mo Sung, Jung. **Deus em nós.** O reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010.

BARCELLOS, Eliana Cristina Caporale. Currículo: Valores e princípios para uma formação cidadã. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST.** São Leopoldo:EST, v.3, 2016. Disponível em <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/749/462>>. Acesso em 06/06/2017. p.117-123.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira, LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia científica.** 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade.** São Paulo: Nacional; Editora da USP, 1971.

BAUER, Martin W, GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BELL, Brenda; GAVENTA, John; PETERS, John. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social. Tradução de Vera Lúcia Mello Josceline. 6ª. ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.

BEULKE, Gisela. **Diaconia em situação de fronteira:** um exemplo chamado Balsas. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2001.

**BÍBLIA de Estudo MacArthur.** Almeida Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

**BÍBLIA de Referência Thompson.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida. 1990.

BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação.** 7ª ed – Petrópolis: Vozes, 2014.

BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com o povo.** Petrópolis. Vozes. 1986.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudança de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndorfer; Luís Marcos Sander – São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **A missão evangelizadora no contexto atual:** realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador:** o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da Arte.** São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.

CANTALAMESSA, Raniero. **A Pobreza.** São Paulo: Loyola. 1997.

COLLIER, John. Redescobrimo a criança no coração da missão. In: FASSONI, Klênia. *et al.* (Orgs.). **Uma criança os guiará:** por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010.

COMBLIN, José. **Desafios aos cristãos do século XXI.** São Paulo: Paulus. 2004.

\_\_\_\_\_. Diakonia na cidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von. (Orgs.). **Diaconia no contexto nordestino:** desafios – reflexões – práxis. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 75-90.

COSTA, Antônio Carlos. **Convulsão protestante:** quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; CUNHA, Suzana Ezequiel da. **Os caminhos da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

DAVIDSON, Jane *et al.* **Fatores ambientais no desenvolvimento da competência musical durante a vida.** Tradução Sonya Hermes da Fonseca. Oxford: Oxford. 1997.

DEL PRETTE, Zilda A.P. **Psicologia das habilidades sociais:** terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, ZILDA A. P. e DEL PRETTE, Almir (Orgs.). **Psicologia das habilidades sociais**: diversidade teórica e suas implicações. Petrópolis: Vozes 2009.

**DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA**. São Paulo: Paulinas:Loyola, 2004, p. 567.

DIONES, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus,2014.

DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner. (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. Porto Alegre: Coordenadoria de música da IECLB, 2010. p. 151-174.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. São Paulo. Círculo do livro, 1959.

FERREIRA, Aurora. **Arte, escola e inclusão**: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010.

FERREIRA, Valdeci Antônio. **A missão a partir da periferia do mundo**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2003.

FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. Maurice Martenot: educando com e para a música. In: MATEIRO, Teresa. ILARI, Beatriz.(Orgs.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011. (Série Educação Musical). p. 157-184.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo: Paulus Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v.55, p.316-322, julho 2015. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/2615/2408](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2615/2408)>. acesso em 06/06/2017.

GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça**: parceria na missão de Deus. Tradução Paul Tornquist, Márcia Sell e Márcia Formiga. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI,2006.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola. 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2007.

GROUT, Donald J. PALISCA, Claude V. **História Ocidental da Música**. Lisboa: Gradiva, 2007.

GRUPO ARTE NASCENTE. Música Cativar. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gan-grupo-arte-nascente/cativar-2.html>>. Acesso em 25/10/2016.

HANSLICK, Eduardo. **Do Belo Musical**. Lisboa. Edições 70. 2002.

HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete, 1999.

HERR, Martha. A formação de um músico. In: SUZIGAN, Geraldo de Oliveira; SUZIGAN, Maria Lúcia Cruz. (Orgs.). **Educação Musical: um fator preponderante na construção do ser**. São Paulo: CRL Balieiro, 1996. p.36-37.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. **A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. 3. ed. Rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2011. p. 23-34.

HOFFMANN, Arzemiro. **A cidade na missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e a missão de Deus**. Curitiba: Encontro, 2007.

HUSTAD, Donald P. Jubilate: **A Música na Igreja**. São Paulo: Vida Nova 1986.

ICHTER, Bill H. (Org.). **A música e seu uso nas igrejas**. Colaboração de W. Morris Ford, Delcy Gonçalves, Bennie May Oliver, Gamaliel Perruci e Fred Spann. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1977.

KRAEMER, Hendrik. 1947. **The Christian Message in a Non-Christian World**. London: Edingburgh House (1. Ed. 1938).

LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução: Paulo Menezes et al. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004.

LEIGOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS. Disponível em <<http://combonianos.pt/cgi-in/getfromdb.pl?menu=EkFyEAVyIFlvaSNYkk&username>> Acesso em 27/04/2017.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2009.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Teologia Prática: Reforma e transformação na epistemologia teológica. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf Von. (Orgs.). **Reforma: Tradição e transformação**. São Leopoldo; Sinodal/EST, 2016. p. 35-67.

MOLTMANN, Jurgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Espírito da Vida**: uma pneumatologia integral. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUELLER, Ênio R; BEIMS, Robert. (Orgs.). **Fronteiras e interfaces**: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NORDSTOKKE, Kjell. **Diaconia**: fé em ação. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

OLIVEIRA, Jorge Batista de. Igreja nos Lares: ensaio sobre a capilaridade da igreja cristã no contexto urbano. In ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). **Cenários Urbanos**: realidade e esperança. Desafios das cidades às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p.13-58.

OLIVEIRA, Anazir Maria de *et al.* **Favelas e as organizações comunitárias**. Coordenação: Cyntia Paes de Carvalho. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Orgs.). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PENNA, Rejane *et al.* **Canoas – Para lembrar quem somos**: Mato Grande: onde o urbano e o rural se encontram . Canoas: Kroma, 2003.

PETIÇÃO PÚBLICA. **Segurança pública no Mato Grande, Canoas**. Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR90578>>, acesso em 17/01/2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Observatório de Segurança de Canoas**. Disponível em <<http://sistemas.canoas.rs.gov.br/observatorio/public/>>. Acesso em 16/02/2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Informativo Canoas em Dados**. Disponível em: <<http://canoas.rs.gov.br/uploads/paginadinamica/18865/informativoCanoasemDadosn2.pdf>>. Acesso em 16/02/2017.

QUEIROZ, Carlos. Missão e espiritualidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von. (Orgs.). **Diaconia no contexto nordestino**: desafios – reflexões – práxis. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. p. 91-114.

RENDERS, Helmut. **Andar como Cristo Andou**: a salvação social em John Wesley. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2011.

RESTREPO, Luís Carlos - **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes 1998.

RHEINGANTZ, Cecília. (Org.). **Orquestra Villa-Lobos**: música que transforma. Porto Alegre. EMEF Heitor Villa-Lobos, 2012.

SANTOS, Regina Márcia Simão. (Org.). **Música, cultura e educação**: os múltiplos espaços de educação musical. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música**: paradigmas de louvor. Tradução Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SEKEF, Maria de Lourdes. **Da música**: seus usos e recursos. 2ª. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

SHEPERD, John. Conferência sociologia da música. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA**, 2., 2012, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

SELLA, Adriano. **Por uma Igreja do Reino**: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2010.

SNYDERS, Georges. **A Escola pode ensinar as alegrias da música?** Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA, Alberto B. **Educação pela arte e artes na educação**. v.3 Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. **Orquestra Villa-Lobos**: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

\_\_\_\_\_. **Igreja e Intervenção Social em Belém**: o desenvolvimento das habilidades sociais através da educação musical com crianças em estado permanente de risco pessoal e social no bairro do Benguí. 59 f. Especialização (Ciências da Religião) – Faculdade Teológica Batista Equatorial – FATEBE, Belém, 2012.

SOUZA, Mauro Batista de. **Prédica e Música**. In: EWALD, Werner. (Org.). **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. Porto Alegre: Coordenadoria de música da IECLB, 2010. p.39-57.

STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica – concretizações éticas. Tradução de Martin Volkmann. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

SUNG, Jung Mo. Assistencialismo, Reformismo e Libertação: qual é o critério? In: ASSMANN, Hugo, SUNG, Jung Mo. **Deus em nós**: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010. p. 79-118.

SUZIGAN, Geraldo de Oliveira e SUZIGAN, Maria Lúcia Cruz. **Educação Musical**: um fator preponderante na construção do ser. São Paulo: CRL Balieiro, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: CORTEZ, 2008.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução: Getúlio Bertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VENTURA, Júlio. Constrangimentos ao sonho: sobre as perspectivas de futuro de crianças e adolescentes moradores de favelas. *In*: PAIVA, Ângela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Orgs.). **A Escola e a Favela**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2009. p. 213-234.

VICEDOM, Georg. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o (s) passado (s) e o(s) futuro (s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929 – 1959). 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Fac. de História, PUC/RS. Porto Alegre, 2011.

WHITE, Keith J. Redescobrimo a criança no coração da missão. *In*: FASSONI, Klênia. *et al.* (Orgs.). **Uma criança os guiará**: por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010.

ZEELAND, Angelique J.W.M. van. Desenvolvimento transformador num contexto de mudança. *In*: BOCK, Carlos G; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nornberg. (Orgs.). **Fé e transformação**: papel e relevância das organizações de base ecumênica. – São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p.93-103.

ZWETSCH, Roberto. E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

ZIEMER, Jurgen. Culto e edificação de comunidade. *In*: SCHMIDT, Hans Christoph *et al.* **Manual de Ciência Litúrgica**: Vol.03 Tradução: Luís Marcos Sander e Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/ Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2014. p. 285-301.

ZWETSCH, Roberto E. **Teologia e Prática da missão na perspectiva luterana**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.



# APÊNDICES

## APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

### PROJETO TRILHOS SONOROS SERVINDO A DEUS E AO PRÓXIMO POR MEIO DA MÚSICA

#### AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_,  
brasileiro (a), portador do RG n.º \_\_\_\_\_ e  
inscrito no CPF n.º \_\_\_\_\_, residente e  
domiciliado na \_\_\_\_\_ n.º  
\_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, município de Canoas/RS,  
**responsável legal do(a) menor** \_\_\_\_\_

**AUTORIZO** o uso de imagem em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizada como material de apoio pedagógico para o projeto **TRILHOS SONOROS**, sito a Rua Novo México, n.º 205 bairro Mato Grande, CEP 92323 – 210, Canoas – RS. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada nas modalidades: banners, cartazes, artigos e publicações em geral, home Page, moodle – ensino à distância, pesquisas, matérias em revistas e jornais e toda e qualquer mídia eletrônica.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que isso implique ônus para essa instituição, sem que nada haja a ser reclamado a título de direito conexos à imagem ou qualquer outro, assinando a presente autorização.

Canoas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Assinatura do Responsável  
Rua Novo México, 205, Mato Grande  
Canoas/ RS  
92323 – 210  
34293228/ 84242859/ 85007210

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

Título da Pesquisa: **Projeto Trilhos Sonoros e a missio Dei**: o impacto do Espírito Divino na criação de um projeto sócio-cristão na periferia – pesquisa-ação

Nome do (a) Pesquisador (a): Carlos Augusto Pinheiro Souto

Nome do (a) Orientador (a): Júlio César Adam

Eu, \_\_\_\_\_ (pai, mãe ou responsável) pela/o menor \_\_\_\_\_, autorizo a sua participação na pesquisa: **Projeto Trilhos Sonoros e a missio Dei**: o impacto do Espírito divino na criação de uma comunidade espiritual revelada a partir de um projeto social na periferia.

1. **Natureza da pesquisa:** o/a menor está sendo convidada/o a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar de que forma o projeto Trilhos Sonoros constitui-se como ação de Deus na periferia. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012, item IV do Conselho Nacional de Saúde.
2. **Participantes da pesquisa:** participarão da pesquisa (06) crianças/jovens oriundos do bairro Mato Grande da cidade de Canoas/RS. A pesquisa acontecerá no contexto da comunidade onde o projeto Trilhos Sonoros é realizado. No momento da aplicação da entrevista os termos que não são do conhecimento do entrevistado serão explicados de forma que facilite a sua compreensão. Todo acompanhamento será custeado pelo/a pesquisador/a Carlos Augusto Pinheiro Souto. Os participantes não terão despesas com o acompanhamento da pesquisa.
3. **Envolvimento na pesquisa:** a sra (sr.) tem liberdade de recusar a participação do/a menor e ainda recusar a continuidade da participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr) e para o/a menor. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do/a

pesquisador/a do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. O objetivo principal é acompanhar e auxiliar os jovens nas possíveis dificuldades apresentadas no decorrer da pesquisa para que seus anseios e suas necessidades sejam atendidos da melhor forma possível. Não faz parte da pesquisa, adentrar no campo das ações legais, mas apenas contribuir de uma forma benéfica com o bem estar dos jovens em questão. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
5. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para a construção final de uma pesquisa que visa compreender de que forma o projeto Trilhos Sonoros constitui-se como ação de Deus na periferia. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o/a pesquisador/a e o/a orientador/a terão conhecimento dos dados. Os resultados da pesquisa serão compartilhados. Os dados coletados serão mantidos em absoluta segurança durante 05 anos.
6. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra. (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua de forma benéfica no que diz respeito ao melhor desenvolvimento da aprendizagem, bem como uma elevação da autoestima do jovem que faz parte da pesquisa, de maneira que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa aprofundar questões relacionadas à aprendizagem consistente e o/a pesquisador/a se compromete a divulgar os resultados obtidos, sem a identificação das pessoas pesquisadas, em artigos, congressos, simpósios e seminários, nacionais e internacionais, bem como em entrevistas e outros eventos científicos.
7. **Pagamento:** a sra. (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu assentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento e autorizo o menor sob minha responsabilidade a participar da pesquisa. Assino este em duas vias de igual teor, permanecendo uma via comigo e outra com o/a pesquisador/a.

---

Nome do/a responsável pelo menor

---

Assinatura do/a responsável pelo menor

---

Nome do/a menor

---

Assinatura do/a Pesquisador/a

---

Local e data

**TELEFONES**

**Pesquisador:** Carlos Augusto Pinheiro Souto

**Contato:** 051 34293228/ 984242859

## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ADULTOS**

Título da Pesquisa: **Projeto Trilhos Sonoros e a *missio Dei***: o impacto do Espírito Divino na criação de um projeto sócio-cristão na periferia – pesquisa-ação

Nome do (a) Pesquisador (a): Carlos Augusto Pinheiro Souto

Nome do (a) Orientador (a): Júlio César Adam

**Natureza da pesquisa:** *a sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar de que forma o projeto Trilhos Sonoros constitui-se como ação de Deus na periferia. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012, item IV do Conselho Nacional de Saúde.*

**Participantes da pesquisa:** Serão investigadas em torno de 22 pessoas nesta pesquisa, entre crianças e adolescentes integrantes do projeto Trilhos Sonoros, pais, pastores/as e colaboradores do referido projeto.

**Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra (sr.) permitirá que o (a) pesquisador (a) Carlos Augusto Pinheiro Souto utilize as respostas na sua pesquisa. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*

**Sobre as entrevistas:** a pesquisa utilizará como instrumentos de coletas de dados, as entrevistas, que serão registradas através de gravação e serão realizadas a partir de contato prévio, conforme a sua disponibilidade. O pesquisador fará perguntas, seguindo um roteiro pré-elaborado e aprovado pelo professor orientador da pesquisa.

**Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. O objetivo principal é acompanhar e auxiliar os participantes da pesquisa nas

possíveis dificuldades apresentadas no decorrer deste estudo para que seus anseios e suas necessidades sejam atendidos da melhor forma possível. Não faz parte da pesquisa, adentrar no campo das ações legais, mas apenas contribuir de uma forma benéfica com o bem estar dos jovens e comunidade em questão. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

**Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para a construção final de uma pesquisa que visa compreender de que forma o projeto Trilhos Sonoros constitui-se como ação de Deus na periferia. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o/a pesquisador/a e o/a orientador/a terão conhecimento dos dados. Os resultados da pesquisa serão compartilhados Os dados coletados serão mantidos em absoluta segurança durante 05 anos.

**Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a relevância do projeto Trilhos Sonoros enquanto ação direta de Deus em favor das comunidades assistidas na periferia de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir de forma efetiva com a transformação social, o desenvolvimento de ações solidárias e uma maior compreensão a respeito do alcance do Amor e Graça de Deus em favor de todas as pessoas, independente da instituição religiosa. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, sem a identificação das pessoas pesquisadas, em artigos, congressos, simpósios e seminários, nacionais e internacionais, bem como em entrevistas e outros eventos científicos.

**Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e assino este em duas vias de igual teor, permanecendo uma via comigo e outra com o/a pesquisador/a.

---

Nome do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador

---

Local e data

**TELEFONES**

**Pesquisador:** Carlos Augusto Pinheiro Souto

Contato: 051 34293228/ 984242859

**Orientador:** Julio César Adam

Contato: 51 21111400/ 32391831

## **APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DAS OFICINAS**

**Nome:**

**Idade:**

**Questões Gerais:**

**Sobre a participação no projeto:** Acesso, frequência e motivações.

- 1) Há quanto tempo você está no projeto Trilhos Sonoros?
- 2) Por que você quis entrar no projeto?
- 3) Alguém na sua família lhe influenciou para o estudo musical?
- 4) Você tem o apoio da sua família? Pode falar sobre isso?
- 5) Você acha importante ter um projeto desse na sua comunidade? Por quê?
- 6) Do que você mais gosta no projeto ? Por quê?
- 7) O que você tem aprendido no projeto, além da música?
- 8) O que a música representa pra você?
- 9) Houve alguma mudança na sua vida a partir do momento em que você entrou no projeto Trilhos Sonoros? Pode falar sobre isso?
- 10) Você pretende continuar no projeto? Por que ?

## **APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM OS INTEGRANTES DA ORQUESTRA**

**Nome:**

**Idade:**

**Sobre a participação no projeto e orquestra:** Acesso, frequência e motivações

- 1) Há quanto tempo você está no projeto Trilhos Sonoros?
- 2) Por que você quis entrar no projeto?
- 3) Alguém na sua família lhe influenciou para o estudo musical?
- 4) Você tem o apoio da sua família? Pode falar sobre isso?
- 5) Você acha importante ter um projeto desse na sua comunidade? Por quê?
- 6) O que o projeto representa pra você?
- 7) Do que você mais gosta no projeto ? Por quê?
- 8) O que você tem aprendido no projeto, além da música?
- 9) De que forma você considera importante os ensaios e as apresentações? Pode explicar?
- 10) Houve alguma mudança na sua vida a partir do momento em que você entrou no projeto Trilhos Sonoros? Pode falar sobre isso?
- 11) De que forma você pretende contribuir com o projeto além de tocar na orquestra? Por quê?
- 12) Você frequenta alguma igreja?

13) Em caso positivo, o que tem aprendido sobre Amar a Deus e ao próximo?

14) O projeto Trilhos Sonoros tem contribuído para um entendimento sobre o que significa amar a Deus e ao próximo? De que forma?

15) Em termos práticos, de que forma você aplicaria este mandamento através do projeto Trilhos Sonoros?

16) Deseja fazer algum comentário a mais sobre a pesquisa?

**APÊNDICE F – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM OS RESPONSÁVEIS**

NOME DA CRIANÇA OU ADOLESCENTE:

---

Responsável pelas respostas do questionário: ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Outro. Qual?

---

1) Indique as seguintes datas de nascimento:

Criança: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_      Pai: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_      Mãe: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

2) Quem mora na casa junto com a criança ou adolescente?

---

---

---

3) Qual a renda média mensal da família? Marque um X na resposta correta.

- ( ) 1 salário mínimo
- ( ) 1 a 2 salários mínimos
- ( ) 3 a 5 salários mínimos
- ( ) mais de 5 salários mínimos

4) Qual o maior nível de instrução da mãe? Marque um X na resposta correta.

- ( ) 1ª à 4ª série incompleta
- ( ) 1ª à 4ª série completa
- ( ) 5ª à 8ª série incompleta
- ( ) 5ª à 8ª série completa
- ( ) Ensino médio incompleto (antigo 2º Grau)
- ( ) Ensino médio completo (antigo 2º Grau)
- ( ) Ensino superior incompleto
- ( ) Ensino superior completo
- ( ) Pós-graduação
- ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

5) Qual o maior nível de instrução do pai? Marque um X na resposta correta.

1ª à 4ª série incompleta

1ª à 4ª série completa

5ª à 8ª série incompleta

5ª à 8ª série completa

Ensino médio incompleto (antigo 2º Grau)

Ensino médio completo (antigo 2º Grau)

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Pós-graduação

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

6) Você frequenta alguma igreja?) \_\_\_\_\_

7) Qual a profissão do pai? \_\_\_\_\_

8) Qual a profissão da mãe? \_\_\_\_\_

9) Há quanto tempo você mora no bairro? \_\_\_\_\_

10) O que significa pra você morar nesse bairro? \_\_\_\_\_

11) Você toca algum instrumento ou participa de alguma atividade musical (coral, banda, entre outras)?

Sim     Não

Qual? \_\_\_\_\_

Onde? \_\_\_\_\_

12) Você acha importante incentivar o gosto pela música nas crianças?

Sim     Não    Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

13) A decisão por participar do projeto Trilhos Sonoros foi sua ou de seu filho (a)?

---

---

14) Você considera o projeto Trilhos Sonoros importante na formação de seu filho (a)? Por quê? \_\_\_\_\_

---

15) Você percebeu alguma mudança na rotina familiar a partir da inclusão no projeto Trilhos Sonoros? Você pode descrever?

---

---

16) Você pode estabelecer alguma relação entre o projeto Trilhos Sonoros e Deus? Pode descrever?

---

---

17) Quais os seus sonhos para o seu e/ou sua filha?

---

---

18) O projeto Trilhos Sonoros tem contribuído para isso? De que forma?

---

---

19) Se desejar, deixe seus comentários sobre o tema deste questionário.

---

---

**APÊNDICE G – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM LÍDERES CRISTÃOS/ÃS**

1) Há quanto tempo a igreja está no bairro?

---

2) Quais os grandes desafios encontrados?

---

---

3) Como a igreja tem trabalhado no sentido de superar as dificuldades encontradas?

---

---

4) Qual o total de membros que a igreja tem?

---

5) Qual o perfil socioeconômico dos membros?

---

6) Qual a visão que esta igreja tem de Reino de Deus?

---

---

7) No entendimento desta igreja, qual o critério para que as pessoas sejam incluídas no Reino de Deus?

---

---

---

8) Qual o entendimento que esta igreja tem sobre a salvação a partir de Cristo?

---

---

---

9) O que é igreja e qual o seu objetivo no mundo?

---

---

10) De que forma esta igreja tem sido relevante para a comunidade local?

---

---

---

11) Além dos cultos regulares quais as outras ações junto à comunidade local?

---

---

12) Existe algum trabalho realizado nas vilas locais? Pode descrever?

---

---

13) O que você entende por exclusão social?

---

---

14) De que forma a igreja pode trabalhar no sentido oportunizar a inclusão social de crianças e adolescentes em risco social?

---

---

15) De que forma a igreja tem trabalhado no sentido de minorar os casos de violência e pobreza no bairro?

---

---

---

16) Você concorda com a ideia de que alguns projetos sociais, apesar de não serem igrejas nos moldes tradicionais, podem ser caracterizadas como Comunidades Espirituais a serviço de Deus? Pode justificar?

---

---

---

17) Você conhece o projeto Trilhos Sonoros?

---

18) Deseja falar sobre algo mais relacionado à pesquisa?

---

## APÊNDICE H – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM COLABORADORES/AS DO PROJETO

**Nome:**

**Igreja que frequenta:**

- 1) Há quanto tempo você coopera com o projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 2) Como você conheceu o projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 3) Por que você tem contribuído com o projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4) De que forma você contribui com o projeto Trilhos Sonoros?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 5) A sua contribuição é norteadada pela visão e orientação de sua igreja, ou é uma ação voluntária?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 6) De que forma os seus líderes reagem à sua participação voluntária no projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 7) Você considera o projeto Trilhos Sonoros, importante? Por quê?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 8) O que você pensa sobre o envolvimento, (ou não), das igrejas com crianças e adolescentes em permanente situação de risco social?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 9) De que forma a sua igreja poderia contribuir com o projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

10) Você considera que a sua igreja está aberta a contribuir com o projeto de forma mais prática? Por quê?

---

---

11) De que forma você considera que o Projeto Trilhos Sonoros é importante para a comunidade em geral?

---

---

12) Você pretende continuar contribuindo com o projeto? Por quê?

---

---

13) Você percebe alguma relação entre o Projeto Trilhos Sonoros e ação de Deus junto aos pobres? Pode explicar?

---

---

14) Você deseja fazer mais algum comentário sobre o projeto?

---

---

**APÊNDICE I – ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL COM ADULTOS**

27 de fevereiro de 2016

1. O Projeto Trilhos Sonoros como ação cristã na periferia;

---

---

2. Os objetivos do projeto;

---

---

3. A situação atual do Projeto Trilhos Sonoros no que diz respeito ao *déficit* de professores para atenderem às novas demandas de alunos;

---

---

4. Continuidade e aprimoramento do projeto no ano de 2016;

---

---

5. A falta de espaço físico para formação de novas turmas;

---

---

6. A confecção de carnês de colaboração com vistas à manutenção dos instrumentos da orquestra; a liturgia dos ensaios e recitais;

---

---

7. Os novos grupos de cooperação e as parcerias do projeto.

---

---

## APÊNDICE J – ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL COM AS CRIANÇAS

16 de abril de 2016

1. O que é igreja?

---

---

2. Por que a igreja é importante para nós?

---

---

3. Por que você gosta de ir à igreja?

---

---

4. Vocês vão à igreja?

---

---

5. Por que você vem para o projeto?

---

---

6. O projeto Trilhos Sonoros é diferente da igreja?

---

---

7. E o que é preciso para ser igreja?

---

---

8. Então o Projeto Trilhos Sonoros pode ser uma igreja?

---

---

# **ANEXOS**

## ANEXO 01 – PRIMEIRA MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL DE CANOAS



## PARA FALAR COM O DC

## ASSINATURAS:

Para assinar:  
(51) 3462-7060  
Atendimento ao assinante:  
(51) 3462-7013  
supervisor\_dc@gruposinos.com.br

## REDAÇÃO:

(51) 3462-7000  
redacao\_dc@gruposinos.com.br

## ANÚNCIOS:

(51) 3462-7043  
anuncios\_dc@gruposinos.com.br



# Crianças e adolescentes do Mato Grande despertam para música

**Projeto busca contribuir para desenvolvimento de habilidades sociais**

CLARISSA COLARES

**Canoas** - Cerca de 15 crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 15 anos, aprendem desde o mês passado a tocar flauta na igreja Nossa Senhora do Rosário, bairro Mato Grande. Mais do que despertar o gosto pela música e a familiaridade com o instrumento, o projeto Trilhos Sonoros visa contribuir para desenvolver as habilidades sociais dos alunos. O professor Augusto Souto, 39 anos, explica que as aulas pretendem trabalhar a autoestima e transmitir ensinamentos de cidadania, como o respeito mútuo e o senso de colaboração.

Mestre em música e mes-trando em Educação pela Ufmg, Souto trouxe a experiência de Belém do Pará. “O objetivo é mostrar o impacto da música na educação das crianças e adolescentes que vivem em permanente estado de risco social e pessoal”, sintetiza.



Claiton Dornelles/GES

**Flauta** - Ele adianta que a ideia é trabalhar com outros instrumentos além da flauta, como o violino e o trompete. “Para isso estou aguardando retorno de algumas parcerias”, informa o professor. Além disso, até o final do ano, a ideia é montar uma orquestra.

## Projeto precisa de apoio

Alguns alunos do Mato Grande deixam de fazer o curso, que destina 20 vagas, pela falta de condições para adquirir o instrumento adequado. O professor de música Augusto Souto desafia que as crianças e adolescentes estão usando flautas que custam menos de 2 reais, enquanto o ideal seria o modelo encontrado em torno de 22 reais. “Isso prejudica a sonoridade, sem contar que as flautas quebram com facilidade. Para adquirirmos os instrumentos apropriados precisamos contar com parcerias”, pontua Souto. Interessados em colaborar podem ligar para o 8424.2859.

## Trilhos e família

Mãe de seis filhos, Veridiana Fonseca, 30 anos, diz que quatro deles participam do projeto Trilhos Sonoros. Sentada no canto da igreja, onde os ensaios acontecem, a manicure acompanha a aula de música dos filhos. “É bonito ver eles aprenderem a tocar flauta. Antes de aprenderem a tocar flauta, antes de aprenderem a tocar aqui no bairro”, comenta Veridiana. A líder comunitária Magda Beatriz Crixel, 49 anos, apoiadora do projeto, salienta que “enquanto estão na aula, as crianças e adolescentes deixam de pensar bobagem e ficar na rua”.

ANEXO 02 – MATÉRIA PÚBLICA NO JORNAL DE CANOAS: A MÚSICA PEDE AJUDA NO MATO GRANDE

# A música pede ajuda no bairro Mato Grande

## Orquestra mirim deixará sede por falta de dinheiro

GABRIEL MUNHOZ

**Canoas** - Depois de um ano pagando do próprio bolso um ginásio para guardar os instrumentos, ensaios e aulas de crianças de baixa renda no Mato Grande, o músico Augusto Souto, responsável pelo projeto Trilhos Sonoros, chegou ao seu limite financeiro. Mais de 60 crianças fazem parte do projeto e pelo menos 30 compõem uma pequena orquestra. E são R\$ 1.450 mensais dos quais Souto não dispõe mais. “A imobiliária quer que entregue o prédio no dia 5, já com as reformas”, conta. Nessa corrida contra o tempo, ele precisa encontrar uma sede que seja adequada para todas as atividades do projeto. Do contrário, há grandes chances dessa bela história que já tem três anos



GABRIEL MUNHOZ/GES-ESPECIAL

**SEM SOM:** futuro do grupo é incerto devido à mudança

chegar ao fim. “Nossa principal preocupação nesse momento é com os instrumentos. Não tenho como levar tudo para casa. Temos também que achar um local onde eles não estraguem”, relata. Para piorar, depois de um ano de espera chegaram os instrumentos adquiridos através do Programa de Incen-

tivo Cultural, do governo federal, e eles não terão onde guardar. “Tem violoncelo, sanfona, piano elétrico e bateria”, revela. No final serão 70 instrumentos. Quem tiver condições de auxiliar com o aluguel ou que tenha um espaço disponível para a orquestra pode fazer contato pelos telefones 8500-7210 e 8430-6953.

### À espera do trombone

Todos os filhos da família Gomes Garcia, da caçula de 9 anos ao de 17, aprenderam música no projeto Trilhos Sonoros. O do meio, Gustavo, começou por causa do mais velho na flauta e agora está no trombone. No final do ano passado, o instrumento com qual ele praticava estragou. Um novo irá vir no pacote do PIC, quando justamente Gustavo ia voltar a tocar, recebe a notícia de que os ensaios no prédio estão com os dias contados. Morador do Mato Grande, ele nunca viu uma orquestra de perto. Mesmo assim, só de ver os músicos na TV, já colocou na lista de sonhos um dia conseguir chegar nesse patamar.

### Trilhando caminhos

O professor Augusto Souto se licenciou da Universidade do Pará para estudar no Rio Grande do Sul. Ele sabe que assim que concluir o doutorado será chamado de volta, mas quer apenas que a semente por ele plantada no bairro Mato Grande

siga germinando. “Querro que os alunos se apropriem disso tudo”, confessa. A Secretaria Municipal de Cultura disse que não foi procurada sobre o problema e que, embora não guarde materiais de outros projetos, está aberta ao diálogo.

### JÁ FOI NOTÍCIA

No dia 25 de julho de 2013 o Diário de Canoas apresentou o trabalho do Trilhos Sonoros. O projeto incentivava crianças de 10 a 14 anos a aprender a tocar um instrumento musical. Na reportagem, o idealizador Augusto Souto falou sobre os planos de ampliar o Trilhos Sonoros com a criação de uma orquestra sinfônica infanto-juvenil em Canoas:

### Ensino erudito levado pelos Trilhos Sonoros

Projeto transforma comunidade do Mato Grande



**Grandozão aquece recinto dos pingüins**  
**SANOSAPRY**

## ANEXO 03 – MATÉRIA COMEMORATIVA AOS 05 ANOS DO PROJETO

SEXTA E SÁBADO, 29 E 30.7.2016 / COMUNIDADE / DIÁRIO DE CANOAS / 9

PAULO PREGES



“Quando comecei queria tocar violão, até que conheci a flauta”, conta a pequena **Yasmin Lopes, 11 anos**. Há 1,5 ano no grupo, ela conta que sempre gostou de ouvir música, mas foi o Trilhos Sonoros que ganhou o gosto por tocar e até venceu a timidez de se apresentar em público. “Antes era mais tímida, hoje estou bem melhor.”



Um dos primeiros participantes do Trilhos Sonoros, o estudante **Fernando Garcia, 18 anos**, se tornou um dos monitores do grupo. Após quatro anos tocando Flauta transversal, ele passou a dar aulas do instrumento na comunidade em que vive. “E vinha porque a minha mãe me trazia. Depois eu que não quis mais parar.”



Responsabilidade e disciplina são algumas das atitudes que a auxiliar de serviços gerais, **Josiane da Luz, 33 anos**, observou na filha. **Amanda Alves, 11 anos**, frequenta o projeto há pelo menos um ano, tocando violino. Em pouco tempo, ela aprendeu a tocar o instrumento e já sonha em participar de uma grande orquestra.

## Pequenos talentos da música

Projeto cultural Trilhos Sonoros completa 5 anos em Canoas com 60 integrantes

TAMIRES SOUZA

Há cinco anos um projeto cultural dava os primeiros passos no bairro Mato Grande. Hoje, o Trilhos Sonoros conta com 60 integrantes, tocando os mais diversos instrumentos. Nesta trajetória, o coordenador do projeto, Augusto Souto, lembra que tudo começou com doações. Solida-

riedade que vem com o apoio da comunidade, desde roupas, lanches até instrumentos.

Foi assim que o grupo foi crescendo, também com apoio de incentivos culturais, e hoje já sonha em se transformar em uma orquestra infantojuvenil municipal. “Não temos espaço para ensaiar, é feito na minha casa. Se tivermos a doação de

uma área, poderíamos transformar em uma escola de música pública”, ressalta Souto, que relata a necessidade um local no bairro, já que há alunos carentes e com dificuldades para locomoção.

“São crianças em vulnerabilidade social e que também atuam como multiplicadores”, revela o coordenador.

Souto deixará o grupo para voltar a Guarda Municipal de Belém do Pará, onde estava licenciado. “O projeto não vai parar e a minha filha vai dar continuidade”, garante.

O Trilhos Sonoros se apresenta nesta sexta-feira na Escola Martinho Lutero, às 19h30, com repertório que vai de Música Popular Brasileira (MPB), até clássicos eruditas.

## ANEXO 04 – MATÉRIA PUBLICADA NO SITE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ: INTERCÂMBIO SOLIDÁRIO



Projeto musical busca voluntários para Intercâmbio Solidário

**Em troca de hospedagem e alimentação, estudantes, profissionais e interessados poderão colaborar com a formação musical de crianças e adolescentes no sul do País**

Viajar para outra cidade para estudar, por determinado período, é o sonho de muitos jovens. Para os estudantes do Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade do Estado do Pará ( Uepa ) essa oportunidade pode estar bem próxima graças ao Programa de Intercâmbio Solidário. Esta é uma iniciativa do projeto Trilhos Sonoros, que visa o ensino de música a crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade social, na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul.

O Intercâmbio Solidário propõe que os alunos de música auxiliem os aproximadamente 50 integrantes do projeto com aulas de violino, viola, violoncelo, trombone, trompete, saxofone, sanfona, teclado e teoria musical, durante duas semanas dos meses de julho ou janeiro. Em troca, será garantida a certificação da carga-horária, hospedagem e alimentação. Os interessados devem entrar em contato com o coordenador do projeto e professor da Uepa , Augusto Souto, pelo e-mail [august\\_ana@hotmail.com](mailto:august_ana@hotmail.com). É necessário informar os dados pessoais, a área em que deseja atuar, e a disponibilidade.

Segundo o coordenador, o Intercâmbio também está aberto a estudantes e a profissionais de outras áreas que possam dedicar tempo e habilidades no serviço voluntário às famílias que integram o projeto Trilhos Sonoros. "O carro chefe é a música. É por meio da música que chegamos nas comunidades, mas no decorrer das atividades detectamos várias demandas que não temos como resolver pela falta de profissionais habilitados", explica Souto.

Criado em 2011, pelo professor da Uepa, o projeto social Trilhos Sonoros é uma ação voluntária realizada no bairro Mato Grande, na cidade de Canoas, com crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Atualmente, o projeto atende, aproximadamente, 50 alunos de três comunidades diferentes, com aulas de música aos sábados. Já conseguiu apoio de editais de fomento e hoje é uma referência na cidade com a Orquestra Infanto-Juvenil.

"Nossa intenção é ampliar o número de atendimentos este ano. Em 2014, centramos nossas ações no ensino sistemático de música com vistas à formação da Orquestra Infanto-Juvenil Trilhos Sonoros. Agora, queremos atender as famílias envolvidas possibilitando, além da profissionalização e do desenvolvimento das habilidades, o fortalecimento dos vínculos familiares", conta o coordenador.

Todos que desejarem fazer parte do projeto Trilhos Sonoros, na condição de voluntários podem manifestar o interesse nas seguintes áreas: a) Música, para atuar como professores de violino, violoncelo, violão, teclado, contrabaixo, clarinete, saxofone, teoria musical, canto e flauta transversal; b) Dança; c) Língua Brasileira de Sinais - Libras; d) Educação Cristã; e) Assistência Social; f) Psicologia g) Enfermagem; h) Odontologia; i) Atividades manuais para crianças e para os pais; j) Manutenção de micro; l) informática; m) Secretariado.

# ANEXO 05 – DOAÇÃO DE PARTITURA POR COLABORADOR DO PROJETO

Grade

## Hino do Internacional

Compôs: Nélson Silva

Arranjo: Diogo Linhares

The musical score is for the piece "Hino do Internacional" by Nélson Silva, arranged by Diogo Linhares. It is written for a concert band or orchestra. The score consists of ten staves, each representing a different instrument or section. The key signature is one flat (Bb) and the time signature is 2/4. The music is in a major mode with a key signature of one flat. The score includes various musical notations such as notes, rests, beams, slurs, and dynamic markings. The instruments and their parts are: F Doce 1 (Flute 1), Flute T 2 (Flute 2), Clarinet in Bb, Violin, Alto Sax, Trumpet in Bb, Trombone, Snare Drum, and Percussion. The score is divided into measures, with some measures containing triplets and accents. Dynamic markings include *f* (forte) and *mf* (mezzo-forte). The score is presented in a standard musical notation format with a grand staff for each instrument.

Arranjo de Diogo M.Linhares como Doação ao Projeto Trilhos Sonoros

**ANEXO 06 – MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL DIÁRIO DE CANOAS EM 03 DE MARÇO DE 2017**

# Sobra talento e violino, mas falta a sala de aula

Projeto "Trilhos Sonoros" busca uma sede para ensinar música clássica às crianças

LEANDRO DOMINGOS

Existe um projeto em Canoas que desde 2011 ensina gratuitamente música clássica para crianças e adolescentes de comunidades carentes. Os pequenos aprendem a tocar violino, violoncelo, flauta, clarinete, saxofone. Aprendem também a apreciar Mozart e Beethoven; Vivaldi e Tchaikovsky; Handel e Bach. Exercitam a disciplina. E tudo de graça. Seria perfeito não fosse um problema: não existe sala de aula.

O projeto "Trilhos Sonoros" tem acontecido com as cadeiras e instrumentos na casa do professor Augusto Souto. Ou mais exatamente, em seu pátio. Embora atendendo a cerca de 30 alunos de comunidades carentes, Souto ainda não conseguiu "parceria" para conseguir uma sede para as crianças. Mas será que é tão difícil assim achar um local onde os pequenos possam ensaiar?

**INSTRUMENTOS DEBAIXO DO BRAÇO**

De acordo com o regente da pequena "orquestra" é sim. Desde que foi criada em junho de 2011, a iniciativa busca por parcerias para viabilizar um local fixo para as aulas, no entanto "ninguém" pareceu se interessar muito pela ideia até agora. "Estamos com um projeto para expandir a turma de 30 para 100 alunos este ano", aponta Souto. "Só que para isso nós precisamos ter uma sede no bairro Mato Grande ou nas proximidades. Porque a minha casa é pequena para a vontade deles de aprender", diz. "Além disso, alguns vizinhos ficam muito incomodados com o barulho. E que os alunos são obrigados a aprender a tocar violino ou clarinete, todos no mesmo espaço e nem todo mundo gosta do som."

O mestre destaca ainda que graças ao Programa de Incentivo à Cultura (PIC), da Secretaria Municipal de Cultura, o "Trilhos Sonoros" hoje conta com instrumentos dos mais diversos para o aprendizado. No entanto, a maioria deles estão parados devido à falta da sala de aula. "Funcionamos em núcleos avançados também, mas são aulas dadas em casa", explica.

"Levamos os instrumentos até uma determinada residência e tocamos até alguém mandar a gente parar", desabafa o maestro. E assim, peregrinando pela "periferia canoense", com os instrumentos debaixo do braço, não só ele, mas também seus alunos, estão levando a música erudita a homens, mulheres, jovens e crianças que, em sua maioria, estão acostumados mesmo é com a popularidade do samba e o batidão de funk.



PAIXÃO PELA MÚSICA: crianças e adolescentes aprendem a tocar clássicos eruditos, sucessos nacionais e hits internacionais

## Rafael trocou Led Zeppelin por Mozart

Há cinco anos participando do projeto, Rafael Garcia toca instrumentos de corda, de soprano e o que mais aparece pela frente. O jovem de 20 anos, no entanto, não fazia ideia quem era Ludwig Van Beethoven até alguns anos atrás. Ele gostava mesmo era do som de Robert Plant e Jimmy Page e de seu histórico Led Zeppelin.

O rock sempre foi a preferência do estudante. Isso até ele se sentir "desafiado" pela melodia de um violino. "Na época eu tocava violão, mas a música clássica mudou tudo", recorda. "Não deixei de gostar de rock, mas comecei um novo aprendizado."

dia eu aprendo." Embora transborde humildade, Garcia, não por acaso, é chamado de "maestro" pelo próprio professor. Ele tem sido responsável por aulas dadas a alunos que fazem parte do projeto no bairro Mathias Velho.

Morador do Mato Grande, brinca que o "trabalho" como monitor no núcleo avançado do "Música nos Trilhos" ajuda a sustentar seu "vício" pelo erudito. "Eu comecei a tocar e não parei mais. A música clássica é viciante. Hoje tento deixar outros que nem eu. Loucos por Beethoven e Mozart", frisa o jovem, responsável pela iniciação de pelo menos 100 estudantes no projeto.



Rafael Garcia



## Do Rio Branco para o Mato Grande

Classificado pelo mestre Augusto Souto como um "prodígio", Alex Bueno, 15 anos, também toca de tudo. O adolescente é um dos poucos alunos do projeto que não mora na região do Mato Grande. Ele vive no bairro Rio Branco. É como é que ele encontrou a turma? Simples. Alex foi levado pela prima, de apenas 11 anos, para "acompanhar uma aula." Resultado: começou a tocar e não parou mais. "A minha prima vivia falando que estava estudando música clássica e um dia resolvi ir ver. Fiquei maravilhado", lembra.

A prima em questão, a pequena Bianca Paz, comemorou a adição do primo mais velho à turma. A menor também é uma das primeiras alunas do projeto e, de acordo com o professor, tem habilidade incomum com o violino. "Acho que ela já nasceu tocando porque não tive dificuldade nenhuma em ensiná-la", elogia Souto. "Já toquei flauta, mas depois passei a estudar violino. E agora que aprendi já estou pensando no que vou aprender depois", disse a pequena.



Augusto Souto

## PROCURA-SE UMA SEDE



Projeto "Trilhos Sonoros" ensina música a crianças e adolescentes de comunidades carentes. Iniciativa já existe desde 2011, mas

**ANEXO 07 – APROVAÇÃO DO PROJETO TRILHOS SONOROS NO PROGRAMA DE INCENTIVO À CULTURA - PIC**



**DOCUMENTO OFICIAL LICITATÓRIO Nº. 910/2016**

**EDITAL Nº. 428/2015 – CHAMAMENTO PÚBLICO Nº. 34/2015**

**ATA DE DIVULGAÇÃO DO JULGAMENTO DA ANÁLISE DO MÉRITO**

Aos nove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, na sala de licitações desta Diretoria de licitações e Compras, situada na Rua Frei Orlando, 199, 4º andar, Centro, Canoas/ RS, reuniu-se a Comissão Permanente de Licitações - CPL, designada pelo Decreto Municipal nº. 90/2016 para divulgar o julgamento dos documentos referentes à fase de Análise do Mérito do certame. Preliminarmente, consigna-se, que o processo foi enviado para a análise da equipe técnica da Secretaria requisitante, em atendimento ao item 9.2, oportunidade na qual, assim manifestou-se a Comissão de Avaliação da projetos, da Secretaria Municipal da Cultura: “[...] **PROJETOS SELECIONADOS EDITAL 428/2015 – PIC.**

	Proponente	Projeto	Área	Valor	Nota
1	Carlos Augusto Pinheiro Souto	Ampliação e Modernização do Projeto Trilhos Sonoros	Música	R\$ 30.250,00	100
2	Grupo de Teatro de Pernas Pro Ar LTDA	Teatro de rua - Para crianças e gigantes	Artes Cênicas	R\$ 49.852,00	95
3	Bruno Flores Prandine	Diálogos Cênicos - 4ª edição	Artes Cênicas	R\$ 18.560,00	93
4	Associação Cultural Povo da Rua	Descentralizando o Teatro de Rua	Artes Cênicas	R\$ 26.174,00	90
5	Guilherme Machado Ferreira	Circulação " A visita da Fantasia" em Canoas	Artes Cênicas	R\$ 19.830,00	87
6	Machina Filmes e Produções Culturais LTDA	A Bruxa	Audiovisual	R\$ 53.969,60	85
7	Alex Sandro Gonzaga	As danças de matriz africana e seu diálogo com a dança moderna	Cultura Afro	R\$ 21.300,00	80
8	Associação Esportiva e Cultural Pro Esporte	Valorize Ballet	Dança	R\$ 31.573,12	80
9	Priscila Cristiane Maciel da Silva	Festival Multicultural	Artes Integradas	R\$ 29.500,00	80
10	Angela Ariadne Hofmann	A Caixa de Pâmela - Literatura infantil, memórias e afetos .	Livro, Leitura e Literatura	R\$ 18.991,28	75
		<b>Total:</b>		<b>R\$ 300.000,00</b>	

**ANEXO 08 – MAPA DAS REGIÕES DE CANOAS**